

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Mariana Serafim Xavier Antunes

Ciberativismo, identidade política e metamorfose humana

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Mariana Serafim Xavier Antunes

Ciberativismo, identidade política e metamorfose humana

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Tese submetida à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa.

SÃO PAULO

2015

ERRATA

1. Inclusão da frase ao final do primeiro parágrafo da página 09:
Referindo-se à Strathern (1999), indica como *conexões parciais* representam “padrões dentro dos quais os jogadores não são nem totalidades e nem partes” (HARAWAY, 2003, s/n).
2. Na nota de rodapé n.23, incluir:
No sentido empregado por Virilio (1996), Carvalho concebe o virtual como um simulacro que oferece um risco de “desmaterializar” as relações humanas. VIRILIO, Paulo. *A Arte do Motor*. São Paulo/SP: Estação Liberdade, 1996
3. Na página 37, a autora Cecília Pescatore Alves é citada pelo primeiro sobrenome. A citação correta, coerente com a Bibliografia e as normas ABNT, é (ALVES, 1997).
4. Na tradução citada na página 55-56 do *Manifesto Ciberfeminista para o Séc. XXI*, incluir, na primeira linha da página 56:
[...] *código moral; **mercenárias do lodo**; caímos ao altar [...]*
5. Na página 66, substituir o termo “virulência” por “viralidade”.
6. Foi atribuída incorretamente à Nyah a fala contida no parágrafo que media a página 118-119. Este relato é de Maya.
7. Incluir na Bibliografia:

ANTUNES, Mariana S. X. *Itinerários da vida de solteira: razões e sentidos em projetos de vida de mulheres solteiras à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo/SP: Pontifícia Universidade Católica, 2010.

_____. A compreensão do sintagma identidade-metamorfose-emancipação por intermédio das narrativas de história de vida: uma discussão sobre o método. In:

Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo. LIMA, Aluísio Ferreira (Org)
Porto Alegre/RS, 2012 p. 67-84

LANE, Silvia T. M. Memorial. Apresentado para Concurso ao Cargo de Professora Titular, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP, 1981.

MARTINS, Luciano. *A “Geração AI-5” e Maio de 68: duas manifestações intransitivas.* Rio de Janeiro/RJ: Argumento, 2004 [1969] [1979]

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Este doutorado não foi realizado em quatro anos, muito menos por duas mãos. Este trabalho tem tecnologias, afetos e dimensões ciberativistas. É a representação demiúrgica de uma síntese não redutível de algumas gerações, tem um tanto de antigas batalhas travadas contra sistemas de dominação e tantas outras afinidades eletivas em torno de utopias de emancipação.

Devo meus profundos agradecimentos pelas orientações acadêmicas, políticas, filosóficas, éticas e demasiadamente humanas, dos(as) mestres: Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa, Profa. Dra. Carla Cristina Garcia, Prof. Dr. Juracy Mariano Armando de Almeida, Profa. Dra. Cecília Pescatore Alves, Prof. Dr. Hector Omar Ardans Bonifacino. Estendo as honras aos demais professores(as) da PUC-SP, com quem tive o privilégio de compartilhar passos fundamentais da minha formação. Em especial, à educadora e feminista que nos marcou, em 2014, pela falta que instaura nas discussões feministas: Profa. Da. Fúlvia M. B. M. Rosenberg (*in Memoriam*). À Marlene Camargo, que já faz parte da família do coração. À Profa. Dra. Ana Maria Mezzarana Kiyan, obrigada por não desistir da “causa”! Com vocês aprendi que compor pesquisa de perspectiva crítica, interdisciplinar e, me doutorar em psicologia social é tarefa que demanda humildade, discernimento, vigor e rigor, para não perder de vista que o fazer científico também está sujeito às intempéries do mundo da vida e comporta espaços tênues, porém, promissores de transformação social.

Devo também agradecer pela confiança e crédito depositados neste projeto de doutoramento por pessoas que, ao compartilharem comigo suas histórias de vida, validam meu trabalho e minha conduta profissional, seja na clínica psicoterapêutica ou na realização de entrevistas para pesquisa de tese. Vocês potencializam os sentidos emancipatórios deste empreendimento.

Aos(às) amigos(as) de formação, companheiros(as) de núcleos acadêmicos e de vida. Não vou ousar esquecer-me de nenhum nome, por isso, sintam-se representados(as). Às pessoas que amo e que, apesar dos desabafos, compartilham, em sangue, energia e/ou afeto, meu cotidiano e minhas memórias. Em especial, minha mãe. Ao Gorki e à Lilás, poucas palavras dão conta de nossa parceria incondicional. À Cristina Alquezar Serafim, pela dedicação e excelência no trabalho de tradução. Ao subsídio da CAPES que, sem este, a produção desta tese não encontraria viabilidade.

Esta tese é dedicada a todas as pessoas que potencializam fendas em sua *Matrix*.

#mujeresenred

#beijaço

#eunãomecalo

#visibilidadelésbica

#chegadefiufiu

#vagãorosanãoéasolução

#cemhomens

#semrótulo

#grrrlpower

#eunãomereçoserestuprada

#25webnegras

#mãesdemaio

#nisantasniputas

#sisteroutsider

#freepussyriot

#marchadasvadias

#católicaspelodireitodedecidir

#micuerpoesmio

#mulheresnotáveis

ANTUNES, Mariana S. X. Ciberativismo, identidade política e metamorfose humana. Tese (Doutorado em Psicologia Social). São Paulo/SP: Pontifícia Universidade Católica, 2015

RESUMO

Esta é uma pesquisa de caráter interdisciplinar que se insere no campo da psicologia social crítica e na qual se empenha em estabelecer interfaces entre as ciências do conhecimento anti-colonialista, o ativismo feminista em ambiente de rede digital de comunicação e informação e o desenvolvimento de identidades políticas. Sob um viés teórico-metodológico do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, o objetivo é investigar afinidades eletivas entre processos de autonomização da identidade humana e o desenvolvimento de uma consciência política e, cujas utopias emancipatórias reflitam a produção de fragmentos emancipatórios de extensão pessoal e coletiva. Na presente pesquisa, estão em foco metamorfoses de políticas identitárias coletivas dirigidas ao ativismo social e feminista, tanto quando argumentos de interpretação científica que são atualizados à luz de uma conjuntura ciberfeminista. Por meio de narrativas de histórias de vida de três jovens que produzem arte e textos feministas de teor ativista em comunidades e blogs na internet, busca-se compreender os discursos que constroem sobre quem são e como potencializam condições para vir a ser. Os sentidos que revelam, conduzem-nos à compreensão de aspectos da metamorfose humana e reúne indícios de fragmentos de emancipação em torno de suas próprias condições de metamorfose, ampliando ou rescindindo potencialidades éticas e equitativas nos programas de humanização contemporâneos.

Palavras-chave: identidade, ciberativismo, feminismo

ANTUNES, Mariana S. X. Cyberativism, political identity and human metamorphosis. (Doctoral Thesis in Social Psychology). São Paulo/SP: Pontifícia Universidade Católica, 2015

ABSTRACT

This research of interdisciplinary nature is embedded in the field of critical social psychology, striving to interface with the sciences of anti-colonial knowledge, feminist activism in an environment of digital network of communication and information, and the development of political identities. Under a theoretical and methodological bias of the syntagma identity-metamorphosis-emancipation, the goal is to investigate elective affinities between autonomization processes of the human identity, and the development of a political awareness, whose emancipatory utopias reflect the production of emancipatory fragments of personal and collective extension. In this research, the focus is on the metamorphoses of collective political identities aimed at the social and feminist activism, as well as the arguments of scientific interpretation, which are updated at the light of a cyberfeminist scenario. Through narratives of life stories of three young people who produce art and feminist texts of activist content in communities and blogs on the internet, one tries to understand the discourse they make, who they are, and how they enhance conditions to make them come true. The senses they unveil lead us to the understanding of aspects of human metamorphosis, and gather evidence of emancipation fragments around their own metamorphosis conditions, heightening or reducing ethical and equitative potencialities in contemporary humanization programs.

Keywords: identity, cyberativism, feminism

SUMÁRIO

Introdução.....	01
I. Rizomas epistemológicos: uma aproximação do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, estudos feministas e a crítica pós-colonial	
1.1 Silvia Lane e a construção de uma psicologia social crítica.....	11
1.1.1 Da Escola de São Paulo e o sintagma identitário.....	15
1.2 A pesquisa à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação.....	21
1.2.1 Identidades políticas para uma utopia de devir humano.....	25
1.2.2 A construção do sujeito na pesquisa do sintagma.....	34
1.3 O pensamento acadêmico feminista e a virtualidade de suas metamorfoses.....	44
1.4 Metamorfoses epistemológicas e o ciberfeminismo como uma luta por emancipação no capitalismo informacional.....	51
II. Rizomas ciborgueanos: sociabilidades em ambiente virtual e suas potencialidades políticas	
2.1 Cibercultura e a sociabilidade para o ativismo.....	63
2.2 Ciberativismo e a investigação sobre metamorfoses da “metamorfose humana”	69
III. Destinos de atualização da metamorfose humana em narrativas de ativismo	
3.1 Contexto de pesquisa.....	74
3.2 Campo de pesquisa.....	79
3.3 Apresentação dos sujeitos de pesquisa em fluxos de narrativa de história de vida	
3.3.1 Maya.....	81
3.3.2 Priya.....	83
3.3.3 Nyah.....	85
3.4 Ressonâncias e dissidências em itinerários ativistas	
3.4.1 Educação e profissão	
3.4.1.1 Maya.....	88
3.4.1.2 Priya.....	89
3.4.1.3 Nyah.....	92

3.4.2 Injúrias e outras violências	
3.4.2.1 Maya.....	97
3.4.2.2 Priya.....	100
3.4.2.3 Nyah.....	102
3.4.3 Sexualidades e conjugalidades	
3.4.3.1 Maya.....	103
3.4.3.2 Priya.....	105
3.4.3.3 Nyah.....	106
3.4.4 Família e tradição	
3.4.4.1 Maya.....	110
3.4.4.2 Priya.....	112
3.4.4.3 Nyah.....	113
3.4.5 Processo criativo	
3.4.5.1 Maya.....	117
3.4.5.2 Priya.....	120
3.4.5.3 Nyah.....	121
3.4.6 Feminismos	
3.4.6.1 Maya.....	128
3.4.6.2 Priya.....	129
3.4.6.3 Nyah.....	130
3.4.7 Ativismos	
3.4.7.1 Maya.....	136
3.4.7.2 Priya.....	140
3.4.7.3 Nyah.....	142
3.4.8 Devir	
3.4.8.1 Maya.....	150
3.4.8.2 Priya.....	151
3.4.8.3 Nyah.....	153
Considerações.....	158
Bibliografia.....	167
Anexos.....	179

INTRODUÇÃO

No dia em que digitei o nome de uma autora da crítica epistemológica feminista, Donna Wilshire, no buscador *Google acadêmico* e me foi solicitado inserção de código de segurança para certificação de que “eu não sou um robô”¹, decidi iniciar a tese com tal inquérito existencial. Se a trajetória de vida de Ulisses alude ao mito político do sujeito ocidental até o século XX, a odisseia da vida bio-tecnológica pós-Kubrick² parece apresentar novas matrizes de significado ao “espírito do tempo” e ao devir humano contemporâneo.

Até 2013 somamos 51% dos(as) brasileiros(as) com mais de 10 anos de idade, ou 85,9 milhões de internautas³. Percebo que a promíscua interconexão eu-máquina citada por ciberfeministas (TADEU, 2009) não me incita apenas em teoria. Já sofri atividade de vírus danosos sobre registros de memórias e da minha produção intelectual. Frequentemente, sou afetada por cenas e informações virais da internet, comentando e reproduzindo-as. Também sou tentada por links que chamam minha atenção com ofertas de consumo baseadas em minha navegação na internet. Por isso, ser questionada da minha autenticidade de ser humana deslocou-me de uma localização cômoda: a equivocada sensação de que há um mundo concreto, em oposição a um mundo virtual e que, baseado numa “natureza” humana, estaríamos protegidos(as) por esta redoma empírica.

Estimado fluido e efêmero mundo da informação e comunicação digitais não se opõe à objetividade ou à realidade empírica, apenas denuncia que a metamorfose humana tem raízes rizomáticas. No sentido concebido por Deleuze e Guattari (2009), significa que as mudanças psicossociais de sentido humanizatório apresentam uma aliança de ideias que podem ser conectadas em qualquer ponto. Não remetem, necessariamente, a uma idade biológica, a determinações cognitivas ou sexuais, ou ainda, a um traço linguístico: “(...) cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas,

¹ O campo de Privacidade e Segurança do Sistema de Contas da Google apresenta um meio de confirmação da autenticidade de usuário(a) por envio desta mensagem de SMS ou chamada de voz: “Se estiver criando uma nova Conta do Google, podemos pedir que você prove que não é um robô digitando um código de verificação que enviaremos para seu telefone. Saiba mais sobre como confirmar sua conta por mensagem de texto.” Disponível em: <https://support.google.com/accounts/answer/114129> (último acesso: 14/12/2014)

² Referindo a clássica obra de Homero e, em sequência, ao filme *2001 - Uma Odisseia no Espaço* dirigido e produzido por Stanley Kubrick em 1968, co-escrito por Kubrick e Arthur C. Clarke. Pode-se dizer que o conteúdo de ambas as obras apresentam indícios ou tendências de condições simbólicas e estruturantes para a metamorfose humana em cada período histórico.

³ Números indicados pela nona edição da pesquisa TIC Domicílios, do ano de 2013, realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br). Disponível em: <http://www.cetic.br/media/analises/tic-domicilios-2013.pdf> (último acesso: 16/12/2014)

políticas, econômicas, etc, colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas.” (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p. 15). Me dedico ao estudo das metamorfoses evidenciadas em sagas cibernéticas, especificamente, por meio de itinerários de vida cujas posições de ativismo excedem identidades coletivas e se constituem, com autonomia e ética, em identidades políticas (CIAMPA, 2002). O ponto de desenvolvimento social e histórico que atingimos em sociedades capitalistas e altamente tecnológicas já nos permite conjecturar que:

(...) são os processos que estão transformando, de forma radical, o corpo humano que nos obrigam a repensar a “alma” humana. Quando aquilo que é supostamente animado se vê profunda e radicalmente afetado, é hora de perguntar: qual é mesmo a natureza daquilo que anima o que é animado? É no confronto com clones, ciborgues e outros híbridos tecnonaturais que a “humanidade” de nossa subjetividade se vê colocada em questão. (TADEU, 2009, p. 10).

Esta constatação – de caráter ciberfeminista – implica, necessariamente, repensar o coletivo e as formas de construção política das condições de humanização, bem como as políticas identitárias que se concretizam em proposições e projetos de individualidade, na função de sua afirmação como “o normal”, “a realidade” ou “a verdade”. Uma pergunta providencial à epistemologia do sujeito de início do século XXI parece não ser mais “quem somos” mas, quais saltos qualitativos podemos dar sobre quem somos. Em outras palavras, que metamorfoses queremos para a metamorfose humana?

Desde 1980, presenciamos a agitação em torno das novas tecnologias de comunicação e informação e das interações humanas em rede e que alcançam efervescência na primeira década de 2000 (DA SILVEIRA, 2010). Este contexto circunscreve uma problemática e alguns de seus emblemas para a pesquisa da metamorfose humana: o ativismo intermediado pelas TCIs pode nos oferecer indícios de que estão sendo inaugurados projetos de identidade política? Quais seriam seus fragmentos de emancipação e incrementos de autonomia para processos de individuação? Estas são questões que tentaremos elucidar por intermédio do sintagma identidade-metamorfose-emancipação (CIAMPA, 2003; 2005).

Ainda que intermitências regulatórias não sejam dispensáveis para uma forma democrática de organização social, proliferam nas redes sociais digitais incidências de que a dialogia de quem queremos ser e quem podemos nos tornar é movida pela utopia de criar e garantir condições para o devir. É na trilha semântica da narrativa de história de vida que

buscamos certos fragmentos emancipatórios que se exibem no que aqui acordamos como *identidade política* (PRADO, 2001; CIAMPA, 2002).

Em outras palavras, entender que metamorfoses do social podem dispor novas condições para a metamorfose humana nos coloca em busca de outras ferramentas para antigas e novas questões de emancipação. Um esforço empreendido é re-conceber o papel de pesquisador(a) e sujeito de pesquisa e, conseqüentemente, repensar o sujeito da identidade por vias que não recaiam sobre uma noção androcêntrica, dicotômica, estereotipada e categorizante próprio da heteronormatividade⁴. De modo que ter a condição humana avaliada por um sistema operacional não ameaçou a autenticidade da minha ação digital, mas me fez refletir sobre o potencial de extensão dos domínios digitais na produção de novas utopias de devir humano. Da mesma maneira como outras matrizes de discriminação também podem ser instauradas, sobrepostas, ou ainda, transmutarem antigas distinções dicotômicas estruturadas sobre representações identitárias e estruturantes das sociedades, como os eixos étnico-raciais, de gênero, etário, de classe.

Foi por meio de leituras críticas sobre a epistemologia do sujeito e, no campo de estudos do feminismo da diferença que me aproximei da perspectiva ciberfeminista para tomar a minha medíocre experiência com a tecnologia de comunicação e informação como um problema de caráter filosófico e uma investigação de interesse emancipatório. Parto da inferência que avanços tecnológicos, novas formas de acesso e difusão de informação e novas maneiras de comunicação, na qualidade de metamorfoses do social, implicam metamorfoses da “metamorfose humana” (CIAMPA, 1997). Interessa, para a presente discussão, ilustrar metamorfoses que levem ao ativismo e compreender como o ativismo tem gerido a metamorfose humana.

Isso não significa que esta é uma tese sobre o ciberfeminismo. São apenas afinidades eletivas que considero de fundamental importância explicitar. O ciberfeminismo não se permite apropriar como campo teórico ou objeto de estudo. São irreversíveis os processos que deflagram, expondo nossa fragilidade para sustentar, inclusive, nosso entendimento sobre ser humano. A relação deste trabalho com o ciberfeminismo é, portanto, de afeto e dispersão, de consciência de localização e deslocamento para uma razão pós-convencional.

⁴ O termo é empregado no sentido da perspectiva *queer* de compreensão sobre um sistema dicotômico de categorização que arbitra sobre a normatividade e dentro dos processos humanizatórios por um viés masculinista, branco e heterossexual.

Ser uma ciborgue não tem a ver simplesmente com a liberdade de se autoconstruir. Tem a ver com redes. Desde que Descartes anunciou que “eu penso, logo existo”, o mundo ocidental tem tido uma obsessão pouco sadia com a condição do eu. Do consumidor individual ao solitário mal compreendido, ensinam-se os cidadãos modernos a se pensarem como seres que existem no interior de suas cabeças, como seres que apenas secundariamente entram em contato com o resto do mundo. (TADEU, 2009, p. 26-27)

Novas conexões para sociabilidade e a promessa de individualidades precipitadas ou elaboradas em ambiente de interação tecnológica para comunicação se tornaram contexto, objeto ou meio de investigação em pesquisas acadêmicas pós 1980 (BOLSONI, 2010; NICOLATI-DA-COSTA, 2005, 1998; CARVALHO, 2002; GUIMARÃES JR., 1997, 1999). Subsequente, os métodos de investigação a respeito da identidade como metamorfose em sentido de humanização assinalaram redirecionar seus instrumentos de pesquisa frente enredos e movimentos sociais engendrados numa nova era da tecnologia da comunicação e informação (LIMA, 2010; SOUTO, 2010; BESERRA, 2012; LOPES, 2014).

As sociedades, especialmente, as ocidentalizadas planificam interesses particulares de dominação social em processos de socialização baseados na estrutura desigual de distribuição e reconhecimento das diferenças que marcam identidades humanas. As metamorfoses que observamos em determinado contexto trazem novas formas, socialmente acionadas, de relacionar-se tanto do ponto de vista das extensões de domínio sistêmico e tecnocrático de um capitalismo informacional (CASTELLS, 2008; LÉVY, 1999; 2001) quanto da sugestão de uma condição pós-humana (HARAWAY, 2009; SANTAELLA, 2003). As redes tecnológicas já atingem todos os âmbitos da experiência humana. No entanto, somos a todo instante surpreendidos(as) pela recolocação de princípios éticos, pela demanda de expansão dos direitos humanos, pela expressão e pelo enfrentamento de outras mais maneiras de exercício de violência, controle e exploração sociais precipitadas, fomentadas ou realizadas em ambiente de internet.

O modo como esta apropriação é compreendida compete o apontamento de estarmos em modernidade tardia (HABERMAS, 1983, 1987; SENNET, 2006) ou de uma falência da razão que rendeu a designação de um contemporâneo pós-moderno (BAUMAN, 2001; BRAIDOTTI, 2005a; CASTELLS, 2008). Em convergência, apenas a evidência de uma crise de ideologias do final do século XX e a condenação de esquemas totalizantes e tecnocráticos como possibilidade de compreensão do mundo contemporâneo. Essa é uma demonstração de que recursos cartesianos tanto quanto a atribuição de universalidade ao sujeito iluminista não

viabilizam atualizações do conhecimento a respeito da metamorfose humana, pois não levam em conta as transformações da própria metamorfose.

A cooptação de conhecimento científico, tecnológico e dos canais de comunicação por estratégias interesseiras e fins tecnocráticos de manutenção da desigualdade estruturante em sociedades capitalistas da informação tem abastecido uma cultura de consumo com guias e mercadorias identitárias. Daí algumas correntes de pensamento nos estudos críticos, como as filósofas feministas pós-estruturalistas Beatriz Preciado (PRECIADO, 2014) e Judith Butler (BUTLER, 2003) aludir saturação conceitual e negligência estratégica do emprego do conceito de identidade na luta ativista. Políticas identitárias, ainda que representem um discurso democrático e libertário, tem reposto categorias que não alteram os alicerces de estruturação da desigualdade social porque não rompem com sua razão lógica.

Eleger afinidade com conhecimentos subalternos e realidades fronteiriças (FIGUEIREDO, 2010; ANZALDUA, 2009; SPIVAK, 2003) convida a desenvolver eixos de análise das narrativas não mais submetidos ao maniqueísmo de pares opostos e/ou complementares, como arguem autores(as) que já defendem um posicionamento nômade das identidades e seus conhecimentos localizados. (BRAIDOTTI, 2002; MOUFFE, 1999). As margens do conhecimento hegemônico são suas constituintes. O deslocamento meta-teórico, como recorda Donna Haraway (HARAWAY, 2009), abala o conhecimento oficialmente instituído, contundentemente, em sua “autoria/autoridade transcendente da interpretação e com ela a ontologia que fundamentava a epistemologia ‘ocidental’” (HARAWAY, 2009, p. 42).

Pressupostos meta-teóricos são alicerces políticos da construção de objetos de pesquisa, circunscritos por uma noção lógica racional e que orienta o estudo para a definição de um problema ponderado na normatividade. As interpretações ou modos de ler e codificar o complexo e multifacetado universo da rede virtual tentam acompanhar a fluidez de seus objetos, porém, alerta-se para conceitos que podem ancorar na base epistemológica de um *cogito* cartesiano. Assim, são vias de acesso às críticas dirigidas ao hermetismo conceitual, sistemático e interventivo com que as teorias científicas tratam os fenômenos contemporâneos e que dizem respeito a uma *praxis* política da noção de identidade. Esta é uma questão que nos inclina para a crítica epistemológica feminista (NYE, 1995; HARAWAY, 1991) com o intuito de incrementar estratégias pós-coloniais nas discussões acadêmicas a respeito das metamorfoses identitárias de caráter humanizatório. Objetiva-se que a compreensão de dinâmicas psicossociais por intermédio do estudo de processos dialéticos de humanização e individuação humana (HABERMAS, 1983; MEAD, 1972) possa ser renovada com a

aproximação teórica a se desenvolver, especialmente, em focos de investigação, coleta e tratamento de dados.

O Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre a Identidade Humana⁵, vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e o Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica (PARALAXE), ligado à Universidade Federal do Ceará (UFC), concentram pesquisadores(as) de diferentes formações acadêmicas e abordagens conceituais interessados(as) em compreender os sentidos das metamorfoses humanas. Em ambos os núcleos citados, as contribuições do psicólogo social Antonio da Costa Ciampa (CIAMPA, 2008, 1998, 1989) e sua perspectiva conceitual de identidade tem oferecido subsídios teóricos profícuos para a compreensão de um dado fenômeno ou circunstância humana, na condensada ideia do sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação.

Há de se reconhecer que a proposta de um sintagma da identidade como processo de metamorfose em sentido emancipatório liberou o conceito de caracterizações de permanência, semelhança e uniformidade que estereotipava seus sujeitos. Sobretudo, a noção de Eu e do *si mesmo* continuam agenciando sucessivos esforços de pesquisadores(as) para “des-identificar” o aparelhamento entre a noção de individualismo – de uma ideologia capitalista isolacionista – e o referido processo de individualização do interacionismo simbólico (FERREIRA, 2000).

Por vezes, a interlocução dentro da Psicologia Social Crítica decorre do interesse em evidenciar as cíclicas transformações de ordem social, suas tecnologias normativas e subsequentes reivindicações, de caráter intersubjetivo, por emancipação e reconhecimento de identidades pessoais e coletivas. A obra organizada por Aluísio Ferreira de Lima em 2012, intitulada *Psicologia Social Crítica: paralaxes do cotidiano*, por exemplo, traz a comunicação de pesquisadores(as) que fazem parte do grupo coordenado por Ciampa, do PARALAXE e de outras filiações acadêmicas, teóricas e metodológicas. A composição de artigos neste livro esboça uma gama de formas de conduzir problemas, temas e de construir objetos de pesquisa. Esta profícua diversidade epistêmica e metodológica permite-nos⁶ realizar, como nomeia Lima (2012a), paralaxes críticas nas pesquisas em Psicologia Social. A despeito de compartilharmos concepções conceituais unívocas, encontramos-nos na aderência aos indícios emancipatórios das metamorfoses estimuladas nos e pelos próprios trabalhos de investigação concluídos.

⁵ Anteriormente denominado Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (NEPIM)

⁶ Incluo-me como autora de um capítulo do livro.

Concomitantemente, valemo-nos das ressonâncias das metamorfoses sociais sobre o método e sobre as resoluções de ética em pesquisa com seres humanos para refletir e propor a necessidade de nomadismo que configurem novos eixos de legitimação do conhecimento formal em vista dos deslocamentos instaurados no campo de pesquisa. O primeiro desafio: os sujeitos de pesquisa já estão inicialmente expostos e – dispostos – em redes digitais, ou seja, registram-se e a seus projetos de vida nas tramas públicas e compartilhadas da internet. Isto requer um cuidado especial na escolha de dados para análise pela interface oblíqua que estabelece com a responsabilidade de sigilo e proteção das informações concedidas pelos sujeitos em pesquisa, de acordo com a Resolução 196/96 instituída pelo Conselho Nacional de Saúde. O segundo desafio: a pulverização de práticas ativistas traz uma diversidade incondicional de sujeitos e narrativas singulares para fazerem transbordar variáveis de análise e explicações de previsibilidade e propensão generalista. Tratam-se de narradores(as) que, em acelerado movimento de intervenção social, desenham trilhas psicossociais e precipitam novos sentidos para o devir humano, permitindo aos(às) pesquisadores(as), sobretudo, atualizar tendências conceituais e metodológicas.

Ainda que a prática de pesquisa sofra metamorfoses na incorporação de recursos tecnológicos de comunicação e informação em potencial expansão, preocupa a construção sistemática do conhecimento permanecer binária e formalista. Pois, é no encadeamento lógico e sistemático dos fluxos de investigação, argumentação e dissertação de nossas pesquisas que resvalamos para a espetacularização de nossos problemas de pesquisa, instrumentalização dos sujeitos correspondentes e estratificação dos saberes legitimados. Delinear um processo de metamorfose identitária baseando-se em determinada noção de sujeito, por exemplo, pode indicar ordenamentos da objetividade e da linguagem que incitam sínteses e induzem narrativas de vida a conclusões relativistas ou a pretensões de universalidade. Tal aprofundamento epistemológico infere o esclarecimento dos vetores de poder que contribuem para estruturar e legitimar – ou transformar – eixos de desigualdade social em culturas ocidentalizadas e, que ocorrem, entre outras vias, por políticas identitárias.

Cabe lembrar que as incursões narrativas da História da Humanidade oficializada são dadas pelas trajetórias pessoais de conquista exploratória e com interesse de dominação política e representam, justamente, uma versão – a interpretação de colonizadores. Num extremo, oferecem um significado de humano atrelado às conquistas de território e familização, em outro extremo, indicam um ser que se torna potencialmente eterno na medida em que sua história de vida sugere uma obstinada adaptação ao percurso de individualização e sucesso prescrito socialmente.

Representando uma fase avançada das sociedades de cultura capitalista denominada economia informacional e global (CASTELLS, 2008; ORTIZ, 2009), o desenvolvimento das relações humanas em ambiente mediado por tecnologia de comunicação e informação (TCI) sugere um movimento de virtualização da própria instancia intersubjetiva, deflagrando o que Rosi Braidotti (BRAIDOTTI, 2005, 2002) considera um “compromisso conjunto para reformular a subjetividade como um processo intensivo, múltiplo e descontínuo de estabelecer inter-relações” (BRAIDOTTI, 2005, p. 92). Isso significa se aproximar do discurso sobre o sujeito, de inspiração deleuzeana, e da noção de metamorfose que a acompanha (BRAIDOTTI, 2005a, 2002). De semelhante importância e proporcional abalo ao debate sobre a natureza humana, é a perspectiva de *cyborg*, da filósofa Donna Haraway (HARAWAY, 2009). Este prisma teórico está reunido em função do interesse em pesquisar uma demanda bem representada pela fala do antropólogo Nestor G. Canclini (2008):

Embora continue havendo inovações na arte e surpreendentes descobertas científicas, as maiores fontes de assombro, agora, provêm, da diversidade do mundo presente na própria sociedade e daquilo que está distante ou é ignorado e que a conectividade aproxima. Toda enciclopédia, toda ordem classificatória, revela-se questionável. Como reorganizar os saberes para dar lugar aos múltiplos conhecimentos e modos de conhecer que desafiam as hierarquias instauradas pelas ciências modernas: as culturas dos continentes periféricos, os olhares críticos do feminismo e dos movimentos étnicos, as hibridações entre vários sistemas classificatórios praticadas por migrantes? (CANCLINI, 2008, p. 15)

Também parece ser o caso das eleições temáticas, discursivas e metodológicas das feministas anti-colonialistas (STRATERN, 1999; HARAWAY, 2003). Na conjectura de uma quarta⁷ onda dentro da história dos movimentos feministas (GARCIA, 2011), as leituras contemporâneas deste feminismo da diferença tendem a recomendar epistemes periféricas e nômades, na qualidade de conduzirem a questionamentos sobre situações dialéticas e produções dialógicas inabordáveis pela razão determinista e heteronormativa.

⁷ Em resumo e de um ponto de vista histórico, o pensamento feminista apresenta quatro eixos de ativismo: a primeira onda se refere ao sufrágio feminino e a bandeira igualitária do início do século XX. A segunda onda, com a relevante obra de Simone de Beauvoir em 1949, estendem-se as preocupações feministas para os direitos sexuais, educacionais, reprodutivos e econômicos das mulheres. O foco é, então, dirigido para a politização da vida privada e da individualidade. A ativista e autora feminista Carol Hanisch sintetiza esta corrente com a ideia de que "o pessoal é político". A noção de gênero utilizada como conceito em 1970 e a coexistência com uma terceira onda feminista em decorrente década de 1990 implicou a condução do olhar para os corpos sexuais, mas, sobretudo, sexuados culturalmente. A interpretação pós-estruturalista é alicerce para as feministas da terceira onda, cujos conhecimentos periféricos e situados proliferam para uma suposta quarta onda feminista ou, ainda, para um pós-feminismo.

Recorro à perspectiva de Ciampa em torno da noção de que “sem diferença não há diálogo, há tão só o eco do que se repete como mesmice e que nada cria” (CIAMPA, 2004, s/n). Os sentidos de regulação e emancipação que as metamorfoses de proposição identitária política tomaram perante condições simbólicas e materiais de vinculação em causas humanizatórias levaram a deslocamentos do discurso ativista⁸ e a uma luta por equidade, que tem a autonomia condicionada a relação de *outridade significativa* (HARAWAY, 2003) como princípio e ferramenta. Explico: seguindo o pensamento pós-estruturalista de Donna Haraway, o compromisso com um discurso da diferença e um interesse pela transformação humana deve ser nutrido fora do campo de generalização.

Estudar metamorfose humana sugere, deste modo, seguir rastros dispares de itinerários identitários com significados encarnados nos enredos de vida, até que um sentido emblemático ao fragmento de emancipação sob prospecção de estudo possa ser interpretado. Os feminismos contemporâneos, como práticas de ativismo, inserem demandas epistemológicas aos estudos da metamorfose humana e, como proposições teóricas críticas, forçam deslocamentos de eixos de poder da produção científica, como a orientação da construção de sujeito. Seus propósitos de investigação extrapolam circunferências normativamente adotadas para pensar o sentido das atuais metamorfoses sofridas não só nas instâncias intersubjetivas da vida cotidiana, mas, no potencial rizomático do pensamento científico (DELEUZE & GUATTARI, 1995). Objetiva-se que a compreensão de dinâmicas psicossociais por intermédio do estudo de processos dialéticos de humanização e individuação humana (HABERMAS, 1983; MEAD, 1972) possa ser renovada com a aproximação teórica a se desenvolver, especialmente, em focos de investigação, coleta e tratamento de dados.

A crítica que estimulou pesquisadores(as) latino-americanos(as) a se posicionarem contra a hegemonia da corrente filosófica positivista nas ciências humanas e sociais em países da América Latina erige do mesmo processo de conscientização e enfrentamento das relações de exploração e opressão aos quais são subordinados, até os dias atuais, por processos de colonização rarefeitos no capitalismo informacional. Visões de mundo e de humano, especialmente, permeiam todo o processo científico que, por sua vez, circunspecta, nos espaços políticos de ação social, a compreensão, intervenção e valoração de eventos de cunho humanizatório, em sentido emancipatório ou moderador. Caminha-se, deste modo, para o esclarecimento dos fundamentos e das circunstâncias ético-políticas que subsidiam a noção de

⁸ Utilizo o termo ativismo como prática de ação posicionada politicamente com vista a mudanças na organização social da vida humana.

humano no desenvolvimento de estudos *com interesses de conhecimento de cunho crítico-emancipatório* (HABERMAS, 1989).

Investindo esforços ainda na investigação de proposições e projetos identitários potencialmente emancipatórios esbarramos, por certo, em seus meios de corrupção. O convite de pensar num *individualismo colaborativo* (DA SILVEIRA, 2010) por intermédio do ciberativismo e, ao modo ciberfeminista, expor falhas na *matrix* ou fendas semânticas nos sistemas de dicotomização das diferenças identitárias pode promover compreensão sobre interconexão de metamorfoses no âmbito da normatividade social e da intersubjetividade da linguagem e suas ressonâncias emancipatórias na produção de individualidades autônomas.

Condutoras e interceptoras da vida política das sociedades, as práticas de comunicação para sociabilidade e de ação ativista com uso das TCIs têm multiplicado e de maneira acelerada os questionamentos sobre definições de uniformidade e constância na relação entre ação ativista, identidade coletiva e individualidade. A tentativa é afinar o conceito de identidade política (HARAWAY, 2009; CIAMPA, 2002; PRADO, 2001) frente metamorfoses nas condições sociais de vinculação ativista e politização da individualidade. Em questão, a co-produção de uma narrativa de si no mundo entrelaçada à construção de narrativa sobre o mundo para si superpostas em ambiente de comunicação virtual, em sua qualidade de constituir política identitária e precipitar metamorfoses sobre as condições de desenvolvimento de identidades políticas (CIAMPA, 2002).

Destacam-se como evidências de uma metamorfose das condições de produção identitária no ambiente de interação virtual a configuração de espaço-tempo e de registro hipertextual. Bem como, a referida constituição do sujeito do enunciado e da ação, em um “processo de negociação entre as condições materiais e semióticas que afetam o próprio eu encarnado e situado” (BRAIDOTTI, 2005a, p. 99). O sujeito em rede amplia suas tecnologias de inscrição; mescla elementos da oralidade, da imagem e da escrita, em que a “própria vontade de saber, o desejo de dizer e de falar” são os condutores vitais, oficiais e originais da sua metamorfose. A suspeita está dirigida para a investigação das tendências identitárias de caráter ativista, na medida em que esboce fragmentos de emancipação humana aos binômios real-virtual, público-privado, individual-coletivo e suas subentendidas escalas valorativas de manutenção da desigualdade instituída por referencia identitária. O meio escolhido para captação de tais inscrições foram canais de comunicação das redes sociais virtuais, como o *facebook* e a esfera *blogger*, trabalhadas na interface com narrativas de histórias de vida de seus(suas) autores(as).

I. Rizomas epistemológicos: uma aproximação do sintagma identitário, estudos feministas e crítica pós-colonial

1.1 Silvia Lane e a construção de uma psicologia social crítica

O compromisso com a transformação social e a crítica contundente sobre as formas norte-americana e europeia de conduzir pesquisas em Psicologia Social, de supor neutralidade e afiançar explicações lineares e universais às questões psicossociais, caracterizaram o que chamamos de *Escola de São Paulo* (LIMA, 2010; CARVALHO & SOUZA, 2010). Pode-se considerar que esta perspectiva representa uma tendência latino-americana de produção científica que se efetiva, no Brasil, na década de 1980. A obra *O homem em movimento*, organizada por Silvia Lane e Wanderley Codo (LANE & CODO, 2004 [1984]), reúne esforços de sistematização desta escola de pensamento, tornando-se referência de leitura. Comprometida com a conjuntura dos problemas brasileiros, a filósofa Silvia Lane passa a se dedicar, já em 1970, à cadeira de psicologia social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e, dez anos após, protagoniza a fundação da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO).

É pertinente pontuar que os estudos de Lane e pesquisadores(as) associados(as) fazem parte de um campo de produção científica alinhada à uma psicologia social crítica (LIMA, 2012a; GUEDES, 2007), em especial, por insistir em incrementos de emancipação para a produção científica. Isso pode significar, na conjuntura de capitalismo informacional, uma luta contra a automação do pensamento e a eficácia tecnocrática que responde a interesses particulares fundamentalistas⁹, norteadas por aspirações éticas. Caráter que se efetiva com todo o histórico de trabalhos que consubstanciam o Programa de pós-graduação em psicologia social (PSO) da PUC-SP.

Os anseios por uma “autoria autêntica” da psicologia social manteve pareados os interesses de conhecimento dispostos entre as particulares agendas de trabalho de institutos e programas acadêmicos de países da América do Sul. Germinar uma atitude transdisciplinar também promoveu o contato com um leque de investigações que contavam com as intersecções entre emergências regionais, tendências conjunturais e condições históricas para pensar os modos de ser humano em diversidade socioambiental, disseminando experiências

⁹ Faço uso do termo fundamentalismo afinada à acepção de Ciampa (CIAMPA, 2004, p. 02), representando “uma pretensão comum de monopólio do sagrado”.

metodológicas e caminhos de interpretação. A criação, em novembro de 2002, da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia (ULAPSI) é um dos resultados deste esforço político.

Pesando o contexto de militarização do Estado brasileiro e imposição de nova departamentalização das academias de ciência pela lei da Reforma Universitária de 1968¹⁰, pode-se dizer que a instalação do programa de mestrado em psicologia social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1969 por Silvia Lane, somado aos projetos de pesquisa já desenvolvidos pelo Instituto de Psicologia¹¹ da PUC-SP, preservou qualidades indispensáveis para seu viés crítico. Um dos enfrentamentos fora a “crise de relevância” referida aos modelos científicos totalizantes disponíveis na época. Desta maneira, impulsionou a construção de subsídios de uma psicologia social que pudesse contemplar vias de transformação individual e coletiva no contexto geopolítico brasileiro.

A conduta crítica insere nas agendas de trabalho da psicologia social uma frequente reformulação de conteúdos, sistemáticas e propósitos da psicologia social perante conjunturas contemporâneas e regionais, deliberadas à luz de uma tradição que aconselha à práxis. Lane contava, por exemplo, com a reestruturação “de cursos teóricos e expositivos para cursos cada vez mais voltados para a nossa realidade.” (LANE, Memorial, 1982, p.8).

O apelo de Silvia Lane e, em continuidade, da Escola de São Paulo para uma práxis política da psicologia social pode ser reconhecido como um fragmento de emancipação à plausível colonização do modo de se fazer e validar pesquisa nas áreas humanas e sociais atualmente. Afinal, indícios da expansão permanente dos subsistemas de ação racional de tendência tecnocrática, como já prevenido por Habermas (2006), tem interpelado a produção científica e a normatividade corporativa das ciências, de modo a servir para interesses instrumentais de dominação.

E, como o processo de avanço do neoliberalismo depende da mundialização das desigualdades sociais, ancoram-se nas pautas identitárias e apropriam-se, inclusive, de fragmentos fundantes do discurso e da ação ativista para consecução de tais fins. Bem como, interpelam tecnologias sociais – das ciências às redes de comunicação intermediadas por internet – cujo potencial humanizatório permita reafirmar e difundir a hegemonia de sua lógica. Contudo, uma abordagem crítica dirige-nos a questionar a eficácia da especificação técnico-científica à luz da dimensão ético-política do objeto em questão.

¹⁰ LEI Nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências.

¹¹ Instituto de Psicologia da PUC-SP foi criado em 1969. O setor de pesquisa era dirigido, no período, pela doutora Aniela Meyer-Ginsberg (1902-1986).

Preocupações com diretrizes políticas e éticas da pesquisa, ensino, teorização e práticas profissionais da psicologia social no Brasil e demais países latinos são eixos convergentes entre os núcleos do PSO. Bem como, a reflexão crítica sobre o pensamento colonialista que subsidia valores, políticas e abordagens de propósitos instrumentais às ciências humanas e sociais. Como ressalva a psicóloga Marina Massimi, sancionar o universo diversificado da psicologia social e a pluralidade característica das sociedades e culturas latino-americanas a um modelo de explicação proveniente das ciências naturais e de matriz colonizadora, “acaba por reduzir a multiplicidade e a complexidade que constitui a Psicologia.” (MASSIMI, 2010, p. 34)

Ao desenvolver *uma nova concepção de homem à Psicologia*¹², Lane foi além da iniciativa de constituir um corpo teórico que fizesse frente aos métodos científicos em hegemonia no meio acadêmico. Romper com uma tendência harmônica, individualista e unilateral de conceber o humano e seu entorno, com efeito, levou a indicação de um caminho inevitável para a elucidação e crítica dos componentes de dominação na normatividade científica: revisitar as pressuposições de humano e de sociedade implícitas em seus constructos teóricos e métodos. Dentro de uma corrente marxista, a autora postula a noção de humano que considera sujeito à psicologia:

O seu organismo é uma infra-estrutura que permite o desenvolvimento de uma superestrutura que é social e, portanto, histórica. Esta desconsideração da psicologia em geral, do ser humano como produto histórico-social, é que a torna, se não inócua, uma ciência que reproduziu a ideologia dominante de uma sociedade, quando descreve comportamento e baseada em frequências tira conclusões sobre relações causais pela descrição pura e simples de comportamentos ocorrendo em situações dadas. (LANE, 2004, p. 12)

Após 45 anos, o PSO preserva duas linhas de pesquisa principais¹³ que, a fim de revigorar sua proposta inicial de reinvenção crítica, deve zelar para que demarcações acadêmico-institucionais não dispersem o campo de integração política das diferentes proposições teóricas que contemplam a psicologia social atualmente¹⁴. Da mesma maneira que cada um dos núcleos deve, periodicamente, atualizar seu legado epistemológico à luz das metamorfoses sociais contemporâneas.

¹² Proposta que dá título ao capítulo de introdução da obra *O homem em movimento*, de 1984.

¹³ 1. Estudo crítico-epistemológico das categorias analíticas da psicologia social e 2. Aportes da psicologia social à compreensão de problemas sociais.

¹⁴ Cabe citar os encontros que são promovidos periodicamente pelo programa com o fim de reunir os diferentes núcleos e perspectivas de trabalho que compõem a pós-graduação da psicologia social da PUC-SP para discutir questões de identificação ou pertinência coletiva.

Supõe-se que é a composição pluralista e a convergência política do PSO estejam associadas aos ganhos de autonomia de seus(suas) pesquisadores(as), na medida em que podem se apropriar criticamente de tal tradição. Concomitantemente, revigoram-se o Programa e seu compromisso com uma práxis emancipatória, cujas ressonâncias possam dispor novas perspectivas para a transformação da vida humana.

No PSO, o estudo do sintagma identitário está localizado na linha de pesquisa dedicada às categorias analíticas fundamentais da Psicologia Social. Os núcleos e pesquisas nesta linha procuram viabilizar compreensões do psiquismo humano e suas mediações. Sem embargo, o Programa ressalta o compromisso de seus(suas) docentes deferirem por referenciais críticos e garantirem que a proeminência acadêmica seja aliada da relevância social nas pesquisas que orientam. Pela necessidade de explicar o ser humano, ainda que em contextos históricos e psicossociais diversos, por vezes, recorre-se a ontologias e teleologias cujas formulações estão situadas historicamente e, em especial, dentro de um contexto de manipulação de políticas identitárias e verdades legitimadas com interesse de dominação. A objetividade da linguagem parece sustentar, culturalmente, definições e compartilhamentos de significados e, quanto às políticas identitárias, conformar itinerários¹⁵ heterônomos e homogeneizados para projetos de vida; ambos nutrindo expectativas de generalização e permanência de suas propostas em identidades coletivas.

Desta maneira, a apreciação de Antonio da Costa Ciampa sobre a identidade pode ser considerada uma metamorfose – qualitativa e radical – de um recurso de categorização psicossocial para um macro-conceito útil à compreensão do humano, quando trabalhado em ambiência epistêmica crítica. (LANE, 1989; LIMA, 2012). Afinal, sua incisão interpretativa confia ao(à) pesquisador(a) abordar discursos sobre discursos, ou melhor, a estrutura ideológica que dá perspectiva aos jogos de poder em torno da semântica das metamorfoses do ser em humanização.

¹⁵ O emprego do termo *itinerário* objetiva conjugar desde proposições e projetos identitários dispostos em narrativas singulares até políticas de reivindicação, de normatização e reconhecimento de identidades coletivas, na medida em que se articulam em projetos e estilos de vida. (ANTUNES, 2010)

1.1.1 Da Escola de São Paulo e o sintagma identitário

No primeiro decênio do século XXI, as ressonâncias da produção de uma psicologia social crítica se fazem notar na consolidação de programas e linhas de pesquisa certificadas por órgãos nacionais de educação, como o Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC). De modo que o investimento em teses e dissertações consolidam programas de pesquisa em psicologia social orientadas dentro de núcleos como o de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (NEPIM), formado em 1983 e ativo no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) até então. Atualmente, o grupo interdisciplinar coordenado por Ciampa está inscrito na nomenclatura Grupo de Estudos Interdisciplinares e Pesquisa em Identidade Humana, cujo trabalho é desenvolver uma noção complexa da identidade como escopo de compreensão crítica sobre ressonâncias regulatórias e emancipatórias dos projetos e proposições de vida.

A coerência entre a proposta política da Escola de São Paulo e as novas metamorfoses infringidas aos conceitos trabalhados por Ciampa na década de 1990 fez com que incorporasse a noção de emancipação e desenvolvesse um constructo teórico potencialmente competente enquanto um sintagma para comportar tamanha volubilidade de objeto histórico-conceitual. Em suas palavras:

As formas sociais contemporâneas de opressão e dominação, com sua crescente abrangência e sofisticação, tornaram essa definição – identidade como metamorfose – incompleta e insatisfatória, na medida em que não evidenciava as incessantes lutas por emancipação frente às rápidas e constantes transformações de uma ordem social cada vez mais desumanizadora. Daí a opção pelo sintagma, de modo a tornar indissociáveis as três noções: identidade-metamorfose-emancipação. (CIAMPA, Objetivos da linha de pesquisa pelo CNPq)

Se é pressuposto que a sociedade se constrói concomitante aos seus sujeitos, ressalto o ponto de inovação teórica e de superação das explicações substancializadas e essencializantes que o sintagma permitiu, afinado a uma pragmática da linguagem. Ciampa (CIAMPA, 2008, 1998, 1989) propõe um entendimento sobre a identidade nos termos de um processo de metamorfose que encarna um sentido diante de uma busca por emancipação das condições de opressão e de desigualdade sociais.

Como um processo, refere-se a uma acepção de identidade que é movimento destinado a constante ação e significação de “ser - humano” numa sociedade que cria e encarna programas de humanização. Em outras palavras, certo arcabouço teórico promove a exploração de padrões semânticos nas narrativas que podem conduzir a *má-infinidades* (CIAMPA, 2008) ou a novas possibilidades de autoria para a metamorfose humana. O sintagma identitário abarca, portanto, a relação dialética entre autonomia e heteronomia e entre socialização e individuação. As condições intersubjetivas de reivindicação ativista, por sua vez, preparam-se para abranger ou restringir as complexas proposições de individuação em redes virtuais de sociabilidade e coletivos identitários. Como assinalam Fábio Malini e Henrique Antoun (MALINI & ANTOUN, 2013), a disputa pela primazia das narrativas políticas que envolvem a construção de reputação social entre a mídia massiva e as mídias distribuídas de grupo ou interfaces de usuários(as) têm se mostrado uma eficiente máquina de criação e sustentação de *status* social.

No sintagma identidade-metamorfose-emancipação, a identidade é processual e, por conseguinte, movimento que demanda um sentido à constante ação de “ser-humano” em um cenário social e histórico específico. Reconhecido que a identidade é, então, metamorfose, o sentido atribuído para continuidade ou superação de personagens, performances e itinerários na ação de ser no mundo são imputados sob certas condições de existência social. Desta forma, tal conceito passa a garantir um olhar para a complexidade do movimento humano, cuja performatividade identitária o situa na intersecção da sua história de vida, seu projeto futuro, mecanismos de regulação normativa e as possibilidades comunicativas advindas.

Deste modo, Ciampa assinala a importância de se compreender as condições materiais e simbólicas e as possibilidades de humanização e atualização social ou, como queira o autor, lidar com as metamorfoses semânticas que se apropriam de procedimentos comunicativos para colonizar o sentido potencial da metamorfose humana ou, *as metamorfoses da ‘metamorfose humana’* (CIAMPA, 1997). Pelo vértice dos processos identitários – e suas formas de subjetivação e objetivação de propostas políticas humanizatórias – buscamos atualizar a compreensão sobre condições infra e superestruturais de sociabilidade e individuação nos campos de atuação abordados.

Considerado uma interface para a macroanálise de fenômenos psicossociais (LIMA 2012b), o sintagma identidade-metamorfose-emancipação é o constructo teórico e prático que orienta as mais de cem pesquisas concluídas no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Identidade Humana, dispostas a compreender os sentidos de regulação e emancipação na análise de itinerários identitários. Estudos sobre ciência e tecnologia abriram interfaces na

construção social de formas científicas de conhecimento, capacitando compartilhamento e promoção de *saberes localizados* (HARAWAY, 1995). Ou seja, “nessas visões tentadoras, nenhuma perspectiva interna é privilegiada, já que todas as fronteiras internas-externas do conhecimento são teorizadas como movimentos de poder, não movimentos em direção à verdade. (HARAWAY, 1995, p. 09)

A possibilidade de relação dialógica entre *saberes localizados* do complexo identitário humano resignou, sobretudo, as escolhas teóricas que estimulam e acompanham o exame das proposições de engendramento do sintagma na “integridade histórica dessa ciência, a partir de sua própria época”, como ponderou Thomas Kuhn (KUHN, 2006, p.21). Assim, a conjectura de um sintagma facilitou não só a compreensão multidimensional do processo identitário quanto nos alerta para avanços e limitações nos nossos instrumentais metodológicos e na nossa maneira de abarcar fenômenos (GUARESCHI, 2003).

Acerca disso, Omar Ardans Bonifacino (ARDANS-BONIFACINO, 2001) explicita a competência do conceito de identidade como uma categoria psico-socio-histórica, articulada à noção de emancipação, então entendida como uma categoria ético-política. A reflexão sobre ações e interações humanas numa instância ético-política toca, sobretudo, ressonâncias entre a complexidade social e a agência criativa da vida humana. Também recomenda o autor que as “cosmovisões implícitas nas abordagens científicas da psicologia” (ARDANS-BONIFACINO, 2001, p. 10) podem nos aproximar de um referencial crítico mais afinado ao interesse do conhecimento cultivado.

A extensão de um conhecimento hermenêutico sobre os processos identitários para um conhecimento crítico-emancipatório parece ser almejada por Ciampa desde sua dissertação de mestrado. É visto sua preocupação epistêmica quando afirma que “(...) codificar uma conduta como desempenho de papel imediatamente acarreta implicações nos métodos de observação e análise, bem como, na consideração das condições antecedentes e concorrentes na variação do desempenho do indivíduo”. (CIAMPA, 1977, p. 56) Já na tese de doutoramento, a tônica crítica fica por conta do incremento racional dos interesses sobre os sentidos dispostos entre os discursos colhidos de histórias de vida e as eleitas tessituras teóricas, capazes de elucidar formas identitárias de transformação e regulação do humano e seu entorno.

De partida, uma identidade pressuposta é uma representação substantiva de um fazer-se verbo, do ser em processo de humanização e atualização de devir. Como exemplifica Ciampa (CIAMPA, 2008), o lavrador é aquele que lavra a terra, mas é, principalmente, aquele que assim se considera perante o outro e é por este *outro* reconhecido. O caráter intersubjetivo e normativo deste processo se esboça aqui. Além da execução do papel que atribui

denominação normativa ao sujeito, o sentido da personagem encarnada é entretecido de reconhecimento social e uma maneira singular de encarnar particularidades. Assim, o processo identitário não se restringe ao espaço-tempo lógico da ação empreendida para a realização de tal personagem ou autoridade de desempenho de papel. Muito menos, de vinculações identificatórias e reificação¹⁶ em suas políticas de personagens pressupostas. Como supõe Juracy Almeida, “o sentir os modelos estabelecidos como anamorfoses de algo desejável e/ou correto é ponto de partida de processos de individuação”. (ALMEIDA, 2005, p.06-07)

Por tais motivos, o ser humano confia às metamorfoses do social a possibilidade de atualização de seu devir e, em ressonância com significados coletivizados, a autoria do eu. Com as biotecnologias, não só a objetividade se mostrou porosa à intervenção da realidade virtual (HARAWAY, 2005) como todo o complexo da metamorfose humana. Estão em jogo novas concepções de existência e itinerários de vida para a inscrição do que possa se configurar uma expressão do *si mesmo* conveniente à ideia de uma subjetividade nômade (BRAIDOTTI, 2002). E, sobretudo, uma saída política para as prospecções pós-modernas (LIPOVETSKY, 2007; BAUDRILLARD, 1991) de esvaziamento de sentidos nos fluxos de interação humana precipitados pelas novas tecnologias.

O que desperta o interesse de estudo pelas condições pluralistas das redes de comunicação virtuais e o modo como estas ocasionam a autoria de si, apesar de tendente descentralização da semântica identitária nos tempos atuais. Em concordância com a argumentação habermasiana, é no âmbito comunicativo que o sujeito aprende a se ver no papel de quem fala e a se compreender numa perspectiva outra, que envolve um(a) interlocutor(a)-ouvinte e, com o qual se depara em composição, no diálogo, de um si mesmo – *selbst*. Esta condição faz com que se refira a si mesmo na condição de um outro, pelo fato de se ouvir falar e de dar respostas também a si mesmo.

Abranger as articulações entre a subjetividade da pessoa, a objetividade da natureza, a normatividade da sociedade e a intersubjetividade da linguagem conferiu, para pesquisadores(as) do sintagma, um modo prismático de abordar programas humanizatórios no cotidiano das produções identitárias. Via escrituras digitais de posicionamento político, via narrativas de história e de projeto de vida, via interpretação das políticas de reconhecimento identitário em trânsito, importa ressaltar as metamorfoses nas condições de participação

¹⁶ Derivação por extensão do sentido atribuído por Lukács (1885-1971) ao termo reificação: “qualquer processo em que uma realidade social ou subjetiva de natureza dinâmica e criativa passa a apresentar determinadas características – fixidez, automatismo, passividade – de um objeto inorgânico, perdendo sua autonomia e autoconsciência” (HOUAISS, 2009)

política que leva a interpretar fragmentos de emancipação na disposição de sentidos em processos de individuação. Parece evidente o posicionamento pós-colonialista da abordagem escolhida e o significado que o termo emancipação denota aqui, corroborando as análises realizadas sobre a noção de equidade social atrelada à autonomia pessoal e, vice-versa.

Para manter a atenção nos pressupostos que nos cercam e a investigação da tríade ciência-técnica-economia¹⁷, a posição acadêmica com relação a uma episteme que adota o método dialético implicou, para a Escola de São Paulo, conceber a ação científica como um bem social e uma entre outras perspectivas viáveis de luta por emancipação das condições históricas e ideológicas de dominação e subordinação nas instâncias de suas próprias produções.

Este posicionamento parece estar previsto na conduta de métodos qualitativos e práticas metodológicas ideográficas nas pesquisas à luz do sintagma. A entonação interpretativa é dada à maneira como o sujeito de pesquisa integra, no aqui-agora, sua história de vida (ANTUNES, 2010), permitindo pensar outras topologias para estabelecer relações de análise crítica. Contudo, quando procuramos articular a transposição deste universo vivido, personificado por sujeitos em narrativa e re-apresentado pelo(a) pesquisador(a), o raciocínio teórico tende a buscar alicerces de peso científico para comprovação de sua validade em propósitos universalizáveis. É importante levarmos em conta, portanto, que:

Os factos não são dados brutos, com uma existência inocente no mundo social; pelo contrário, eles só são construídos e procurados na base de perspectivas teóricas diferenciadas que fornecem uma justificação para o significado ou para a potencial existência de certos tipos de factos. Uma das consequências disto é que as teorias raramente são escolhidas exclusiva ou mesmo fundamentalmente na base da sua superioridade em relação aos factos (embora isto sirva para colocar de lado as teorias mais exóticas), mas sim na base de um conjunto de critérios que só a meta-teoria pode relevar e tornar acessível à análise crítica. (MORROW & TORRES, 1997, p. 33)

A orientação crítica de Ilya Prigogine e Isabel Stengers (PRIGOGINE, 1996; PRIGOGINE & STENGERS, 1984) demonstra uma transposição de um tipo de relação com o mundo e com o tempo linear aprendido na condução de pesquisas positivistas. Uma visão dialética e processual da identidade requer, sobretudo, abordar as condições e espaços sociais de complexidade virtual, no modo como visibilizam e viabilizam a construção política de

¹⁷ Na medida em que tem oferecido legitimidade para que uma razão dirigida à eficácia instrumental das tecnologias de vida predomine sobre resoluções da ordem filosófica e existencial do conhecimento.

utopias emancipatórias propícias às transformações de ordem social. No curso de histórias compartilhadas e significadas dentro de seus segmentos culturais, a plasticidade humana tende a laborar suas metamorfoses em heterogênicas expressões de caráter identitário, o que, paradoxalmente, refletirá no enredo histórico da narrativa humana. Convencionar significados às experiências organiza e estima níveis e valores às metamorfoses humanas dentro de um ideal de humanização, tendencialmente, hegemônico.

A institucionalização das ações habituais, das acepções de normalidade e de civilidade no desempenho civilizatório de identidades coletivas tem disponibilizado aos atores sociais – especificamente, às suas personagens políticas – a consumação de uma trajetória ou a designação de um destino identitário fundamentado neste ideário humano hegemônico. Ao ponto da professora Sophie Bessis, secretária-geral adjunto da Federação de Direitos Humanos Internacionais (FIDH) na França, asseverar que os princípios fundadores dos direitos universais são instrumentalizados pelo poder. Acrescenta: “podemos definir o começo do século XXI como o momento de apogeu da hegemonia e o da cristalização sem precedentes dos ódios que esta suscita.” (BESSIS, 2002, s/n)

Com base em argumentos históricos e teóricos, o sintagma identitário não escapa de tornar-se fórmula de interpretação com aspirações individualistas, subjetivistas ou de universalização das contingências psicossociais. Isto porque nos inserimos todos(as), comunidade acadêmica e sociedade civil, num sistema social de papéis que propõem modelos objetivantes de realidade. Uma vez que nos movamos de acordo com suas tendências identitárias, garantimos a exclusividade de privilégios e embargos às nossas diferenças.

1.2 A pesquisa à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação

Promovidas por relações dialógicas que ocorrem no *mundo da vida*¹⁸ (HABERMAS, 1983), metamorfoses identitárias podem ser estudadas em imagens, performances e narrativas. E, a partir da crítica das assimetrias de poder em câmbio nas relações sociais que, de acordo com Ciampa (2002), podemos discutir aspectos, tanto regulatórios como emancipatórios, de políticas identitárias – que envolve as representações e o reconhecimento social – e identidades políticas, que envolve a encarnação de utopias de emancipação em performances identitárias. Os sujeitos de pesquisa são, nesta perspectiva, sujeitos emblemáticos, que, segundo Ciampa (SIC), pode ser entendido como aquele que é representativo de alguma tendência em relação ao tema de estudo ou ao problema de pesquisa. Em raras ocasiões, é aquele(a) que concretiza – por intermédio de processo identitário – uma alternativa à normatividade vigente. Com a noção de identidade política Ciampa (CIAMPA, 2002) pretende abordar as articulações de personagens coletivas à identidade pessoal, considerando que certo grau de autonomia e originalidade deva ser garantido no processo de individuação.

Uma maneira de se atualizar perante metamorfoses sociais intrincadas nas escolhas identitárias é acompanhar sentidos atribuídos dentro de narrativas de história de vida, quando o sujeito da pesquisa fala de si, pessoa e, inerentemente, de ser, em humanização. A recepção da narrativa de história de vida como metodologia privilegiada (ANTUNES, 2012) parece garantir ao(à) pesquisador(a) um olhar para a complexidade do movimento humano, cujas performatividades identitárias situam a ambos, dentro de uma rede interceptada por solicitações de pesquisa, interesses de conhecimento, expectativas de reconhecimento e narrativas de conteúdo discursivo e aspecto político. Neste interim, histórias e perspectivas de vida humana, lutas por emancipação e tendências de regulação cultural são “re-construídas” e “re-interpretadas” à luz do contexto histórico e científico, simultaneamente, vividos e selecionados.

Com a noção de sujeito atuante da história, Silvia Lane e Antonio Ciampa compartilham uma ideia de ser humano, paradoxalmente, determinado e determinante. Atribuem às capacidades de linguagem, consciência, atividade e afetividade a evolução do desenvolvimento histórico de sua espécie (LEONTIEV, 1978; MEAD, 1972) e ganhos emancipatórios passam a ser ponderados nos âmbitos tecnológico e social da vida humana. Em uma entrevista de Munné à Revista Psicologia e Sociedade (CIAMPA, 1977), Ciampa

¹⁸ Instância na qual Habermas (1983) considera ocorrer a produção das identidades e da cultura, dada natureza condicionada à comunicação humanizatória.

infeere que o movimento singular sob o qual nos debruçamos ao estudar o processo identitário não se dissocia do coletivo em que está inserido:

(...) eu só me percebo a mim mesmo quando eu me objetivo; se eu pensar a singularidade como o puro sujeito, vamos dizer assim, batizando isso de sujeito puro, então essa singularidade, para mim, seda inefável. Eu não consigo despir minha singularidade de uma série de objetivações que são dadas como particularidades (CIAMPA, 1997, p. 09)

Apoiado a uma noção de humano que roga um “*projeto-de-ser* de um sujeito em situação” (Maheirie & Pretto, 2007, p. 455), este transita em meio às suas determinações humanizatórias, sua história de vida e um projeto futuro. É assim que presumimos que um humano atualiza quem é e produz história que, por sua vez, edita as condições para emancipar-se ou manter formas categoriais de existência. Por intermédio da narrativa de histórias de vida de sujeitos de pesquisa, mas, também, por suas *escrituras* (TELLES, 2004), enquanto imagens, símbolos e rastros, em que, segundo a antropóloga Norma Telles, um sujeito pode se inscrever na ordem do simbólico e revelar-se a si mesmo. Neste sentido, o conhecimento científico cede à sensibilidade da criação, na forma de autoria individual ou coletiva, de uma narrativa política que represente a própria história de vida.

Tratam-se de *scripts*¹⁹ que realizam sentidos às personagens autenticamente encarnadas e expectativas de devir outro em itinerários socialmente prescritos. A encarnação e a projeção de personagens identitárias expõem, portanto, o paradoxo que “contem a história da humanidade em si” e a “possibilidade de se fazer diferente do que a história fez dele” (MAHEIRIE & PRETTO, 2007, p. 455). Alinhavar políticas identitárias dirigidas aos itinerários retratados em pesquisa e expor as condições sociais – materiais e simbólicas, possíveis e potenciais – para a transformação de relações de estigmatização e opressão, permite-nos adentrar este universo semiológico das utopias emancipatórias.

Se, por um lado, a metamorfose humana dispõe sentidos que se configuram como busca de reconhecimento de significados operantes culturalmente, por outro, a valoração de critérios para autonomia e emancipação já estão concentrados em aspectos de mesmidade (CAMPOS, 2007; ALMEIDA, 2005; ALVES, 1997; LOPES, 1990). O panorama de crise de sentidos supraordenados e pluralismo cultural (BERGER & LUCKMANN, 2004) apontou

¹⁹ O termo está baseado na concepção de que o comportamento humano é um processo aprendido e possibilitado, especialmente, por se inserir em roteiros sociais complexos e específicos a contextos culturais e históricos determinados. (GAGNON, 2006)

necessário empenho na secularização e desconstrução de conceitos opressores, porém, não reduziu demandas fundamentalistas (CIAMPA, 2004). Em obra anterior, Ciampa já lembra-nos que,

(...) diferentes estágios evolutivos das sociedades tendem a aumentar alternativas de opções identitárias individuais e coletivas, ao mesmo tempo em que criam novas situações emblemáticas, decorrentes do aumento da intensidade de tensões sociais, sejam elas anteriores não resolvidas, sejam elas novas criadas pelas transformações sociais. (CIAMPA, 2002, p. 133)

Alicerçado na filosofia alemã e teoria social habermasiana, o autor dedica-se a explorar, justamente, as condições de emancipação e reconhecimento de demandas identitárias que interceptam a dialética relação entre *mundo da vida* e *ordem sistêmica*, organização peculiar às sociedades capitalistas. Nesta perspectiva, as formas de produção das relações humanas incidem de uma razão instrumental, em reprodução nas instancias de comunicação e sociabilidade para humanização. A associação da ideologia do justo intercâmbio e a manutenção do sistema econômico capitalista tornaram obsoletas, inclusive, justificações de ordem da tradição cultural (CAMPOS, 2007; HABERMAS, 1989). É observado um interesse em automatizar os conflitos politicamente emergentes da instância intersubjetiva de produção das identidades e de remodelação societária, nos seguintes moldes:

(...) segundo o qual sob as condições das modernas sociedades complexas, parece que a razão se desligou das formas tradicionais de vida, passando a ser referida à felicidade, entendida de modo individualista, à autonomia do indivíduo, moralmente valorizada, e à liberdade do homem, tido como sujeito privado. (...) Nessa direção, para alguns, a única opção é o desmentido da razão em geral, já que a ordem sistêmica, além de incrementar a opressão e a exploração, cada vez mais amplia a colonização do mundo da vida, através de uma ação ideológica que afirma ser a busca de sentido uma questão sem sentido, pois tudo passa a ser uma questão de eficiência. (CIAMPA, 2002, p. s/n)

Não obstante, Habermas (1987) ressalva que, desde o início da modernidade, as sociedades ocidentais se valem de uma consciência de tempo reiteradamente atualizada como “passagem para o novo”. O autor assinala, ainda, que, desautorizamos o passado como guia prescritivo para resolução dos problemas atribuídos à própria História, enquanto garimpamos,

na multiplicidade de artefatos culturais mundializados, “princípios normativamente substantivos” para nossas experimentações de ser e viver. Em suas palavras,

Desde o fim do século XVIII, a história é concebida como um processo mundial que gera problemas. Nele, o tempo é entendido como um recurso escasso para a superação prospectiva dos problemas que o passado nos legou. Passados exemplares nos quais o presente pudesse confiantemente orientar-se esvaneceram-se. A modernidade já não pode emprestar seus padrões de orientação de modelos de outras épocas. Ela encontra-se completamente abandonada a si mesma, tem de extrair de si mesma sua normatividade. Daqui em diante, a atualidade autêntica é o lugar onde se entrelaçam a continuação da tradição e a inovação. (HABERMAS, 1987, p. 103)

Ciampa (2003) trata do assunto nos termos do desmembramento da articulação dos pensamentos histórico e utópico vivido nas sociedades modernas ocidentais. As perguntas que, em geral, encetam as pesquisas sobre o sintagma identidade-metamorfose-emancipação – *quem é você?* e *quem quer ser?* – oferecem, por certo, um resgate semântico propiciador de ação acrescida de consciência autônoma. Incremento de racionalidade prevista às metodologias biográficas²⁰.

Assim, o sintagma identidade-metamorfose-emancipação tem sido considerado um recurso teórico potencialmente capaz de atingir os modos de construção e de superação das desigualdades construídas em torno das diferenças identitárias que incidem em coletivos ou em projetos de individuação. Por certo, a consideração do método progressivo-regressivo desenvolvido por Sartre (MAHEIRIE & PRETTO, 2007; CARONE, s/d) corresponde expectativas de compreensão crítica. Uma vez encarada a identidade como um processo de projeção do eu na constituição do mundo pela possibilidade de devir humano, afirma-se um sentido que indica a semântica da metamorfose e seus substratos humanizatórios. Em outras palavras, a pesquisa com o sintagma identitário permite reconstruir a figuração de um encadeamento de sentidos admitidos às proposições e projetos identitários, atravessados pelo espaço-tempo contemporâneo, além de conjecturar suas ramificações de ativismo em ressonâncias sociais. Por si mesma, a metamorfose humana tenciona novas acepções para seu

²⁰ A metodologia biográfica tende a proporcionar um exercício de narração significativo à auto-reflexão e auto-referência do depoente, durante toda sua participação e posterior à entrevista. Como aponto na dissertação de mestrado, “ao se ‘re-presentar’ como ator e autor da própria história, vislumbramos que as narradoras tenham sido instigadas a refletir sobre a concretização de um si mesmo. Desta forma, é pressuposto, já na escolha desta metodologia, que a pesquisa atenda uma dimensão ética de uma práxis em Psicologia Social.” (ANTUNES, 2010, p. 123)

sujeito no contexto atual de produção de conhecimento sobre o ser, mediante a própria prática de entrevista de narrativa de história de vida (ANTUNES, 2012).

1.2.1 Identidades políticas para uma utopia de devir humano

Foi a proposta psicossociológica de George Herbert Mead (1972), acrescida da reflexão de Habermas (1983) sobre o potencial de desenvolvimento de uma consciência do direito e da moral, que ofereceu suporte para compreender a *construção do Eu* até a noção de *sujeito político* por intermédio do sintagma identidade-metamorfose-emancipação (CIAMPA, 1997, 2008). Entender que identidade é um processo e, sobretudo, “movimento de organização simbólica do Eu” (HABERMAS, 1983, p. 50) demanda conjugar os vestígios ontogenéticos de desenvolvimento cognoscitivo, linguístico e interativo no discurso e na ação humana para acompanhar suas metamorfoses.

A possibilidade de investigação neste campo permeia, por exemplo, o desenvolvimento das identidades do Eu e do grupo. Quando se refere à *identidade do Eu*, Habermas (1983, p. 24) expressa uma acepção ontogenética que diz respeito a “capacidade de conservar a própria identidade” e assegurar a continuidade biográfica de um sujeito de ação e transformação. Enquanto o *Eu epistêmico* universaliza a sujeição humana a uma objetividade de estruturas e condições gerais para a humanização, é o *Eu prático*, sujeito da ação, que atualiza a *identidade do Eu*.

Para o autor (HABERMAS, 1983, p. 15), a consciência de si mesmo está em relação e na construção deste mundo objetivo que permite, em contrapartida, o desenvolvimento do Eu via socialização a certa normatividade social. Constitutivas tanto dos sistemas sociais quanto da subjetividade, são as ações e os recursos para comunicação que movimentam o desenvolvimento humano por estados de conformidade e emancipação perante a normatividade. As ações linguísticas tecem o que Habermas chama de estruturas da intersubjetividade. É neste campo que o Eu prático reedita suas auto-identificações no mundo, dentro de seus limites simbólicos, atualizando sua condição unívoca, ou seja, “ao mesmo tempo inconfundível e re-conhecível” de se realizar humano em situações sociais.

Para a auto-identificação como um “Eu” poder-se-ia considerar suficiente o reconhecimento de outros “Eus” no desempenho de papéis de um “Tu” em reciprocidade. Porém, é no referencial de *identidades coletivas* que o “Eu” interioriza e, posteriormente, internaliza discursos identitários pré-existentes. Tais políticas de referência permitem a

certificação identitária do coletivo pela convergência de seus membros à auto-identificação com um “Nós”. Essa atitude proposicional, além de assegurar afirmações de continuidade frente expectativas de comportamento individual também oferece estabilidade temporal para as delimitações de uma sociedade face seu ambiente vital. (HABERMAS, 1983, p. 25-26)

A possibilidade de encarnar, conscientemente, ações propositivas e utopias que levam à práxis transformadoras, voltadas a um tipo de pensamento pós-convencional, é uma ideia ressaltada por Habermas com relação ao desenvolvimento moral. E, desde suas implicações com relação ao desenvolvimento do direito democrático com intensões de universalização, o autor erige a crítica de seus alicerces meta-conceituais normativamente predominantes²¹. Como uma organização simbólica, *identidade do Eu* diz respeito a um processo dialético de amadurecimento moral em que o sujeito em humanização busca gerir-se de maneira autônoma enquanto reclama para si exemplaridade universal (HABERMAS, 1983, p. 50). Como processo formativo geral, a individuação a partir da socialização é o que possibilita “soluções para os problemas da ação”, já que tocam as estruturas da racionalidade.

A sujeição do ser devir no campo da atividade social, entre políticas identitárias para socialização e a imanência de singularidades em performances coletivas faz “romper o poder do passado com o presente”, inaugurando “uma recordação (do Eu) voltada para o futuro” (HABERMAS, 1983, p. 49). Conservar a própria identidade, nestes parâmetros, requer a competência do sujeito de mudar para continuar a ser o mesmo na dialética eu-tu e tu-mim. Ao mesmo tempo em que, da competência singular de dizer “eu” de si mesmo para um “outro” na pressuposição de personagens identitárias, o ser se faz humano em história encarnada e reinventada na experiência intersubjetiva da linguagem. Sua pretensão de ganhar autonomia na autoria e reconhecimento de seus projetos identitários perpassa, deste modo, a instância política de produção normativa de políticas identitárias mais ou menos libertárias. Daí, Ciampa (CIAMPA, 2002) valorizar o que apresenta como um paradoxal trocadilho ao estudo do sintagma: *as políticas identitárias e as identidades políticas*.

Nossa condição humana de ser si mesmo e, simultaneamente, “vir a ser outro que também sou eu” (CIAMPA, 2008) é interpelada não só pelo tempo histórico e espaço cultural, mas pelo potencial de virtualidade conferida pela capacidade humana de *con-crer* utopias emancipatórias e tramar suas narrativas de história de vida neste sentido. A frequência

²¹ Como quando Habermas (1983) cita obras de Erick Fromm, Adorno e Horkheimer para indicar a influência normativa da psicanálise de tendência estruturalista nas análises identitárias da produção científica do século XX. Sua observação sugere que os modos de conduzir a interpretação a respeito da metamorfose humana mantêm-se, assim, dentro de um modelo estrutural que serve até para distinção do conceito de personalidade da noção de identidade na psicologia social.

semântica com que as identidades coletivas são reconstruídas apresenta inúmeros ciclos completos e potenciais, simultaneamente, que não transcorre pelo tempo linear e podem exceder o biográfico. Na qualidade de discursos sobre o *Eu*, permitem ao sujeito da metamorfose posicionar-se politicamente nas circunferências geopolíticas de contextos históricos e no percurso de suas utopias. Diante de conjunturas sociais dialéticas e dialógicas, a encarnação de um “Nós” na performatividade linguística de uma identidade coletiva pode projetar o devir em proximidade, conformidade, modificação ou oposição às políticas que interpelam seu desenvolvimento para autonomia.

Vale lembrar que, desde o início do século XIX (CANGUILHEM, 2009), o normal é conceituado dentro de um sistema político-filosófico positivo. Subsequente, os desvios e excentricidades perante um tipo específico de caracteres e estereótipos definidos por um grupo – hegemônico em sua dimensão estatística ou política. As incidências de caracteres identitários que designam seleções perante o grau de conformidade ou monstruosidade à norma dependerão de sua distribuição cultural de desvio padrão sancionado. Ainda assim,

A oposição sempre se mantém no fundo da consciência que decidiu adotar o ponto de vista teórico e métrico. Portanto, quando dizemos que saúde e doença estão ligadas por todos os intermediários, e quando se converte essa continuidade em homogeneidade, esquecemos que a diferença continua a saltar aos olhos, nos extremos, sem os quais os intermediários não teriam de desempenhar seu papel mediador; mistura-se, sem dúvida, inconscientemente, mas ilegítimamente, o cálculo abstrato das identidades e a apreciação concreta das diferenças. (CANGUILHEM, 2009, p. 36)

Porém, este processo de formação do *Eu* tem sido comprimido há séculos por um sistema de demarcações binárias e oponíveis que imprimem no campo do direito e da moral um convergência lógica com a normatividade instituída sob alicerces heteronormativos e patriarcais (BESSIS, 2002; WILSHIRE, 1997). Nas sociedades hierarquizadas por desigualdades identitárias, o sistema de valoração privilegia algumas modalidades de conhecimento e organiza as diferenças humanas em sistema piramidal. Certa epistemologia ocidental defende que, se tratando de objeto de pesquisa, o patológico está para o normal como, para o pensamento científico tradicional e para o pensamento moral, a não-subjetividade está para a objetividade.

Georges Canguilhem (2009) assinala: nenhuma dessas abstrações existe como fato em si senão por um consenso intersubjetivo produzido linguisticamente e conformado por uma valoração normativa. Concepções subalternas à vigente normatividade podem incorrer para

um entendimento dos termos dentro de um quantum qualitativo e espiralado de metamorfoses que expressam afinidades com padrões rizomáticos de “outras normas de vida possíveis”. Porém, é no terreno positivista que a redução do fenômeno humano em busca de homogeneidades assenta padrões normativos.

Desvios, excentricidades e deformações, indiscriminadamente as características físicas ou simbólicas que portem (CANGUILHEM, 2009; GOFFMAN, 1988) são fruto das desiguais condições de reconhecimento e valoração sociais que utilizam-se de parâmetros binários excludentes para sancionar práticas humanizatórias. A fronteirização do “problema geral da variabilidade dos organismos, da significação e do alcance dessa variabilidade” (CANGUILHEM, 2009, p. 45) parece dirigir-se do ponto de vista biológico para os demais estágios sociais de humanização. Segundo o autor, concebemos a instância normativa em níveis de diferenças quantitativas recomendadas a uma medida comum, como vemos:

Se essas normas forem inferiores — quanto à estabilidade, à fecundidade e à variabilidade da vida — às normas específicas anteriores, serão chamadas patológicas. Se, eventualmente, se revelarem equivalentes — no mesmo meio — ou superiores — em outro meio —, serão chamadas normais. Sua normalidade advirá de sua normatividade. O patológico não é a ausência de norma biológica, é uma norma diferente, mas comparativamente repelida pela vida. (CANGUILHEM, 2009, p. 46)

Sua normalidade advirá de sua normatividade, não o contrário, como poderia se supor desde os primeiros passos, ao nos socializarmos com uma didática binária e de conteúdo heteropatriarcal. A preponderância do pensamento lógico formal nas ciências instaura, deste modo, o princípio da não-contradição e do terceiro excluído como precedência à normatividade – instância de nomeação legítima dos fenômenos humanos. Daí a disposição privilegiada da quantidade sobre a qualidade que, segundo Canguilhem (CANGUILHEM, 2009) e, com a ressalva hegeliana de um quantum capaz de se transformar em qualidade, tratar-se de um pensamento de dominação. Explico: apesar de incapaz de suprimir a irredutibilidade qualitativa das diferenças humanas em permanente metamorfose, a lógica com privilégios normativos trabalham aspectos quantitativos pela negação da qualidade. Assim, Canguilhem indica como o estado patológico se revela equivalente ou superior em um meio social e histórico, enquanto em outros, podem ser considerados normais.

Se estender tal correlação de trato binário nas interpretações sobre objetos e narrativas em estudo há de se considerar, segundo Donna Wilshire (1997), imagens positivas e negativas

que acompanham nossas palavras e construções linguísticas, como o conceito de gênero (masculino e feminino). Internalizadas, essas imagens tornam-se nossa maneira de pensar. A autora sustenta sua afirmação argumentando que “julgamentos de valor sexistas são inerentes às próprias palavras que usamos” (WILSHIRE, 1997, p. 104), o que infere a pertinência da investigação dos sentidos da metamorfose humana por intermédio de narrativas.

Dentro da psicologia social crítica, a condição política do sujeito é referência para as interpretações sobre o sentido emancipatório da ação. Discurso e ação, além de fundamentais à continuidade humanizatória, implicam em processos generativos de condições para o devir humano de acordo com suas utopias de transformação social. Falar em sujeito político remete, portanto, a um sujeito da ação que, apesar de margeado por determinações da objetividade, se espraia em um itinerário de vida que reconstitui/recria, a cada instante da existência, sentidos e condições para a humanização enquanto encarna mesmos/outros sujeitos de reverberação normativa.

Procurar diferentes pontos de reflexão sobre a construção histórica do eu e a possibilidade do *si mesmo* em metamorfose me levou a obra *A condição Humana*, de Hannah Arendt (2007 [1958]), na qual faz considerar que discurso e ação são categorias ontológicas, apropriadas neste estudo, especialmente, por serem condições fundamentais do humano²². Trata-se da condição de rebelar-se contra determinações da vida humana que, como uma utopia emancipatória, engendra um processo de construção do eu, inerentemente, de caráter histórico. Assim, a possibilidade do si mesmo se dá simultaneamente à existência social, ou seja, no coletivo. Daí a autora reportar-se à atividade humana capaz de modalizar novas circunstâncias de existência, concebidas em três dimensões: o labor, que assinala o processo biológico e assegura a manutenção da espécie; o trabalho, que permite ao ser humano inaugurar um mundo de objetos que, em contrapartida, interpelam sua relação o mundo e com outros homens. E, em terceiro, a ação propriamente dita, que diz respeito à condição política que fundamenta a construção do eu.

Nesta perspectiva, não se perde de vista que a expressão identitária, enquanto uma representação substantiva de um fazer-se verbo projeta o ser em devir dentro de um enredo histórico e contexto cultural que contém o todo de sua existência e das condições para sua humanização. Tenho considerado, por analogia, que proposições e projeções identitárias são interfaces da metamorfose humana, pois dão vazão à constante alternância do sentido de si. A acepção é emprestada da informática, com o intuito de compreender como disposições

²² Na perspectiva existencialista, tomar para si o destino da própria vida configura-se como um sentido ontológico do humano.

identitárias estabelecem “fronteiras compartilhadas por diversos dispositivos (cênicos, estéticos e performáticos), sistemas (de personagens) e programas (itinerários identitários) que trocam dados e sinais” (HOUAISS, 2009) para projetarem-se em *identidades políticas* (CIAMPA, 2002).

Ciampa apoia-se em Marco Aurélio M. Prado (2001) para cunhar a expressão identidade política e para se referir as proposições e projetos identitários consubstanciados não só por uma utopia emancipatória, mas, principalmente, por uma “busca por diferenciação” que, por sua vez, suporia o rompimento das mesmas condições de homogeneização social fomentada por políticas identitárias. Daí a centralidade ético-política que nos permite tocar o paradoxo fundante da relação dialética entre os processos de socialização e de individuação (HABERMAS, 1983). Consonantes, Ciampa e Prado confiam ao pensamento de Ernesto Laclau (1935-2014), expresso também na obra de Mouffe (1996), a proposição de que a ação coletiva de caráter emancipatório pressupõe a construção de identidades coletivas e que, por sua vez, designa a constituição de identidades políticas. Prado (2001) assinala, ainda, que,

A identidade coletiva, enquanto um processo de constituição deste NÓS, pode ser compreendida como implicada pelas relações de poder, onde há tanto uma busca por equivalência no sentido dos direitos sociais, se pensarmos nos valores da revolução democrática – liberdade e igualdade – como uma busca pela diferenciação no rompimento das homogeneizações sociais, por exemplo, a homogeneização midiática, a homogeneização burocrática e a homogeneização da produção e do consumo (LACLAU & MOUFFE, 1985 apud PRADO, 2001, p. 168).

Dizer *quem é* adquire, assim, a responsabilidade de ser encarnação do discurso proferido e projeção virtual de um devir autenticamente interessado. Nestas circunstâncias, o ser pode não mais encarnar certa personagem e continuar sendo reconhecido(a) a partir de categorização coletiva de políticas identitárias. O que alude a um predicado da metamorfose humana: o descolamento do tempo/espço objetivo supõe tratar-se de holografias identitárias, pois as expressões e performances que reúnem discurso e ação num âmbito político da apresentação de si não se restringem ao tempo lógico da ação empreendida para a realização de tal personagem. *Outro significativo* (MEAD, 1972), de natureza análoga e, por este motivo, vetor de reconhecimento.

Nas entrelinhas da comunicação entre ações de ativismo, referendos de pouca representação democrática e sistemas bio-político-econômicos tecnocráticos, o interesse

antagônico pode assimilar uma práxis de dominação. A indicação de partir das identidades coletivas para pensar nas possibilidades de construção de identidades políticas é uma recomendação de Ciampa (2002) que pode nos levar à análise de contextos pós-convencionais de humanização. Caso nos quais ousaria requerer identificar utopias de emancipação dissidentes às assentadas aspirações por igualdade e liberdade e suas quimeras neoliberais.

Reconhece-se, deste modo, que a identidade coletiva é uma fonte privilegiada das contradições que permitem alternância dos sentidos que orientam um projeto identitário, inclusive, para ativismo social. Ou seja, as condições para ação política dentro de dispares eixos de poder são, grande parte, mantidas por políticas e proposições identitárias de âmbito coletivo. É o caso, inclusive, dos grupos e políticas de afirmação e reconhecimento de utopias emancipatórias que se submetem a categorizações de modos de vida e estereotipação identitária, cooptados, desta maneira, por uma lógica voltada a interesses particulares ou caminham para a *fetichização* (Ciampa, 2008) da identidade coletiva. Apreender que grupos sociais sofrem metamorfoses – predominantemente, pela modalidade da *mesmice* – não significa constatar que um grupo não é perecível ou que a falta de presença material sugira sua dissolução. Apenas torna ainda mais conveniente incorporar signos, discursos e contatos com atenção às transições de poder, compreendendo, assim, as estratégicas redes de afinidades que instigariam, ou afastariam, coletivos de uma potencial promoção de fragmentos emancipatórios às proposições de identidades políticas.

Mantendo um raciocínio interacionista (MEAD, 1972), proposições identitárias são resultado de relações com o ambiente como um todo, no qual se projeta em devir humano, em ressonância com outros seres que se encontram em trânsito neste processo. Por isso, o processo identitário não se resume as possibilidades condicionadas pela natureza concreta e perecível de seu sujeito que, simultaneamente, confia às metamorfoses da identidade a atualidade – e vitalidade – de seu devir. Deste modo, podemos supor estar diante de um processo em que a constante ação de re-apresentação de si, sendo outro e o mesmo, na presença e na virtualidade de um *Outro significativo*, é parte e todo, singular e coletivo.

Ao desempenhar funcionamento característico aos dos sistemas complexos e dinâmicos que originaram transformações paradigmáticas nas ciências exatas, os processos identitários podem ser alvo das revisões do conceito de tempo que levou à reformulação de conceitos fundamentais da física tradicional pela teoria quântica. Decretado o fim das certezas (PRIGOGINE, 1996) e o papel primordial da instabilidade na quebra de simetria entre passado e futuro indicam horizontes científicos de previsibilidade limitada. Ao que cabe considerar a evolução temporal como função de parâmetros e variáveis de interpretação dos

sentidos emancipatórios numa narrativa de história de vida, vale lembrar que certos resultados determinados em sistemas complexos são causados pela ação e a interação de elementos de forma praticamente aleatória.

João Eduardo Carvalho (2002) declara, em sua pesquisa, a morte do imaginário com a virtualização do grupo social. Denomina *grupo-nome* vínculos identitários cuja aparência não passa de espectro de sua permanência. Como *imagem-nome*, o autor acusa o *virtual*²³ tanto de restaurar o grupo como retrato identitário – pela imagética do nome – quanto tomar o lugar do imaginário grupal. Adotar tal perspectiva supõe corroborar que a mediação tecnológica das relações humanas leva à desmaterialização do caráter material do grupo, compreendida como desrealização do grupo.

Dentro de abordagens que se concentram na explicação da natureza da ordem e do equilíbrio social, o prognóstico de João Eduardo C. de Carvalho (2002) é assíduo quando o tema é redes de comunicação mediadas tecnologicamente. Os processos de desenvolvimento de identidades coletivas e subsequentes identidades políticas estariam ameaçadas de se tornarem “grupos categoriais esvaziados de imaginário” (CARVALHO, 2002, p. 39). Voláteis, faltar-lhes-ia dimensões que conservem sua importância de existir socialmente. “(...) a densidade que poderia garantir, ainda que provisoriamente, sua existência social” (CARVALHO, 2002, p.28). Uma definição e um sentido de permanência dos grupos garantiriam, portanto, coerência para a construção identitária,

A identidade social entendida a partir dos vínculos dos indivíduos a grupos bem definidos e permanentes - família, vizinhança, etnia, trabalho - passa então a ser constituída privilegiadamente pela associação com grupos sociais categoriais, menos constantes, mais claramente submetidos à ação do tempo, da história, das circunstâncias. A expansão da quantidade de referentes sociais produzida pela nossa sociedade como resultado da própria guerra, da expansão dos mercados via desenvolvimento econômico e da ampliação de um modelo hegemônico de sociedade guiado para o espetáculo e para o consumo, o que compreende os fenômenos de globalização econômica e mundialização da cultura (IANNI, 2005), trazem como consequência o surgimento de cada vez mais novas categorias que têm o mesmo estatuto de “mercadorias sociais”. (CARVALHO, 2002, p. 30)

Coletivos identitários, condicionados a expectativas de categorização e constância das diferenças que os caracterizam, tendem a ser liquefeitos por demandas intermediárias, provenientes da produção intragrupal de hierarquização das diferenças humanas ou da

²³ No sentido empregado por Virilio

necessidade, intersubjetiva, de afinidades emergenciais e eletivas. Aspecto que, apreendido em sua natureza paradoxal e dentro do processo de construção da identidade política, aparece como:

A questão das políticas de identidade de grupos envolve a discussão sobre autonomia (ou não), que se transforma para indivíduos em indagações sobre autenticidade (ou não) de identidades políticas, talvez refletindo duas visões opostas, dependendo de se colocar a ênfase na igualdade – uma sociedade centrada no Estado – ou na liberdade – uma sociedade composta de indivíduos. (CIAMPA, 2002, s/n)

Ainda que se apropriem diferentemente da crítica, ambas as citações de Carvalho e de Ciampa, expressam uma preocupação atual nas ciências sociais e humanas: de que a mundialização do pluralismo moderno e suposta crise de sentidos supra-ordenados resultem numa atrofia dos parâmetros democráticos de oferta e disposição dos sentidos capazes de precipitar identidades políticas. Irreversíveis, contamos com os incrementos de autonomia na construção identitária para propor a ideia de identidades políticas (CIAMPA, 2002), por exemplo.

Ao contrário das questões em torno das identidades coletivas e da diversidade humana, a equidade social pode ser construída na base de *afinidades eletivas*, tão voláteis quanto seus ativismos em *performance*. Entendendo afinidade eletiva como “um tipo muito particular de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais não redutíveis à determinação causal direta ou ‘influência’ no sentido tradicional” (LÖWY, 1989, p. 13). E precipitada por interconexões intersubjetivas que poderiam ser comparadas às afinidades eletivas de combinações e transformações químicas.

Um requisito para uma análise crítica voltada à complexidade é libertar-se do argumento legitimador da linearidade lógico-formal alicerçado em princípios liberais, das restrições cartesianas à experiência empírica e, principalmente, da noção de espaço/tempo do capitalismo industrial (WEIL, 1979). Vale recordar a poética descrição registrada, em 1941, por Simone Weil, ao se dispor pensar na relação corpo/alma em solidão/coletiva, num espaço/tempo da máquina/indústria:

A fábrica poderia encher a alma com o poderoso sentimento da vida coletiva – poderíamos dizer unânime – dada pela participação no trabalho de uma grande fábrica. Todos os ruídos têm um sentido, todos são ritmados, fundem-se numa espécie de grande respiração do trabalho comum no qual é inebriante quanto mais inalterado é o sentimento da solidão. São os ruídos metálicos, rolamentos que giram, mordidas no metal; ruídos que não falam de natureza, nem de vida, mas de atividade séria, mantida, ininterrupta do homem sobre as coisas. (...) As lâmpadas, as correias, os ruídos, a dura e fria ferragem, tudo concorre para a transmutação do homem em operário. (...) a morça da subordinação se torna sensível, através dos sentidos, do corpo, de mil miudezas que preenchem os minutos que formam uma vida.” (WEIL, 1979, p. 130-131)

Via itinerários da identidade, o sintagma vasculha determinações objetivas, peculiaridades subjetivas²⁴, semânticas intersubjetivas e o potencial da normatização em jogo, dentro de uma história de vida emblemática, na aproximação de várias histórias, em diferentes contextos históricos, intermediado por informantes, depoentes, pesquisador(a) e orientador(a). Nesta jornada, não se busca ampliar a compreensão que se tem do movimento identitário tentando exaurir ou instituir nova delimitação conceitual por inferências qualificativas a um denominador capaz de substantivar personagens e políticas identitárias, grupos e causas regionalizadas. Acontece que a problematização do devir identitário e a interpretação de suas metamorfoses frente programas de humanização excedem a declaração de princípios ou epílogos universais, pois, só garante um continente significativo se antecedido do estudo das suas proposições epistêmicas.

1.2.2 A construção do sujeito na pesquisa do sintagma

Situar as relações políticas e de poder na agenda do debate científico atende a denuncia de Ardans Bonifacino (ARDANS-BONIFACINO, 2001) sobre as ressalvas e graus de tolerância acadêmica para *encontros subterrâneos*, como imagina o autor, entre ciências humanas e sociais, pressupostos e ferramentas da metafísica e, incluo, da transdisciplinaridade de ciências matrilineares. Trata-se de responsabilidade ético-política de vigiar heteronomias

²⁴ Dependendo da teoria secundária que subsidia a pesquisa, é suposta uma noção de subjetividade que se articula a uma condição conceitual de humano. São, como diria Frederic Munné, (MUNNÉ, 2004, p. 26) “imagens subjacentes aos principais marcos teóricos da Psicologia Social” nas figurações de *homo sexualis*, *homo faber*, *homo economicus* com implicações políticas e ideológicas na sobreposição de epistemes.

automatizadas em nosso próprio fazer científico para, então, articular discurso científico, interesse ativista e práxis social.

O compromisso com a crítica também é presente nos estudos pós-coloniais do indobritânico Homi K. Bhabha (2013), que, em resistência aos discursos hegemônicos, exige a reflexão sobre o caráter agonístico de interação entre sistemas de significação de mundo. Para viabilizar pesquisas criticamente orientadas pela epistemologia feminista, conta-se tanto com a integração dos raciocínios formal, quando da dialética, como do dialogismo. Porque a autoridade que lhes cabe emana da sabedoria prática e transita sem pretensão decorrente do imperialismo ideológico eurocêntrico imanente tanto no que se costuma chamar de “teoria pura” quanto numa oposição especular²⁵ da teoria crítica. Duas perguntas nos são mais relevantes:

Será que nossa única saída de tal dualismo é a adoção de uma oposicionalidade implacável ou a invenção de um contramito originário da pureza radical? (...) Deverá o projeto de nossa estética liberacionista ser para sempre parte de uma visão utópica totalizante do Ser e da História que tenta transcender as contradições e ambivalências que constituem a própria estrutura da subjetividade humana e seus sistemas de representação cultural? (BHABHA, 2013, p. 47)

Ilya Prigogine & Isabelle Stengers (1984) assinalam que a comunidade de apoio ou as alianças sociais para seleção e produção do material intelectual, sua publicização e a possibilidade de prova são mecanismos de legitimação do projeto de Ciência Moderna que, necessariamente, deveriam ser submetidas constantemente à dialogia transdisciplinar. Questionamentos e controvérsias sempre funcionaram como força motriz do fazer científico e, conseqüentemente, a necessidade de legitimação opera, sob nuances socioculturais, como seu principal aparato de poder.

Aporte para a teorização do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, a noção de humano pode preservar prioridades científicas tradicionais íntimas à postura androcêntrica e ao colonialismo teórico cujo pensamento crítico visa superar. Tais recursos terminológicos de identificação e caracterização de sujeito de pesquisa retrata aquele(a) sobre o(a) qual nos referimos quando investigamos processos identitários e que, por vezes, definem um problema de pesquisa. Por certo, o método submete sujeito e pesquisador(a) a

²⁵ Neste mesmo texto, Bhabha (2013, p. 49) levanta a necessidade de discutir se a produção de um discurso do Outro pelas “novas linguagens da crítica teórica”, como a semiótica, o pós-estruturalismo e o desconstrucionismo não estariam refletindo as mesmas divisões geopolíticas hegemônicas e suas esferas de influência, a fim de reforçar “uma própria equação conhecimento-poder”.

enquadramentos semiológicos restritivos e antagônicos, tanto para reflexão quanto para representação linguística de considerações interpretativas.

Admitamos, inicialmente, as imbricações de ininterruptos vetores de colonização como o patriarcado, a lógica econômica capitalista, a moral individualista de caráter isolacionista, afetos do amor-romântico e do modelo de família burguesa, o privilégio do discurso eurocêntrico, tantas são as ramificações para controle das formas de tatear, sentir, ruminar, produzir, validar e distribuir outras faculdades de conhecimento (GINSBURG, 1989). Revigorar o viés de análise parece apropriado à discussão atualmente fomentada dentro da perspectiva do feminismo da diferença sobre uma ofensiva patriarcal remanescente (AMORÓS, 1991). Tão logo, a heterogeneidade interna dos feminismos levam-nos para interpretações sobre sentidos que indicam transições contemporâneas de pleito de valores e práticas humanizatórias, como a crítica feminista à tecnicidade da bioética principialista²⁶ expostos por Debora Diniz e Ana Cristina Vélez (DINIZ & VÉLEZ, 1998) ou, ainda, a discussão sobre os vetores constitutivos dos sujeitos e suas identidades a partir da diferença, proposto por Claudia de Lima Costa (COSTA, 2002). A atitude emancipatória da pesquisa feminista está, sobretudo, no próprio interesse da razão, segundo a autora, “ela traz em seu bojo a necessidade de construção de articulações entre as diversificadas posições de sujeito, o que por sua vez compõe a força específica do feminismo diante dos outros movimentos ou discursos sociais” (COSTA, 2002, p. 61).

A edição de significados contidos em performances e narrativas de ciberativismo, por exemplo, parecem oferecer universos psicolinguísticos profícuos para singulares projeções, produções e performances identitárias. Entre o empenho em realizar nossa *igualdade como pessoas* e confiar que nossas *diferenças, enquanto indivíduos* (HABERMAS, 2003), deixem de ser instrumentalizadas em categorizações de designação heterônoma e subserviente, interessa-nos investigar processos de anamorfose (ALMEIDA, 2005) que as condições de produção de identidades políticas em ambiente virtual possam implicar.

A expectativa, sobretudo, é que a sistematização teórica do sintagma identidade-metamorfose-emancipação continue sendo provocada por fenômenos que levam à atualização psicossocial das realidades que engendram a manutenção ou subversão de práticas de socialização com finalidades humanizatórias particulares ou de interesse equitativo. “Os adeptos da construção social deixam claro que as ideologias oficiais sobre a objetividade e o

²⁶ Trata-se de uma proposta de resolver dilemas morais em bioética por intermédio dos quatro princípios - autonomia, justiça, beneficência e não-maleficência, de forte influência nos sistemas de gestão pública e nos regimentos de ética em pesquisa brasileiros. Beauchamp, Tom L., and James F. Childress. *Princípios de ética biomédica*. Barcelona: Masson, 2002

método científico são péssimos guias, particularmente no que diz respeito a como o conhecimento científico é realmente fabricado” (HARAWAY, 1995, p. 9).

Em exame, a objetividade política, relevância social e legitimidade científica de assumirmos noções que subsidiam a interpretação sobre os itinerários de individuação e socialização no advento de uma cultura de capitalismo informacional e de uma informática da dominação (HARAWAY, 2009), que insere, ao modo de ser humano *ciborg*²⁷, eficientes recursos para novos processos de colonização. Trata-se de esvaziar o caráter corporativo da “disputa por significar o real”, como sugere Marco Aurélio M. Prado (PRADO, 2001, 170). Ou, como ilustra Omar Ardans (ARDANS-BONIFACINO, 2001):

Talvez a noção de metamorfose, com todo o caráter pré-científico que possa lhe ser atribuído seja, por isso mesmo, capaz de oferecer à psicologia social aquele trânsito entre esferas e âmbitos da vida que outras categorias mais firmes, embora menos fluidas, não lhe permitem. Talvez o destino da metamorfose seja continuar pré-científica e, à maneira das raízes de uma árvore, permanecer oculta enquanto só vemos as partes visíveis da própria árvore que crescem dando segurança e, em muitos casos, também alimento. Talvez, numa determinada visão de ciência ela seja mesmo pré-científica ou, quem sabe, chegue a hora de uma outra ciência. (ARDANS-BONIFACINO, 2001, pg. 124)

Retomar a corporeidade na discussão das metamorfoses como fizeram Cecília Pescatore (PESCATORE, 1997) e Claudia Lopes (LOPES, 2014), submeter significados sociais de dogmas e tabus a uma crítica baseada em valores pós-convencionais (KIYAN, 2005; ARDANS-BONIFACINO, 2001) é oferecer uma perspectiva científica localizada politicamente a respeito da dialética em questão: trata-se de conhecimentos situados.

Assinala Ciampa (CIAMPA, 2002, s/n), “talvez o segredo dos “engenheiros de almas” nada mais seja que construir a ilusão de que um discurso do exogrupo é expressão autônoma do intragrupo”. O risco é de uma dupla sujeição patriarcal da noção de indivíduo que tende a se estender ao processo de individuação e as suposições de autonomia e alteridade. Primeiro porque já são seletivas as variáveis de investigação e o recorte de pesquisa que, em geral, dirigem-se a desviantes e não a subalternos. De um ponto de vista meta-teórico, a proposta de entrevistar sujeitos emblemáticos não se refere àqueles(as) que divergem da norma mas, no

²⁷ Como exemplo do processo que se quer retratar, replico citação de Hari Kunzru: “Vencer os Jogos Olímpicos na era do ciborgue não tem a ver simplesmente com correr mais rápido. Tem a ver com ‘a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo’” (KUNZRU, 2009, p. 23). Uma rede de complexidade bio-tecnológica dirigida por interesses instrumentais é, então, exposta.

potencial ou na práxis de um projeto de vida, assinalam libertarem-se de algum tipo de condição de subalternidade.

Concomitantemente, a narrativa deste sujeito de pesquisa também será submetida à equivalência de um corpo conceitual intelectualmente construído de “dentro”, cujos instrumentos metodológicos de compreensão devem restringir seu objeto como “aquele que está fora”. O segundo risco de sujeição patriarcal sustenta-se numa retórica argumentativa que garantiria, então, certa imparcialidade acadêmica e neutralidade política, sem efetividade no acesso e na aplicação das informações e argumentos abrangidos.

Aparatos sensorio-perceptivos educados para a realidade empiricista são convocados a detectar verdades confiáveis para responder perguntas capitais que movem a investigação. Um engodo que se afirma ao designar itinerário heterônomo para a metodologia e às considerações de pesquisa, quando o habitual pensamento lógico-formal fragmenta o processo identitário e substantiva o sujeito para encontrar aspectos que permitam adotar padronizações e categorias de universalidade. Correspondente eleição de sistemáticas categóricas para abordar e investigar aspectos das metamorfoses humanas pode favorecer, dentro e fora dos domínios acadêmicos²⁸, a estrutura lógica que pesquisas críticas intentam questionar. O modo de aplicação de noções antagônicas no estudo dos processos identitários pode levar à classificação hierárquica de conceitos, o emprego de técnicas metodológicas heterônomas e a resultados viciados.

Recortes conjunturais e o tratamento conceitual dos dados de pesquisa são aspectos que sustentam a edificação de interpretações mais ou menos críticas. Mesmo ordenamentos em torno de princípios universalizáveis e direitos humanos podem ser coadjuvantes na legitimação “de um sujeito abstrato, artificialmente construído pela lei do trabalho e da adaptação a um determinado sistema político e social”, como adverte Massimi (MASSIMI, 2010, p. 48).

A preocupação de escalar particularidades como pautas de caráter político minoritário e ações afirmativas sem delatar a racionalidade de dominação que a sustenta leva Ciampa a se pronunciar, no texto *Políticas de identidade e Identidades políticas*, com relação a discrepante proposição e atualização dos sentidos de emancipação humana. A preservação do espaço político como arena de constante tematização de questões individuais e coletivas aparece, para Ciampa, como uma das contradições mais relevantes dos movimentos de caráter ativista. O que faz vigorar o questionamento sobre a produção de estereótipos coletivos que exigem a

²⁸ Como caminham os estudos culturais (ESCOSTEGUY, 2001), em busca do protagonismo em mídias, artes e estéticas da vida cotidiana.

construção, o reconhecimento e manutenção de identidades consolidadas empiricamente para desenvolvimento de agendas públicas.

A noção de identidade política aqui trabalhada possui afinidades com um nível de *identidade pós-convencional do Eu*, em que Habermas (1983) levanta a necessidade de que, em algum momento da experiência de desenvolvimento do Eu, abdicamos do suporte fornecido por uma identidade coletiva para escolher com base em princípios éticos e equânimes internalizados e editados com autonomia.

Ainda que reconheçamos os incrementos e quão imprescindíveis são as identidades de grupo para o desenvolvimento da consciência moral, as identidades de grupo se concentram na prospecção de regras gerais e programas humanizatórios ou processos de formação de normas e valores heterônomos e homogeneizantes, por certo, incompatíveis com as recentes expressões ativistas na internet.

A igualdade formal do direito e a desigualdade social de fato nos obriga, de acordo com Ciampa, a buscar saídas emancipatórias ainda nas articulações entre posições identitárias e a auto-regulação jurídica da posição de cidadãos livres e iguais (CIAMPA, 2002). Na pretensão de encontrar subsídios legalistas universalmente válidos para alargar as condições de emancipação humana, restrições morais estatutárias, insistentes homogeneizações e dissimuladas armadilhas heteronormativas transcorrem em declarações, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, oficializada em 1948.

É mote de investigação para pesquisas em psicologia social crítica tendências de humanização em políticas e/ou projetos identitários. Pela irrigação de interesses e exercícios de poder na instância política de proposições identitárias nas sociedades democráticas, são considerados programas hegemônicos de cunho humanizatório: uma proposta civilizatória falocêntrica, a ideia de ordem e progresso, a ideologia individualista e, mesmo, os ideais iluministas que inspiram utopias revolucionárias.

A equivalência universal do termo homem como representante de sua espécie protagoniza a História divulgada e designa, por meio de instrumentos de humanização como as ciências, a legitimação do androcentrismo²⁹ e seus eixos de discriminação identitários. Como delata Rosi Braidotti (2002),

²⁹ Em 1903, Lester F. Ward () cunha o termo para se referir à ideologia de que as formas das experiências masculinas são as experiências de todos os seres humanos, homens e mulheres e, portanto, matrizes universalizáveis. A tendência quase universal de se reduzir a raça humana ao termo "homem" é uma de suas expressões.

O efeito desta invisibilidade estruturada e do processo da naturalização do *ser branco* é que ele se mascara como uma “falta de cor multicolorida”. O branco contém todas as outras cores. A consequência metodológica e política imediata disto é que o *ser branco* é muito difícil de ser analisado *criticamente*. (...) Tende a sucumbir a subcategorias de ser branco: a irlandesa, a italiana, a judaica, etc. Segue-se, portanto, que não-brancos tem uma percepção muito mais clara do ser branco do que os brancos. (BRAIDOTTI, 2002, p. 08)

A normatização da noção de indivíduo³⁰ como sujeito e/ou objeto das ciências humanas e baluarte da sociedade democrática é íntima da cultura individualista e dos valores patriarcais e eurocêntricos que alicerçam sociedades de economia capitalista. Como exemplo, vale citar Patrícia Arzabe e Potyguara Graciano, procuradores(as) do Estado de São Paulo, quando assinalam o teor das mudanças ocorridas entre a Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1789 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948:

Diferentemente da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que se estende a todas as pessoas, sem, contudo, possuir originariamente caráter vinculante, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 efetivamente integra o direito positivo francês - vigorando até a atualidade, ao lado da Constituição francesa. Os traços comuns desta com a Declaração da ONU, como a afirmação da liberdade, da propriedade, da segurança como direitos inerentes ao homem, o princípio da legalidade, o princípio da reserva legal e o da presunção de inocência, a liberdade de opinião e de crença, dentre outros, são, sem dúvida, referências da linha comum que ligam os dois documentos. (BRASIL-PGE, s/d, <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/tratado4.htm>, último acesso: 20/11/2014)

Uma extensão de domínio do pensamento patriarcal sobre outras formas de conhecimento, que oferece entraves meta-teóricas para pensar a diversidade conceitualmente, acentuando tendências para a construção de objeto e predileções analíticas. Este elementos dizem respeito aos parâmetros metódicos das ciências que imprimem uma ordem de execução da pesquisa, predominantemente, do levantamento bibliográfico à pesquisa de campo. Suas especificidades necessitam controlar a ordem dos fatos, quando o que ocorre é que durante todo o processo de pesquisa somos convidados(as) ao desnorteio, a nos desconcertarmos e

³⁰ É permanentemente reafirmada a projeção de características e políticas identitárias colonialistas que implicam acepções da individuação superpostas nas performances de um padrão de personagem civil como consumidor/adulto/homem/branco/heterossexual/escolarizado.

rearticularmos regularmente, afetados(as) em tantas mais outras instâncias que a intelectual pelo encontro propiciado pelas entrevistas de narrativa de história de vida. Por isso, a experiência de pesquisadores(as) sob suporte teórico do sintagma identitário compactua a angústia de *abrir caminho teórico no curso de pesquisar*³¹.

É recorrente – e pertinente às nossas pesquisas – não saber por onde começar e, muito menos, os caminhos e temáticas a enfrentar. Concebemos e abortamos problemas de pesquisa desde o primeiro contato com um(a) potencial informante ou após a última transcrição de entrevista de coleta de história de vida. O que pode ser retratado em diários de campo que somam de interesse comunicativo as considerações e justificam caminhos não lineares ou lógico-formais das pesquisas de cunho compreensivo e emancipatório.

Neste ínterim, abre-se espaço para interfaces tecnológicas para construção de objetos de pesquisa, localização de sujeitos informantes e emblemáticos, coleta de dados, formação e intervenção de pesquisa de campo, mapeamento de indicadores estatísticos e produção intelectual, entre outros recursos. O rigor ético-político se ancora, por tais princípios, na reordenação do discurso pelo(a) pesquisador(a) diante da narrativa própria dos sujeitos de pesquisa. Trata-se de vigorar o conhecimento pela assertiva síntese da teórica Anne Fausto-Stearling: “(...) o que concluímos sobre as experiências passadas das pessoas depende em grande medida de acreditarmos que nossas categorias de análise transcendem o tempo e o lugar.” (FAUSTO-STEARLING, 2001/2002, p. 49)

A dinâmica de extensão da objetividade social e dos requisitos hierárquicos de categorização para normatividade constitutiva da organização psicossocial e do *sujeito psicossociológico* (MEAD, 1972), são elaboradas e disseminadas na instancia política dos processos identitários. A necessidade de comunicação para consenso coletivo é sistematizada pelo estabelecimento de conceitos científicos que presumem oferecer apoio e estabilidade semiológica³² à normatividade social. E, a propósito do consenso, os processos colonizatórios centralizam a eleição e validação de um único e perpétuo método capaz de conhecimento.

O imperialismo metódico retroalimenta-se de critérios fundamentados na especialização e fragmentação dos conhecimentos, cujo rigor insinua acomodação do conhecimento produzido às convenções da comunidade científica. Reduzir erros, neste caso,

³¹ Recorro ao poeta espanhol Antonio Machado, pela apropriada imagem ao momento argumentativo, articulado à ideia de um “pesquisador conversador”, do psicólogo social Peter Spink. In: SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. Revista Psicologia & Sociedade; n. 20, Edição Especial. São Paulo, 2008. p. 70-77

³² “Entendendo-se por universo semiológico o conjunto de signos socialmente criados – seria a natureza socialmente recriada e transformada. Neste sentido, este universo traz em si toda a ideologia de uma sociedade que se reproduzirá na linguagem e nos discursos situados.” (LANE, 2004, p. 37)

significa a eliminação da subjetividade e da experiência para além de suas disposições como objetos de pesquisa. Daí decorre preocupações com relação à neutralidade científica que se ocupa, primordialmente, de manter a cisão entre os sujeitos da ciência e o conhecimento que produzem (SARDENBERG, 2007).

A replicabilidade dos casos, por sua vez, exige e alcança aperfeiçoamentos da eficácia tecnocrática para permanente extensão de seu domínio enquanto proporciona categorizações universalizáveis. Logo, é de modo oligárquico e imperativo que também encara seus instrumentos metodológicos, sujeitos e objetos de pesquisa. Acentua Edgar Morin que “o entendimento simplificador que nos formou só pôs à nossa disposição conceitos atômicos e não molécula *res*; conceitos químicos isolados e estáticos, e não conceitos organísmicos que se co-produzem na relação recorrente de sua interdependência.” (MORIN, 2005, p. 265).

Há tempo a filosofia feminista (WILSHIRE, 1997; BIRULÈS y GATELL, 2011; SARDENBERG, 2007) percebeu a relevância social e política de denunciar mecanismos estratégicos de assimilação ou de contenção de modalidades identitárias³³ que oferecem qualidade política às metamorfoses. Decodificar a estrutura patriarcal que perdura no campo científico é estar atendo às imprevisibilidades da experiência em investigação, na maneira como regurgitamos designações de desvio, localizamos a excentricidade e produzimos anamorfoses sobre o modelo heteronomativo.

Se considerarmos que estudar metamorfose humana é estar diante de uma macroproposição existencial contemplada em um feixe holográfico identitário, as modalidades de experiência que dispensam o método lógico-formal para constituir conhecimento atende uma circunferência virtualmente amplificada dos nosso caminho epistemológico. Na politização de fenômenos biotecnológicos podemos mover as formas de raciocínio oposicionista de discussões popperianas em torno de um *problema de demarcação* ou de fronteirização de verdades para a polinização de conhecimentos encarnados. É desta maneira que almejamos abordar o potencial de metamorfose, como “aquilo que possibilita o trânsito entre as províncias de significado, cujas fronteiras não estão” - e, por suposto, não podem ser – “suficientemente demarcadas”, (ARDANS-BONIFACINO, 2001, p.71-72). Tanto uma confiança utopista na mesmidade ou na individuação isolacionista quando a proclamação da saturação prática e teórica da noção de identidade pode validar ou intimidar insinuações ideológicas de reconhecimento de processos pós-convencionais no âmbito das políticas identitárias coletivas.

³³ Aspectos de mesmice e de mesmidade do processo identitário.

No artigo *Teoria crítica e pesquisa empírica na psicologia*, Iray Carone (2001) reflete criticamente a viabilidade de práticas experimentais nos estudos frankfurtianos e apoia a conclusão adorniana de que o conhecimento da gênese social e psicológica são “indiscerníveis” na vida cotidiana e que “é impossível separar os procedimentos e técnicas de mensuração dos resultados finais da pesquisa”. (ADORNO apud CARONE, 2001, p.13-14) Esta parece ser uma tendência que levou à emergência de caminhos alternativos às ciências normais – que não inferem abolição ou anulação do método formal – e que provém da base subalterna aos padrões dos povos colonizadores.

Parece que delineamos nossa tarefa meta-teórica: abordar o objeto de pesquisa de modo a não sujeitar suas encarnações à delimitação de um problema, mas propor-lhes exposição de temas transversais que se tornam objetivos de investigação apenas nas intersecções com outras histórias de vida e acepções teóricas afins. Resgatar a instância política desta produção heterônoma significa, neste caso, animar a desapropriação do protagonismo nas representações coletivas de pretensão universalizável, além de redefinir interesses de conhecimento: quem pode/deve conhecer o quê, quem ou o quê precisa ser conhecido e em função de quem ou do quê se empreende um fazer científico, independente de sua trilha lógica.

Permanecer em mesmice parece ser o que concedeu a exclusividade metódica e jurisdição valorativa, até os dias atuais, para o imperialismo da lógica formal sobre outras formas de produzir conhecimento (WILSHIRE, 1997). O privilégio da mesmidade tem se fundado, por outro lado, como cooptação de desenvolvimento humano tecnocrático. O fato da tradição científica ser androcêntrica e se coligar a fundamentos neoliberais faz com que militantes e teóricas(os) da diferença caminhem, desta forma, para um pensamento autonomista e promíscuo, por definição. Suas propostas são localizadas pela parcialidade e autenticidade a que estão sujeitas, excedendo as fronteiras, temporalidades e representações de entendimento formal, legitimidade normativa e, até mesmo, uma virtualidade emancipatória que circunscreva suas reivindicações apenas como demandas particulares. É por isso que se pode afirmar que uma epistemologia feminista não trabalha apenas em função dos direitos das mulheres, mas, contra um sistema de designação que aflige categorias identitárias em processos de humanização para produzir dominação e exploração.

1.3 O pensamento acadêmico feminista e a virtualidade de suas metamorfoses

As filosofias e discursos políticos feministas, posteriores a 1970 e convergentes ao pensamento da complexidade e à perspectiva pós-estruturalista, ajudam-nos a superar dilemas de ambiguidade lógica e prática instaurados nas sínteses conceituais e formatações teóricas do conhecimento. Interpretações e atualizações advindas nesta pesquisa bebem desta fonte, especialmente, de um feminismo da diferença, concebido por Victoria de León (DE LEÓN, 2000) como uma reconsideração da complementaridade de pautas dissidentes da primeira e segunda onda feministas³⁴ e suas pautas sobre eixos de poder e opressão que operam de modo tão diversificado quanto são as mulheres.

Suely Costa (COSTA, 2009) lembra-nos que contingências geracionais específicas marcam diferentes momentos dos feminismos. Contudo, concebida numa perspectiva de paridade, tais ramificações são rizomáticas, ou seja, alimentam-se de seus movimentos conjunturais para avançar em novas combinações, sem a necessidade de superação. A tessitura de redes de amizade e cumplicidade entre mulheres para compartilhar dúvidas, informações e confidências fez com que a reivindicação da diferença fosse tomada, de modo resumido, pela “experiência vivida, de descoberta de um mundo que realmente conseguimos transformar, pelo menos dentro de nós. E, com certeza, além de que estávamos fazendo política já que o que intentava o feminismo era outorgar o estatuto também como privado”³⁵, lembra De León (DE LEÓN, 2000, s/n).

É no próprio campo feminista que a terceira onda instaura dúvidas às tendências universalizantes e às micropolíticas de um colonialismo teórico dos grandes centros que impregnam paradigmas científicos. Ver, ouvir e acompanhar àqueles(as) que são/estão silenciados(as) significa partir para uma metodologia dos(as) oprimidos(as), baseada no seu conhecimento localizado e encarnado (ANZALDUÁ, 2009; SANDOVAL, 2004; SPIVAK, 2003).

Trabalhar o conhecimento científico pela lente de quem, até então, fora subtraída de participação nos círculos acadêmicos ou mesmo nos movimentos populares de

³⁴ A autora refere-se às reivindicações da primeira onda, das feministas sufragistas, como uma escolha de lutar pelas urgências e pela igualdade civil e a segunda onda feminista, pós 1968, como que se encaminhando para eleger sobre “o importante”, ou seja, sobre mudanças da vida prática.

³⁵ Tradução própria: “Aquello pertenece ya a la experiencia vivida, al descubrimiento de un mundo que realmente conseguimos transformar, al menos dentro de nosotras. Y con la certeza, además, de que estábamos haciendo política, ya que lo que intentaba el feminismo era otorgar tal estatuto también a lo privado.” (DE LEÓN, 2000, s/n).

reinvidicação³⁶, a não ser quando no lugar de sujeito de pesquisa ou como o próprio objeto de estudo. Um problema em si para uma crítica revolucionária, acadêmica ou de viés militante. Como indica Londa Schiebinger (SCHIEBINGER, 2001, p. 263), as arqueólogas, principalmente, tem contribuído para desvendar como hierarquias de status na disciplina subordinam mulheres tanto, como sujeitos quanto, como objetos de investigação arqueológica. Assim, feministas acadêmicas tem se valido de outras formas de compreender interesses reivindicatórios e de reconhecimento identitário que autorizam a pensar fora da hierarquização de categorias identitárias e estereótipos binarizados.

Prejuízos e lacunas da imposição de um conhecimento ocidentalizado, apolíneo, factual e sistêmico parecem ser advertidos, como assinala Fina Birulés (BIRULÉS, 2011), por intermédio do resgate de obras de filósofas feministas. Pode-se apostar, sobretudo, que um deslocamento metódico também proporciona uma experiência de arrebatamento do(a) pesquisador(a) pelos detalhes intuídos, farejados, pelos gestos estilísticos dos eventos sob investigação e outras sensibilidades despertadas dentro de um paradigma científico *indiciário* (GINSBURG, 1989).

Donna Wilshire “insiste na importância do mito, da metáfora e do arquétipo como fontes do conhecimento há muito excluídas de nossas tradições dominantes” (WILSHIRE, 1997, p. 12) enquanto Rosi Braidotti (BRAIDOTTI, 2002, 2005a, 2005b) lança-se ao desafio de pensar os “processos e os fluxos de dados, de experiências e de informação que fluem entre si” (BRAIDOTTI, 2002, p. 14), uma vez que o pensamento conceitual não abrange em complexidade as incessantes mudanças na contemporaneidade.

Estar inapropriado(a) perante uma legitimada identidade coletiva, por sua vez, parece gerar outras redes de vinculação ativista por afinidade que se produzem, de acordo com a chicana Chela Sandoval (SANDOVAL, 2004, p. 93), “mediante atração, combinação e relação esculpida desde e apesar da diferença”³⁷. Assim, foi composta a noção de mestiçagem em textos de mulheres norte-americanas negras (CRENSHAW, 2002) que, desde a década de 1960, reivindicam o reconhecimento, dentro do movimento feminista e do movimento negro,

³⁶ Como é o caso de mulheres negras, quando não encontram reconhecimento e apoio para as especificidades em suas reivindicações, tanto no movimento negro quanto no movimento feminista; o caso de mulheres socialistas em partidos políticos de esquerda. Ou ainda, recentemente, as reivindicações de transexuais que não são acolhidas em movimentos feministas mais radicais. Para acompanhar o debate, um texto publicado no “blogueiras Negras”, de autoria coletiva das mantenedoras do blog em 08 de julho de 2014, intitulado “O feminismo negro é absolutamente incompatível com a transfobia”. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/07/08/o-feminismo-negro-e-absolutamente-incompativel-com-a-transfobia/> (último acesso: 27/12/2014)

³⁷ Tradução própria: “Estos vínculos de afinidad se producen mediante la atracción, combinación y relación esculpida desde y a pesar de la diferencia, y son lo que compone la noción de mestizaje en los textos de la gente de color.” (SANDOVAL, 2004, p. 93)

que os eixos de desigualdade que as afetam se inter-relacionam e as submetem a outros níveis de opressão. Como exposto por Ilana Lowy (LOWY, 2000):

Paralelamente, no contexto de um debate que opunha a universalidade do gênero humano à particularidade da condição feminina, os estudos de gênero propuseram substituir a ideia de um “universal” abstrato que não tolera a diversidade, por uma ideia de um “universal concreto” (conceito tomado de Françoise Collin) baseado na comunicação de indivíduos “situados”. Longe de provocar a abolição de todas as singularidades, o desenvolvimento desse “universal concreto” enfatiza a valorização delas. (LOWY, 2000, p. 31)

Dáí a implementação de um feminismo interseccional que ganha novas frentes, como no campo que nos interessa para a presente discussão, das tecnologias de informação e as relações de gênero. As cientistas sociais alemãs Gabrielle Winkler y Nina Degele (GALINDO et al., 2013) tem demonstrado esforço interdisciplinar para desenvolver uma reflexão acerca da diferença e incidências da desigualdade nos níveis de representação simbólica, identidade e estrutura social.

Seguimos norteados(as) pelas afinidades sucedidas em função da construção do objeto de pesquisa em campo interdisciplinar. Chandra Talpade Mohanty (2008) tem dispensado atenção também à interseccionalidade, cujos propósitos e perspectivas científicas regionalizadas envolvem ganhos em autonomia, reconhecimento cultural, posicionamento geopolítico e disseminação de narrativas dissidentes da História. Segundo a autora, estratégias de construção intelectual e política dos *feminismos de terceiro mundo* têm por responsabilidade dois projetos simultâneos: a crítica interna das teorias hegemônicas³⁸ e desmantelamento de interesses imperialistas heterônomos. Paralelamente, vimos a construção/criação autogerida de mecanismos estranhos às ferramentas de colonização, para incluir os conselhos de Audre Lorde (1984). É contra a abstração etnocêntrica do olhar de pesquisador que feministas tem confiado perspectivas ancoradas e personificadas. Trata-se de “perspectivas situadas e aplicadas às políticas de localização: é hora de olharmos com frieza para nossa própria situação”, adverte Donna Haraway (HARAWAY, 1995, p. 12), “precisamos de estratégias políticas e figurações imaginárias adequadas à nossa historicidade”.

Também é presente um discurso da complexidade nos estudos do sociólogo Erving Goffman (1988) que, ao falar de uma microsociologia das interações humanas, emprega a

³⁸ No caso, a feminista indiana Chandra Mohanty demarca sua discussão no campo dos feminismos “do Ocidente” e cuja crítica se dirige a marcante política imperialista.

noção de “sistemas de atividades situadas” como saída estratégica para sistematização das impressões sociais de caráter identitário sem categorizá-las. Como vemos, parte da produção de investigações críticas no campo das ciências humanas e sociais tem contado com tal perspectiva a fim de atualizarem-se frente metamorfoses do contemporâneo e desconstruir a supremacia autoritária das explicações essencialistas e uniformizantes sobre o humano e a sociedade.

Em entrevista para Viveiros de Castro, Marilyn Strathern (1999) ilustra o benefício aos seus estudos em antropologia social da aproximação com a epistemologia feminista: “a antropologia feminista nos sintonizava com certos debates que não tomavam os paradigmas antropológicos como auto-evidentes. Tais debates exigiam uma fundamentação a partir de um outro conjunto de questões.” (STRATHERN, 1999, p. 159). Este deslocamento é aludido, por ocasião da tese, nas contribuições que possa oferecer para a noção de sujeito do sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Penso que a curiosidade epistemológica que leva a revisitar alicerces filosóficos do sintagma identitário apoiada no pensamento feminista e da complexidade é a busca por novos fragmentos de emancipação da própria perspectiva teórica com relação à atualização crítica de suas lentes.

Apesar das adjacências e discordâncias entre as autoras, o tema da diferença frente à questão da igualdade é ponto propulsor das críticas erigidas pelas mesmas, caracterizando um feminismo de vanguarda (SCOTT, 1988; BRAIDOTTI, 2005b). Como aponta Victoria Séndon De León (DE LEÓN, 2000), o feminismo é um “devir de luta e vida” que, ao promover uma cultura de *sororidade*, acolhe e também infringe rompimentos dentro e fora de suas circunferências.

Certa irmandade compactua com um clima de cumplicidade e de conhecimentos situados (LÖWY, 2000; HARAWAY, 1995), pois “um ambiente sem padrões, noivos, maridos, sem secretários gerais que mediarão entre nós e o mundo, uma bolha virtual que explodiu e jogou-nos ao mundo com muito mais confiança em nós mesmas”³⁹(DE LEÓN, 2000, s/n). Apesar das dissidências em torno da noção de sororidade e seu potencial homogeneizador (MACHADO, 1992), Suely Costa ajuda-nos a esmiuçar a intenção sugerida:

Eu a traduziria, mesmo, como uma “ideia-força”, no sentido gramsciano, associando e mobilizando mulheres muito diferentes entre si em lutas por direitos reprodutivos e por defesa de mulheres contra a violência doméstica. Essa ideia, de fato, toca fundo as sensibilidades das mulheres e tem um

³⁹ Tradução de autoria própria: “un ambiente sin jefes, sin novios, sin maridos, sin secretarios generales que mediaran entre nosotras y el mundo, una burbuja virtual que estalló y nos lanzó al mundo con mucha más seguridad en nosotras mismas.” (DE LEÓN, 2000, s/n).

caráter inaugural e propulsor de agitação e de movimento intensos, de um ímpeto, de uma torrente, de um tumulto, seguido, depois, de uma “sensação que, após atingir um ponto alto” – como uma onda engrossada por motivações políticas no sentido de conquistar direitos reprodutivos, de denunciar a violência doméstica e de fixar reivindicações de proteção social para mulheres – “se dissipa”. Essa matéria invisível, além de associar mulheres muito diferentes entre si, define pertencas em torno de “causas” comuns e algumas menos comuns, como a da descriminalização do aborto. (COSTA, 2009, p. 13)

Uma proposta de filiação que, potencialmente, dá vasão a um tipo de feminismo ciborgue (HARAWAY, 2009, 2003), da não-binaridade e nômade (BRAIDOTTI, 2002), “num mundo pós-moderno onde o amor se concebe como aliança-de-afinidade e afeto por meio de eixos de diferença que se intersectam dentro e fora do corpo”⁴⁰ (SANDOVAL, 2004, p. 93-94).

Um efetivo pluralismo no pensamento feminista pôs em xeque a onipotência da “objetividade” e presenteou-nos com o esforço de reconhecimento de *saberes localizados* (HARAWAY, 1995). Um projeto de ciência que requer uma outra explicação do mundo, baseada na relação crítica e reflexiva diante das práticas de opressão e de privilégios que todas as posições e tecnologias semióticas para construção de sentidos e interpretações contém. Donna Haraway e, em consonância com a ideia de ciência sucessora de Sandra Harding (HARDING, 1993), reitera a importância de focar na “diferença irreduzível” e na “multiplicidade radical dos conhecimentos locais”, numa “capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder” (HARDING, 1993, p. 16).

Definições científicas androcêntricas ressoam politicamente sobre a construção do objeto e circunferem o campo de experimentação, o que leva a considerar, sobretudo, a própria pesquisa como um evento de propósito emancipatório. Como assinala Andrea Nye (NYE, 1995), a primazia do pensamento abstrato contém a prerrogativa de uma restrição natural às mulheres. Identificado certo dispositivo bio-político de exercício do poder, uma brecha emancipatória se cofiou firmar por uma *“écriture féminine”*, exemplifica: “Ao escrever a mulher pode resistir ao papel que lhe é atribuído no simbólico e pensar “entre” as palavras não atada pelo “mais” e “menos” de categorias oposicionais.” (NYE, 1995, p. 225-226).

⁴⁰ Tradução própria: “El mestizaje (...) puede entenderse como una compleja clase de amor en el mundo postmoderno donde el amor se concibe como alianza-de-afinidad y afecto a través de ejes de diferencia que se intersectan dentro y fuera del cuerpo.” (SANDOVAL, 2004, p. 93-94)

A escrita feminina – tal como a demarcação crítica de pessoas e grupos em subalternidade (FIGUEIREDO, 2010) – configura-se como ferramenta de transgressão de sintaxes, de gêneros discursivos e de realidades de opressão e subordinação; lugar para se imaginar, se re-criar e agir “(...) fora das distorções da teorização masculina e androcêntrica. Mulheres cultas, com elegância e espírito, interrompem o suave funcionamento do discurso acadêmico com trocadilhos e anagramas.” (NYE, 1995, p. 244), assinala a filósofa. É, afinal, a aquisição de um axioma linguístico que permite ao humano significar a si e ao seu entorno e, como independe de qualquer presença material ou necessidade física para tal, é capaz de exprimir, numa instância de virtualidade, outros modos da existência reguladas por *afinidades eletivas*.

A esperança da *"écriture féminine"* era de que o feminismo pudesse finalmente ir *além* do pensamento político, econômico e psicanalítico masculino. Entretanto, uma vez que a teoria pós-estruturalista identificava o próprio pensamento com o significado simbólico, o "além" feminino tornou-se um vácuo que só podia ser preenchido com fragmentos de poesia e fantasia. O que tinha de ter ficado fora do pensamento masculinista converteu-se no que o pensamento racional não era — uma definição que prescrevia certo lugar e certa função específica para o "feminino". Mais uma vez a feminilidade foi colocada dentro das explicações dos homens de suas próprias relações conflituais. (NYE, 1995, p. 244)

Na relação antitética sujeito-objeto a mulher representa o signo especificamente designado para, em contraste, manter a ordem de universalidade do significado, hegemonicamente, masculino. O caminho das críticas pós-estruturalistas de Deleuze e Derrida seguem, portanto, as seivas de uma botânica execrada pelo formalismo científico:

A linguagem e o hímen permitem o que é impossível na realidade: pode-se amar e matar ao mesmo tempo; pode-se fazer da morte ou da ausência a afirmação da presença. Numa espécie de masturbação textual pode-se produzir a partir do nada um universo de desejo para substituir uma realidade inatingível ou inviável. (NYE, 1995, p. 246)

Como indica Bruna Barreiros (2008), a produção de fanzines foi uma opção de comunicação para os coletivos feministas da década de 1970 no Brasil, uma vez que o movimento era rechaçado pela imprensa oficial e também pela alternativa. Fanzines dizem respeito a uma publicação de baixa circulação, de caráter artesanal e que não objetiva lucros.

“Dissociado de empresas, governos ou instituições, ele apresenta independência editorial, e, sem periodicidade, formato e tiragem definidos, abre espaço para o experimentalismo estético e temático.” (BARREIROS, 2008, s/n)

Feita por “fãs” de determinadas temáticas – de *fanatic zine* –, dispõe a troca de informações e divulga dotes artísticos entre pessoas também interessadas. Fanzines costumam ser distribuídos em feiras culturais, manifestações e shows alternativos.

Com uso marcante na Europa, em especial na França, durante os movimentos de contracultura de 1968, o veículo foi largamente utilizado pelo movimento de mulheres. O primeiro fanzine feminista de que se tem notícia é o “Riot Grrrl”, produzido por Molly Neuman, da banda punk Bratmobile, e que intitulou o movimento. (...) Já no Brasil, a influência do movimento Riot Grrrl foi mais forte durante a segunda metade da década de 1990. A banda Dominatrix, principal representante da cena punkfeminista no país desde 1996, foi responsável pela produção do fanzine “KAÓSTICA”, e hoje é responsável pelo “Quitéria”, um dos mais conhecidos portais feministas da Internet. (BARREIROS, 2008, s/n)

Com o desenvolvimento das mídias de comunicação e informação na década de 1990, os fanzines também se submeteram à diagramação e veiculação eletrônica e ramificaram-se nas versões *e-zine* e *webzine*⁴¹ (BARREIROS, 2008). A autora aponta como aspectos positivos da passagem da produção dos zines para o meio eletrônico a facilidade de divulgação e interação proporcionada pela rede internet, a ampliação dos recursos gráficos e, também, a redução do custo financeiro sem necessidade da impressão e envio postal. É neste tipo de ação ativista que vemos como a proposta de expandir a informação e trabalhar na conscientização de novos significados para a metamorfose humana provoca mudanças nas condições e direitos normativos, como é neste caso colocado em pauta, os direitos autorais e de reprodutibilidade da obra.

⁴¹ “Os primeiros são arquivos de texto, enviados por e-mail, em formato *newsletter*. Já os webzines funcionam como páginas da Internet, e permitem um trabalho visual na publicação, pois suportam diferentes mídias. Estes exploram mais os recursos da hipermídia, podendo conter arquivos de som e vídeo.” (BARREIROS, 2008, s/n)

1.4 Metamorfoses epistemológicas e o ciberfeminismo como uma luta por emancipação no capitalismo informacional

Nos arredores de um pós-modernismo remanesce certa tradição de “dissidência imaginativa”, de enfrentamento do *status quo* social e de movimentos políticos e artísticos que resultam no surrealismo, na Internacional Situacionista⁴² e nos ativismos de maio de 1968, relembra Sadie Plant (2002). Do movimento situacionista insurgiram reflexões críticas sobre a organização da sociedade por intermédio de produções artísticas, da vida cotidiana, da arquitetura urbana e do espetáculo. Uma influencia inquestionável no desenvolvimento da cultura e dos discursos políticos do século XXI, bem como, das pautas ativistas. Como observa Donna Haraway,

(...) os construcionistas sociais puderam sustentar que a doutrina ideológica do método científico e toda a verborragia filosófica a respeito da epistemologia tinham sido inventadas para distrair nossa atenção de chegar ao conhecimento do mundo efetivamente através da prática da ciência. Deste ponto de vista, a ciência - o jogo real, aquele que devemos jogar - é retórica, é a convicção de atores sociais relevantes de que o conhecimento fabricado por alguém é um caminho para uma forma desejada de poder bem objetivo. Tais convicções devem levar em conta a estrutura dos fatos e artefatos, tanto quanto os atores mediados pela linguagem no jogo do conhecimento. (HARAWAY, 1995, p. 10)

Transformações tecnológicas, econômicas, sociais de modo geral e na virada do século XX para o XXI levam a pensar suas organizações como “uma coleção descentrada e sem rumo de imagens e aparências, caracterizada por uma consciência fragmentada, dispersa e construída pelas relações sociais das quais provêm declarar a impossibilidade aparente de progresso futuro e fundamento histórico”⁴³(PLANT, 2002, p. 112) Entretanto, não herdamos da postura situacionista apenas a obstinação pós-moderna de negar significados, conceitos e a

⁴² Criada em 1957, a Internacional Situacionista (SI) mantém seu caráter revolucionário graças a sua caracterização de uma “tradição difusa de rebelião heterodoxa” (PLANT, 2002, 111), ainda que se mantenha em base marxista. Uma obra expoente deste pensamento é a *Sociedade do Espetáculo*, escrita por Guy Debord em 1967. Tal crítica à sociedade capitalista – também estendida ao bloco socialista – indica que a alienação fundante de uma sociedade de classes separa e torna seus membros espectadores não só do que produzem e consomem, mas de suas próprias experiências, emoções, criatividade e desejos.

⁴³ Tradução livre de: Like the situationists, they observe that the world now seems to be a decentred and aimless collection of images and appearances, characterise consciousness as fragmented, dispersed, and constructed by the social relations in which it arises, and declare the apparent impossibility of future progress and historical foundation. (PLANT, 2002, p. 112)

própria noção de história construída na modernidade. As qualidades de transformação do humano insinuadas levam à desestabilização de fronteiras conceituais e tornam viáveis apropriações críticas da tradição (CAMPOS, 2013), tanto quanto, a atualização dos sentidos de humanização que, por sua vez, implicam em outras condições normativas e objetivas para a metamorfose. Se o derrotismo atribuído à História ainda é incipiente, não nos resta a dúvida de que a Humanidade se metamorfoseia dentro de tempo/espço histórico e recíproco às provocações emancipatórias e regulatórias de incessantes metamorfoses singulares.

O fato de a história oficial da humanidade ter sido contada por seres humanos em hegemonia política apenas acentua seu caráter de versão. Interpretações científicas também são construídas de muitas versões, porém, carregam a sobreposição hierárquica da história patriarcal da humanidade oficializada. Confia-se que o abandono de padrões antitéticos, categorizações generalizáveis e estereótipos do âmbito conceitual da identidade humana, ao romper o pensamento lógico-formal que condiciona a uma interpretação normativa, torne possível expor ressonâncias de metamorfoses humanas que se fundem em ativismo social com potencial emancipatório, em pleno processo de desenvolvimento de *identidades políticas*.

Com o propósito de estimular a hipertextualidade⁴⁴ dos caminhos de pesquisa em ciências humanas e sociais, busca-se produzir alterações significativas na ordem da lógica de autoridade para chegar a considerações de pesquisa dialógicas. É preciso expor as versões – provenientes de referências bibliográficas, das experiências dos(das) pesquisadores(as) envolvidos(as) e da narrativa de sujeitos de pesquisa – para que, em lateralidade, possam ser interconectadas ou “hiperlinkadas” enquanto saberes indiciários (GINZBURG, 1989). Um legado do pensamento situacionista é a forma de contemplação das oscilações e entrecruzamentos de complexas paisagens tópicas que as relações humanas podem constituir, levando-nos a novas compreensões sobre seus estados políticos e sentidos de emancipação.

Como perspectivas periféricas entendem-se as produções de conhecimento que ampliam a consciência do lugar histórico das diferenças num mundo centralizado por uma práxis de poder voltada para a dominação. A alternativa assumida por Sadie Plant (PLANT, 2002; 2000), por exemplo, protagoniza um modo periférico de “trans-contar” a história e discutir o universo da tecnologia digital. Aproximando-se de uma filosofia e de uma produção textual e artística pós-estruturalistas, Plant (2002) amalgama poesia, ficção e jornalismo e, assim, tenta equacionar sistemáticas disciplinares, heranças vanguardistas e estilos do

⁴⁴ Trata-se de um sistema de interconexão e agregação de informações que consistem em incisões múltiplas e específicas em produção de textos, imagens e sons, com novas ramificações rizomáticas. O suporte para sistemas de hipertexto bastante popular em meio digital de internet é o *World Wide Web* (www).

mainstream no protótipo de um conjunto diverso de conhecimentos denominado ciberfeminismo (LEMODS, 2009; VERDÚ, 2007).

Como exemplo de práticas objetivadas, citamos as performances espontâneas do grupo punk-rock de feministas russas Pussy Riot, os manifestos ciberfeministas do coletivo de artistas australianas VNS Matrix, e as provocações da *design* gráfica e acadêmica brasileira Helga Stein ao tratamento das imagens na sociedade do espetáculo (LEMODS, 2009; ROCHA, 2006). As mudanças ocasionadas na sua maneira de perceber o contemporâneo são salientes ao *Manifesto Ciberfeminista para o Século XXI*, das artistas e ativistas feministas australianas do grupo VNS Matrix e, também, do *Manifesto Ciborgue*, encabeçado por Donna Haraway desde 1991.

Antes de proclamar o ciberfeminismo como um novo campo de conhecimento, Sadie Plant (PLANT, 2000) lembra as preocupações que marcaram a filosofia pós-68 com o malogro revolucionário atribuído, justamente, à preocupação de extensão e permanência de ideologias, políticas identitárias e utopias de emancipação iluministas. Devemos, contudo, editar princípios e projetos utópicos à luz da quebra das certezas (PRIGOGINE & STENGERS, 1984), da atual crise de sentidos (BERGER & LUCKMANN, 2004) e descrédito nos discursos identitários (BUTLER, 2003).

É proposital retomar aqui o itinerário identitário da matemática e escritora inglesa, Ada Lovelace (1815-1852), cujas escolhas profissionais revestiram politicamente sua liberdade de impressão e afetos por codinomes e nas margens de livro de terceiros, ressaltando deslocamentos da normatividade que incidem em qualidades emancipatórias,

As distinções entre o corpo principal dos textos e todo o eu pormenor periférico – índices, cabeçalhos, prefácios, dedicatórias, apêndices, ilustrações, citações, notas e diagramas – são há muito parte integrante das concepções ortodoxas de livros e de artigos não-ficcionais. Escrito por um autor, autorizado e com autoridade, um texto escrito é o seu próprio curso principal. As suas partes colaterais são águas represadas que podiam ter sido – e que frequentemente o são – compiladas por editores anônimos, secretárias, copistas e funcionários e, enquanto podem de fato providenciar um apoio crucial a um texto, que também lidam com outros textos, recursos e passagens, também se encontram alinhadas a seu lado e inseridas na sua parte de baixo. (PLANT, 2000, p. 19-20)

Em duplo sentido, ocupar o “pré-texto” ou as notas de rodapé de memórias do engenheiro Luigi Federico Menabrea (1809-1896) e acompanhar de perto a invenção da primeira máquina analítica de Charles Babbage (1791-1871) serviu como pretexto para que

Ada Lovelace trabalhasse, periféricamente, saltos qualitativos no que veio a se configurar, um século e meio após, as redes digitais. E esta é uma versão da história contata por um prisma ciberfeminista, segura de intrínseco compromisso com a receptividade do conhecimento sensível, versado e nômade que tece utopias emancipatórias à metamorfose humana.

Como Ada Lovelace (PLANT, 2000) já intuía, a suplantação de um conjunto de processos mecânicos se dá por modos de construção cada vez mais simples, escandalizando as prerrogativas aristotélicas de hierarquização do conhecimento para a lógica de raciocínio universalizada. Da mesma maneira, as abnegações e ressalvas à concepção do nada ou do vazio pela física clássica só indicam a complexidade de um considerado estado simples da natureza: o vácuo⁴⁵.

A despeito da superioridade acadêmica de métodos cartesianos, esta é uma evidência que uma teoria não pode endossar normativamente uma objetividade que não implique infinitos parâmetros de liberdade e imprevisibilidade às condições paradoxais da própria produção de conhecimento e de objeto de pesquisa, seus buracos constituintes de problemas para investigação. sabemos como nomear. A sugestão de Donna Haraway é de que apenas uma perspectiva parcial pode chegar a uma visão objetiva, nomeado ao que revela como “algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades”, referindo-se à ideologia da visão direta e generativa das ciências e mediações tecnológicas.

O vácuo também é uma noção especial para uma tendência do ciberfeminismo do coletivo australiano *VNS Matrix*, que reclama o corpo e os fluidos do feminino na arquitetura tecno-humana e nas artes. Seu manifesto, escrito em 1991, parece inaugurar novo rizoma do pensamento feminista, como se nota na íntegra⁴⁶:

Nós somos a buceta moderna; positivo anti-razão; sem amarras desenfreadas sem perdão; vemos arte com nossa buceta fazemos arte com nossa buceta; acreditamos no gozo loucura o sagrado e poesia; somos o vírus da nova desordem mundial; desmembrando o simbólico de dentro para fora; sabotadoras do sistema do big daddy; o clítoris é uma linha direta

⁴⁵ Interessa-nos, para a presente discussão, retornar ao conceito de vácuo atentando para a sua preservação do princípio da incerteza. Isso significa que qualquer “ponto zero” traz um paradoxo fundamental: a nulidade da matéria permite suposições de que flutuações em seu interior advêm de partículas em condição de virtualidade (PRIGOGINE, 1996). Entende-se, neste caso, que o vácuo exiba dependências de trajeto que são relativas à perspectiva, referência e interferência do(a) observador(a). A não-presença, em um sistema de campos, de estados excitados por partículas de quantas de energia não invalida, no vácuo eletromagnético por exemplo, as quantidades virtuais que não só flutuam como apresentam consequências físicas. Não obstante, elas surgem e se aniquilam aos pares tão rapidamente que não podem ser submetidas à observação experimental.

⁴⁶ Tradução livre de versão em Inglês exposta no Anexo 1.

para a matriz; a VNS MATRIX; terminadoras do código moral; caímos ao altar da abjeção; cutucando o templo visceral nós falamos em línguas; infiltrando interrompendo disseminando; corrompendo o discurso; somos a buceta do futuro. (http://motherboard.vice.com/pt_br/read/ns-somos-a-buceta-do-futuro-ciberfeminismo-nos-anos-90, último acesso: 20/01/2015)

Na trilha das metamorfoses científicas destacam-se propostas de complexidade transdisciplinar que traduzem um imponderável esforço de renovação epistemológica. Os estudos do matemático Poincaré (1854-1912), somados aos esforços do físico Henry Lorentz (1853-1928) já apoiavam a convergência entre filosofia, tecnologia e ciência na teoria da relatividade. Suas contribuições para a emancipação do espectro conceitual de espaço-tempo são comentadas por Antonio Videira (1997):

Com o progressivo reconhecimento de que a teoria dos fenômenos eletromagnéticos é refratária a uma interpretação mecanicista que seja, ao mesmo tempo, consistente e simples, o modelo de explicação baseado na progressiva expansão da aplicação de ideias mecânicas começou a ser rigorosamente analisado. (VIDEIRA, 1997, p. 3)

Epistemologias e tecnologias são simultaneamente atualizadas por usufruto no tempo histórico das sociedades, confabulando processos mais ou menos equitativos para humanização e proporcionais movimentos de luta por emancipação. Como assinala Videira (1997), uma radical transformação na matemática clássica proveu-se de “‘velhas’ questões metafísicas” como a real natureza do espaço. Poincaré, então, se apoia em novas epistemologias, a fim de suplantar a soberania da teoria geométrica euclidiana já em crise na extensão de seu domínio como teoria do conhecimento. Ao propor um dos desafios mais instigantes da topologia algébrica⁴⁷, Poincaré declara a cisão e sobreposição da ciência física sobre a matemática, sendo a última sua linguagem, seu instrumento de sistematização teórica. Só após este deslocamento de estofa hierárquico pode-se considerar a possibilidade de caos em sistemas deterministas e afirmar a ineficiência das hipóteses nas pesquisas em física (VIDEIRA, 1997).

Pela exposição dos discursos acima já podemos inferir que a heterogeneidade de compreensão sobre o mundo e, particularmente, sobre a relação espaço-tempo complexifica

⁴⁷ A Conjectura de Poincaré foi resolvida apenas em 2003 pelo matemático russo Grigori Yakovlevich Perelman (1966-), com os louros de uma premiação.

experiências humanas de conhecimento enquanto produz novas condições tecno-humanas de existência.

Trabalhar o sintagma identidade-metamorfose-emancipação sob um prisma ciberfeminista significa, nestes termos, dar vazão ao não dito por uma via de conceituação auto-atribuída pelo sujeito em narrativa e visitar territórios adjacentes das políticas identitárias que, supostamente, ocupam o centro da investigação. Demanda reconhecer falas, imagens e sentidos do sujeito como proto-conceitos de potencial constitutivo para o conhecimento científico. Acompanhar este caminho interpretativo feminista, de frente pós-colonialista e inclinação ao pensamento crítico, representa autorizar a fala dos sujeitos de pesquisa como propulsores de atualização teórica.

A polêmica em torno dos direitos autorais, em que a internet ascende em reconhecimento pela nova Lei Brasileira, nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998, vale lembrar que os próprios direitos autorais dizem respeito, primeiramente, a imaterialidade. Destaca Plínio Martins Filho (MARTINS FILHO, 1998) que a imaterialidade é uma característica principal da propriedade intelectual. Ainda para o autor, o direito autoral se sustenta em dois alicerces: uma razão moral, que garante a impressão do nome de autoria na divulgação de sua obra, os direitos de modifica-la ou impedir sua circulação e o direito à integridade desta. Já a razão patrimonial dirige relações jurídicas em torno da utilização econômica de obras intelectuais. Ambas as instâncias de proteção autoral são transformadas no advento da internet, pela própria condição legal de reconhecer a representação gráfica da comunicação contemporânea fora da relação binária do sujeito-maquina e da concepção patriarcal de território.

Um remanejamento nas proposições identitárias ocorre por meio de interconexões de redes e dados, em que a emergência de avatares⁴⁸ parece produzir um fenômeno dissidente da incorporação de personagens proveniente de uma concepção clássica de papel social. Contudo, os procedimentos organizativos da sociedade em capitalismo informacional direcionam seus objetivos a uma característica fundante dos corpos virtuais implicados: o movimento. A atribuição de valor simbólico atrelada às possibilidades de troca e mercantilização do avatar geram posições de hierarquia e disputa em ambientes de sociabilidade no ciberespaço (PEREIRA, 2009).

⁴⁸ O estudo realizado por Rogério Santos Pereira disserta sobre a produção da noção de pessoa em um jogo de computador denominado *Second Life*, em que o sentido pra representação é dado de acordo com a interação. Assim, “os indivíduos se apresentam e interagem em cenários digitais a partir de representações digitais, sociotécnicas, de corpo e movimento, postas como condição para dialogar com o ciberespaço e com os demais participantes.” (PEREIRA, 2009, p. 28) É a partir dessa corporificação (GUIMARÃES JR, 2004) que as narrativas podem ser construídas.

Guy Debord, em *A Sociedade do Espetáculo*, de 1967 já apontava a extensão das relações de *commodities* em todos os aspectos da cultura e do cotidiano moderno e ocidentalizado. Desta maneira, Debord parece aproximar-se da afirmação habermasiana de colonização do mundo da vida. A positividade de sua crítica ressalta, contudo, que o amoldamento de uma *ideologia democrática* aos novos sistemas de tecnologia, informação e comunicação provocariam a aceleração do desenvolvimento de um novo paradigma em que a sociedade moderna pudesse ser compreendida. Uma vez que nossa humanidade se vê lançada à própria história⁴⁹, os seres humanos estão comprometidos com o trabalho e as lutas que constituem a ambos.

Debord (2003) estende a crítica incitada pelo filósofo alemão Karl Korsch à dialética hegeliana sobre a capacidade de alcance da compreensão de papel nas transformações do mundo, tal qual apreendido pelo pensamento materialista-histórico. Para o pensador, a base da cisão da dicotomia fundante do pensamento lógico acontece, então, “(n)a procura do sentido do *sendo*” e o esforço concentra-se na atividade de “dissolução de tudo o que é”.

Em se tratando do processo político da produção de conhecimento, Debord considera que “a teoria já não tem a conhecer senão o que ela faz” (DEBORD, 2003, p. 80) e, por isso, crê sua salvação na religação ao pensamento prático. De outro modo, as assimetrias de poder ficariam implícitas na tentativa de dissolução da história e das condições objetivas de humanização, como mostra neste trecho de sua obra:

A época burguesa, que pretende fundar cientificamente a história, negligencia o fato de que esta ciência disponível teve, antes de mais nada, de ser ela própria fundada historicamente com a economia. Inversamente, a história não depende radicalmente deste conhecimento senão enquanto esta história permanece *história econômica*. (...) O projeto de superar a economia, o projeto de tomar posse da história, se ele deve conhecer — e trazer a si — a ciência da sociedade, não pode, ele mesmo, ser *científico*. Nesse último movimento, que crê dominar a história presente através de um conhecimento científico, o ponto de vista revolucionário permaneceu burguês. (DEBORD, 2003, p. 46-47)

As interconexões que conferem sentido às histórias de vida, até então, são tomadas de maneira estática ou, em analogia, de modo fotográfico⁵⁰, cuja lente delimita sentidos excêntricos à luz – e às sombras – produzidas por um canal de análise homogeneizante. Se a metamorfose humana também se metamorfoseia (CIAMPA, 2002), trata-se de olhar para o

⁴⁹ Vale o adendo de que Debord entende a história como uma “luta real em curso, assim como o movimento do tempo para além da perfeição inalterável da sua imagem de sociedade feliz” (DEBORD, 2003, p. 47)

⁵⁰ Referindo-se à conduta epistemológica de analisar a parte para entender o todo.

sintagma identidade-metamorfose-emancipação como um ciclo espiralado – devido ao caráter qualitativo das metamorfoses – e, sobretudo, inesperado em propriedades de definição e possibilidades de interpretação do devir humano; um ciclo crítico e compreensivo que se transforma junto com seus objetos.

No caso, uma narrativa de história de vida representa um ângulo possível de visualização do todo, ramificada em seus sentidos singulares. Pode ser transversalmente compreendida se nós, pesquisadores(as), não nos vemos mais obrigados(as) a definir os fenômenos encarnados nas histórias por eixos binários, generalizantes e universalizáveis. Incluir o princípio da incerteza na ciência que praticamos e tomar o sujeito como uma holografia⁵¹ da metamorfose em questão significa situar sujeito e pesquisador(a) num contexto dinâmico e mutante, como discrimina a noção de nomadismo de Rosi Braidotti (BRAIDOTTI, 2002).

Este sujeito também pode ser descrito como pós-moderno/industrial/colonial, dependendo de seu lugar. Esses lugares diferem e essas diferenças *têm* importância. Enquanto eixos de diferenciação como classe, raça, etnia, gênero, idade, e outros interagem uns com os outros na constituição da subjetividade, a noção de nomadismo se refere à ocorrência simultânea de muitos deles de uma vez. *Subjetividade nômade tem a ver com a simultaneidade de identidades complexas e multi-dimensionadas.* (BRAIDOTTI, 2002, P. 10)

Se, por um lado, a disposição de personagens identitárias em categorias de análise sistematiza as narrativas colhidas para legitimação de uma identidade de grupo, por outro lado, condicionam interpretações críticas para um encadeamento de significados hegemônicos, antecipado por um levantamento contextual, bibliográfico e teórico estanque. Ao investigar as condições de humanização precipitadas por metamorfoses sociais como o ciberespaço, podemos escolher caminhar por uma base conceitual que reitera explicações sobre a desigualdade estruturante ou, como seguimos em objetivo, descentralizar as vozes de autoridade do texto acadêmico para implicar a narrativa do sujeito de pesquisa no desenvolvimento do conceito de identidade política (PRADO, 2001; CIAMPA, 2002) mediante investigação de metamorfoses da “metamorfose humana” (CIAMPA, 1997).

Por este motivo, são recorrentes pesquisas que tratam de políticas identitárias conformarem a normatividade social, já que fazem uso de ferramentas de análise que

⁵¹ Referindo-se, por continuidade à analogia da fotografia, à propriedade de hologramas exprimirem em cada parte deles informações do todo. A íntegra só pode ser abordada, contudo, por meio de um ângulo restrito.

reforçam a lógica e o objetivo das explicações de cunho generalista. Os processos de humanização⁵² e suas contradições em torno de princípios universalizáveis aparecem como impedimentos aos dispositivos de negociação do mundo que se quer construir para viver como se quer ser. De restrições morais estatutárias às dissimuladas neologias heteronormativas que são destinadas a configurar itinerários identitários e estilos de vida, há indícios de deslocamentos afetivos e eletivos capazes de tornar vigentes formas de pensamento e ações potencialmente emancipatórias. Sobretudo, ao oferecer sentidos excêntricos perante antíteses e particularismos que marcaram a constituição do sujeito moderno. Por suposto, a interação política em ambiente virtual acontece por afinidades eletivas, o que precipita metamorfoses às condições de humanização desinvestidas de conteúdo exclusivamente identificatório.

Na atualidade, Habermas detecta quatro casos mais importantes de luta pelo reconhecimento: o feminismo na relação entre os sexos, a identidade coletiva de minorias étnicas e culturais, o nacionalismo de grupos lingüístico e culturalmente homogêneos no interior dos estados nacionais e a afirmação da identidade dos povos do Terceiro Mundo contra o eurocentrismo manifestado em movimentos de libertação contra o seu passado colonial. Todos esses fenômenos exigem a disputa na dupla frente da luta pelo reconhecimento das identidades culturais e da superação de uma desvantagem econômico-social acumulada. (DURÃO, 2012, p. 120)

Ao adotar o argumento de Habermas de que, uma vez que a sociedade e seus sujeitos retroalimentam suas formas de organização e transformação por intermédio de suas estruturas de racionalidade, seria uma estratégia teórica abordá-las nas imagens do mundo, nas ideias morais e nas formações de identidade. (HABERMAS, 1983) Nesta perspectiva, o desenvolvimento do sujeito e o da sociedade está interligado pela questão do sentido, ferramenta para construção e transformação intersubjetiva de ambos e das configurações históricas de utopia emancipatória.

Nos campos religioso, filosófico e nas artes concorrem horizontes de interpretação para os paradoxos humanos que se coincidem num domínio bidimensional das explicações dicotômicas. Modos europeus e norte-americanos de entender como funciona o mundo dependem do uso de dualismos. (FAUSTO-STERLING, 2001) Haja vista a precária condição de dar conta de experiências de metamorfose ainda não simbolizadas por outra via que não

⁵² Do ponto de vista da magnitude em exercício de poder na esfera política, são processos – e também projetos – hegemônicos de humanização a ideologia individualista de caráter isolacionista, a eficácia tecnológica, os ideais iluministas, programas governamentais de estados ocidentais e capitalistas, a ideia de ordem e progresso.

opere pela execração do diabólico⁵³. Explicar eventos remete, neste caso, à tentativa de estratificar os diversos sentidos vividos pelas pessoas e/ou grupos num significado essencial e predominante.

Dessa convenção semiótica se extraem os vetores de valoração identitária para distribuição e controle geopolítico dos itinerários identitários e, numa posição panorâmica, das políticas humanizatórias. Paradoxos de extensão emancipatória são, então, conduzidos a uma síntese conclusiva que interrompe o fluxo dialógico entre convenções de objetividade social e atribuições subjetivamente autônomas de sentidos identitários às metamorfoses vividas. Assim, as metamorfoses humanas são esterilizadas de seus paradoxos na primazia parmenídea das definições e conjecturas conceituais que uma racionalidade possa atingir.

É indiciário, numa perspectiva materialista histórica, que um dos paradoxos que sustenta a sistemática informacional como um evento socioeconômico capitalista também exerça influência nas instâncias de produção de conhecimento crítico sobre as metamorfoses humanas. Trata-se de uma experiência de consumo da atualidade reduzida à sobrevalorização de uma *subjetividade descentrada*. O espírito dos tempos modernos é citado por Habermas (2002, p. 16) por meio do papel social do dândi, em retrato de Baudelaire: “todos participam do mesmo caráter de oposição e revolta (...), dessa necessidade (...), de combater e destruir a trivialidade”.

No caso das interpretações científicas, Ardans (ARDANS-BONIFACINO, 2002) indica que proeminente base doutrinária corrobora na oposição entre pensamento mítico e racionalidade. A noção com que os conflitos são abordados e a maneira de tratamento dos paradoxos condiz, portanto, com os pressupostos meta-teóricos⁵⁴ que subsidiam as teorias científicas pela designação de um caráter harmônico ou de conflito *a priori*, para qualquer investigação em ciências humanas e sociais. Este evento ideológico determina o potencial metamórfico da *praxis* científica. Como vemos em seus estudos, constata que as principais teorias psicológicas que subsidiam práticas clínicas e resoluções de conduta profissional regimentadas por conselhos de classe e de ética resguardam suas “*afinidades eletivas*, que unem subterraneamente muitos empreendimentos das ciências humanas e sociais com diversas categorias teológicas e aspectos de tradições religiosas” (ARDANS-BONIFACINO, 2002, p. 21).

⁵³ Uma das acepções de *diabolos*, proveniente da etimologia do grego clássico, significa o que divide as partes, o que desune. O termo faz frente à noção de simbólico e sua função de síntese, ou seja, à sua finalidade de explicar por meio de um símbolo ou uma razão significativa.

⁵⁴ Burrell & Morgan (1979) assinalam uma quarta esfera de avaliação meta-teórica que envolvem uma teoria da sociedade.

Tensões e dilemas são intrínsecos à dinâmica humana de atualização, individual e entre as diferentes instâncias do grupo social, de sentidos emancipatórios em políticas e itinerários identitários. Isto significa que a razão em hegemonia política oferece opções contraditórias e mutuamente excludentes que são falaciosas, do ponto de vista que conduzem a uma necessidade de escolha heteronormativa travestida pelo exercício de direitos universais. Daí a emergência dos conflitos serem percebidos a partir de categorias identitárias que são agenciadas de forma dicotômica, quer na legitimação de uma heteronormatividade, quer na sua crítica.

A experiência de tempo reduzida à atualidade, “ponto de intersecção entre o tempo e a eternidade” (HABERMAS, 2002, p. 14), contudo, sobrecarrega a já pungente consciência de que estamos à deriva, com toda sua transitoriedade e vicissitudes, para refletir sobre as metamorfoses humanas. Pondera-se, quando Habermas (2002, p. 12) sustenta que uma ruptura radical representa uma atitude equivocada “(...) em relação à realidade histórica, que nunca é capaz de recomeçar desde o princípio”. Mantemo-nos no clássico problema da auto-certificação da época moderna, corroborada pela eminente contingência de autenticidade e fluidez que assola, por uma razão instrumental e tecnocrática, concepções nômades do Eu e nos distancia de atualizações sociais emancipatórias.

Habermas (in Ciampa, 2005), por exemplo, rompe com o monismo epistemológico quando introduz a questão meta-teórica da natureza da sociedade em paralelo à discussão sobre a possibilidade do conhecimento, efetivando uma guinada lingüística e propondo a superação da metafísica pelo pensamento “pós-metafísico”. Desta forma, localiza-se numa perspectiva “subjetivista” para pensar a sociedade (em contrapartida a posição “objetivista”, de sua própria classificação quanto à teoria de sociedade, que orienta todo e qualquer pensamento teórico). Ou seja, o autor considera a sociedade um “processo generativo histórico”, que emerge de uma realidade social estruturada em termos de “sentido”. Ainda para este, a superação da metafísica se dá na retomada da posição de conhecimento da filosofia junto às ciências.

No papel de “guardião da racionalidade”, a filosofia da ciência zela pela discussão sobre a validade do conhecimento científico. Caracterizando o senso comum como pano de fundo de uma compreensão originária sobre o mundo da vida por uma comunidade de sentido, Habermas (in Ciampa, 2005) infere ao filósofo a função de articular conhecimento científico (de especialistas) e senso comum (conhecimento de participantes de comunidades de sentido), ao familiarizar-se com o “plexo de significados” que designam o mundo da vida.

Devemos salientar de *O ofício do poeta* (CANETTI, 2011), a capacidade de condução e conservação de sentidos que as metamorfoses humanas apresentam, já que, segundo o autor, sem os mesmos constructos linguísticos e artísticos não chegaríamos à consciência daquilo que constitui nossa humanidade. Estendendo a analogia, a cena construída por Elias Canetti para confiar ao poeta salvaguardar seu tempo é reeditada no cotidiano das discussões entre pesquisadores(as) do sintagma identitário. É questão aberta – ainda que latente – quais recursos dispomos para equilibrar necessidades de reconhecimento acadêmico e anseios ético-políticos.

Como um cão, corre-lhe os domínios, detendo-se aqui e acolá; arbitrário em aparência e, no entanto, incansável; sensível aos assobios do superior, mas nem sempre; pronto para ser instigado, mais difícil de ser contido, é impelido por uma depravação inexplicável: em tudo mete o focinho úmido, nada deixando de lado; volta atrás, recomeça: é insaciável; de resto, come e dorme, mas não é isso que o distingue dos demais, e sim a inquietante obstinação em seu vício — esse gozo interior e minucioso, interrompido apenas pelas corridas; assim como nunca se sacia com o que tem, também nunca o obtém rápido o bastante. Dir-se-ia mesmo que aprendeu a correr apenas para satisfazer o vício de seu focinho. (CANETTI, 2011, p. 15)

Em estudo, visitamos narrativas de sujeitos que, pela atividade ciberativista⁵⁵, expõem uma multiplicidade de propósitos feministas que convergem e distanciam-se em práticas nômades. Os fragmentos de emancipação que buscamos indicar em suas práticas são, especialmente, as condições de autonomia conquistadas em seus itinerários identitários e os avanços de individuação mediante desenvolvimento de uma identidade política. Desta maneira, conjectura-se que o discurso ciberativista tem promovido novas consciências, gramáticas e *scripts* para atuais programas de humanização.

O questionamento da razão tecnocrática, atribuída, nesta instância, aos estudos e intervenções que podem promover progresso científico e desenvolvimento humano suplantam o obstinado sentido de conhecer para dominar e modificar a natureza (LE GOFF, 1988). Se hoje temos conhecimento e tecnologia que abarcam conjecturas de um pós-humano, são concomitantes a novas e antigas condições opressivas e subordinativas de sociabilidade e autonomização. Nestes casos, apontar fragmentos de emancipação requer, antes, explicitar a articulação das amarras que abafam as condições de autonomia para escolhas em torno da metamorfose humana.

⁵⁵ Entendido de modo amplo, ciberativismo é uma modalidade de protesto, uma prática de ação reivindicatória, de conteúdo político, ambiental ou de outra ordem de prioridade coletiva, mediada por tecnologias de comunicação e informação. Sua extensão pode ocorrer de níveis subterrâneos de rede, como a *Deep Web*, ou em espaços de sociabilidade mundialmente compartilhados na *Internet/Surface Web*. (DA SILVEIRA, 2010)

II. Rizomas ciborgueanos: sociabilidades em ambiente virtual e suas potencialidades políticas

2.1 Cibercultura e sociabilidade para o ativismo

A Internet, mais que do um instrumento tecnológico inovador, é uma infraestrutura em rede que estabeleceu temporalidades de registro, visibilização e disseminação, em ambiente de compartilhamento web (World Wide Web), de conteúdos interativos espacialmente impensáveis dentro da geofísica clássica. Sua utilização, revela Mário J. L. Guimarães Jr. (GUIMARÃES JR., 1997), produz outros objetos e fenômenos sociais no ciberespaço, como a cibercultura, o ciberpunk e o ciberterrorismo.

A internet aparece como um campo atualmente privilegiado da produção e registro de discursos que disseminam transformações sociais precipitadas, por exemplo, com o ciberativismo. Levando em conta transformações sutis e contundentes do espaço-tempo contemporâneo sobre as condições de conjugação dos ativismos com tecnologias de informação e comunicação, uma metamorfose deflagrante de novos significados à humanização é exposta no trajeto histórico reconstruído por André Lemos e Pierre Lévy (2009), em *O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*.

Durante muito tempo, a comunicação das mensagens de longa distância devia utilizar exatamente as mesmas vias utilizadas pelos corpos e pelos objetos físicos. As vias romanas transportavam mercadorias, legiões, peregrinos, correio imperial e notícias. Ao longo da história, com exceção do ‘tam-tam’ e dos sinais de fumaça, as mensagens circulavam sobre os mesmos canais que as pessoas. Correio, jornais e livros utilizavam, como os homens e os malotes de mercadorias, as vias rodoviárias, férreas, marítimas e aéreas. Ora, desde o telégrafo e o telefone, a comunicação das informações é progressivamente desacoplada da circulação das coisas. (LE MOS & LÉVY, 2009. p. 120).

O acento na abstração da produção social oferece-nos sistemas científico-tecnológicos para organização de processos semânticos de caráter identitário e socializador. Assim, autonomizamos a informação, uma vez que trabalhamos em redes interconectadas e interdependentes. O que implica viver no ciberespaço desde que dispomos de recursos como telefonia fixa ou móvel, televisão via satélite e sistemas de controle aéreo e marítimo. É num

domínio da eletroeletrônica e do espectro eletromagnético que temos mantido contato, discussões, afazeres e afetos com outros humanos, graças aos sistemas cibernéticos.

De acordo com Joon Ho Kim (2004), datam de 1940 os primeiros trabalhos em cibernética⁵⁶, cujo termo pode ser contemplado nesta definição corrente: “ciência que tem por objeto o estudo comparativo dos sistemas e mecanismos de controle automático, regulação e comunicação nos seres vivos e nas máquinas” (HOUAISS, 2009). Tal apropriação tecnocientífica ofereceu plausibilidade às utopias em emergência, sobretudo, nas artes⁵⁷. O movimento no qual pulsavam prognósticos visionários⁵⁸ conhecido como arte grotesca ou maneirista mantinha-se em ambiente surrealista e, não obstante, apresentava conteúdo de ativismo político.

A possibilidade de uma assustadora distopia social que se precipita pela homogeneização e automatização ou, de outra maneira, pelas extremidades da liberdade individual, intui que o interesse de dominação se mantém pela hierarquização das posições sociais e, recorrentemente, por intermédio de estratificação de teor identitário. Os prognósticos de um futuro cibernético não abalaram, entretanto, a envergadura do utopismo sobre a possibilidade de uma sociedade harmônica. Tanto expressões artísticas da contracultura e manifestos identitários politicamente subalternos quanto meio de captação religiosa e mercadológica conjugaram esforços no que diz respeito à representação de um emblema semântico da sociedade moderna, ocidental e burguesa, a tríplice aliança utópica entre liberdade, igualdade e fraternidade (COSTA, 1988, 1986).

Luciano Martins (2004) reporta que, na sociedade contemporânea, a efetivação dos controles de *status quo* são difusos e impessoais, evidenciando uma cultura totalitária. Nas sociedades burocráticas e de alto consumo as dissidências são absorvidas, os espaços privados diluídos e a própria reação violenta é castrada na forma de entretenimento: condições de sobrevivência imposta pela qualidade de vida cotidiana. Para Marilena Chauí e Olgária

⁵⁶ A publicação do livro *Cybernetics: or the Control and Communication in the Animal and the Machine*, em 1948, parece ter sido um marco para o trabalho multidisciplinar empreendido por Norbert Wiener, matemático que reuniu pesquisadores(as) de diferentes áreas científicas para cunhar e dar corpo teórico à cibernética. A antropóloga Margaret Mead era uma das colaboradoras da área de ciências sociais.

⁵⁷ São exemplos, o filme *2001: Uma Odisséia no Espaço* (1968), de direção e co-autoria de Stanley Kubrick (1928-1999) e as obras em *arte fantástica* do artista plástico R. Giger (1940-2014). Ganham destaque como precursores de uma noção de mundo cibernético os livros *Frankenstein* (1817), de Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851) e *Viagem ao Centro da Terra* (1864), de Júlio Verne (1828-1905).

⁵⁸ Para citar apenas duas obras de grande referência da ficção científica de temática política: *Admirável Mundo Novo*, publicado em 1932 por Aldous Huxley (1894-1963) e *Mil novecentos e oitenta e quatro*, publicado em 1949 por Eric Arthur Blair (1903-1950) pelo pseudônimo de George Orwell.

Matos⁵⁹, a cultura do virtual abala o princípio de realidade que contrai o espaço-tempo, “produzindo uma forma de proximidade fundada na distância e na ausência.” Neste enquadramento, ser percebido – ao invés de ser reconhecido – é o objetivo imperativo no processo de construção identitária.

Na prática, ações destinadas por interesses de hegemonia e controle político das ferramentas de humanização e suas contra-correntes tem de se reinventar em redes de compartilhamento social na internet, na medida em que estas permitem reconfigurar a objetividade do social por suas instâncias de criação, difusão e intercâmbio de ações comunicativas.

Simultaneamente, a aceleração do tempo associado ao advento tecnológico das comunicações mediadas por computadores mostrou-nos uma valoração de aspectos de mudança aparente da metamorfose humana – ou *mesmidade* (CIAMPA, 1997; ALMEIDA, 2005; CAMPOS, 2013). Esta característica parece ser condecorada como uma metamorfose da metamorfose humana (CIAMPA, 1997), bem como instrumento privilegiado para cooptar itinerários de vida em ação de interesse capitalista no século XXI⁶⁰. O empenho de revigorar utopismos liberais e fortalecer meandros de dominação se apresenta na formação de novas políticas identitárias que atuam sobre diferenças humanas e vozes sociais dissidentes, contudo, incitadas a investir na globalização dos processos culturais, como assinala Nestor Canclini (CANCLINI, 2008).

Nuances na valoração social do sentido de *mesmidade* em itinerários identitários evidenciam tal arremetida capitalista se pensarmos, em conjunto, os estudos de Ruth Lopes (LOPES, 1990), de Juracy Almeida (ALMEIDA, 2005) e de Ana Cristina Souto (SOUTO, 2010), pesquisadores(as) do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Identidade Humana. Trabalhos estes que, cada qual em seu tempo contextual e histórico, se interseccionam na exposição de prescrições normativas para o reconhecimento de projetos de vida de envelhecimento, denunciando que as atribuições de valores e tratamento em torno das políticas públicas de saúde e sociais são ponderadas por razões sistêmicas. Para Haraway (1995), “o fluxo de capital não retido pelas coerções territoriais tem transformado o ciberespaço em um espaço social altamente disputado” (HARAWAY, 1995, p. 07).

Em ambiente de internet, explanar e disseminar símbolos, imagens e outros caracteres que embutem valores e ideias dependem, instantaneamente, da interconectividade eleita por

⁵⁹ Palestra professada com Olgária Matos, em 03 de setembro de 2010 no Instituto CPFL Cultura. Disponível em <http://www.cpfcultura.com.br/wp/2010/09/03/cafe-filosofico-cpfl-especial-%E2%80%93-a-contracao-do-tempo-e-o-espaço-do-espetaculo-%E2%80%93-marilena-chauí-e-olgaria-matos/> (último acesso: 23/05/2014)

⁶⁰ Por meio de ideais de sucesso e por estilo de vida consumista, por exemplo.

critérios de afinidade e sincronicidade. Deste modo, interconexões refletem encadeamentos de ação humana que estruturam programas de humanização por políticas identitárias pulverizadas e seus canais de regulação e emancipação são tencionados por novas tecnologias da linguagem.

O trânsito de tais conteúdos em alcance intercontinental serve de contexto de velocidade para acesso e disseminação de notícias e ideias que geram eventos de caráter político. O ciberativismo pode ser considerado uma modalidade de protesto e reivindicação em torno de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, intermediada por tecnologias de comunicação e informação (TCIs). (DA SILVEIRA, 2010). Além disso, a organização de passeatas, abaixo assinados virtuais, denúncias, petições e boicotes que acontecem em ambiente de internet são atos de ativismo em fluxo para as manifestações de rua, performances públicas e intervenções presenciais.

Como exemplo conjuntural de ciberprotesto feminista, recorro a publicação, em 23 de maio de 2013, pela jornalista e escritora Nádia Lapa com o pseudônimo Letícia F. em seu blog *Cem Homens*, do ciberprotesto intitulado Carta Aberta ao *Facebook*⁶¹, em que grupos de feministas norte-americanas somaram esforços para repelir a política de tratamento do *Facebook* em situações de violência de gênero na rede. A irrupção de movimentos de articulação global de interesse e ação ativista é oportunizada, então, pela rede internet e, concomitantemente, as ruas dos centros urbanos⁶² ecoam na virulência⁶³ dos mais diversos, provisórios ou recorrentes temas. Ponto que desobriga discutir a ordem dos fatores e o valor imbricados num ativismo em ambiente presencial ou em situação virtual.

A necessidade de compreensão das formas de sociabilidade, itinerários de vida e concomitantes processos de individuação e humanização a partir da disposição interativa das redes sociais virtuais levam-nos a um estudo à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação (CIAMPA, 2008). De início, a experiência intersubjetiva em instâncias do que se convencionou chamar mundo virtual é apreendida da mesma maneira crítica e dialética que acentuam o caráter processual, dinâmico e metamórfico da identidade humana, levando em conta suas ressonâncias de regulação e emancipação psicossociais.

Assim, a multiplicidade de personagens/performances/scripts/escrituras referidas em um processo de metamorfose humana, simultâneas e em trânsito, nos permitem dizer que a complexidade humana está contida na narrativa, contudo, seus sentidos sofrem

⁶¹ Em anexo 2, na Íntegra.

⁶² Occupy Wall Street, protestos de junho de 2013 em muitos estados do Brasil, Primavera Árabe são alguns exemplos de recentes movimentos ativistas (MALINI & ANTOUN, 2013).

⁶³ O termo é empregado no sentido já expandido do campo de estudos da Informática.

encadeamentos até chegar numa interpretação científica, articulada às condições teóricas, discursivas e hierárquicas de sua base de interconexão: instituições-orientador(a)-pesquisador(a)-informante(s)-pesquisado(a).

A atualização de tal procedimento metódico consiste em reconhecer a coexistência de muitas versões da história e destinos de atualização para as metamorfoses humanas, incrementadas de fibras emancipatórias provenientes da reivindicação posicionada de subordinados(as) e suas alternativas à razão hegemônica. Exegeses interessadas na luta anti-imperialista e na descolonização do pensamento científico em face à hegemonia política de uma razão instrumental e tecnocrática (HABERMAS, 1989) esboçam amálgamas de organismo-máquina-ficção-experiência-arte-ativismo, como as manifestações ciberfeministas.

Em interface filosófica com perspectivas científicas críticas, aproximamo-nos do ciberfeminismo, que norteia a construção de objeto sob investigação – no caso, identidades políticas – e a reconfiguração dos instrumentos de compreensão das metamorfoses retratadas em problemas de pesquisa. Ou seja, precipita estender reivindicações ético-políticas que vislumbramos ao construir objetos e definir sujeitos em estudo até considerações epistemológicas da política de produção acadêmica que fomentamos. A relação proposta entre teoria-pesquisa e seu objeto-sujeito conjectura-se, desta maneira, como instrumento de subversão de dispositivos de poder, na medida em que o que se conhece do objeto-sujeito instaura novas “crises de relevância” à pesquisa-teoria.

Enquanto para a produção da normatividade social são atribuídos padrões de universalização, representatividade científica e retórica especialista, estudiosos(as) do sintagma devem atentar para os pontos de conexões de sentido instantâneos, distribuídos transversalmente nas narrativas de história de vida investigadas. Nas palavras de Ciampa (2005), no primeiro caso, trata-se da atribuição de legitimidade ao “conhecer” (descrever, explicar); no segundo, captar sentidos, trata-se de “entender” (compreender). Em que pese meu interesse por incitar certa desterritorialização do objeto de pesquisa e a adoção de perspectiva parcial sobre *conhecimentos situados* (HARAWAY, 1990; LÖWY, 2000), tenho considerado que são as narrativas ouvidas que demandam as escolhas transdisciplinares.

A abrangência do poder de legitimidade do discurso científico sobre a semântica social é suspensa, deste modo, à circunstancial conjuntura de dialogia cultural e meios simbólicos e materiais de produção de conhecimento (BHABHA, 1998). Do ponto de vista de uma práxis política, busca-se novas considerações sobre o desenvolvimento de identidades políticas na contemporaneidade ou, em outras palavras, itinerários de politização da individualidade descolada de identidades de grupo ou em nomadismo.

Assim, a peculiar condição da internet de deslocamento dos principais eixos de sustentação da realidade objetiva cartesiana, como a noção de espaço-tempo, inserem novas formas de pesquisa e análise de conteúdos em Psicologia Social. Notícias locais e temporalizadas podem delinear contextos contemporâneos de pesquisa. Ou, como acontece nos Estudos Culturais (ESCOSTEGUY, 2001), controvérsias e transitoriedades são elementos de trabalho para construção de objetos ou problemas de investigação. Como “fonte imemorial de expressão dos humanos” (TELLES, 2004, p. 06), tais escrituras em blogs, páginas pessoais em redes sociais, fóruns de discussões e outros campos de TCIs demonstram transmutações da linguagem escrita e oralidade do discurso em hipertextos e na criação de símbolos e avatares para apresentação e representação de si, projetando, como que em holografia, seu devir.

Para além de comunidades agrupadas em função de uma identidade de grupo, os registros trazidos de campo cibernético de compartilhamento exprimem, como verifica-se nos estudos em antropologia sobre sociabilidades e diferentes “tribos” na internet (GUIMARÃES JR., 1997; CRUZ, 2012; BOLSONI, 2010), certa experiência de múltiplo pertencimento proporcionada em meio virtual que dão vazão para itinerários de individuação política. Tratam-se de proposições de vida cujas instâncias coletivas não são fixas e sua organização política parte de deslocamentos existenciais para atingir sua realização em experiências encarnadas de excentricidade e miscigenação.

Há de se considerar que, apesar da multiplicidade nos discursos de coletivos que sequenciam ações de ativismo social, proliferam questionamentos a respeito da competência de políticas identitárias abrigarem especificidades das metamorfoses sociais contemporâneas, principalmente, seus sobressalentes aspectos de diversidade e de incessante mudança. Coaduna-se a este problema em exposição, entre feministas pós-estruturalistas (BUTLER, 2003; PRECIADO, 2014), uma proclamada falência das reivindicações de mote identitário referido, por suposto, aos princípios patriarcais e androcêntricos que atende o conceito. Estes estudos reclamam a falta de maleabilidade e criatividade normativa das políticas e coletivos identitários para abarcar as idiossincráticas composições de poder dentre hierarquias e discriminações pressupostas na tríade economia-ciência-tecnologia que orienta políticas públicas em sociedades de capitalismo informacional. Além disso, implica a revisão de categorias clássicas como esferas pública e privada, direitos universais e civilidade, então construídas sob acepções dicotômicas, tais como real-virtual, indivíduo-social, igualdade-liberdade.

2.2 Ciberativismo e a investigação sobre metamorfoses da “metamorfose humana”

As metamorfoses que nos constituem, seres humanos em toda complexidade (MUNNÉ, 2004; MORIN, 2002, 2005), são meios pelos quais alcançamos incrementos de autonomia pessoal e emancipação social frente condições existenciais, materiais e simbólicas. Omar Ardans Bonifacino (ARDANS-BONIFACINO, 2001) lembra-nos, sobretudo, a centralidade filosófica da metamorfose nos estudos sobre os sentidos dos processos identitários:

O sentido que exprime o uso da palavra metamorfose, o valor a ela atribuído, o que envolve sua utilização, e em que plano está situada a metamorfose, só podem emergir na leitura das obras e na dupla contextualização, no pensamento do autor e também no horizonte social, histórico e espiritual em que obra e autor se situam. (ARDANS-BONIFACINO, 2001, p. 17)

Do ponto de vista psicossocial, será possível acompanhar, por intermédio de narrativas de história de vida, movimentos de autonomização dentro de processos de individuação humana, cuja escolha de casos é preenchida de indícios de ativação e concretização de cartografias de existência política voltadas para propósitos de emancipação humana e autonomia pessoal.

Os processos de secularização e pluralismo contemporâneos são exemplos de metamorfoses que assinalam, segundo Peter Berger e Thomas Luckmann (2004), um desdobramento social específico: “As pessoas não conseguem mais evidências tradicionais do que seja significativo, bom ou justificado pela sociedade, mas têm a possibilidade de escolher.” (BERGER & LUCKMANN, 2004, p. 8). Certa abertura para experimentação existencial surge como provocações identitárias e resultam, por fim, em políticas de conformação ou emancipação de caráter humanizatórios. Tais metamorfoses do social são aspectos próprios da construção histórica da humanidade, reconhecidas por teóricos(as) sociais como mudanças paradigmáticas ou padrões psicossociológicos para referência humana. No interior das ciências, isso pode significar uma transição de episteme.

É uma característica do trabalho dentro da perspectiva materialista-histórica – abordagem então adotada pela Escola de São Paulo – preservar a dialética dos fenômenos sob investigação como estratégia de investigação crítica. Uma das frentes de discussão nesta tese

são as relações cibernéticas⁶⁴ dos coletivos de ativismo virtual, suas categorias de objetivação política e políticas intersubjetivas de normatização identitária que, por sua vez, estimulam sentidos de identificação e adesão pessoais.

A possibilidade de vinculação política por identificação grupal parece estar sendo substituída por afinidades com utopias emancipatórias que acolham uma subjetividade nômade. A figuração do nômade é providencial ao contemplar nossas necessidades de entendimento sobre a subjetividade humana na contemporaneidade, como exposto por Rosi Braidotti (2002):

O nômade é semelhante ao que Foucault chamou de contramemória, é uma forma de resistir à assimilação ou homologação dentro de formas dominantes de representar a si próprio. As feministas – ou outros intelectuais críticos, como sujeitos nômades – são aquelas que tem uma consciência periférica; esqueceram de esquecer a injustiça e a pobreza simbólica: sua memória está ativada contra a corrente; elas desempenham uma rebelião de saberes subjugados. O estilo nômade tem a ver com transições e passagens, sem destinos pré-determinados ou terras natais perdidas. (BRAIDOTTI, 2002, p. 10)

É a qualidade fugaz, idiossincrática e excepcional da metamorfose humana que permite subjugar convenções e que define, segundo a autora, um estado nômade. Os sentidos que compõem itinerários identitários e uma narrativa ativista parecem explicitar novas interconexões de reivindicação e individuação. Seus(suas) autores(as), por certo, renunciaram de contingenciar suas utopias de emancipação dentro de uma noção de democracia androcêntrica, capitalista e colonizadora.

Atualmente, o empreendimento ativista que sujeita adesões identitárias a políticas de descrição heterônoma e generalista para legitimar-se como grupo de reivindicação emancipatória enfrenta uma dialética fundante: se realizam interesses parciais ou apresentam alto grau de dissonância interna, logo, perdem suas condições de legitimação. Ou seja, a atualização de ações ativistas centralizadas em torno de políticas identitárias homogeneizadoras deixa de fazer sentido ou de obter reconhecimento assim que metas particulares são atingidas; ou ainda, quando seus membros extrapolam a coerência organizativa que normatiza sua complexidade coletiva.

⁶⁴ Bateson (apud KIM, 2004, p. 203), numa tentativa de explicar as relações sociais pela segunda lei da termodinâmica ou princípio cibernético da entropia, parte da noção de co-dependência entre membros cuja interação comunicativa habitual apresenta circularidades, oscilações, limites dinâmicos e retroalimentação (*feedback*), ou seja, entende as relações sociais como processos contínuos de redução de ordem em um sistema ou, em outras palavras, do aumento de seu caos, justificando suas metamorfoses sociais e históricas.

Contraditória certificação dos grupos de ativismo e reivindicação identitária encarna a lógica de opressão e discriminação que intenta combater durante a regulamentação e reconhecimento de sua legitimidade, circunscrevendo a reivindicação identitária nas modalidades de reconhecimento já objetivadas normativamente. Um descrédito imbuído do luto pela ilusão de controle e previsibilidade que possam transmitir baseada em conformidades no desempenho dos papéis, entre outros aspectos comportamentais e identitários. Lembra Ciampa (2002) que, ao buscar afirmação de pretensões identitárias, coletivos tendem a controlar as condições de vida de seus membros; enquanto que, individualmente, o reconhecimento da autenticidade identitária é interpelado por conflitos em face de expectativas sociais normativas.

Entretanto, ao considerarmos que coletivos ativistas podem alcançar fragmentos de emancipação tendo atendidas suas reivindicações mais gerais, é suposto que um incremento de racionalidade passe, então, a fazer parte de um universo linguístico que regula as gestões de consenso da comunidade envolvida. Compartilhando de novas condições políticas para ações de caráter identitário, o pleito por autenticidade inicia novos processos de individuação para cada membro do grupo e demais favorecidos(as) pelas conquistas de reconhecimento ou redistribuição reivindicadas.

Assim se faz presente e pertinente o questionamento feminista sobre as formas de responsabilidade e atuação política no mundo contemporâneo (BRAIDOTTI, 2002):

Um dos paradoxos centrais da condição pós-moderna histórica é a base mutante na qual periferia e centro se contrapõem um ao outro, de uma maneira perversa e complexa, desafiando as maneiras de pensar dualísticas ou contrárias, e requerendo, ao contrário, uma articulação mais sutil e dinâmica. (BRAIDOTTI, 2002, p. 08)

A ambientação e trânsito no ciberespaço transformam, temporal e espacialmente, as relações intersubjetivas que subsidiam processos de afirmação e reconhecimento de processos identitários, temas sociais e causas políticas. E, para compreender seus contextos de humanização, desenvolvem-se capilaridades transdisciplinares entre áreas diversas – como a física, as artes, as tecnologias multimídia, o direito, a psicologia, a economia e a antropologia. Tais objetos de pesquisa desencadeiam holografias dos eventos em foco que são rizomáticos de novos paradoxos, até então, em contenção pelo discurso interpretativo privilegiado. Criatividade para investigação, compreensão e interpretação parecem convenientes ao NEPIM, no desenrolar de uma escrita poética (FONSECA, 1998) e em cortejo ao pensamento

autopoiético do sintagma identitário. Como expõe Alessandro Campos (CAMPOS, 2007) em sua dissertação de mestrado sobre identidade ativista:

A característica de auto-regeneração, e mais especificamente de autopoiese (auto-fazer, fazer a si próprio), pode ser vista perfeitamente em uma organização social que tenha como princípio a autogestão e o apoio mútuo, tendo assim possibilidade de ações e estruturas realmente orgânicas. Caso contrário o medo da liberdade (autonomia) continua grande e o desejo de aprisionamento (negação da responsabilidade) também. (CAMPOS, 2007, p. 42)

A recorrente necessidade de transitar em outras instâncias do conhecimento – e, toda vez, ser transformado(a), transformar a si e as condições de novos eventos – são os próprios sentidos emancipatórios da metamorfose humana e de suas metamorfoses em dialogia. Ciampa fundamenta-se no pensamento habermasiano para dizer que evoluímos em estágios de síntese dialética e, por intermédio dos sentidos de emancipação humana, atingimos atualizações sociais e inauguramos tendências à humanização. Relembremos a esse propósito como Kátia Maheirie e Zuleica Pretto (2007) definem humanização

(...) um processo que ocorre para além da realidade bruta, isto é, o processo de humanização significa a realidade, promovendo projetos individuais e coletivos e, conseqüentemente, produzindo sujeitos singulares e sociedades diversificadas que compõem a história humana. (MAHEIRIE & PRETTO, 2007, p. 456)

Se a luta por emancipação trás para o sintagma identitário enfoque ético-político, oferecendo visibilidade aos sentidos das metamorfoses humanas, são, especialmente, as identidades políticas (CIAMPA, 2002) que, em suposição, precipitam avatares de proposições identitárias emancipatórias. Em outras palavras, há na proposição de identidades políticas um sentido de emancipação das condições estruturantes da metamorfose humana que requer, por sua vez, movimento autônomo de construção do eu presumida em uma atuação ética, porém, localizada. Como é jurisdição humana a “transformação de determinações exteriores em autodeterminação” (CIAMPA, 2008, p.144), presumindo uma “finalidade a realizar” (p.145) o interesse que recobre a ação de conteúdo ativista parece ser o que configura seu potencial de transformação das condições sociais para o devir e, conseqüentemente, às possibilidades emancipatórias da metamorfose humana.

Com o exponencial número de usuários(as) na *web* (fonte) conectados(as) em redes sociais, essa atmosfera virtual deve ser considerada ambiente de humanização ao dinamizar o trânsito e novos referentes para discurso e ação de interesses múltiplos. Ao propagar estilos de vida e potencializar projetos identitários, as interconexões em ambiente virtual borram fronteiras identitárias e societárias, devido a uma nova configuração de espaço-tempo para as condições de metamorfose humana.

Como indica Pierre Lévy (LÉVY, 2001, p. 43) “a extensão e a densificação das redes de transporte e de comunicação manifestam-se por um processo de interconexão geral que implica um encurtamento do espaço prático e, ao mesmo tempo, uma aproximação dos homens e um alargamento das suas perspectivas.” Contudo, este processo é possível, para o autor, na tessitura entre a ampliação da qualidade comunicativa e uma consciência coletiva. Assim, conclui que “as metamorfoses do espaço e do tempo – o encurtamento e a aceleração que se observa por toda parte – são metamorfoses da consciência”, (LÉVY, 2001, p. 43), pois atingem, contundentemente, a construção simbólica e material da vida humana em sociedade. Em rede de interação virtual encontram-se registros, destaques e circunferências identitárias outras, em termos de produção política e cultural, parecem servir de esteio para itinerários imponderáveis e projeções do devir humano.

Há indícios de que a comunicação intermediada tecnologicamente, ao menos, amplia o campo da ação humana, particularmente, em relação à experiência de espaço-tempo que proporciona. O intuito é explorar o movimento progressivo-regressivo (MAHEIRIE & PRETTO, 2007) tensionado pelas ações de ativismo em rede virtual, de modo a apreciar, ressonâncias em termos da construção de uma identidade política. Concomitantemente, abarcar condições, possibilidades e tendências de atualização social perante movimentos de metamorfose humana nas sociedades de capitalismo informacional.

Tenho considerado que experiências de ativismo em ambiente virtual podem ilustrar eixos transversais de compreensão das reivindicações de reconhecimento e de direitos que envolvem atualizações sociais de cunho coletivo. Apropriado como objeto, contexto ou meio de investigação, ciberespaço/internet/redes sociais virtuais nos obrigam a ultrapassar algumas dicotomias estruturais inferidas em limitações conceituais, tais como as relações entre humano-máquina; público-privado; ciência-política; individual-social.

III. Destinos de atualização da metamorfose humana em narrativas de ativismo

3.1 Contexto de pesquisa

Os acessos e visitas às páginas virtuais e comunidades ciberativistas, por intermédio de buscadores na *web*, plataformas de *bloggers* e redes sociais como *Facebook*, *Blogspot*, *Google Groups*, *Wordpress* e *Tumblr.*, no período de 2010 a 2015, me levaram, primeiramente, a entender que as práticas políticas de indivíduos e grupos na internet são disseminadas, voláteis e intermitentes. Os *blogs*⁶⁵, por exemplo: de acordo com sua denominação, se destinam a uma escritura autobiográfica, contudo, a expressão de si é espontânea nesta funcionalidade e difere de uma “prática diarista tradicional” (KOMESU, 2004). Como conclui os estudos de Fabiana Komesu (2004):

O uso da chamada ferramenta de auto-expressão parece permitir, de fato, a emergência de uma relação temporal síncrona na produção dos *blogs*. Por meio de dispositivos como os *links*, há um modo de circulação dos textos que busca preencher o espaço da internet, na intertextualidade, sempre constitutiva, da linguagem. A questão da interatividade atribuída ao suporte é inegável, seja na relação entre o usuário e a máquina ou nas relações interpessoais que se procura estabelecer na rede. (KOMESU, 2004, p. 117)

Essa qualidade de compartilhamento e coletivização, ainda que destoe em interesses de interlocução, costuma marcar o *blog* com um tom social. Perfis e textos que o alimentam, mesmo *hiperlinkados*, não se isentam do trabalho demiúrgico do(a) autor(a), mas deflagram uma dissidência com a noção jurídica de autoria, baseada na primazia do(a) autor(a) sobre a obra, no ineditismo e num direito paternal inalienável sobre a integralidade da obra (MARTINS FILHO, 1998, p. 183).

As práticas de escritura em *blogs*, além de não reincidentem em escritas pessoais ou autobiográficas, parecem ser movidas por um interesse de difusão de ideias e argumentos de potencial político e cunho humanizatório. Estas plataformas virtuais da vida ordinária parecem comportar a localização do discurso de seus(suas) autores(as), enquanto estes(as) se estendem em projeção, da virtualidade do Eu ao devir humano. Assim, seus perfis e textos se tornam expressões recursivas de suas singularidades em curso ininterrupto, hábeis em situar

⁶⁵ Blog representa um termo em contração, das palavras em inglês *web log*, que significa "diário da/na rede".

seu(sua) autor(a) ao ativismo por posicionamento ético e dentre afinidades temáticas eletivas. Sobretudo, inclinado ao pleno exercício da autonomia.

Assim, entendemos que os *blogs* são canais fortuitos e privilegiados para uma ação discursiva política e promotora de uma formação dialógica da individuação humana. Suas escrituras periódicas dimensionam uma nova forma de participação social na vida política da sociedade, com relação às culturas que se dirigem e às ideologias que defendem ou contestam. As ressonâncias de influência da informação e comunicação das publicações e do *blog* são disponibilizadas em ferramentas dos sistemas *blogger*, oferecendo ao(à) administrador(a) do *blog* a capacidade de aumentar suas estratégias de ação e de incidência política com softwares de análise de riscos e, até mesmo, técnicas *hacker*⁶⁶ para proteção do conteúdo de manifesto contracultural.

Em se tratando de seus domínios de divulgação e publicidade, os *blogs* contam também com ferramentas de divulgação coletiva em plataformas de comunicação como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, cujo termômetro de empreendimento bem-sucedido se observa pelo número de “curtidas” recebidas, pelo número de membros e outros dados obtidos por estatísticas de mídia social. Características como intermitências na publicação, acesso e compartilhamento, a volatilidade com que os *blogs* aparecem e desaparecem das redes são estimuladas por tais estatísticas.

Contudo, são profundas as implicações éticas de investigar páginas e perfis num ambiente mediado por tecnologia. Um inconveniente, por exemplo, é analisar produção e produtor(a) na mesma pesquisa. O caráter imediatamente público das produções de autoria individual, anônima ou coletiva nas redes sociais pesquisadas, ainda que nos permita indicar Maya, Priya e Nyah como sujeitos de narrativas que nos ajudam a compreender trajetórias políticas de individuação, devem ser conservadas em sigilo para não identificar nossos(as) interlocutores(as). Por isso, trouxe uma pequena amostra descritiva de *blogs* de conteúdo ou interesses análogos ao dos(as) nossos(as) entrevistados(as) para entender o estado da arte:

Nas redes sociais, comunidades como *Blogueiras Feministas*, criado em 2010. “Somos de várias partes do país, com diferentes experiências de vida. Somos feministas.”, é a forma como se apresentam 76 autores(as) e, por consequência, tantas são as formas de ser feminista

⁶⁶ “O movimento social inspirado pela contracultura, que pregava distribuir o poder e emancipar as pessoas pelo acesso às informações, tem nos *hackers* a sua principal representação. A definição original de *hacker* era a de “um programador de computador talentoso que poderia resolver qualquer problema muito rapidamente, de modo inovador e utilizando meios não convencionais” (DA SILVEIRA, 2010, p. 34), afirma Sergio Amadeu da Silveira em tradução livre da página http://www.livinginternet.com/ia/ia_hackers.htm.

que o coletivo perdura ganhando respeito e legitimidade junto aos movimentos de ativismo no ambiente de internet. Sua história é pública no blog:

Durante o primeiro turno das eleições de 2010, Maria Frô enviou um email para várias colegas feministas com o objetivo de colher opiniões sobre questões políticas relacionadas à mulher. As conversas por email foram tão produtivas que Cynthia Semiramis decidiu criar um grupo de discussão, onde feministas poderiam trocar informações e debater sobre assuntos diversos. O grupo cresceu e surgiu a necessidade de se criar um blog, para espalhar nossas ideias e mostrar o quanto o feminismo é um movimento plural. Como bem disse a Tica Moreno: Este blog existe porque queremos vivenciar na rede a experiência de ser feminista. Escrever posts, apontar manifestações do machismo na sociedade, twittar, fazer videos, publicar fotos, organizar manifestações nas ruas e na rede, entre outras formas de espalhar essa ideia de que ainda tem muita coisa pra mudar nas relações entre homens e mulheres. Por outro lado, tem a ver com uma reflexão constante sobre a nossa própria vida, sobre como a gente pode enfrentar as nossas contradições, como a gente constrói as nossas relações com mais autonomia e liberdade. (Link de apresentação das Blogueiras Feministas. Título: “Nossa história”. Disponível em <http://blogueirasfeministas.com/about/nossa-memoria/> Último acesso: 11/01/2015)

Este relato pode bem ser considerado um emblema do ativismo feminista em rede virtual contemporâneo, pois expõe uma história de construção coletiva em torno de utopias emancipatórias, um consenso em torno de uma política identitária flexível e a sororidade necessária à composição de dialogias da ação social ativista e incrementos de autonomia nos projetos identitários.

O *Not All Men Brazil* monitoram conteúdo machista e sexista na internet com intuito de denunciar e levar às sanções previstas perfis falsos ou *posts* injuriosos em redes sociais, principalmente, aos que dizem respeito às violências de gênero, misoginia e sexismo. Com autoria anônima, somam mais de 7.000 curtidas, até o final de 2014. A página *Moça, você é feminista* já é destinada às pessoas que querem “entender mais sobre o que faz uma mulher ser feminista”, desmistificando jargões e senso comum do que consideram ser uma ideologia de vida.

A comunidade *Feminismo sem Demagogia Original*, cujo viés é de um feminismo marxista, já sofreu ciber-ataques e perdeu o domínio de sua página, o que levou à necessidade de introduzirem do termo “original” ao título da página atual. Fundada em outubro de 2012, soma mais de 200.000 curtidas e também possui um *blog* de domínio público.

O que aconteceu também como Lola Aronovich, doutora e professora da Universidade Federal do Ceará e autora do blog *Escreva Lola Escreva*. Lola vem sofrendo ataques e intimidações na internet desde 2011 por grupo masculinistas denominado *Mascus Sanctus*, entre outros blogueiros como o Anonymous, de difícil identificação, pois evadem as políticas de rastreamento de discursos de ódio nas redes sociais. Dada seriedade das acometidas, Aronovich chegou a registrar boletim de ocorrência e mover ações jurídicas contra seus ofensores. O blog é mantido pela autora desde 1998 e possui mais de 6000 membros seguidores, tendo grande visibilidade no Brasil. Dois textos publicados no *Escreva Lola Escreva*, respectivamente, nos dias 10 e 11 de janeiro de 2015, são expressivos para compreender as ações de sororidade na prática cotidiana do ativismo feminista⁶⁷ e as ressonâncias do ativismo para o desenvolvimento de identidades políticas:

O primeiro⁶⁸ é um texto contextualizando as ofensivas contra Aronovich ocorridas, principalmente, no *Twitter* e, em agradecimento pelo apoio de feministas, blogueiras e ilustradoras, que produziram imagens, slogans e lançaram campanhas de protesto, como o twitaço *#PorqueNãoMeCalo*⁶⁹. O segundo⁷⁰ é a reprodução de um texto que Aronovich recebeu de Dawton Valentim, estudante de letras e auto-intitulado “apaixonado por mídias sociais”. Este texto é um relato auto-biográfico do autor que insere as metamorfoses na discussão: trata-se das ressonâncias do feminismo de Aronovich – e, possivelmente, objetivo de grande parte das ativistas feministas – encarnarem-se como consciência política para transformação de projetos identitários. Como se pode notar em tal relato, consciência de gênero e desenvolvimento da uma ética pós-convencional caminham juntas na disposição de ampliação dos direitos humanos e delatação das violências em torno das diferenças. Para Valentim, o blog *Escreva Lola Escreva* oferece: “(...) *material para continuar questionando se minhas atitudes, por mais inconscientes que parecessem ser, não eram resultado de um machismo depositado, uma espécie de "contaminação social"*”.

⁶⁷ Os dois textos estão disponíveis na íntegra, nos anexos 3 e 4.

⁶⁸ O título do texto é *O dia em que recebi mais apoio na vida*. Disponível em <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2015/01/o-dia-em-que-recebi-mais-apoio-na-vida.html> (último acesso: 12/01/2015)

⁶⁹ Este tipo de protesto acontece com a ação de postagem em aplicativo Twitter de palavras-chave relevantes à informação, tópico ou discussão que se deseja indexar, sendo difundido também em outras plataformas de rede social, como o *Facebook*, o *Google+* e o *Instagram*. O twitaço *#PorqueNãoMeCalo*, especificamente, durou quatro horas e, pela forte adesão, gerou indicadores nos *Trending Topics do Twitter*, comenta Lola Aronovich em seu texto de agradecimento.

⁷⁰ O título do texto tem com título: *Porque não podemos nos calar*. Disponível em <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2015/01/por-que-nao-podemos-nos-calar.html> (último acesso: 12/01/2015)

O blog *Ativismo de Sofá* iniciou-se na plataforma *Blogspot* e também no *Facebook* em 2012. Seu irreverente título pratica seu sentido ativista aos modos das ações pós-colonialistas feministas, de mulheres “de cor” e “chicanas” (MOHANTY, 2008; ANZALDUÁ, 2009). A Uma atitude reivindicativa para reconhecimento de um tipo de ativismo rechaçado por parte das diversas formas de militância, como as militâncias partidárias e as organizações de protesto público. A subversão do conteúdo pejorativo da designação “ativismo de sofá” parece, desta maneira, organizar as pautas diárias de um *blog* ciberativista que “firma sua bandeira sobre a característica democrática da internet”⁷¹, confiando “na divulgação de situações multitemáticas sob uma perspectiva feminista”. Até janeiro de 2015, o blog já contabilizava 8.000 curtidas no *Facebook* e a participação de sete co-autores(as) para sua manutenção. Seus(suas) autores(as) também administram dois ou mais *blogs*, de interesses semelhantes ou de outras frentes ativistas. Cada página, um conceito; logo, um prisma do sintagma identidade-metamorfose-emancipação em projeção.

O coletivo *Blogueiras Negras*, com *blog* e comunidade no *Facebook* na categoria sociedade/cultura, foi iniciado em março de 2013 e, além de alcançarem mais de 200.000 curtidas em 2014, gozam de reconhecimento e popularidade entre os demais coletivos ativistas. Seus principais *links* têm como temáticas: “Identidade”, “Resistência”, “Saúde e Beleza”, “Estilo de Vida”, “Artes” e “Negras Notáveis”. Vale destacar outro indicativo de prática de sororidade para o ciberativismo: um texto publicado no *Blogueiras Negras*, no último dia do ano de 2014, por uma de suas co-autoras, Maria Rita. A publicação traz uma lista apresentando as 25 negras mais influentes da web 2014, o que demonstra a atualidade da produção do conhecimento, do protagonismo negro e a rede de sustentação das práticas de ativismo no mundo contemporâneo.

O grupo de mulheres negras e afrodescendentes que mantém o *blog* descreve-se, na página oficial da comunidade no *Facebook*, como: “*Blogueiras com histórias de vida e campos de interesse diversos; reunidas em torno das questões da negritude, do feminismo e da produção de conteúdo. Sujeitas de nossa própria história e de nossa própria escrita, ferramenta de luta e resistência. Viemos contar nossas histórias, exercício que nos é continuamente negado numa sociedade estruturalmente discriminatória e desigual.*”⁷²

O coletivo *Rua Nua* já é uma iniciativa ciberfeminista que contempla tecnologia, arte e intervenção política. A conjunção de artistas e artes feministas culmina na prática ativista

⁷¹ Informações colhidas do campo de apresentação principal do *blog* disponível no endereço eletrônico <http://ativismodesofa.blogspot.com.br/>

⁷² Disponível em https://www.facebook.com/blogueirasnegras/info?tab=page_info (último acesso: 07/01/2015)

coletiva de produzir, distribuir e colar lambe-lambe nas vias públicas, “com o objetivo de incentivar as mulheres a questionar os violentadores de uma forma diferente e mais segura”⁷³. Projeto brasileiro inspirado no *Stop Telling Women to Smile*, da artista afro-americana e iraniana Tatyana Fazlalizadeh⁷⁴.

Dada diversidade de escrituras de ativismo feminista em ambiente virtual, não considere apropriado sistematizar o campo e tais ferramentas de escrita em variáveis de análise sob critérios probabilísticos ou generalistas. O cunho científico da metodologia de pesquisa empregada pode, portanto, não passar de uma aposta de que os sujeitos de pesquisa passem a subsidiar as escolhas metódicas e interpretativas que tecem encaminhamentos para o campo teórico-interpretativo.

3.2 Campo de pesquisa

Após acompanhamento, em 2013, de ações virtuais e presenciais de um grupo multidisciplinar⁷⁵ que desenvolve programas continuados de capacitação para ativistas, pude constatar que as especificidades do ciberativismo contemporâneo dotam de potencialidade emancipatória projetos identitários cujas trajetórias de ativismo são narradas nas excentricidades das identidades coletivas. Como exposto por Matuck e Meucci (2005),

Com a Internet, os processos de construção identitária vêm ganhando uma nova forma. Ao disponibilizar um lugar no ciberespaço, a rede possibilita a um número maior de pessoas a oportunidade de se relatar, garante maior liberdade de mostrar ou construir a própria identidade. Tal possibilidade constitui um fenômeno, que se potencializa com o surgimento dos *blogs*, *fotologs* e das comunidades virtuais, como o Orkut, Gazzag e outras. (MATUCK e MEUCCI, 2005, p. 160-161)

⁷³ Informações coletadas no campo de apresentação principal do blog disponível no endereço eletrônico <http://ruanua.org/>

⁷⁴ Seu trabalho pode ser conhecido no sítio eletrônico oficial da artista: <http://stoptellingwomentosmile.com/>

⁷⁵ O grupo multidisciplinar Escola de Ativismo conta com profissionais da área ambiental, TCIs, especialistas da comunicação e cientistas sociais, situados(as) em estados brasileiros como São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais e Rio de Janeiro, alocados(as) e deslocados(as) de suas regiões de acordo com a demanda dos projetos desenvolvidos. O grupo existe desde abril de 2011. Disponível em: <https://ativismo.org.br/> (último acesso: 05/01/2014)

Daí a ideia de acompanhar o fluxo de narrativas identitárias em blogs de caráter ciberativista e comunidades de redes sociais para tentar se aproximar das funções emancipatórias da ferramenta tecnológica às identidades políticas.

Estabelecido um fluxo de observação diário de blogs e páginas em redes sociais, foram iniciados os primeiros contatos com autores(as) e coletivos anônimos que administram páginas virtuais e que estavam dentro da temática abordada pelos descritivos: ciberativismo; ciberfeminismo e feminismo na rede internet. Dentre as respostas de aceite ao convite⁷⁶, foram agendadas entrevistas que resultaram na apresentação de três autores(as) de blogs como sujeitos de pesquisa.

A orientação para a entrevista era dada por duas perguntas norteadoras: “quem é você?” e “quem quer ser?”, a partir das quais eram garantidos aos(as) entrevistados(as) liberdade para compor sua história da maneira como achassem melhor, escolhendo a ordem e o sentido dos fatos. Pela localidade presente dos(as) interlocutores(as), algumas entrevistas foram realizadas por intermédio de tecnologia audiovisual de comunicação, como o *Skype*, em horários combinados e locais de reserva acústica e garantia privativa. As entrevistas semi-estruturadas consistiram em ouvir narrativas de história de vida e suas passagens relacionadas ao ciberativismo. Uma vez assinados os termos de consentimento livre e esclarecido⁷⁷ que foram enviados e retransmitidos assinados também pela internet, as entrevistas foram realizadas e transcritas literalmente⁷⁸.

Segue uma exposição dos(as) narradores(as) por meio de suas apresentações pessoais em trechos das entrevistas. Em sequência, foram selecionados outros trechos organizados numa tessitura transversal de análise interpretativa, por temas adjacentes à problemática ciberativismo, identidade política e metamorfose humana. Os itens 3.2 e 3.3 podem ser lidos pela ordem de análise proposta ou pela narrativa de cada convidado: Maya, Priya e Nyah⁷⁹.

⁷⁶ Após apresentação pessoal e da instituição de ensino vinculada, a informação disponibilizada sobre a pesquisa em contato com pretensos sujeitos de pesquisa resumia-se em: “Entro em contato para convidá-lo(a) para uma entrevista que terá como eixo o ativismo político e as redes virtuais, na medida em que este aspecto se configure como uma experiência significativa para conhecê-lo(a), sua história e projeto de vida.”

⁷⁷ Em anexo 5, modelo de termo utilizado.

⁷⁸ Como garantido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, “as informações obtidas serão analisadas na dissertação de tese em conjunto com a história de vida de outras pessoas, não sendo divulgadas informações de identificação para além do conteúdo já publicado em redes sociais.” A íntegra do material colhido em entrevista ficará sob guarda de entrevistadora/pesquisadora responsável, como rege a Resolução 196/1996, Artigo IX – Operacionalização, item IX.2 - Ao pesquisador cabe: e) manter em arquivo, sob sua guarda, por 5 anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos recomendados pelo CEP.

⁷⁹ Nomes fictícios emprestados aos(as) narradores(as), como meio de garantir o sigilo de informações de identificação. A escolha dos nomes conjuga sentido no universo cibercultural em que transitam deusas hindus, heroínas de quadrinho feminista e avatar de *Role Playing Games* (RPG).

3.3 Apresentação dos sujeitos de pesquisa em fluxos da narrativa de história de vida

3.3.1 Maya

Pesquisadora: Maya, poderia dizer quem é você?

Maya: *Eu acho que é uma pergunta... tão ampla, né? Ela é muito, muito profunda, porque... porque na verdade eu não saberia te dizer... exatamente quem eu sou, né. Eu acho, eu acho que eu saberia dizer quem eu estou! Então, no momento eu estou... é... no momento eu estou sendo esta ativista, né, digamos assim... rs Eu acho que levou muito tempo pra eu, pra eu conseguir me enxergar dessa forma porque... eu sempre tive a alto estima muito baixa. E... eu sempre achei que ativismo era coisa pra gente assim, não sei... gente que tem essa profissão, gente engajada, gente que tá, né... lá em cima. E eu nunca me senti assim, né? Nunca me... e agora tá assim... é, de uns tempos pra cá, principalmente agora que eu me inseri mesmo aí no ativismo de rua, eu estou conseguindo é, ainda que... não, não tanto quanto eu gostaria mas... eu tenho conseguido estar bastante... sair nas ruas aqui na (país do continente europeu), é... aí eu consigo me ver melhor como uma ativista, pelos direitos humanos e, principalmente, pelo direito pelas mulheres.*

A fala de Maya exhibe uma consciência voltada para o devir humano. A apresentação que faz de si demonstra um projeto identitário inerentemente truncado à sua localização política e aos princípios éticos que o regimentam neste momento de sua vida. A experiência de “*estar sendo*” ativista e encarnar exercícios de papel de sua admiração e respeito parecem ter desmistificado e, ao mesmo tempo, transformado a própria concepção de papel de tal identidade coletiva. Afinal, ela “*está sendo esta ativista*” e não outra.

Seus deslocamentos geográficos são tomados como formas estratégicas de enfrentamento das opressões e violências à qual é submetida diariamente por denotar atributos, como raça/etnia, estrato econômico, gênero e nacionalidade, utilizados como artifícios de manobra para a desvalorização e segregação social. Atentos a este contexto, acompanhamos alguns desdobramentos de ordem subjetiva, normativa e objetiva ao longo de sua narrativa de história de vida e, com o intuito de apurar saltos emancipatórios em direção a uma identidade política.

Maya: *É claro que tem é, vários é... challenge, como é que fala? Desafios, né... Tem vários desafios aí, mas acho que em todo lugar que você vai tem que aprender meio que conviver, meio que se mostrar e, meio que... eu não sei, tirar um pouco dessa ideia de que você é inadequado. Eu sempre, eu sempre tive isso na minha cabeça que eu... que eu não*

sou... que eu não me encaixo. E agora no ativismo eu vejo que, eu encontro muitas pessoas que também sentem que não se encaixam. Eu acho que é uma coisa meio que sistemática. Meio que você perceber que o sistema não te agrada, que você não consegue ver nenhum tipo de justiça no sistema... então assim, esse mal estar mesmo... é o que me acompanha né, eu acho que... eu acho que de certo acompanha todo mundo que eu conheço que trabalha nessa questão de lutas aí sociais... tem isso.

Por uma vez ter acreditado que carecia de competências para atingir um grau de reconhecimento dentro de um coletivo político para que pudesse ser ativista, Maya narra um itinerário de afinidades com propostas de pessoas como ela que enlaçam novas condições de emancipação para diferentes tipos de insatisfação, desencaixes ou injúrias sofridas. Maya busca uma forma alternativa de viver e de se expressar frente à maneira imperialista de pensar e se organizar no mundo. Confia ao ativismo feminista e delega ao seu nomadismo identitário suas utopias emancipatórias.

Pesquisadora: E você já era ativista no Brasil?

Maya: Não! Não... ich... no Brasil eu era... como fala, como eu falo pros meninos... eu era aquela menina que fazia tudo direitinho (Risos). Eu nunca pensei que eu ia virar ativista, eu nem... eu tinha muito medo de me assumir como feminista, sabe... eu não...

Maya é uma blogueira brasileira de 34 anos. Se auto-afirma negra é casada e adepta ao poliamor. É graduada e pós-graduada em universidade pública na área de Humanas. Atualmente está desempregada e vive com o marido em um país do continente europeu.

Viveu com os pais, duas irmãs e um irmão até seus 28 anos. Foi quando emigrou para país asiático em 2008, com a finalidade de conhecer o rapaz que já namorava há um ano e sete meses via internet e com o qual se casou. Após dois anos, ela e seu companheiro migraram para país do continente americano e, na oportunidade de uma transferência de emprego para seu marido, migraram para um país da Europa.

É possível apontar, no trecho abaixo, um emblema do sentido emancipatório que permeia as metamorfoses de Maya: seus deslocamentos geopolíticos – no caso, o ambiente familiar, representante da normatividade e de uma moral convencional – são refletidos criticamente pela contraposição de seu antigo universo vivido e uma realidade cultural e societária completamente diferente. Com impedimentos de ordem estruturante que recaem sobre as suas diferenças identitárias, confia “empoderar-se” na conjugação de vozes dissidentes e plurais que compactuam em campos feministas e ativistas para gerar movimentos de descentralização da heteronormatividade e transformação do Eu.

Maya: *Saí pra ir pra (país do continente asiático) pra... pra tentar uma vida nova né. Eu acho que foi... eu acho que foi preciso, assim, acho que foi uma coisa necessária pra eu... me empoderar, porque... realmente, se eu tivesse ficado ali (referindo-se a sua cidade natal)... eu acho que... eu não teria percebido o tanto de coisa que eu percebi! É assim, de... de injustiças mesmo, né... principalmente, com as mulheres né. O tanto que a gente é oprimida e não... e não percebe!*

3.3.2 Priya

Priya é uma jovem branca, de 28 anos, bissexual, formada em universidade particular e especializada na área de *design*. Aos 21 anos, assim que se formou e começou a trabalhar, saiu da casa dos pais para morar sozinha. Trabalhou em pequenas agências e em empresas conceituadas, quando resolveu “*desinfetar-se*”: pediu demissão e voltou para a capital em que nasceu para trabalhar num albergue. Graças às ferramentas tecnológicas de comunicação, hoje atua como *design* autônoma, em projetos de terceiros que escolhe trabalhar de casa. Além disso, realiza projetos de arte independente e de cunho ativista, como o fanzine que criou junto com uma página na rede social *Facebook* e que a projetou no eixo da cibercultura e do ativismo feminista de maneira exponencial. Divide um apartamento com seu companheiro, além de outros “armários” que luta por desocupar, como notamos em sua história.

Priya: *Em (cita o nome da cidade que se formou) mesmo... nunca gostei e sempre me sentia muito explorada... muitas horas trabalhando né, publicitário, diretor de arte não tem sindicato... e eu nunca gostei de trabalhar, ideologicamente, enfim... nunca foi algo assim... que me deu tesão assim, mas dava uma grana e tal. E aí resolvi largar tudo e vir pra (capital brasileira em que nasceu) e aí eu comecei a fazer freelancer em casa, trabalho em casa até hoje. E uma amiga minha que já era do roteiro, do fanzine, ela falou: Priya, faz um fanzine pra eu botar na minha bancadinha na feira (nome de feira de exposição), isso em março, deste ano. E aí eu fiz o (nome do fanzine) e aí... bombou muito, foi meu primeiro zine, então... aí quem eu sou? Sou uma pessoa completamente perdida que meio que sem querer, sabe, o negócio cresceu muito rápido! Assim... mas é... eu não sei exatamente onde isso vai me levar, é... eu nem espero nada assim, na verdade eu nem espero nada do zine nem da página só... continuo alimentando porque... dá pra alimentar e é legal! Eu gosto de ajudar outras pessoas né... O ativismo ele veio só depois do fanzine mesmo. Porque... antes eu já era feminista mas eu não era ativista não.*

Priya nos informa o lugar identitário do qual partem seus novos movimentos de metamorfose: a produção de um fanzine trouxe visibilidade e reconhecimento tanto para seu trabalho como artista como para sua prática de ativismo. Tendo em vista sua última colocação, conduzimo-nos para compreender os sentidos de ser uma feminista dentro da história de vida de Priya, a fim de conhecer quem considera ser:

Priya: É... ser feminista, eu acho que é principalmente ser consciente de que você vive no patriarcado e que existe um machismo imperando na nossa sociedade. Quer dizer, em todos os níveis onde você vai pisar, você vai ser subjugada de alguma forma. É isso, eu acho que... eu acho que toda mulher é feminista. Esse é o meu conceito, porque toda mulher quando ela acorda pra trabalhar e pra fazer o que ela tem que fazer, ela tem que lutar por isso, entendeu? Se ela vai trabalhar, pra ela receber um salário igual ou bom, ela tem que ser duas vezes melhor que o homem, porque vão falar que ela está andando com não sei quem... nunca é por competência, né? Enfim, é isso.

A escolha por um ativismo de interesse emancipatório, representada nas afinidades com o feminismo interseccional e a promoção de ideias e práticas de sororidade em sua vida, configura-se como um projeto político perante a elaboração de seu itinerário de vida e de seu devir identitário. Constituir-se como feminista significa, aos modos de Priya, reconhecer e enfrentar ferramentas de subordinação e de cartelização de privilégios sociais dentro de um universo androcêntrico, patriarcal e economicamente imperialista que a inserem numa tarefa constante, eticamente consciente e nômade de se responsabilizar pela sua localização social e pelas lutas que partilha.

.3.3 Nyah

Bom, é... quem eu sou? (risos) Bom, eu começaria dizendo que meu nome é (nome completo), sou jovem, né, 25 anos, sexo masculino (risos). Natural de (capital brasileira), capital, né, nasci e cresci na cidade de (capital brasileira) no bairro (nome do bairro), da zona (designação). Ah... sou de uma família de classe média, eu diria. Brasileiros, né, meus pais brasileiros também né, o meu avô é da (país europeu), daí que vem o meu sobrenome, né, que é um sobrenome muito é... incomum no Brasil. Basicamente o braço da minha família, né. E que hoje trabalho no (instituto federal), né, em (outra capital brasileira). Me mudei pra Brasília agora em maio deste ano, mas sempre cresci na mesma casa, ah... Bom... acho que

é... pra começar dizendo quem eu sou, é isso.... Não sei se você quer que eu comece falando da infância?

Pesquisadora: À vontade. Você pode ter escolhido uma linha pra começar e não tenho objeção.

Bom, eu confesso que esses dias eu fiquei pensando um pouco nas respostas que eu daria (risos). A gente vai se preparando pra entrevista, não é? Bom, eu vou... vou falando então...

Nyah tem 25 anos, é branco, mestrando e funcionário público. Está solteiro e se autointitula homem gay apenas por uma estratégica política, como assinala mais adiante. Mantém um blog desde 2011 sobre discussões de gênero que somam mais de 3000 curtidas no Facebook e 600 seguidores⁸⁰. Seu ativismo possui uma estética acadêmica. Sistemático em suas atividades e aplicado nos seus princípios e objetivos, Nyah é trazido à pesquisa em função dos deslocamentos observados em seu processo humanizatório, reunindo indícios de autonomização do Eu rumo uma identidade política implicada com seu posicionamento feminista.

Nyah: Bom, então eu... é... como eu disse eu cresci (uma capital brasileira), no bairro (nome do bairro) né, num condomínio fechado. Aquilo lá era... era um condomínio fechado, mas não era... é bem classe média meu histórico de vida assim, né. Estudei numa escola particular, sempre em escola particular... depois na universidade pública, né. É... sempre tive convênio médico, né. Meu meio de lazer era basicamente shopping center, que não vai... numa cidade como (uma capital brasileira), não tem tantas opções, né, referente ao espaço público que é bastante inseguro, ou tipo como seguro, e privatizado né. Então... sempre cresci naquela bolha de segurança da classe média, né... andar de carro...

Nyah é consciente das condições privilegiadas que desfruta e consegue enxergar nisto as fronteiras de espaço físico, de estruturação simbólica e de sociabilidades que incidem sobre sua formação.

Nyah: Pra termos práticos, eu cresci sempre tendo um espaço pra mim, um quarto pra mim, né. E como eu morava num condomínio fechado, né, era um condomínio, não era um condomínio chic nem nada. Era um condomínio, era uma rua que foi fechada, irregularmente, por moradores, né, então, tinha um espaço, assim, amplo, seguro, eu sei... eu brinquei muito na rua, né. Então eu acho que as crianças em (nome de uma capital brasileira), hoje, elas são muito limitadas, né, muito restritas a um espaço de lazer de um

⁸⁰ Dados de mídia social do blog mantido por Nyah estão disponíveis nos anexos 6 e 7.

apartamento, de um condomínio, né... é uma infância muito triste, né, eu vejo né, hoje em dia... É... é muito limitada! A cidade é complicada né, e enfim...

Ser estudante é um papel social central na história de vida de Nyah. Sua narrativa – e suas metamorfoses – emergem de um itinerário “privatizado” que se transforma na medida em que Nyah avança para se tornar mais autônomo. Este fragmento de emancipação se deu por meio da negação política da sua condição de classe, o que o levou a explorar novas sociabilidades, concepções de mundo e estilos de vida. Interpretação que se ancora neste trecho:

Nyah: Mas eu não entendi muito bem a (universidade estadual) quando eu entrei, até porque eu era uma pessoa que vem de todo um sistema privado né, de tudo né? De shopping center, de escola particular, de convênio particular, de condomínio fechado... Eu nunca, eu nunca tinha andado de ônibus, pra você ter uma ideia! Eu andava, uma vez ou outra, sabe, era... (risos). Pra começar, eu fiz meu bilhete único quando eu estava... na (universidade estadual), sabe. Eu era pra ser um coxinha, assim, reaçã! O gigante acordou! Pintado de verde e amarelo na Paulista, era pra ser isto, mas... (risos). Tinha tudo, era meu rastro de classe, felizmente, não foi por essa via. (risos) Mas enfim...

Por intermédio da educação religiosa de Nyah, rastreamos os passos de uma escolha autônoma por uma filosofia existencialista de vida:

Nyah: Eu sou ateu desde os dez anos de idade, assim, meu pai também... minha mãe não, minha mãe era uma pessoa cristã... era uma miscelânea né, frequentava umbanda, lia espiritismo mas era católica por formação, sabe, essa coisa bem brasileira assim. Meu pai não. Meu pai era ateu mesmo, não gostava de igreja e tal. Então eu também cresci um pouco nessa vibe assim, né. Deus? Não sei rezar, não quero aprender, não estou nem aí pra Deus, não quero ir pra igreja. Então, não me importava com religião. Na biologia também, já incentivava isso, né, toda aquela questão do evolucionismo, Darwin, tal, você fica mais assim, cético ainda né. E aí, quando eu comecei a ler Sartre, eu gostei muito porque Sartre era ateu né? Ele dizia, na verdade, não que nega que Deus existe, mas ele acha que isso, essa questão não é relevante. O que importa é o significado que a Humanidade vai dar à Deus, né, e que a vida, que a gente tem total liberdade pra fazer o que a gente quer na nossa vida desde que a gente assuma a responsabilidade dos nossos atos, né. Então nós somos responsáveis pela nossa felicidade, nós somos responsáveis pelo nosso sofrimento, né. É bem assim, o humanista é até um pouco antropocentrista, assim. Mas eu gostei muito disso porque eu me senti empoderado, sabe? Eu tenho que superar isso por minha própria conta, quer dizer, minha vida está na minha mão. Ler isso... gostei muito!

Encarnado na sua experiência de dissidência ao modelo masculinista e heteronormativo, Nyah aproxima-se do feminismo como forma de se articular à luta contra a subordinação que ocorre por viés identitário. Suas afinidades são providas dos objetivos emancipatórios e coletivos cujo interesse foca referências à identidade e orientação de gênero que incluam a autenticidade da experiência humana e a equidade de condições de reconhecimento para diferentes sentidos de metamorfose.

Nyah: *Aí eu passei a... a me reinterpretar como pessoa a partir de 2009, e que foi o que me fez superar o luto também, porque me fez... eu virei outra pessoa, né. Eu entrei naquele ano de um jeito e saí de um outro. E por causa dessa questão da sexualidade, então passei a me engajar um pouco na discussão sobre gênero e sexualidade. Então, pegando um pouco desse feminismo que eu estava lendo com a Simone de Beauvoir e essa coisa de sair do armário e tal, eu queria entender o que significava isso, né. No começo eu me considerava bissexual, passei a querer entender isso melhor. E aí, acho que isso foi o ponto de partida para que eu chegasse no blog que eu tenho hoje, entendeu? Quer dizer, o blog atual, que foi criado em 2011, né, ainda vou contar essa história, do surgimento.*

3.4 Ressonâncias e dissidências em itinerários ativistas

A análise ora apresentada pode ser lida a partir dos eixos temáticos reincidentes nas narrativas ou por meio das histórias de vida pessoais.

3.4.1 Educação e profissão

Eu já... as vezes eu ficava... vinha algum cliente e queria é, me tratando como design mesmo, pra eu fazer alguma coisa... E aí eu fazia, eu gostava muito... e aí a pessoa sempre pedia pra eu alterar, alterar, alterar e ficava meio ruim, sabe? E eu ficava pensando: “Cara! Que é que eu estou fazendo, cara! Que eu estou fazendo, que eu levei anos pra estudar e fazer isso e o cara vai e transforma meu pato em ornitorrinco, sabe?”

Priya

3.4.1.1 Maya

Maya: *Eu dava aula lá no Brasil, eu dava... eu estava indo até bem, eu dava aula numa faculdade... em uma faculdade e em três outras escolas de inglês.*

Pesquisadora: Qual faculdade você fez?

Maya: *Universidade Federal (nome de estado brasileiro). Aí eu estava dando aula como professora substituta na Universidade Estadual (do mesmo estado brasileiro). Tinha que viajar muito, mas... mas deu certo! Foi bom! Foi uma experiência boa.*

Maya: *Então, é... quando eu fui pra (país asiático) eu tinha um emprego. Era até um emprego bom, trabalhava numa grande empresa lá e... aí depois a gente foi (país da América), eu arrumei um emprego lá também. E acontece que chegando na (país europeu) eu não consegui arrumar mais emprego de jeito nenhum. É então, essa é uma coisa que me deixa de certa maneira desempoderada.*

As barreiras que Maya encontra, desde sua formação à possibilidade de atuar profissionalmente, parecem conduzir-nos para um itinerário de deslocamentos que não atendem, de fato, seus interesses de autonomia financeira, desenvolvimento de competências técnicas e outros aspectos da individuação do Eu e da sociabilidade. De modo que reclama estar desmotivada e não confiar em sua escrita, expressão direta para seus afetos e estima.

Pesquisadora: Depois de (país asiático)...?

Maya: *Nós fomos morar (país do continente americano), fomos morar no (estado americano). E... a gente ficou lá um ano e meio. E foi uma experiência boa, mas é, praticamente difícil de adaptar. E aí a gente resolveu é... o emprego dele estava meio, ele estava meio pra perder o emprego, sabe? E aí a gente acabou achando uma oportunidade de uma vaga que teve de ele fazer a mesma coisa que ele estava fazendo lá e a gente veio pra cá!*

Pesquisadora: *Você trabalhou na sua área de formação?*

Maya: *Não... eu fui trabalhar é... na (país asiático). Eu comecei como tradutora intérprete, depois me colocaram pra fazer suporte de software, coisas... por causa da minha formação né, não era técnica. Atendimento básico. Só que aí é... aí eu fui pra (cidade de país asiático) e lá eu fazia é... trabalho de escritório mesmo.*

Pesquisadora: *Foi por acaso a escolha de (nome do país europeu)?*

Maya: *Foi mais ou menos, porque... é... meu marido trabalhava numa empresa que prestava serviço pra uma empresa aqui da (país europeu). E quando a situação lá ficou feia e eles começaram a fazer demissão em massa, é... aí a gente achou melhor vir pra cá, porque, não correr o risco de ficar desempregados (em país do continente americano).*

Pesquisadora: *Você gosta da profissão em que se formou?*

Maya: *Gosto! Gosto sim, é... assim, acho que de certa forma, é complicado, porque, assim... é um diploma que realmente eu não consigo arrumar emprego aqui na Europa, não vai me dar emprego na Europa. Eu preciso... me reciclar e fazer alguma outra coisa. Mas... ao mesmo tempo, é a razão pela qual eu falo inglês. Então... foi assim, a porta de abertura pra mim mesmo, pra eu conseguir ir pra outros países e tal.*

3.4.1.2 Priya

Priya: *O que eu faço, eu sou freela, eu faço freela em casa como (profissão). E é isso assim, é isso o que me sustenta, não é a arte. É a publicidade ainda, é o design. Mas, eu sou um pouco mais criteriosa, porque eu posso escolher o que eu pego e tudo mais. Mas é... quando eu saí da publicidade foi claro que eu ia ganhar bem menos, foi uma escolha consciente.*

Eu lembro que eu comecei a trabalhar e já saí de casa. Com 21 anos. Estou com 28 anos agora. Faz sete anos que eu me formei e que então eu sai de casa. Vai fazer... vai fazer oito, porque eu faço aniversário em (início do ano) já. É... aí eu vim pra (capital de residência

atual) e comecei a trabalhar num albergue porque, é... desinfetar mesmo, de agências... (risos), ganhando quase nada...

Pesquisadora: Você se sustenta com seu trabalho? Também ganha dinheiro com a arte?

Priya: (nome do fanzine) *não me sustenta em absoluto. Nada do que eu vendo pela Internet, nem faz parte do meu orçamento. Eu até, inclusive, é... tem um site, tem um site seguro que as pessoas podem pagar... o primeiro saque que eu fui fazer disso foi agora! Entendeu... fica lá o dinheiro armazenado, o primeiro saque que eu fui pegar foi agora e mixaria. É... o negocio que eu faço mesmo é pra... passar a bola pra frente e... tento fazer o mais barato possível pra que isso aconteça. Tanto é que eu nem posto isso no correio com registro. Eu boto na caixinha do correio pra ficar mais barato, pra poder vender mais barato.*

Se, por um lado, Priya ganha reconhecimento e legitima sua arte dentro de circuitos feministas, ciberculturais e ativistas, por outro, sua arte divide tempo e, assim, pode ser sustentada com trabalhos de ordem técnica e interesse financeiro.

Pesquisadora: Você já desenhava?

Priya: *Já... já desenhava desde criança e tal. Mas eu fiquei um tempo sem desenhar... quando eu fui pra agência eu neguei esse lado completamente, porque eu só fazia coisa digital, não optava, só fazia layout, quer dizer... eu fui resgatar isso... é... ainda em (uma capital brasileira), ainda em agência, mas bem no final, já bem no final que eu fui, pô, voltar a desenhar, posso botar isso na minha profissão, tudo mais...*

Pesquisadora: Como pensar a artista como profissional e uma profissão que engloba a artista?

Priya: *Claro! Porque isso é uma coisa que... que eu critico, só que a gente precisa se sustentar e aí como eu faço?, né... uma coisa que eu botei na minha cabeça é que com o fanzine eu não queria cobrar nada, quer dizer, eu já fui fazer palestra no (órgão do governo), mas eu jamais poderia cobrar por isso, sabe? Não é um lance que, não é, eu não sou uma pessoa ambiciosa e eu não quero ganhar em cima disso. Mas ao mesmo tempo, como ganhar, como me sustentar, preciso, né, tenho que pagar conta e tudo mais. Mas eu vou dando um jeito.*

A forma como Priya preserva sua produção artística de interesses instrumentais denota ganhos em autonomia perante seu processo de individuação do Eu e condições de ativismo.

Priya: *Sei lá, mas esse negócio de vender arte e fazer arte, pra mim, é um negócio que me pega muito mesmo, muito mesmo. Eu já... as vezes eu ficava... vinha algum cliente e queria é, me tratando como design mesmo, pra eu fazer alguma coisa... E aí eu fazia, eu*

gostava muito... e aí a pessoa sempre pedia pra eu alterar, alterar, alterar e ficava meio ruim, sabe? E eu ficava pensando: “Caro! Que é que eu estou fazendo, cara! Que eu estou fazendo, que eu levei anos pra estudar e fazer isso e o cara vai e transforma meu pato em ornitorrinco, sabe? E aí... é um negócio que te frustra muito! Muito, te deixa muito frustrada!

Seu salto emancipatório perante suas condições de trabalho e de produção criativa são assumidas publicamente, buscando reconhecimento de uma profissional mais experiente e confiante em suas competências.

Tem aqueles lifes sends no facebook, enfim, eu fico fazendo piada o tempo todo e dessa vez eu coloquei lá: Parei de fazer design. Pra todo mundo ver e parar de me pedir, porque também era um negócio que, como era muito... muito, muito próxima das pessoas e tudo mais... amigos e não amigos... as pessoas me passavam contatos pra fazer coisas muito baratas e aí essa relação, cara! É muito frustrante! Muito... daí eu falei: “olha... parei, parei”. E aí parei mesmo! Parei mesmo! E agora estou só com (nome do fanzine) e... enfim.

Pesquisadora: Chegou a duvidar da sua profissão?

Priya: O tempo todo! Sim... Eu não me arrependo de ter feito a faculdade que eu fiz não! Apesar de ter sido comunicação social, a faculdade era bem teórica. Foi bem bom assim, é... foi bem boa mesmo! Mas ao mesmo tempo eu fiz (escola de especialização) que era... era técnico, então, era bem prático. Daí... é o que me deu âncora para ir pro mercado de trabalho. Quer dizer, uma foi teoria e a outra foi prática. São lados de uma junção. Mas... crise com produção eu tenho o tempo todo, tenho até hoje e tenho certeza que eu vou ter sempre.

Pesquisadora: E voltou pra fazer outro curso na faculdade?

Priya: É, mas não... eu escolhi fazer esse segundo curso à distância. É faculdade de História à distância. Eu faço em casa, entendeu, é muito bom. De graça, porque é estadual, né.

Mais uma vez, a internet aparece como mediadora para sua relação com o mundo. Além de uma prática ciberativista, a tecnologia é posta a serviço de seu desenvolvimento acadêmico. Tais condições de sociabilidade não parecem desqualificar as conexões que Priya estabelece com o mundo, favorecendo suas ações sociais, profissionais, formativas e de ativismo diante de atuais transtornos de ansiedade que enfrenta.

3.3.1.3 Nyah

Nyah inicia seu relato de socialização citando a formação que recebeu de seus pais:

Nyah: *Eram pessoas que sempre me... sempre me incentivaram muito nos estudos né. Eu sempre fui um bom aluno, né, na escolarização básica, nunca tive grandes problemas na escola. É... só no ensino médio, que é uma outra questão que a gente vai chegar lá depois. Mas na escola sempre tive um bom desempenho escolar. Estudei em três escolas ao longo da minha vida, né. (nome de instituição de ensino 1), que é bastante conhecida, que é uma escola bastante elitizada, né, no (instituição de ensino 2), que eu não gosto, hoje em dia. O (instituição de ensino 3), em (cidade de perímetro metropolitano de uma capital brasileira), uma escola bem elitizada também, mas eu era sempre o mais pobre da escola assim né, rs. Que sempre teve muita gente pertencente à elite mesmo, que morava em casarões, em mansões com piscina. Eu morava num sobrado, assim, simples né, suficientemente confortável, mas sem grandes ostentações, né.*

E aí, então, eu sempre fui um bom aluno e meus pais sempre me incentivaram muito e sempre tiveram um discurso, assim, de anti-consumismo. Um discurso assim de... a valorizar aquilo que é mais importante... a gente nunca teve carro zero em casa, sempre carro usado, meu pai fazia questão de comprar carro usado porque não achava que valia a pena gastar dinheiro com isso, e tal. Então, nunca, nunca quisemos ser uma família consumista, uma família... bem moderada, né.

O viés crítico e o estilo de vida que se observa como parte da socialização primária de Nyah parece ser uma linha condutora de sentidos para uma constituição identitária que busca autonomia de padrões heteronormativos.

Nyah: *Então na escola, eu sempre tive isso. Eu fazia muito mais amizades com meninas, de modo geral. Sempre tive mais amigas, né. E... foi indo bem, desse jeito que eu estou te contando até o ensino médio. Acho que o ensino médio foi um ponto de virada, um pouco, porque... enfim. Eu estava numa escola, naquela época era o (nome do terceiro colégio que frequentou), né, então estudei no (instituição de ensino privado 1), depois no (instituição de ensino privado 2), depois no (instituição de ensino privado 3). É... o colégio (instituição de ensino privado 3), que é mais ou menos conhecido, tem apostila e tal, em (cidade de região metropolitana). E aí... eu vim... na oitava série, a escola era pequena, tinha duas turmas de oitava série. Daí no ano seguinte, 2004, quando eu entrei no primeiro colegial a escola aumentou para seis salas, com quarenta alunos. Aumentou muito, ficou gigante! E absorveu muita gente de uma escola que faliu, né. Então vieram as turmas prontas, todas montadas, todo mundo se conhecia! Bem, aí eu fiquei completamente perdido naquilo tudo. Né, porque não era mais aquele ambiente familiar que eu estava acostumado. A mudança pro colegial, toda a questão do conteúdo...*

Depois de uma entrada traumática no segundo grau de formação escolar, Nyah tem a ajuda do pai para restaurar o exercício do papel social em que mais apoiava seu desenvolvimento do Eu: ser estudante. Este itinerário marca toda sua trajetória de desenvolvimento psicossocial, coletivo e individual e expõe suas metamorfoses como crises⁸¹.

Nyah: *O segundo e o terceiro já foram melhores, né. Meu pai começou a fazer uma pressão muito grande pra eu começar a me preparar pro vestibular já, né, e me ajudou assim... como ele era um cara interessado em matemática e física, né, ele chegou a me ensinar mesmo. Comprou uma lousa em casa, baixou o material... pra me recuperar nas minhas notas. Daí eu melhorei bastante, no segundo colegial... no terceiro colegial eu já estava com umas médias elevadíssimas, assim, tinha ganhado umas medalhas na escola e tal. E aí eu fiquei bem, me especializando naquilo que eu sabia fazer que era ir bem na escola, assim, porque, a vida de adolescente, assim, eu não tive, sabe? Não tive.*

Nyah: *Então eu fui tocando a escola desse jeito assim. Daí passei no vestibular, né, passei na (vestibular de universidade pública) em 2007 e entrei em Biologia. Eu queria ser biólogo no começo. E fui lá, é... em 2007 eu comecei a fazer faculdade, na (nome de universidade estadual). Só que eu entrei na (universidade estadual) com uma cabeça ainda muito de colégio. Muito, eu era muito criança quando eu entrei, estava muito com uma mentalidade de colégio, de nota... e não, não consegui entender muito bem a universidade nos primeiros dois anos, vai, que eu estava lá. Eu ia bem também na nota, não tinha problema com isso... gostava, né, da universidade, gostava da liberdade que a universidade dava mais... então você usa a roupa que você quer, pra você ir embora a hora que você quiser, não tem inspetor, não tem aquela... aquela rotina institucionalizada.*

A concepção de mundo que Nyah tinha até então é confrontada por uma perspectiva de vida mais autônoma e libertária. As ressonâncias desta metamorfose aparecem apenas em 2009 e indícios de uma reapropriação mais autônoma ocorre em 2010.

Nyah: *E aí muita coisa mudou pra mim em 2009, logo depois da morte da minha mãe, no segundo semestre, que foi um semestre de muita mudança pra mim. Nessa época eu ainda estava escrevendo no meu blog, né... Ainda estava tentando... tentando me politizar um pouco, mas ainda muito pouco, né. Nessa época eu acho que eu comecei a parar de ler Veja, eu acho... (risos) Já ajuda! E aí, no final de 2008, logo após a morte da minha mãe, eu estava em casa um dia e comecei a folhar, a gente tinha uma coleção de, de... da Folha, acho que*

⁸¹ Como assinala Habermas (HABERMAS, 1983, p. 53) “o processo de formação não só se realiza de modo descontínuo, mas é, via de regra, marcado por crises”, referindo-se ao desenvolvimento da identidade do Eu.

era da Folha, se eu não me engano, que falava sobre... tinha um volume sobre literatura, um volume sobre literatura estrangeira, um nacional, um volume sobre filosofia e tal. E eu peguei pra foliar, nas férias né, acabou as aulas e tal. Comecei a foliar e comecei a ler um pouco sobre a teoria do Jean Paul Sartre, do existencialismo. Comecei a ler um pouco da teoria dele, né. Meu pai tinha em casa “O existencialismo é um humanismo”, tinha também “A náusea”... E aí eu comecei a ler Sartre. Alguma coisa, o que eu consegui entender né, porque é muito complexo. E aquilo que eu consegui aprender dele, né, que fala da questão de que a vida não tinha sentido mesmo a não ser o sentido que você imprime à vida.

Nyah: Em 2009, eu comecei a tocar piano também... eu sempre fui meio musical assim, né. Estudei violão quando eu era criança, depois fiz flauta durante um ano, depois fiz piano por três anos. Então eu sempre estava, assim... acostumado a fazer a faculdade e a estudar música. É uma coisa que me agrada, eu gosto muito de música.

Nyah: Então 2010 foi basicamente isso, entrei assim, então, já repaginado, fora do luto, estava muito mais feliz na minha vida, na minha faculdade, né, porque durante um período eu estava pensando em fazer outra faculdade, né, cinema, no caso. Já tinha parado de fazer estágio em laboratório, né, completei a pesquisa, terminou minha bolsa e eu saí da minha iniciação e fiquei... no limbo, né, fiquei sem fazer nenhuma atividade.

Mantendo como eixo principal de condução do seu projeto de vida o contexto acadêmico, Nyah declara um evento que recobre de sentidos seu projeto identitário e profissional:

Nyah: Além do que teve um segundo máximo na minha vida, importantíssimo pra mim, academicamente falando e politicamente falando. Eu estava fazendo a licenciatura, né, bacharelado e licenciatura. Os dois simultaneamente, que é comum lá na Biologia da (universidade estadual).

Nyah: Em 2010 eu faço uma disciplina, no primeiro semestre chamada (título da disciplina), que a gente chama de (sigla da disciplina) e fiz com a professora que eu não conhecia mas que era bastante recomendada pelas pessoas, que é a professora (nome completo da professora), que é minha atual orientadora de mestrado. Então, eu fiz a disciplina com ela e eu fiquei assim... apaixonado pelas aulas dela. Apaixonado, apaixonado. Melhor disciplina que eu fiz na minha faculdade, tá?

Nyah: Uma matéria em que a N., é né, ainda é, mas, naquela época, pra mim era uma pessoa... muito inteligente, uma pessoa que eu construí uma admiração muito grande. Uma pessoa muito respeitosa... muito educada, muito profunda e muito politizada! Então a matéria dela foi, pra mim, foi sensacional! Porque eu pensei em chegar na educação não a partir do

ensino de ciências, que era a perspectiva que eu tinha como biólogo de formação, né, mas a partir da perspectiva da política pública, do debate dos bastidores da educação, da legislação... do debate da democracia, das diretrizes, do debate da qualidade da educação, do que que é a educação, pra que serve a educação, né, o que significa qualidade da educação. Então essa disciplina foi pra mim um divisor de águas, né. Quando eu terminei essa disciplina cogitando a possibilidade de fazer pós em educação e não mais em biologia, que é onde eu me encontro hoje, né, na educação.

O segundo evento que marca a formação e os direcionamentos políticos de sua identidade estão relatados no parágrafo que segue:

Nyah: Naquele mesmo momento eu ingressei na gestão do Centro Acadêmico da Biologia, que foi uma outra influencia importante também que foi quando eu comecei a trabalhar com política mesmo. Daí, enfim. Naquele momento eu precisava elaborar um projeto de mestrado. Começar a pensar no meu mestrado. Ainda tinha o ano de 2011 pra cursar, em 2012 eu queria estar fazendo mestrado. Então eu tinha que... eu tinha um ano, um pouco mais de um ano para me decidir, né, construir um projeto, passar no exame de pós, né. E aí eu comecei a ler muito, comecei a estudar gênero, teoria de gênero, bastante influenciado pela Joan Scott. Uma autora super influente no Brasil, né. Eu li os textos dela “Gênero, uma categoria útil para análise histórica”, né, um contexto muito influente, muito interessante, que é a base do trabalho da N. também. E eu passei minhas férias, né, entre 2010 e 2011, lendo muito mais sobre gênero, pesquisa sobre gênero na educação, no desempenho escolar. Fiz um projeto que eu mostrei pra N., aperfeiçoamos e eu me inscrevi na pós, no exame seletivo da pós, na (universidade estadual), isso foi em 2011 e passei. Demorou um tempão, porque era um projeto bem longo e passei, pra ingressar em 2012, como tinha planejado.

Nyah: E eu comecei em 2012 fazendo disciplina. Acompanhei a N. numa pesquisa que ela fazia, que ela fazia era isso que eu falei pra você, só que ela fazia entrevista com pais e mães e, eu, faço com crianças. Então são dois trabalhos que dialogam. E aí eu passei a colaborar com a N. na pesquisa dela e aprender um pouco a fazer pesquisa, porque eu não conhecia. Porque eu acompanhava, via ela entrevistando... eu ficava observando a conversa, sem intervir, vendo como é que a N. conduzia as entrevistas, como é que fazia essa aproximação com famílias, que eram famílias de baixa renda, muito pouco escolarizadas, então tinha um distanciamento muito grande, né, dessa cultura de pesquisa, de gravador, de universidade, não tinha nada a ver com esse universo... tudo lá no (nome do bairro em que a universidade se localiza) mesmo, né, em escolas públicas.

O encaminhamento acadêmico e político que Nyah escolhe receber por parte de sua orientadora o recoloca também perante a construção de seu projeto de vida e, na medida em que conquista espaços de reconhecimento, confia sua utopia emancipatória à filosofia que encarna.

Nyah: *E aí em 2011, então antes de começar o mestrado, quando eu já estava aprovado no exame, no processo seletivo, a (autora feminista) veio para o Brasil. E daí como eu estava muito próximo dos textos dela, eu fiz de tudo pra ir atrás dela. Então ela veio pra (universidade pública) eu fui pra (universidade pública) com a N., a gente assistiu a palestra dela. Depois a (autora feminista) foi pro Rio, pra dar outra palestra e eu fui pro Rio também, (Risos), pra ir atrás dela. E, nesse processo, eu acabei conversando com ela e dizendo que eu tinha muito interesse na obra dela e que eu queria muito estudar com ela no exterior. E a N. também deu um gás, né, falou: “Ah, o Nyah queria ver se tinha a possibilidade de fazer um estágio com você...” E ela se mostrou muito receptiva. E aí eu acabei efetivando isso em 2012, e eu viajei em 2013 pra (país da Oceania). Morei seis meses lá estudando com a (autora feminista). E aí foi um prazer imenso, né, porque era minha referencia principal trabalhando ali comigo. Então foi um negócio superbacana!*

Pesquisadora: Você trabalhava?

Nyah: *Eu tinha bolsa de mestrado e eu trabalhava sim... fazia umas pontas, né. Eu era... desde 2010, entre 2010 e 2014 eu trabalhei como free-lancer de editora de livros didáticos. Só que em Ciências e Biologia, entendeu? Ligado a minha graduação. Elaboração de material, perguntas preparatórias para o Enem... enfim, coisas bem de biologia mesmo, didático, que era onde eu descolava uma grana né, porque enfim. Na época... em 2010 meu pai perdeu o emprego, né, e não conseguiu mais arrumar outro emprego. Ele se aposentou... ele se aposentou com uma aposentadoria muito baixa. E na época não tinha outra renda, né. Então, enfim... ele ganhava bem, como analista de sistemas, e começou a ganhar muito pouco. Então a renda nossa caiu muito, né. Não que isso tenha nos afetado porque a gente tinha um estilo de vida simples, então a gente não teve que se privar de nada. Mas, ficamos mais humildes, né, (risos), ficamos mais pobres.*

Nyah: *Eu comecei a trabalhar na editora, né... em casa mesmo, fazia o serviço de casa, entregava por email pra eles e eles pagavam muito bem. Então eu comecei a juntar dinheiro com isso. A bolsa, quando eu comecei meu mestrado em 2012, a bolsa pagava assim... ia quase tudo naquele mês. Porque eu ajudava meu pai em casa, dava uns setecentos, oitocentos reais pra ajudar em casa, o restante era meu. Então não sobrava muito porque eu tinha que pagar gasolina do carro, pagar refeição, pagar minhas coisas, minhas saídas e tal,*

então era assim as editoras, (nome das editoras), que me fizeram juntar um dinheirinho no caixa.

3.4.2 Injúrias e outras violências

Só depois que eu fui sair do armário que eu percebi a violência homofóbica que eu sofria, né. Não de bullying homofóbico, a violência de você ficar mentindo pra si mesmo... de você levar uma vida que não é autêntica... de construir relações sociais que não são exatamente o que você procura...

Nyah

3.4.2.1 Maya

O relato de Maya contém uma variedade de eventos que podemos registrar como formas e níveis de opressão e violência sofrida. Ser negra, ser mulher, ser imigrante latina são, deste modo, disparadores identitários de discriminação e segregação que tornam sua luta pessoal por dignidade e autonomia laboriosa.

Maya: *Então, eu vim fazer um curso... na verdade chama (Tema pertinente aos Direitos Humanos). É o um mestrado na Universidade. É, aí eu me matriculei nesse mestrado pra fazer, mas não deu certo porque... me senti muito discriminada aqui. Eu não sei, assim... é... por eu ser brasileira eu acho que assim, eu cheguei aqui, eu tenho mestrado já e eu queria proceder com os estudos para um doutorado e eu cheguei, eu mostrei pra ela que eu realmente estou envolvida com o ativismo, que eu tenho várias leituras e tal, e eu poderia estar muito bem fazendo um doutorado e aí ela já falou, a diretora, já falou “ah, não, é... a gente não aceita e tal” e não queria aceitar meu mestrado do Brasil. E aí eu falei, bom, então eu vou fazer de novo né, e fiz e me matriculei no mestrado.*

E... várias coisas aconteceram assim, que eu achei, é... estranho, por exemplo, é... o mestrado tinha um estágio pra você fazer. É... e ela, como é um mestrado em direito das mulheres, ela geralmente estava colocando todo mundo pra fazer estágio em organizações que dão suporte à mulheres, né. Então, assim, contra a violência doméstica, contra estupro, contra... esses vários tipos de organizações que apoiam mulheres. E a minha vez, me ofereceu pra eu ir trabalhar numa escola que tem brasileiros. Aí eu já fiquei assim resabiada né, porque... é... sei lá, achei meio que... racial profiling (discriminação racial), sabe você, tipo assim, chegar na pessoa e falar assim “ah, então, você fica aqui com as brasileiras

enquanto... E, eu reclamei tal e, é... teve uma outra ocasião que eu me senti, que eu senti assim, sei lá, a mulher é, ela me colocou, finalmente ela me colocou, ela viu que eu estava chateada de trabalhar, ficar com brasileiras ela me colocou pra trabalhar com africanas.

A gente ia viajar pra (capital de país europeu), pra trabalhar nessa organização, que é uma organização muito legal, boa e tal, mas aí um dia... não, antes desse dia, antes desse dia teve um evento lá, nessa organização, e essa professora minha foi né, pra participar do evento. E chegando lá ela, ela assim, na maior arrogância, chegou e falou, mal falou oi pra mim e falou assim: “ai, cadê a G.?” Essa tal de G. é uma das diretoras dessa organização africana e é negra. E, e no... e lá no auditório estava cheio de gente. Estava cheio de mulheres africanas e tinha uma mulher... e tinha uma mulher branca, e... e ela justamente, ela perguntou “cadê a G.?” E ela pegou e falou assim, “ah, eu acho que a G. é aquela lá!”. E apontou pra mulher branca. Então você sente, são coisas que estão no ar, né... que você sente e diz, como assim? Né... E aí ela foi, chegou e falou assim: “Oi G.!” e apontou pra mulher branca e aí... a mulher negra levantou e falou assim: “Não, eu que sou a G.” E ficou aquele clima, sabe...

No mesmo período em que tem que lidar com uma violenta demarcação discriminatória e xenófoba que a assedia a desistir de seus objetivos, Maya sofre um abuso físico e de intenção sexual a caminho de seu estágio:

E aí... assim, depois disso, na outra semana, eu fui para (capital de país europeu) de novo e... um cara me atacou na rua. É... e estava assim maior temporal, clima péssimo, ninguém na rua... De dia! Meio dia, meio dia... e o cara, e o cara simplesmente me... é... meteu a mão no meu peito e me deu um empurrão. É... e eu fiquei muito abalada, nossa, fiquei mais abalada do que eu imaginaria. Assim, eu não pensei que eu fosse ficar tão abalada. Mas, como você está muito longe de casa, né... culturas diferentes você acaba ficando, reagindo mal. E... nessa minha reação eu acabei, é... eu acabei me abrindo para uma outra professora que eu achava que... gostava de mim, rs, uma professora (naturalidade de país asiático).

A falta de apoio acrescido a um conluio desleal das pessoas que acreditava poder confiar enriqueceram o imbróglio de subordinação que a fez se calar:

Pesquisadora: Você fez denúncia?

Maya: Não, não. Eu só não consegui é... eu só não estava conseguindo entregar os trabalhos porque eu estava abalada. Aí eu, é... aí eu não consegui né, eu peguei e fui desabafar com essa professora e eu falei, da maneira como eu estava me sentindo, como eu tinha sido tratada pela outra professora e tal, e tal e tal. E a professora, simplesmente, foi lá

e encaminhou o meu e-mail pra essa professora que eu estava falando mal! E aí foi virando uma bola de neve porque elas começaram a falar: “ah, você, se você não se falar agora você vai ser expulsa”. Eu falei, gente, como eu vou me desculpar de uma coisa que eu falei de outra pessoa pra outra pessoa, e nem era pra vocês e tal. E... eu acabei... aí eu acabei desistindo. Eu falei, nossa, isso é muito pra mim. É... olha eu quase terminei, eu fiquei, é... o curso era de setembro até julho. Eu fiquei até o final de março. E é isso. E aí depois que eu saí do curso eu comecei tentar arrumar emprego e eu não consegui. Estou desde o final de março, né...

Pesquisadora: Dentro dos eixos de desigualdade que enfrenta, o fato de ser mulher, autointitulada negra, estar desempregada, migrante... uma categoria se sobressai a outra?

Maya: Sim, eu acho que realmente tem... muita coisa que me deixa assim bem pra baixo mesmo. Eu acho que... a questão mesmo de ser estrangeira aqui, de estar procurando emprego aqui sendo estrangeira eu acho que é o pior, porque, realmente... é um mercado muito fechado. Meu marido só achou porque ele realmente veio transferido e veio pra cá ele já tinha um emprego quando ele veio pra cá, porque, fora isso... Mas aí assim, aí o que acontece né, você acaba... encontrando pessoas, tipo, eu me matriculei numa academia pra ver se melhora um pouco meu humor e ontem na academia encontrei, comecei a conversar com um rapaz, na verdade ele nem era tão novo assim... e ele simplesmente falou: “olha, eu nunca consegui arrumar emprego”... e ele é daqui. E ele: “olha eu nunca tive um emprego! Eu não sei, assim, eu vivo no...” é... esqueci o nome, mas é tipo um auxílio né, do governo que eles dão.

Maya é acometida, como vemos, pelas transições nos eixos de dominação que a atingem. Enxerga a questão de ser estrangeira como a atual forte barreira para a efetivação de seus objetivos profissionais na cidade em que reside. Contudo, sua narrativa nos apresenta muitos eventos de ordem societária que são registrados como empecilhos à sua autonomização.

Pesquisadora: Você já teve problemas por fazer ativismo?

Maya: Tive uma vez, que a gente foi pra (cidade de país europeu), que... é... a polícia não chegou a tocar na gente, eles não encostaram na gente, mas eles ficaram muito próximos da gente, com aquela cara bem né... de polícia, mesmo, tipo assim, se falar qualquer coisa você apanha... E... e no final eles pegaram nosso nome e endereço e falaram que a gente ia ficar com a ficha suja, rs. Mas, eu acho que não chegou a acontecer assim... eu não sei, assim... se eles realmente registraram a ocorrência ou alguma coisa assim... mas é... ninguém nunca mais falou nada e eu acho que... acho que está tranquilo.

Maya: *Mas eu tenho amiga que... que já foi presa... é... tem gente que já teve que ir preso e tal... essas coisas assim já aconteceram aqui. O pessoal aqui tem uma rede de apoio, eu acho que mais... é... eu acho que nem tanto a questão do pró-escolha, que seria o ativismo pelo direito reprodutivo das mulheres, mas... o pessoal do socialismo, o pessoal do... o pessoal vai muito preso. Não sei o que acontece mas o governo realmente detesta eles.*

3.4.2.2 Priya

Entrevistadora: Já sofreu violência?

Priya: *Apesar de migrante, era uma coisa mais de bulling do que de discriminação. Quando eu cheguei criança em (uma capital brasileira), sotaque (outra capital brasileira de naturalidade), mas não é discriminação, é bulling. O que também acho ruim, mas... não é discriminação não. Eu faço parte... eu sou consciente de que eu faço parte de uma parcela da população que é muito privilegiada e eu tento né... desconstruir os privilégios todos os dias... dentro dessa bolha de consciência, porque... eu também sou “só mulher” (faz gesto de aspas com as mãos).*

A resposta de Nyah traz embutido o sentido que atribui à sua causa ativista. Fruto de uma reflexão repleta de elementos de uma moralidade pós-convencional e voltada para o entendimento:

Apesar de sofrer quando eu era criança, nunca fui agressiva, sempre soube lidar muito bem com isso é... claro, fiz bastante terapia, faço até hoje. Mas, eu sou muito de que o argumento eleva a discussão, sempre, seja esquerda, direita, seja... entre... eu falei esquerda direita, vou falar machismo e feminismo, mas não são antagônicos, né. Mas, entre um e outro, pra mim, o argumento sempre é a melhor saída. Se você não estiver com saco para argumentar, apenas saia da discussão, bloqueie. Não seja agressivo. Eu acho que... empobrece muito a discussão, eu acho que diminui muito o movimento (referindo-se ao movimento feminista) porque o movimento é muito inteligente já... um movimento muito antigo pra chegar... e você... sabe, ficar mandando ir tomar no cú, sei lá...

Apesar do seu empenho pelo consenso, Maya enfrenta intercorrências de violência que não se restringem às geografias corporais, as condições etárias e ideológicas de discussão ou a embates de ordem intersubjetiva. Os ataques cibernéticos podem vir de maneira a atingi-la na sua generalidade feminista ou, especificamente, em sua produção criativa.

Eu acho que eu... não estou preparada psicologicamente pra enfrentar um grande público assim e eu... eu me nego, não quero botar minha imagem, entendeu, não quero botar minha cara, não quero fazer entrevista, sabe, com foto minha, com vídeo, não me sinto à vontade. Dei uma entrevista pra (nome de sítio eletrônico da internet) que... claro! Aí sim rolaram muitas críticas, mas lá na página mesmo, lá no Facebook do (nome da página)... e... tudo bem, eu não liguei porque ali é... aquele tipo de comentário de jornal (nome de jornal popular de estado brasileiro), que a galera pode dizer merda. Tem até o vídeo do Chico Buarque, sobre os comentários da internet... pode por no youtube, Chico Buarque, comentários da internet.⁸² Eu me senti exatamente que nem ele, eu ria, eu lia os comentários e ria e tudo mais. Mas é porque é um público muito... leigão mesmo, não dá nem pra se sentir ofendido.

Pesquisadora: O incômodo é com quem vem pra tua página?

Priya: É. E também... me incomoda muito mulheres que me criticam. Mulheres que não sabem o que é feminismo e criticam o feminismo. Claro, tenho que ter paciência, eu tenho paciência até pros homens. Eu... não conta pra ninguém, mas eu me considero muito mais uma feminista liberal do que uma... sabe, intermediária. Radical jamais né. Sou muito mais liberal, eu tento ter o máximo de paciência pra explicar pra todos o que é. É... e em contra-ponto porque que a pessoa estava errada, porque ela está me ofendendo. Pra ela entender quais são os privilégios dela na sociedade, normalmente, sempre são homens brancos, classe média, ricos... são...

É difícil, quando se está no topo da cadeia alimentar da sociedade, você não consegue enxergar de outra forma... é difícil! (Risos)

3.4.2.3 Nyah

Pesquisadora: Você conta que a entrada no colegial não foi fácil pra você. Você tinha amigos nesse período?

Nyah: Os amigos do condomínio eu já não bicava mais com nenhum deles. Tirando... a única amiga que eu tinha, ela se mudou pro (país do continente americano), quando... com quinze anos a mãe dela foi morar lá e ela foi junto. Então era a única pessoa que eu tinha mais contato, foi embora. E na escola... amigos assim de escola... a gente se divertia ali,

⁸² Referindo-se ao vídeo de [chicobastidores.com.br](https://www.youtube.com/watch?v=n5LuD2CFhYE) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=n5LuD2CFhYE> (último acesso: 17/01/2015)

eventualmente ia pra casa um do outro e tal... mas não.... não era grande coisa, assim, não era uma grande amizade. Mas uma coisa assim, né, eu nunca também sofri, né, o chamado bullying. Eu não gosto muito dessa expressão bullying, então eu prefiro dizer aquilo que está acontecendo de fato, né. É o que? É racismo? É homofobia? Eu acho que bullying é um termo que mascara um pouco, né, a relação de poder que está imbricada ali de verdade. Mas eu nunca sofri muito esse tipo e sempre teve alguns dos meninos que era, digamos, mais afeminados do que eu, né, que sofria, que era vítima da história. Então eu sempre passei um pouco despercebido, por sorte. Senão eu teria sofrido muito, porque a escola é um ambiente muito opressivo também né, pode ser. Então é o... enfim, isso é uma coisa que eu tenho consciência hoje, né, na época eu não tinha consciência disso. Eu ouvi falar agora.

Os meios de comunicação na rede virtual não são selecionados, apenas, pelo potencial de projeção da informação, mas, principalmente, nas circunferências de uma noção particular de exposição e proteção, como observamos a seguir:

Nyah: Porque eu fiz dez vídeos, lancei esses dez e cortei. Porque... a linguagem do vídeo não é a linguagem que eu me expresso melhor, sabe? Então é... eu tentei, mas percebi que não era muito a minha praia, não me sentia confortável de ver a minha imagem, falando, e as pessoas metendo o pau embaixo, sabe? Enfim, a internet é um antro de um conservadorismo imenso, né, tem um fascismo ali que rola ao longo do dia que é preocupante. E eu estava dando a cara à tapa, me expondo demais. Sei lá, tinha gente que vinha: “ah, vou te matar! Seu viado não sei o que lá...” Sabe é... é deprimente! Debater um argumento de um cara que é um fascista e... sabe, eu não vou perder tempo com isso mais, vou parar de me expor. Aí eu cortei, durou um ano, um ano e pouco e depois eu deletei os vídeos todos. Não valia o desgaste, esse tipo de enfrentamento, assim.

Pesquisadora: Você já sofreu algum tipo de violência?

Nyah: Violência física não, violência simbólica a gente sofre o tempo todo, né? Vindo pra cá, a gente sofre violência dentro de um ônibus lotado, numa cidade tão assim entregue ao Deus dará como é (capital brasileira), né? Acho que violência a gente sofre como cidadão o tempo todo, né. Neste país, neste e em muitos outros países.

Pesquisadora: O que ter consciência disto faz diferença?

Nyah: Você procurar superar essas formas de violência? Você ser mais crítico a certa ordem que está colocada? Acho que faz diferença sim. Não sei responder muito melhor do que isso, mas... acho que a circunstancia social que você vive é fundamental pra construção da sua consciência política, pra sua identidade também... então, a medida que você questiona, que você enxerga essa violência que você sofre, né. Só depois que eu fui sair do

armário que eu percebi a violência homofóbica que eu sofria, né. Não de bullying homofóbico, a violência de você ficar mentindo pra si mesmo... de você levar uma vida que não é autêntica... de construir relações sociais que não são exatamente o que você procura...

Você passa a vida toda conformado, né. Sem perceber isso. Você está vivendo aquela violência e você não percebe que está sendo vitimado. Quando você toma consciência, você olha pra traz e fala: “nossa! quem eu era!” Porque hoje eu sou uma pessoa completamente diferente, né. Então, aquele tipo de comportamento... aquele tipo de coisa que eu tive que escutar ou que eu tive que viver, jamais aceitaria viver hoje.

Pesquisadora: Significa responder, reagir?

Nyah: Reagir também e... se comportar de outra maneira, se enxergar de outra maneira, né. Diante de você ter que viver uma vida meio falsa pra você mesmo né? Fingir que você vai constituir uma vida que as pessoas estão esperando de você, quando isso não é verdade. Então... isso é uma coisa profunda.

Pesquisadora: Em que momento da sua vida?

Nyah: Ah, na época que eu sai do armário, né. 2009. Naquela época eu comecei a ficar bem assim... ativista. (Risos) Nesse momento assim de... descoberta.

Supostamente, um momento de metamorfose humana, em que um itinerário circunstanciado pelo desenvolvimento de uma identidade política possibilita à Nyah encarnar personagens mais autênticas em relação a sua localização política quando sai do armário.

3.4.3 Sexualidades e conjugalidades

Então, desde o início do relacionamento, assim, quando eu falei, eu vou pra (país asiático) eu falei, olha, eu quero ir pra (país asiático), mas eu quero ser livre! Porque... eu passei por isso, isso e aquilo... eu vejo a relação das minhas... é... dos meus pais, não acho saudável, embora eles estejam juntos e digam que são felizes e eu acho o relacionamento deles não saudável e... eu não quero isso pra minha vida. E aí eu fui...

Maya

3.4.3.1 Maya

Pesquisadora: Você falou em choque cultural na (país asiático)... isso também apareceu na sua relação conjugal?

Maya: Ah, a gente sente. Com certeza sente. É muito é... é um leão por dia que você mata. Realmente, é uma coisa que... é... tem que ir trabalhando, né. Ainda bem que eu, que eu

cheguei, que eu conheci uma pessoa mais mente aberta, um pouco mais... tranquila né assim, é... A gente vê histórias de mulheres que vão pra lá, do Brasil, e os caras fazem elas praticamente virarem uma (designação de gênero em cultura asiática) e isso não aconteceu comigo. E eu estou muito feliz que isso, realmente eu... até que deu certo assim!

Pesquisadora: Sua relação amorosa é satisfatória?

Maya: Olha... é... eu não posso dizer que é cem por cento, mas a gente se entende bem assim. É... eu não diria que a gente tem um relacionamento... tradicional. Eu não diria que eu sou uma pessoa tradicional não... mas a gente tenta ter um relacionamento, um bom relacionamento.

Maya encarna pretensões pós-convencionais e feministas quando negocia a validação de normas não-convencionais para seu relacionamento conjugal. Preservando essa instancia de liberdade, considera garantir demais direitos que esbarram em dinâmicas opressoras de gênero em relação patriarcal.

Pesquisadora: você citou um “relacionamento pouco convencional”. Tem haver com sua posição ativista?

Maya: Tem... eu acho que tem sim... eu não sei, eu acho que é uma dimensão... um ativismo misturado com experiência pessoal, sabe? Então, assim... é... (silêncio)

Maya: Eu tive dois relacionamentos muito difíceis antes de embarcar nesse relacionamento virtual que depois virou real... Então assim... quando você passa por relacionamento que são realmente violentos, assim... um chegou a quase quer ser violência física mas, ainda bem, que não foi. É... você repensa muito aquilo que você quer e como você quer se colocar né, e... também... pelo fato de ver, é... a forma como meus pais se relacionam né... em dependência total, inclusive, é... de um ciúmes doentio é... você não quer aquilo pra sua vida, né. Você vê que as pessoas estão muito presas àquilo.

Maya: E aí eu penso que eu acabei me identificando mais com o poliamorismo. Eu não sei se eu... eu acho que eu sou uma poliamorista frustrada rsrsrs... eu não conseguiria... eu não posso dizer, nossa! Tem gente que eu converso e fala: “não! Eu estou em três relacionamentos”, e tal! Rsrs Não... não aconteceu assim, mas eu não me vejo uma pessoa fechada às possibilidades, assim...

Pesquisadora: Este é um combinado entre vocês?

Maya: É... é combinado, assim... embora ele não ache... Ele não sabe, assim, às vezes ele fala: “ah, eu acho que eu sou!”, mas aí às vezes ele fala: “ah, eu acho que não sou... acho que dá muito trabalho”, acho que... mas acho que no fundo, tanto ele quanto eu a gente tem muita preguiça... então assim, a gente é muito acomodado, muito acomodado... então,

acho que pra ter uma outra pessoa, ou outras pessoas, acho que... teria que ter muita, muita negociação... (risos)

Pesquisadora: Vocês tiveram experiências poliamorosas?

Maya: *Ah... eu tive! (Risos)*

Pesquisadora: Comunicam um ao outro?

Maya: *Não! Não... porque assim... no tratado a comunicação é quanto a coisa ficasse séria, mas nada ficou que... nada assim, “óh meu Deus! Mudou a minha vida!”. Não...*

Então, desde o início do relacionamento, assim, quando eu falei, eu vou pra (país asiático) eu falei, olha, eu quero ir pra (país asiático), mas eu quero ser livre! Porque... eu passei por isso, isso e aquilo... eu vejo a relação das minhas... é... dos meus pais, não acho saudável, embora eles estejam juntos e digam que são felizes e eu acho o relacionamento deles não saudável e... eu não quero isso pra minha vida. E aí eu fui...

Só pra falar sobre aquilo... essa questão do poliamor eu estou no armário. É um armarião porque... assim... acho que se eu falar isso pra minha família, nossa, eu vou ser excomungada! (risos)

O armário de Maya parece guardar a virtualidade de suas metamorfoses, tanto do ponto de vista dos *scripts sexuais*⁸³ quanto das suas aspirações políticas de expressão do Eu.

3.4.3.2 Priya

M: Você mora só?

B: *Não. Eu moro com meu companheiro, L. Faz três anos que a gente está junto. Vai fazer três anos agora (mês do início do ano).*

M: Vocês foram pra (capital brasileira de atual residência) juntos?

B: *Não. Ele é (designação de naturalidade da capital de residência). Quando eu pedi demissão do meu emprego nessa última agência que eu trabalhei eu vim pra (capital brasileira) e conheci o L. e aí foi meio que juntar a fome com a vontade de comer, que eu já estava a fim de voltar pra (capital brasileira) já... já queria sair de (capital de outro estado brasileiro) já fazia um tempo, porque eu sou (designação de naturalidade).*

⁸³ Conceito trabalhado por John H. Gagnon por uma perspectiva de roteirização da conduta sexual. In: GAGNON, J. H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Trad. Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006

Pesquisadora: Você falou em uma forma de combater a desigualdade que é lidando com os próprios privilégios. E como o feminismo entra na sua vida pessoal? No campo da sexualidade, das relações amorosas, dos modelos familiares?

Priya: *Eu... eu sou casada né. Eu moro com meu companheiro faz três anos. Nós somos monogâmicos. Eu sou bissexual, o L. é hetero. É... o feminismo é legal porque o feminismo ele não é, não é só, não luta só por mulher né. Você... luta por minoria... você desconstrói várias coisas como a monogamia, como qualquer tipo de relação normativa e... isso é muito legal! Eu adoro essa parte!*

Mais uma passagem da história de Priya em que nos oferece um exemplo de internalização de uma filosofia de vida feminista e sua extensão perante decisões de ordem ética.

Eu acho que tudo que é normativo tem que ser falado... refalado... e é legal porque... eu estou estudando Sociologia na História agora e eu estou exatamente nessa matéria sobre família, sobre como a família mudou desde o século XIX. Como ela sempre está mudando, né. Quer dizer, família do feudo é muito diferente da família do bem, do cidadão do bem que as pessoas acham que é tradicional hoje. Então a família já passou por várias estruturas e tudo mais. Só que, muita gente, mesmo no movimento feminino, tem uma manifestação grande é... da galera queer que acha que o conceito familiar é muito... muito tradicional, muito conservador. Mas eles não querem nem abrir esse conceito, eles querem só desconstruir família, entendeu? E que eu acho que isso é mais pra frente ainda, eu não gostaria de botar o carro na frente dos bois.

3.4.3.3 Nyah

Como é de se notar nos processos de maturação juvenil, Nyah vivenciou com angústia as novas condições de sociabilidade de um programa humanizatório *adultocêntrico*, como conceituou Fulvia Rosenberg (1997). Sua passagem para o primeiro colegial, em 2004, é lembrada como tensão, mas também como revelação:

Nyah: *Mas era assim, falava-se muito de coisas, por exemplo... já tinha homens com barba, sabe? Pra mim era uma coisa assim: “Nossa! Eu nunca estudei com gente que tinha barba, sabe?”* (Risos) *E assim, falava-se muito de sexo, essas coisas, e eu estava completamente por fora disso, sabe? Completamente por fora, era... completamente virgem naquela época assim, não tinha perspectiva de... de perder a virgindade quando eu tinha, sei*

lá, 14 anos, era muito criança pra isso. Então eu fiquei muito, assim, por fora de tudo, sabe? As pessoas falavam de bebida alcoólica, eu nunca tinha bebido! Nada sabe, vodka, nada e os caras já se reuniam pra beber. Dirigia, e eu também não tinha interesse nenhum de pegar carro... carro, moto, futebol, todas essas coisas muito ligadas a essa masculinidade assim eu detestava, sabe?

A tendência de domínio cultural de um padrão de masculinidade heteronormativo fez com que Nyah se retraísse e enfrentasse certa sociabilidade opressora intermediado por uma tela de computador.

Nyah: Então eu fiquei muito por fora. Comecei a ir muito mal na escola, piorei, minhas médias caíram assim, violentamente. Cheguei a entregar a prova em branco, que era uma coisa que assim nunca tinha acontecido comigo! Então eu fiquei muito mal no primeiro colegial né, e assim, eu já não brincava na rua naquela época, porque eu já era mais grandinho, né. Então a minha vida se resumia a... sair da escola, chegar em casa, eu ficava sentado no computador o dia inteiro... no Orkut, que era, né, a grande boa da vez, e no MSN. No Orkut e no MSN, que eram duas coisas que... enfim, eu conversava com pessoas que nem eram minhas amigas, mas era o que tinha pra conversar, sabe? Enfim, esse ano foi uma bosta. 2004 acho que foi o pior ano da minha vida, assim, foi horrível. Só tenho lembranças negativas do primeiro colegial.

Nyah: Aí eu entrei então na universidade, ainda mantendo o blog, né, 2007, 2008. Em 2008 eu estava fazendo estágio no laboratório, era a minha iniciação científica, né, no laboratório de genética, genética humana. Eu trabalhava de avental branco, uma coisa que eu nem uso mais hoje em dia. E me dediquei bastante àquilo. Então era, basicamente, eu ia pras aulas da universidade e no tempo livre eu ia pro meu laboratório. E era basicamente isso. Laboratório, universidade, casa... saía pouco, não era muito de sair de fim de semana e, assim, eu nunca ficava com ninguém, sabe, eu era... uma, uma garota por ano que eu ficava, nessa época. Hoje eu me considero uma pessoa... um homem gay. Mas naquela época não, eu não tinha muita consciência disso. Tanto que eu não beijava ninguém, (Risos), e a vida sexual zerada, praticamente. É... e isso foi... isso durou até 2008. Então, meus dois primeiros anos de faculdade. Mantinha o rótulo e tocava a vida desse jeito que te falei. É... ainda sem entender muito bem a universidade, acho que veio depois isso.

Os enfrentamentos de 2008 trouxeram para Nyah novas condições de autonomia para assumir outra de suas metamorfoses:

Nyah: E aí nesse ano de 2009, aí eu me apaixonei por um menino, né, rs. E aí a coisa começa a mudar de lado. Era um garoto que tinha entrado na faculdade naquele ano mesmo,

então, dois anos mais novo do que eu. Daí, como assim, eu estava tão assim... preso numa vida... estava meio sem graça, assim, meio parada, naquela época por causa do luto e tal, eu meio que me agarrei né, nessa coisa de... de ir atrás desse menino, sabe? O nome dele era P. Eu fiquei muito, muito apaixonado por ele assim, muito! Eu nunca tinha me apaixonado tanto por uma pessoa como por ele! Até hoje, nunca, nada foi tão forte quanto por ele, assim. E eu comecei a fazer amizade com ele, com os amigos dele, e aí eu comecei a frequentar, a aproveitar um lado da faculdade que eu não tinha aproveitado até então. Que era ficar até a noite depois da aula, que era tomar cerveja na universidade, que era participar das festas que a faculdade fazia e virar a noite, uma coisa que eu não fazia até então. Era muito careta, né, até então. Eu comecei a aproveitar esse lado.

A presença de amigos(as) em quem pudesse confiar suas transformações contribuíram tanto para atribuição de sentido quanto para a efetivação de suas escolhas sexuais, o que denota a importância de um contexto de inclusão da diferença para a humanização.

Nyah: E aí, aos poucos eu fui contando pras minhas amigas que, que eu estava a fim de um... de um menino e tal e fui saindo do armário e era de um armário bem menor. A princípio pra mim e pras minhas amigas. Até fiquei com mulheres depois, né. Mas não... essas identidades sexuais elas são muito... né, enfim, depende muito do que você decide se considerar, sei lá, é muito fluido... né, não é uma coisa essencialista.

Nyah: Então, eu me considero gay porque eu me relaciono muito mais com homem e tem muito mais atração por homem, mas isso não quer dizer que eu não possa sentir atração por uma mulher também, né. Enfim, daí eu comecei a me descobrir, em 2009 neste sentido e passei a resignificar minha vida toda, né. Todas as amizades que eu tinha com meninas a vida toda, os casos que eu tive com... é muito comum menino novo ter caso com primo, com amigo de escola, né, então eu tinha com doze, treze anos, alguns pequenos... a tal da homosociabilidade né. Mas eram coisas assim que, né, super assim escondidas, né... então...

Nyah: Então eu entrei no ano de 2010 com uma outra cabeça. Já tinha me assumido gay pra mim mesmo e pros meus amigos. Não pra minha família, ainda, mesmo pro meu pai, não. Ninguém da minha família. Nem pra minha irmã, aliás, pra minha irmã acho que eu nunca falei, até hoje. Mas enfim. E assim, entrei 2010 lendo Simone de Beauvoir, que eu demorei bastante pra ler que o livro é muito grande! Lendo isso... e me politizando mais, né, não mais pela Veja, mas... passando a ter um contato mais com um universo mais de esquerda, né, na universidade inclusive. Em 2010, então, eu estava ainda a fim desse P., ainda correndo atrás dele. Nunca deu certo, foi um amor platônico. A gente ficou em 2011,

no final do ano, numa situação muito, assim peculiar, mas foi um dia só. Mas eu já tinha passado tudo. Mas foi um amor platônico, enquanto ele aconteceu.

Pesquisadora: O que te tirou do armário?

Nyah: *Eu acho que é mais profundo do que eu consigo responder, sabe? Acho que eu não consigo acessar isso em mim. As coisas vão tencionando...*

Podemos acompanhar, nos trechos que seguem enumerados, um encadeamento de motivos psicossociais, subjetivos e políticos que levam Nyah a posicionar-se de maneira feminista perante sua sexualidade, concebida, sobretudo, como uma instância de autonomização do Eu:

a. A importância do reconhecimento para objetividade social

Nyah: *Sair da vida de colegial pra entrar na universidade faz uma diferença. Porque no colegial tudo está embaixo do tapete. Na universidade as coisas começam a sair para fora do tapete. Começam a ser colocadas na mesa. Você vê casais gays se beijando e você tem que respeitar. Então você começa a ser provocado nesse sentido, né, na universidade.*

b. O conflito subjetivo entre a internalização da norma e a experiência psicossocial da sexualidade

Nyah: *E outra, é você vai... não aguentando mais mentir pra si mesmo também. Chega um momento que você fala: “não dá mais pra ficar com uma garota por ano e achar que isso é normal, sabe?” E não me sentir satisfeito em nenhum tipo de relação.*

c. A vinculação afetiva e ambiência de cumplicidade que se efetiva na intersubjetividade

Nyah: *Você... passa a ser provocado pelos próprios amigos, que também vão se descobrindo e isso tudo vai fazendo você mesmo se redescobrir.*

d. Adotar uma perspectiva de vida política pode projetar uma utopia emancipatória à individuação do Eu

Nyah: *Eu acho que a isso aí, juntou a questão de eu ter me politizado mais, então certas questões se tornaram inaceitáveis.*

e. A história de vida como lastro de sentido para um devir em nomadismo

Nyah: *Estou mudando minhas posturas políticas e isso vai junto. A questão da morte da minha mãe também, que me balançou muito naquele momento... me deixou num momento muito introspectivo e aí quando eu fui voltando a interagir mais com as pessoas, eu fui voltando de outra forma. Então, acho que é um conjunto de fatores né.*

3.4.4 Família e tradição

Como qualquer ser humano medíocre, tenho problemas com pai e mãe, (risos)

Priya

3.4.4.1 Maya

Pesquisadora: E seus pais são casados?

Maya: *São! Casados! Modelo tradicional de casamento. Vivía com eles e eu não poderia sair de casa se não fosse casada, então assim né, bem tradicionalzão mesmo assim, a visão deles. E... eu de certa forma me adaptava né a eles, ao que eles queriam fazer. E... de certa forma isso foi muito ruim pra mim porque acabei, acabou atrasando muito eu tomar minhas decisões e eu querer ser ativista mesmo, querer... tentar mudar o mundo da maneira que eu pudesse né?*

Entrevistadora: Seus pais trabalham?

Maya: *Trabalha. Ele... na verdade agora ele se aposentou. Ele... ele trabalhou muito tempo numa... empresa de eletricidade (estado brasileiro). Minha mãe é dona de casa. Ela teve uma... uma fábrica... pequena fábrica de roupas mas não durou muito.*

Pesquisadora: Tem irmãos?

Maya: *Tenho, nós somos quatro. Eu tenho um irmão mais velho e duas mais novas. Meu irmão, é... a gente não conversa muito, a gente não é muito amigo não... rs. Mas, e minhas irmãs são tranquilas assim, elas não... elas estão naquela fase de estudar muito, elas fazem faculdade então estão muito focadas aí no... na universidade.*

Eu tenho uma irmã que ganha dinheiro com blog. É... minha irmã ganha dinheiro com blog. Mas é um blog de moda. Então assim... eu não sei, assim, eu nunca conheci ninguém que ganha dinheiro com ativismo né... Então, assim, acho que pra moda, acho que dá muito certo. Isso aconteceu, foi totalmente... aleatório. (Risos). Virou sucesso em (capital brasileira em que reside a família) É um sucesso bem local, mas é um sucesso assim... ela consegue ganhar um dinheirinho com isso (risos). Aí ela tem um trabalho também... é... é um trabalho só aos fins de semana, porque ela faz faculdade então ela trabalha numa, é... numa boate no final de semana. E... acho que na portaria ela trabalha e... ela acaba fazendo propaganda desse blog dela nessa portaria também.

Pesquisadora: Como reagiram diante do seu namoro por internet?

Maya: *Então, eu fiquei falando que eu ia casar com esse menino já tinha quase dois anos. E quando finalmente eu terminei o mestrado falei, olha, estou indo! E eles falaram, “mas você está indo de verdade, isso é verdade, não estava de zueira?” “Não, não estou de zueira. Falando a real, eu estou indo.”*

Pesquisadora: Sua família está no seu Facebook? Acompanham seu ativismo?

Maya: *Acompanham. Então, aí... assim, é... o que acontece é que, por exemplo, é... meu pai, a forma dele, dele responder ao meu ativismo na internet é sendo chato em certa análise, então assim, eu acho que a gente faz a política da boa vizinhança porque, eu posto coisa de ativismo e ele posta coisa de contra-ativismo, entendeu? E ele faz questão de postar.*

Pesquisadora: Ele é politizado?

Maya: *Não! Não costumava, mas depois que eu é... me tornei ativista parece que deu no nervo dele, não é?*

Pesquisadora: Você tem planos de ter filhos?

Maya: *Eu gostaria muito de ser mãe, mas eu acho que não vai acontecer pra mim não... (risos). Eu não sei assim, eu tenho a impressão que não vai porque... é... muita coisa eu acho que assim, minha vida é muito instável, pelo menos nesse momento está muito instável, eu não posso pensar em ter filho agora e... e também, é... eu já passei por uma cirurgia pra tirar mioma do meu útero e... assim... eu não teria facilidade pra engravidar, assim, eu teria que fazer um tratamento e eu não sei até que ponto eu estou querendo fazer esse tratamento e tal... Então assim, pode ser que no futuro, lá pelos meus quarenta, se eu estiver é... estável eu posso, eu vou adotar uma criança e tal, eu penso muito na adoção.*

Pesquisadora: Você se refere à instabilidade... financeira?

Maya: *Financeira, exatamente, porque... é... eu precisaria também me empoderar de forma a ter uma profissão né então assim, é o que está demorando pra acontecer, mas eu tenho fé que vai acontecer!*

3.4.4.2 Priya

Priya: *Meus pais estão vivos, meu pai se chama B. e minha mãe P. Eles nunca casaram, ficaram cinco anos juntos e nesse meio tempo eu nasci. Infelizmente sou filha única, minha mãe não quis mais filhos e chegou a interromper uma gravidez depois da minha. Depois que eles se separaram, minha guarda foi compartilhada até meus oito anos, quando meu pai conseguiu pegar minha guarda na justiça, creio que eu tenha sido uma das primeiras*

crianças a terem a guarda entregue ao pai. Minha mãe é bem problemática, acho que ela me teve por pressão da sociedade, em verdade não estava preparada para ter um filho. Sempre se drogou bastante, inclusive na gravidez, de acordo com ela mesma, ela é usuária de cocaína e maconha até onde eu sei. Ela afundou como muitas pessoas por causa do plano Collor e nunca mais conseguiu se reerguer.

Ainda muito jovem, Priya é apresentada a um universo adulto, cujas características de contexto político, econômico, cultural e psicossocial tanto aumentaram quanto diluíram seu risco individual perante a dimensão estruturante da vulnerabilidade social a qual estava exposta. Em outras palavras, seu ambiente familiar e seu processo de socialização primária é a expressão de um itinerário heteronormativo de uma família de classe média em país capitalista latino-americano, afora pela excentricidade dos papéis de gênero, degradada por situação politicamente sociopatogênica. Daí a interpretação ser tão complexa quando os cruzamentos que definem eixos de opressão, abuso e outros exercícios de poder na história de vida de Priya. Condição para que entendêssemos sua aplicada empreitada em um itinerário de vida que preserva condições de autonomia. Isso significa construir condições intersubjetivas, normativas e objetivas de validação de sentidos de metamorfose projetados à possibilidade de incremento emancipatório que, no caso, segue uma utopia de restituição dos direitos sobre si e de suas disposições de sociabilidade todas as vezes que estiverem sob ameaça.

Priya: Aos 10 anos me mudei pra (capital de estado brasileiro) porque meu pai foi transferido de trabalho e por lá permaneci até meus 26 anos. Nesse tempo, me afastei bastante da minha mãe... a distância afetou bastante o nosso relacionamento, apesar de eu vir (capital de atual residência) praticamente uma vez ao mês... no começo e as visitas iam se espaçando cada vez mais, na adolescência já tinha criado uma revolta por ela muito grande. Ela entrou numa clínica de reabilitação, não sei se hoje ela ainda usa. Temos zero empatia uma pela outra, temos personalidades incompatíveis, e eu não consegui superar o fato de ela ser psicótica, ter uma patologia, foram muitos acontecimentos ruins. Creio que ela também seja bipolar, mas não posso afirmar com certeza. Quando eu tinha uns 21 anos, decidi parar de falar com ela e assim foi por cinco anos até eu voltar (capital de atual residência) e tentar abrir o relacionamento mais uma vez, esporadicamente, em festas familiares... e esse é o nosso relacionamento atual.

Priya: Meu pai me criou muito bem até os meus 21 anos... onde ele já dava sinais de ninho vazio e assim eu saí de casa. Meu pai é melhor pessoa e a pior pessoa em um! Não sei se isso se caracteriza bipolaridade, mas ele se nega a ir a um psicólogo o que afeta toda e qualquer relação que ele tenha, inclusive comigo. Ele teve uma vida muito difícil, foi

rejeitado por ambos, pai e mãe, e isso reflete em qualquer área da vida dele de forma agressiva pra não demonstrar insegurança ou fraqueza. O lado sombra dele é sinistro como o lado luz dele é incrível... bem difícil de conviver. Eu ter me mudado (capital de atual residência) de volta foi muito bom para nossa relação... estamos muito bem atualmente e nos amamos muito... temos muito orgulho de nossa história juntos.

3.4.4.3 Nyah

Nyah: Minha mãe era professora, ela faleceu em 2009, em 2008, né. Talvez a gente chegue nesse ponto, é um momento, uma coisa importante na minha trajetória de vida né. Ela era professora de português, formada em jornalismo há muito tempo. Mas nos últimos sete anos da vida dela dava aula de português em escolas públicas, estaduais. Na região da zona x também. E meu pai, é... que está vivo até hoje, mora ainda em (uma capital brasileira), na mesma casa que eu morava; é analista de sistemas. Trabalhava em informática, né. Trabalhava em bancos, trabalhou no (nome de instituições financeiras). e que hoje é aposentado.

Nyah: Minha mãe era professora, nos últimos sete anos da vida dela. Mas antes ela... ela era jornalista, trabalhou um tempo com isso. Trabalhou em escola pública estadual. No último ano da vida dela, numa escola particular de bairro. Foi só durante... menos de um ano, porque ela faleceu antes de completar o ano letivo. E... tudo ali na região. Mas, minha mãe nunca foi uma pessoa que construiu uma carreira, propriamente. Ela... fazia um bico aqui, ali... né... ela ficou muito tempo sem trabalhar quando eu nasci, né, meio que me criou e chegou o momento que acho que começou a pesar pra ela a falta de um trabalho. Acho que é um pouco de sentir, um pouco mais um sentido da vida, assim... acabou indo pra... pra lecionar. Não era uma grande entendedora de português, nem nada. Mas era uma professora dedicada, muito querida dos alunos né, e muito séria, no trabalho dela.

Nyah: E meu pai, que era quem sustentava a casa mesmo, né. Era nós três. Meu pai, é... tem uma filha do primeiro casamento dele, né, que tem trinta e poucos anos hoje, que é minha irmã e chama N. E ela mora no zona x. também, mas ela não cresceu comigo. Então eu me considero filho único. (...) Mas eu acho que eu tive uma infância privilegiada, né, nesse sentido. Não tenho nenhuma crítica a minha infância, até uns... doze, treze anos acho que eu curti bem, podia brincar na rua, podia jogar meu vídeo-game. Tinha uma relação boa com meus pais, eles tinha uma relação boa e cresci também, né.

Nyah: *Meu pai, eles se juntaram... no final da década de 80. Eu nasci em 89, né, e isso foi dois anos antes deles se juntarem. Ele ficou muito pouco tempo casado com a primeira esposa dele. Isso foi aí final da ditadura. Mas também o, o sogro dele, o ex sogro dele, o avô da minha irmã né, por parte de pai era um militar, né, então você imagina? (Risos). Um militar, né? A filha dele casada com um cara que foi... (risos) Só que meu pai nunca foi assim um... um grande militante, engajado. Ele é um cara... crítico, né, relativamente politizado. Hoje eu acho ele um pouco conservador assim pra muitas coisas, né. Mas na época de 64, 68, era um cara que tava assim sempre na turma da esquerda, usava barba, ouvia Chico Buarque, essas coisas.*

Nyah: *Então eu sempre tive essa referencia em casa, muito forte, né. De MPB, muita MPB em casa, muita música popular, Milton Nascimento, Caetano, ouvia muito isso em casa, minha mãe também gostava muito disso. Ela era só menos engajada que meu pai e sempre essa coisa assim, meu pai sempre pautando temas políticos em casa, né. Nada feminista, né, nem um pouco... nada com gênero...*

Neste momento da narrativa, Nyah assinala os limites da consciência política no ativismo do pai:

E... meu pai, mesmo sendo uma pessoa assim, mais progressista, também tinha um pouco dessa cultura machista, né. Ele não era um cara... progressista pra discutir sexualidade, era bem quadrado.

Pesquisadora: Como foi viver escolhas em sua sexualidade diante disso?

Nyah: *Na verdade, meu pai é uma pessoa muito alheia ao debate de gênero, raça, sexualidade. Não entende nada disso... era uma coisa do outro mundo. Fazia piadinha... homofóbica, em casa, piadinha machista, essas coisas. Quando eu era criança eu dava risada. Depois eu parei de dar risada, (risos). Aí eu comecei a discordar dele quando ele fazia uma piadinha, hoje ele não faz mais. Quer dizer, ele parou, pelo menos na minha frente, né? Mas ele não era progressista assim, ele era um cara de esquerda, né. Mas um cara de esquerda assim... meio marxista meio cavernosa, sabe? Que tem barba, assim... fala umas coisas de esquerda mas não é uma pessoa que incorpora muitas coisas, principalmente na sua vida pessoal. Sexualidade, ele é bem convencional, bem quadrado e tal. Mas ele nunca me discriminou por nada das minhas escolhas, nada. Ele sempre respeitou muito, acho que mais... pela questão de... da nossa relação, dele me respeitar e tal. Tudo bem, nunca trouxe nenhum tipo de empecilho a minha sexualidade. Mas ele sempre foi meio alheio assim... É pra ele... ele não sabe o que é gênero também, as vezes ele vem com umas perguntas que eu preciso explicar pra ele algumas coisas, é engraçado, (risos).*

Pesquisadora: Seu pai vivencia o universo da internet?

Nyah: *Não, não. Está entrando... agora. Email assim, normal. Facebook ele tem agora, mas é mais pra colocar umas fotos, quando ele ficou viajando por (cidade turística) tal, agora... Não é muito da internet não.*

Pesquisadora: E ele sabe do seu blog?

Nyah: *Sabe, sabe. Ele incentivou bastante naquele primeiro blog que eu tinha. Me acompanhava, lia todos os textos. E o blog surgiu com o treinamento de redação que eu fazia com ele né. Mas o blog atual é um debate que não é muito... que não sensibiliza muito ele. Então, ele sabe que eu tenho, ele... até gosta, divulga pra outras pessoas, lê uma coisa ou outra mas não gosta muito.*

2008 foi um ano marcante para Nyah, iniciando-se em nova fase de formação escolar e culminando com o falecimento da mãe.

Nyah: *Daí em 2008 minha mãe faleceu, em novembro, de uma... de um AVC. Foi uma morte muito trágica porque foi uma morte muito repentina, de uma hora pra outra, assim. Questão de poucas horas, foi pro hospital, desmaiou, UTI... morreu. Foi uma coisa muito chocante, assim, na família, porque... ela, minha mãe era uma pessoa muito agitada, muito viva, que dava aula... cuidava da casa, que fazia exercício físico, que cuidava da alimentação, tinha uma vida social, né. Mais agitada que muitas amigas dela e teve uma morte muito rápida aos cinquenta anos de idade. Nova né, meu pai era... dez anos mais velho que ela, uma coisa assim. E... era um cara que nunca cuidou da saúde, era muito mais estressado. É, né? Um cara estressado. Fuma muito. Bebe, muito mais do que ela. Era uma pessoa que, pelo conjunto da ópera, você jamais ia dizer que minha mãe ia falecer antes que o meu pai, entendeu? Só que a vida não segue um script, né?*

Como recorrente nas fases de crise, Nyah procura nova forma de compreender a dor e se apropria desta metamorfose para enfrentar novas condições de vida.

Nyah: *Enfim. E aí, então, daí ela faleceu. Foi uma coisa muito forte na família. Passou a morar só eu e meu pai. Então você imagina, você mora numa casa com três pessoas, falta uma, né? Faz muita diferença! Eu era muito ligado a ela! Muito mais, muito mais do que com meu pai, sempre fui!*

A perspectiva feminista parece contribuir para que Nyah possa interpretar sua condição familiar:

Nyah: *Acho que é a questão da... da própria divisão sexual do trabalho, né? Que coloca a mulher sobre a responsabilidade de criar os filhos né, e aí, enfim. Minha relação emocional com ela, né... E com o meu pai era uma coisa um pouco mais distante, mais*

técnica assim, sabe? “É o que? Escola? Então vamos discutir escola”, mas não tinha aquela coisa assim... de contar as coisas, de contar o dia... meu pai é uma pessoa que não escuta muito o outro, não presta muito atenção no que você está falando... uma pessoa um pouco mais difícil de lidar também. A gente chegou a ter alguns problemas depois da... da morte da minha mãe, enfim.

Daí ela faleceu, né, eu estava no final do meu semestre. Eu estudava pras provas até pra poder, né, dar uma... tirar um pouco a cabeça daquilo, né e consegui fechar o semestre bem. Mas naquela época eu estava muito insatisfeito também, com muita coisa. Eu comecei a... o primeiro semestre de 2009, então, logo em seguida, né, à morte da minha mãe, foi um semestre muito pesado pra mim. Porque... pelo luto mesmo, né? Porque a pessoa morre hoje, mas você vai sentir os efeitos disso alguns meses depois. Quando você... logo que acontece, é o susto, né. Então, você tem que assimilar, tentando me acertar, tentando me adaptar, né... e aí você espera que a sua vida volte como está antes, né. E aí, pelo menos, na minha experiência, não tinha mais como voltar ao que era antes porque o antes não existia mais, né.

Neste momento, Nyah indica por que sua mãe é citada como alguém tão importante em sua história. Sua morte marca uma metamorfose de mesmidade:

Nyah: Então, era um outro momento que eu tinha que namorar. Era um outro Nyah que tinha que ser eu. Porque o Nyah que existia antes tinha morrido junto, né.

Estes são alguns indícios dessa mudança qualitativa no itinerário de Nyah, grande parte, incitada pela insatisfação com a mesmice com que vinha lidando com a sua personagem de estudante.

Nyah: Daí, o primeiro semestre desse ano foi muito difícil, meu pai ainda estava trabalhando bastante naquela época; ganhava uma pensão lá pela morte da minha mãe, pelo serviço público... na escola estadual, na escola particular... que deu uma ajuda nas contas de casa também. Eu ganhava uma bolsa de iniciação científica do Cnpq, trezentos reais, bem pouquinho. E eu estava, comecei a ficar muito insatisfeito com o laboratório, né, passei as aulas de inglês, estava muito insatisfeito com a aula de inglês. Estava de saco cheio da faculdade também, de modo geral. Estava, eu fazia aula de flauta também, flauta transversal, estava de saco cheio também. Eu não gostava de nada, sabe? Nada! Tudo estava ruim. Né? Naquele momento eu aprendi a dirigir, eu já tinha tirado carta, antes, quando eu fiz dezoito anos, mas eu não dirigia.

Aí eu bati o carro e tal, fiquei um pouco traumatizado, e aí eu não dirigia. Depois que minha mãe faleceu, o carro ficou parado em casa e eu falei: “Bom, ou é, ou dirige isso ou tem que vender esse carro.” Que não pode ficar parado dois carros, né, o do meu pai e o

dela. Só que como o inventário não tinha sido feito ainda, e demorou muito, levou uns cinco anos pro meu pai fazer, porque ele enrolou muito. Então, o carro não podia ser vendido, porque estava no nome dela ainda. Então, eu precisei dirigir algum carro. Aí eu aprendi a dirigir e comecei a dirigir o carro logo depois que ela faleceu.

A adaptação exemplar à metamorfose que a morte de sua mãe provocou em sua vida parece, contudo, não se sustentar na forma sistemática com que Nyah cumpria o exercício de seus papéis sociais. Uma rotina em que não coube viver o luto nem se livrar do tédio.

Nyah: Eu ia pra universidade, assistia aula, terminava a aula e eu ia pra casa. Não queria saber de nada mais, sabe? Não queria fazer mais nada além do mínimo necessário. Só que a coisa vai pesando né, vai cansando. Chega um momento que você começa a sentir um pouco inútil, comecei a sentir que eu estava desperdiçando a minha vida, sabe? Naquele ritmo assim. Claro que isso tudo é um efeito de uma série de questões, né... mal resolvidas da minha vida e questões de luto em si, né, você leva um tempo pra assimilar aquilo e tal.

As mudanças vividas em 2008 assentaram apenas em 2009, com novos planos, atividades e uma nascente concepção de vida.

3.4.5 Processo criativo

E aí você percebe que, “nossa, eu preciso escrever alguma coisa!” E aí você escreve alguma coisa e de repente aquela coisa faz sentido pras pessoas e aí você consegue ter uma alegria ali...

Maya

3.4.5.1 Maya

Pesquisadora: O que é a escrita na tua vida?

Maya: O que é, a parte mais, assim, a parte crucial do ativismo assim, eu diria. É... só basicamente, escrever, eu gostaria de ser assim, eu escrevo muito, eu escrevo todo dia eu ainda pratico alguma coisa. Mas... eu não tenho coragem de publicar todo dia... rs. Então assim, é... raramente me dá aquelas coisas, que eu penso assim, nossa, isso aqui realmente está publicável, aí eu boto. E... mas realmente eu acho que é empoderador, assim, pra mim. Mesmo no meu blog, acho que, especialmente, no meu blog, assim. Às vezes parece que está abandonado às moscas, mas não está, é que eu não tenho coragem. Engraçado né? Não sei...

Pesquisadora: Escreve para si? Escreve para um mundo?

Maya: *Eu tento escrever, eu tento, assim... eu acho que os textos que eu mais gosto, que eu chego a pegar são os textos em que eu... em que eu falo da minha... experiência mesmo, prática mesmo de vida né, assim, em que eu tento exemplificar como que alguma coisa me mudou, como que alguma coisa fez sentido pra mim em determinado momento né, então, assim... é a partir dessa busca que eu tento... pra ver se as pessoas se relacionam né, assim, tem muita gente que chega e fala assim: “nossa também me sinto assim as vezes e tal”. E, é assim que eu faço.*

Pesquisadora: Tem produzido textos coletivamente?

Maya: *Então, eu ah... acho que a minha única companhia que eu dou mais certo pra escrever é a D. É... a gente fez alguns textos juntas, a gente tem planos de fazer mais textos mas, assim, no momento ela esta estudando muito e... de certa forma a gente não está tendo tempo de se encontrar e tal pra fazer textos mas... é, geralmente flui assim, legal. Eu não cheguei a conhecê-la ao vivo. Ela mora no... no interior de (estado brasileiro) e é uma viagem muito longa. Brasil... eu fico morta da viagem!*

Eu acho que porque, eu acho que só porque as outras pessoas também são muito ocupadas, e realmente assim, então eu acho que quem... quem está mais segundo a onda do ativismo sou eu e a D. Acho que por falta disso mesmo, assim... eu acho que no futuro elas tiverem mais tranquilas um pouco, quiserem escrever um texto, acho que... acho que seria tranquilo.

Este trecho esboça as dificuldades encontradas na prática ciberativista para manutenção do índice de publicações e da comunicação ativa nos blogs, mesmo quando contam com um coletivos de autores(as).

Nyah: *Acho que muitas vezes, assim, quando não falta vontade é... a gente, não sei, as vezes tem tanta coisa pra pensar ao mesmo tempo que a gente pensa, “nossa... eu não quero nem pensar!” e a gente nem pensa, entendeu... Mas a gente tenta divulgar textos de outras pessoas na internet, tal essas coisas, estar sempre fazendo divulgação. Mas não é sempre que a gente encontra ânimo pra sentar e escrever a respeito. Eu acho que este é um dos maiores problemas mesmo do nosso coletivo.*

Nyah: *A gente nunca chegou a brigar... assim. É... eu acho que teve... chegou a irritar um pouco a F. porque a F. queria ser muito... é... como se fala?... ela era mais ativa que a gente, eu acho. Então, acho que, a gente... claro! Ela nunca oficializou isso, ela sempre falou: “olha, eu estou saindo porque eu quero ter o meu próprio blog, tal e tal e tal. Eu gosto de agir sozinha”. E... mas hoje ela faz um trabalho brilhante assim, maravilhoso... a gente*

sempre... está aí trocando ideia com ela, está sempre em contato e tal. É... mas fora isso a gente realmente, a gente realmente não briga. A gente sempre, assim, quando tem... quando tem que escrever alguma coisa e alguém quer escrever alguma coisa, a pessoa escreve... é bem livre mesmo, assim, bem casual, e assim, as vezes a gente pensa que poderia ser um pouco mais estruturado mas... é, por questão das nossas próprias vidas pessoais mesmo, cada uma envolvida com alguma coisa né, de certa forma...

Maya escreve e mantém atualmente dois blogs. Um é mais impessoal e coletivista; o outro reúne experiências autobiográficas. Ambos mantêm disposições ativistas em suas apresentações e postagens. Quando questionada sobre suas predileções, assinala as afinidades eletivas que caracterizam seus nomadismos:

Maya: eu... eu não sei, assim, depende, as vezes tem época que eu gosto mais do (blog 1) e quero fazer mais coisa pro (blog 1), embora quase nunca eu faça... e tem épocas que eu gosto mais do meu outro blog... meu outro blog é muito novo, assim, eu comecei ele este ano, e... e eu quero atualizar ele mais né...

Pesquisadora: E ele tem outro propósito? Outro estilo?

Maya: É outro estilo, ele é só pra falar da minha vida, que é pra falar da minha vida nele né.

Pesquisadora: Está dirigido a algum leitor(a)?

Maya: Não! Não... eu acho que... geralmente quem lê está interessado em coisas, em interesses culturais é... está interessado na interseccionalidade mesmo do gênero, né, da questão do estudo de gênero por uma perspectiva mais da mulher negra e tal. Eu tento dar esse viés, né. Mas... não tem, necessariamente, um público alvo não.

Pesquisadora: A escrita te fortalece?

Maya: Sim, exatamente. Então é aquele movimento de contradição, mas que não pára. É... você percebe que você está ali meio que, ah... eu não saberia dizer a palavra, sabe... estar ali meio que num... beco sem saída, sabe? E aí você percebe que, “nossa, eu preciso escrever alguma coisa!” E aí você escreve alguma coisa e de repente aquela coisa faz sentido pras pessoas e aí você consegue ter uma alegria ali tipo, que... a partir da leitura do meu blog, uma pessoa... um rapaz me procurou de (capital de país europeu que reside) e me chamou pra ir dar uma palestra, lá em (capital europeia), sobre cabelo crespo. Então aquilo fez o meu dia, né ganhei minha semana! Tipo, pensando, me preparando e achando o máximo, então assim... (risos) só de coisinhas eu acho que preenchem a gente, deixa a gente empoderada, mesmo que você se sinta, assim, na maior parte do tempo, você se sinta realmente muito oprimida e muito... muito lá embaixo.

Pesquisadora: Você pensa em fazer publicação científica?

Maya: *Sim! eu tenho interesse de... eu gostaria de... assim, eu acho que o sonho mesmo da minha vida seria fazer um... um Phd. Assim... como realmente não deu certo esse... esse mestrado que eu fiz, a minha ideia era terminar ele e continuar, fazer o Phd na mesma área, é... eu penso, eu tenho procurado alguma coisa na área que é a minha área original por isso que eu queria fazer alguma coisa, mas é... por enquanto, pela questão financeira mesmo, logística, de ter que ir pra universidade e tal... eu acho que... eu vou deixar esse sonho em suspenso. E... publicar, né... eu gostaria de publicar, igual... eu fui publicada no jornal aqui, achei ótimo! Gostei demais assim... fazer mais coisas, então... mas eu preciso de mais leitura, então eu acho que... eu estou sempre buscando aí... ler um pouco mais, fazer um trabalho um pouco melhor e quem sabe um dia...*

Sobre os entraves que encontra para realizar o ativismo, Maya assinala:

Maya: *A gente não ganha pra isso, assim, todo mundo, tipo eu que agora procurando emprego e lidar com a depressão de... não achar emprego. Então a D., tentando fazer concurso e tendo que lidar com a depressão de não estar conseguindo passar em concurso, né. A J., tendo lidar com a depressão de não estar conseguindo terminar a faculdade. Então assim, cada um com um ponto...*

Pesquisadora: Considera esta uma limitação da extensão do ativismo para a vida pessoal?

Maya: *Exatamente. Então às vezes eu me sinto bem menos empoderada do que eu percebo. Né, então assim, acho que isso deixa a gente mais desanimada, né.*

3.4.5.2 Priya

Priya: *Eu estou um pouco desmotivada ultimamente. Então eu tenho postado super pouco na página... mas também eu estou em período de provas né. Daqui a duas semanas são as minhas primeiras provas e eu... tive prova neste final de semana... Eu acho que as provas são muito mais uma desculpa pra... pra não postar e tudo mais do que... as provas viu! (risos)*

No trecho que segue, Priya explica como sua arte é interpelada pela técnica. Esse amalgama se estende à irredutível condição de consciência política sobre os interesses que afetam sua produção.

Pesquisadora: Sua arte tem interlocutor(a)? Tem um destino?

Priya: *Tem. Eu acho que muitos... como muitos hoje que tem estudado e trabalhado com publicidade. Você acaba, isso acaba virando... natural. É, minha arte tem muito de publicidade, entendeu. Por mais que eu tente soltar a mão pra fazer uma coisa... tão... coisa mais natural. Como eu fiz pra (manifestação feminista) aqui... é... sabe, eu não fiz um desenho apenas, eu não quis só expressar um desenho, não... eu tenho um objetivo, que é a marcha; tem um público alvo, que é a mulher; tem um problemas que estão num sei o quê... então meio que na minha cabeça eu formo um breafing e aí eu faço um tema em cima disso. Inevitavelmente, eu acho que eu sou mais design que artista.*

3.4.5.3 Nyah

Nyah: *E, assim, por causa do vestibular, eu sempre gostei muito das aulas de português, mas eu não tinha o hábito de escrita. Ninguém tem, né, naturalmente. Difícil alguma pessoa ter o hábito de escrever. Daí, por causa do vestibular, da redação, eu comecei a praticar redação e meu pai corrigia. Meu pai era uma pessoa que tinha uma postura geral, assim, bem ampla, ele... me passava temas de redação, eu fazia uma por semana, ele me corrigia... isso pra me preparar pra redação do vestibular. Só que por causa desse interesse de começar a escrever, e começar ser... de sentir que você está melhorando nisso, eu criei um blog, em 2006, que era meu terceiro colegial. Na época chamava (nome do blog). Era o blog que eu criei com essa minha amiga que está no (país do continente americano), que continua minha amiga até hoje. A gente escrevia... a ideia era discutir literatura, mas, assim, a gente discutiu durante, no primeiro post, no segundo já tinha mudado de caráter. (Risos) A gente discutia qualquer coisa, assim, qualquer coisa. Moda, o que vinha na cabeça assim, né. Eram textos... e outra, eu tenho blog já mas durou uns quatro anos. Durou bastante tempo.*

Este trecho da narrativa de Nyah corrobora a relevância do caráter fluido e intermitente dos blogs no desenvolvimento de sociabilidade e da produção criativa: neste caso, o espaço de escrita do blog funcionou para a objetivação da aprendizagem, da sistematização cognitiva das ideias e de espaço para reviver uma parceria que se distanciara geograficamente.

Pesquisadora: E vocês tinham objetivo de atingir algum público?

Nyah: *Não, não. Era uma coisa mais assim, vamos escrever. Uma iniciativa de botar no papel, publicar...*

M: Escreviam em autoria coletiva?

A: Não. Cada um tinha um perfil, né. O blog era hospedado naquele (plataforma de hospedagem de blogs na internet), como é ainda o meu atual blog. Cada um tinha um perfil, a gente escrevia mais ou menos alternando, assim, então, gerava uns quatro, cinco textos por semana. A gente era bem, assim, produtivo, na verdade.

Pesquisadora: Tinham retorno?

Nyah: Olha, teve impacto. O blog chegou a apresentar umas quinhentas visitas diárias... assim? Então teve até um impactozinho assim, mínimo né? Eu tinha o que? Dezessete anos, naquela época, né? As pessoas olhavam o blog e falavam: “Ah, bacana! Uma pessoa tão nova escrever assim” e tal. Mas olhando hoje eu percebo que o blog era muito, muito amador. E tinha muita coisa era... conservadora no blog, né, que eu acho que isso pegava um pouco da minha formação política até então. Então eu tinha interesse de discutir as coisas, de querer ler, entender um pouco essas coisas, né, enfim.

As diferenças de um blog para outro são fundantes: conteúdo de veiculação, interesses de comunicação, proposta ideológica e público alvo. Representam, por certo, as metamorfoses de seus(suas) autores(as) e demandas conjunturais.

Nyah: E foi em 2011 que eu criei o meu segundo blog. Dentro um pouco desse ímpeto que eu tinha, do gosto pela escrita, de querer escrever e... de por no papel as reflexões das leituras que eu fazia sobre gênero. Então a ideia do blog (nome do blog sobre gênero), que eu mantenho até hoje... hoje tem um ritmo menor, porque meu tempo está muito mais curto, por causa do trabalho e tal, mas eu tinha um ritmo maior antes.

Nyah: Então quando pintou a ideia era de ser um blog acadêmico, um blog mais de discussão de teorias. Era mais no começo, hoje em dia está menos assim. Está mais... mais político do que acadêmico, né, embora ainda seja bastante acadêmico. E conseguir que o blog tenha alguma visibilidade, então hoje em dia a gente está com uma visitação de 1.500 pessoas por dia, então está bem movimentado, tem texto que já foi compartilhado mais de 6.000 vezes no facebook! E desde 2011 pra cá, mais de 500.000 acessos.

Pesquisadora: São textos autorais ou replica de outras pessoas?

Nyah: É... tudo texto original ou então a gente convida, eventualmente, outras pessoas pra escreverem pra gente. Mas aí são textos escritos para o nosso blog, né. Um ou outro, acho que eu republiquei um ou dois. Mas a gente teve poucas participações especiais. Foram seis ou sete textos né. Tem mais de duzentos no blog, quase trezentos. Então, é uma porcentagem muito pequena. Agora, eu... como eu que criei, e logo que criei já convidei o H. para se juntar. Ele escreveu durante um ano e pouco depois parou. Hoje ele já não escreve mais não sei por que, parou. E o outro era o K. Os dois são de (estado brasileiro). Agora são

próximos de mim, né, antigamente não era. E o K., é..., faz mestrado agora em antropologia na (universidade pública), eu moro em (cidade de estado brasileiro onde está localizada a universidade pública de K.). De vez em quando a gente se encontra. A gente se conheceu pela internet. A internet é maravilhosa pra conhecer gente assim né. A gente está fazendo essa entrevista e a gente se conheceu pela internet também! (Risos) Mas ele também parou, K. escreveu pouco, ele não era um cara, assim, muito inspirado pra escrever... publicou alguns textos e então parou também.

Como na fala das demais narradoras, fica evidente que o trabalho de ativismo do blog encontra suas principais barreiras no tempo útil e disposição criativa de seus(suas) autores(as) para permanecer em evidência ou caminhar para a escassez de publicação e visitação. Em geral, os motivos citados para a diminuição de postagens da moderação do blog são decorrentes das condições de formação, trabalho e de remuneração de seus(suas) administradores(as).

Nyah: Então eu fiquei sozinho e é difícil, difícil tocar um blog sozinho, sabe? Dá trabalho! É bom quando tem outra pessoa... dá uma... cria um ritmo no blog. Se está sozinho, você tem que imprimir esse ritmo daí... é a maior responsa! Tomar conta... daí vira uma obrigação e aí o blog tem tido três, quatro textos por mês. Caiu muito, antigamente era doze, quinze. Mas eu estou mantendo porque os textos antigos são acessados ainda. E aí, enfim. Eu acho que o blog, ele... algumas pessoas me contaram que ele é bastante conhecido em diversos meios. Eu não tenho muito esse retorno, na verdade, né. Mas já teve gente que me viu em um evento ou outro e veio falar comigo por causa do blog. Mas é... pouco, eu não frequento muito também esses eventos assim, de... de militância, de discussão assim mais militante.

Pesquisadora: Você tem textos de caráter pessoal, sobre sua história? Tem necessidade, desejo ou interesse de escrever sobre você?

Nyah: Olha, tem uma categoria no meu blog que chama (título de link). Que tem todos os textos mais, de caráter pessoal. Mas é muito pouco! Eu não gosto de ficar falando de mim no blog. Eu não gosto nem de escrever em primeira pessoa. Eu gosto de afirmar, sabe: “é importante que...” Eu tento deixar mais impessoal. Eu não gosto de dar um tom muito pessoal pro blog. Eu acho um pouco narcisista, sabe? Eu evito ficar falando muito de mim mesmo, assim. Eu não gosto muito de colocar isso no blog, prefiro deixar mais impessoal. Mas tem essa categoria (título) que ela tem um caráter um pouco mais... as vezes tem uma reflexão ou outra mais pessoal... mas sempre tentando politizar essa experiência.

Em seguida, Nyah exemplifica o que considera ser uma expressão de si em sua obra e é neste primeiro parágrafo que o encontramos interpretando uma face de sua identidade política:

Nyah: *Nunca conto assim: “Ah, fiz isso.” Não. Começo: “Eu fui assistir a uma peça da ...”. Aí entro na peça, sabe, então eu falo muito pouco da minha vida. Tem um... um texto que eu gosto bastante, no meu blog, que eu gosto... eu releio e ainda gosto dele que é bem pessoal, acho que é o texto mais pessoal que tem que se chama: (título do texto). Acho que é esse o nome do artigo. Eu faço uma discussão sobre a minha própria história de vida, tentando entender a geração de jovens ao qual me encontro e as manifestações de rua. Mais ou menos assim, então é um texto que eu falo um pouco mais da minha vida... tal, mas é muito pouco, muito pouco.*

Nyah: *E, assim, os textos mais acessados do blog, se for ver em algum momento, analisar, tem um... é um conjunto de textos que eu criei chamado: (título de artigo). Esse texto, nossa! Bombou! Bombou, bombou, assim! Todo mundo compartilhou, é o mais acessado. Eu publiquei em 2012, ele ainda é muito acessado. É impressionante. Principalmente da Butler, né? A Butler ela está na moda né? Qualquer coisa que eu bote da Butler... se eu botar no título então, nossa! Bomba sabe? Todo mundo quer ler Butler! Então eu peguei e discuti um pouco assim. As pessoas querem ler né, porque é uma autora que se popularizou muito, né, no ativismo dito queer, né. Eu tenho um distanciamento muito grande com a questão queer e com a Butler, em si, mas aí, fica pra uma outra conversa. Mas enfim, mas discutir... e esse texto é bem lido.*

Pesquisadora: Pode falar mais sobre sua experiência de escrever?

Nyah: *Escrever? Acho que é uma das formas que eu me comunico melhor. Me comunico melhor escrevendo do que falando, do que aparecendo em vídeo. Acho que é uma linguagem que eu gosto. Eu gosto, eu gosto de escrever... é uma atividade interessante, só que eu também sou bastante limitado assim a textos de opinião. Nunca escrevi crônica, conto, narrativa, assim, nada né. Mais texto argumentativo mesmo... mas eu gosto porque ela me ajuda a organizar ideias, né e organizar argumentos pras opiniões que eu tenho, sabe? Que eu tenho que estruturar aquilo que eu penso pra defender uma ideia. Então, nisso é um exercício interessante de sistematizar certas informações, sintetizar isso em texto. E eu acho que é uma linguagem importante pra... importante pra mim atualmente.*

Nyah: *Eu sempre trabalhei com texto, né, quando eu estava no centro acadêmico, eu trabalhava no jornalzinho. Quando trabalhava nas editoras, também escrevia muita coisa pra eles. Agora também lá no (nome do instituto em que trabalha), também tenho escrito*

bastante coisa. Acabei como... muita gente não gosta de escrever ou então escreve muito mal, né? (risos). Então acaba sempre um ou outro que precisa meio que ser o porta-voz, sabe? Então eu acabei sempre fazendo aquele papel. “Ah, tem que escrever? Então vamos lá!” Sento lá e escrevo.

Nyah: E eu acho que o blog é importante porque ele mantém a escrita viva. No intervalo que eu tive entre o antigo blog e o novo, que eu fiquei um tempo sem escrever nada, quando tinha que fazer um trabalho pra faculdade, já sentia dificuldade já, não fluía mais. Os dedos, né? Mesmo quando eu fiquei em (país estrangeiro) aqueles seis meses, que eu escrevi muito pouco em português, quando eu voltei pra cá, pra escrever português de novo eu falei: “nossa! está difícil escrever no português!” Parece que já vai... começa a perder um pouco né, da fluidez. Então, a escrita do blog, agora tem sido pouco mesmo, tenho tido pouco tempo por causa do mestrado, que eu estou escrevendo muito pro mestrado. Então eu estou sempre escrevendo. E isso... deixa de ser mais fluido, você começa a observar mais tecnicamente a escrita... “ah, essa preposição aqui é bacana pra usar... essa expressão...”

Pesquisadora: Você se reconhece na sua escrita?

Nyah: Não sei... a gente sempre olha com um pouco de crítica aquilo que a gente escreve há dois, três anos. Meu blog antigo não me representa mais em nada. O blog atual, vez ou outra, pego algum texto antigo... até poderia falar... até poderia fazer diferente hoje mas eu acho que ainda me satisfaz, ainda me vejo ali, em certas coisas, certos trabalhos de faculdade que quando eu leio eu falo: “ah, acho que tem muito meu ali que ainda está”. Mas a tendência é sempre a gente olhar...

Nyah: Mas é uma forma de linguagem que eu acho que... que eu consigo me expressar melhor e... escrever, assim... Eu não sou muito bom pra essas articulaçõeszinhas políticas: “Ah, a gente faz um esqueminha aqui entre a gente”, sabe? Eu prefiro: “o que eu penso está aqui”, sabe? Eu sou um pouco ingênuo até, porque a política se faz muito nessas relaçõeszinhas também. É o que eu penso. Ou aquela ideia: o debate não está tanto no campo da ideia, está no campo do interesse também.

É insinuado, pela fala de Nyah, que sua escrita contém muito quem era no período de sua autoria, o que assinala uma possibilidade de observar uma metamorfose de sua identidade que passa pela negação de alguns aspectos ideológicos diante da personagem política que agora busca desenvolver.

Pesquisadora: O blog te dá retorno?

Nyah: *Olha... ele é um... mesmo que ele não dê retorno ele é pessoalmente importante pra mim então eu continuo tocando. Mesmo que o acesso fosse muito baixo, pra mim é interessante, entendeu?*

Pesquisadora: *Uma necessidade de escrever?*

Nyah: *É... pela necessidade de escrever, de colocar coisas lá. Mas ele tem tido um retorno, que eu vejo, não tudo... acho que uma seleção pequena de textos, mas... quando tem algum texto novo... que eu discuto gênero, por exemplo, eu coloco no facebook, ele é compartilhado algumas centenas de vezes. Então, algum tipo de retorno tem né? De um público seletivo, claro! Mas também não estou... mas tem um público alvo, não espero sensibilizar a população brasileira, mas tem um público que está interessado naquele debate que eu vejo que descobre o blog, que lê e eu já conheci muita gente interessante por causa do blog. Acho que você mesmo, assim, chegou até mim por causa do blog né? Então. Eu fiz várias amizades por causa do blog também. Já estive em lugares que as pessoas me reconheceram... claro que não na praia, mas... na área de gênero, se eu vou assistir uma mesa redonda sobre gênero e sexualidade já aconteceu de vir gente e falar: “ah, você que escreve naquele blog?” Porque é assim, um público seletivo, mas se tiver esse diálogo com os meus pares eu acho que o blog já está cumprindo a função dele, sabe? Eu acho que é promover esse diálogo mesmo. Então algum retorno tem tido.*

Pesquisadora: *Com relação às parcerias em blog, como ficam as divergências políticas para a escrita coletiva ou em um coletivo?*

Nyah: *Olha, então... eu tive... é que o blog, os autores que escreveram comigo, eram mais acadêmicos mesmo. Então eles discutiam mais teoria feminista e discutiam pouco de política mesmo. Então as opiniões deles... eu não cheguei a ler muito. E quando tinha era coisa que eu concordava, por exemplo, se opor àquela lei que institui a cura gay, sabe, aquela coisa. Então, estavam falando contra isso, argumentando contra isso, então ok! Eu nem falei no blog porque já estava tocando isso, porque estava ótimo, então deixei. Agora... um dos colegas que escrevia comigo, ele era muito da teoria queer, muito, muito. Ele já parou de escrever, não sei porque, simplesmente parou. Ele era muito da teoria queer, muito. Ele ficava fazendo toda a discussão queer, eu achava o ó aquele negócio, sabe? Mas eu falei: “deixa, porque as pessoas elas gostam de teoria queer... elas vão ler esse negócio.”*

Nyah: *Então... ele tinha lá o público dele, que não era o mesmo público que o meu... mas, eu não gostava muito das coisas que ele escrevia, não concordava muito com aquelas ideias mas... Eu também quando discordava eu ia lá nos comentários e fazia uma crítica também... Mas uma coisa construtiva, daí ele respondia, falava: “ah, não concordo muito*

com sua perspectiva”. Não era nada assim... reacionária, nada que... porque se fosse muito aí eu cortava do blog! Não vou manter isso aqui! Mas eu não ia botar um cara que fosse escrever esse tipo de coisa lá também, entendeu? Eram mais perspectivas teóricas distintas, então eu respeitava. Ele punha lá, eu não concordava, mas eu deixava. Porque tem gente que... está na moda teoria queer. Então eles se identificam com isso. Então deixa o pessoal se divertir lá, né? (Risos)

3.4.6 Feminismos

Porque eu falei: “nossa! eu sempre tive pavor dessa masculinidade hegemônica, né, dos homens que gostam de dominar”. Eu tenho muita aproximação com feminismo, com mulheres. Toda essa questão da sexualidade, essa coisa de pluralidade de masculinidades e as hierarquias que existem entre elas, eu me identifiquei imediatamente com isso, sabe?

Nyah

3.4.6.1 Maya

Maya: Ai depois, eu acho que... o grande, não sei, a grande peripécia, a grande mudança que aconteceu na minha vida foi realmente ter ido pra (país asiático). E lá eu acho que eu consegui, é... porque o choque cultural é tão grande né que você percebe como as mulheres são tratadas e assim, você acaba repensando toda sua vida porque... ao mesmo tempo em que você percebe o tratamento dado às mulheres de lá você acaba lendo e percebendo como você mesmo era tratada no seu país.

Os deslocamentos que Maya assinala expressam a metamorfose humana em dois sentidos: adentrar numa nova cultura parece ter funcionado como uma chave para sua tomada de consciência social e política perante a uma e outra conjuntura de sociabilidade; já afastar-se de sua cultura de origem permitiu incrementos de autonomia para sua re-elaboração identitária.

Maya: Eu acho que, definitivamente, assim... quando você vivencia realmente, é outra coisa, você passa realmente a conectar. Mas... eu penso que se não fossem as leituras talvez eu estaria como várias amigas minhas né, tipo achando tudo da (país asiático) lindo e normal e “ah é cultural!”(risos)

De maneira acanhada, Maya já flertava com ideias feministas em sua cidade natal. Sua mudança de país e o choque cultural que menciona são deslocamentos que culminam, desta maneira, com a proposição de um projeto identitário que aspira fragmentos emancipatórios com interesses coletivos.

Maya: Na faculdade mesmo... eu não cheguei a tocar nisso não. Eu apenas vi, eu apenas li o livro em que o cara falava um pouco de... das grandes mudanças... eu acho que foi Stuart Hall né... que as grandes mudanças que aconteceram no mundo foram o marxismo e o feminismo. E a partir, a partir dessa leitura eu comecei a... a ler mais sobre o feminismo mesmo e... com as leituras que o pessoal também disponibilizada e eu sempre me informando e tal. E eu sempre, assim... não sei se pelo fato de eu ter feito linguística eu sempre gostei muito da teoria da Butler. E, então assim... a Butler é uma coisa que eu gostava muito de ler, mesmo não sabendo realmente é... por um lado eu gostava de ler também as mais radicais né... e... mas realmente a... acho que a Butler foi a que eu mais me identifiquei.

Mas é, especialmente, no ambiente virtual que Maya expressa o potencial e a efetivação da prática de sororidade, como indica neste trecho e desenvolve no contexto de Ativismos, abaixo:

Pesquisadora: Já usava redes sociais no Brasil?

Maya: Usava, eu estava no Orkut e a gente estava descobrindo assim, o feminismo juntas. Então assim, uma menina lia uma coisa, trazia; outra lia outra coisa, trazia. Então, é... foi realmente uma descoberta mesmo, em grupo.

3.3.6.2 Priya

Priya: A página eu criei por causa do fanzine e... aí acabou tomando outro caráter, assim... eu só posto coisa positiva na pagina, eu não posto nada que seja ruim ou... sobre morte ou estupro ou... só coisas que mulheres conseguirão alcançar por mérito, enfim... mulheres musicistas, excelentes, tudo mais... sororidade e tal. Que na verdade é o que nos faz bem, porque... mesmo dentro do ativismo entre mulheres, tudo é muito agressivo né, um modelo muito agressivo, porque... enfim é o suprasumo do que a gente vive né, a discussão sobre o assunto ocupa tudo o que a gente vive, então ele é um ambiente pesado, é um ambiente que... te faz um pouco mal.

Pesquisadora: Você vê confrontos entre essas tendências feministas no ativismo que você pratica? Mulheres criticando seu fanzine porque tem uma outra tendência feminista, por exemplo?

Priya: *Tem muito, muito confronto. O fanzine não, mas tem muita... assim, dentro da arte é muito difícil você ver feminista criticar a outra, dentro da arte. Muito difícil. A gente, porque a mulher ela... tem muito pouco artista mulher então a gente se empodera... na questão artística a gente se empodera. Agora nas questões de debater o feminismo, aí que o bicho pega. Porque tem várias ramificações, tem mulher que não aceita transexual no movimento. Eu acho um absurdo, eu acho que tem que aceitar. Eu sou interseccional.*

Uma sensibilidade apurada para as interações que possam violar a integridade e os direitos da pessoa humana, Priya examina com criticidade procedimentos de coletivos feministas e é também dentro desta diversidade que encontra a noção de sororidade.

Pesquisadora: A ideia de sororidade não é tão divulgada fora do circuito feminista. Quais são suas fontes?

Priya: *Infelizmente... infelizmente sororidade não é uma coisa que muitas pessoas conheçam mas que, quando eu conheci esse termo fiquei tão apaixonada por isso, assim... isso que me abriu a cabeça que é um negócio que eu tento passar o máximo para todos sabe? Todos, todas, todes... porque é muito maravilhoso. Mas, é... dentro dessa galera ativista tem muitas páginas e entre as meninas e tudo mais e todo mundo contribui pra que isso aconteça. A rede, a sororidade mesmo, não só a teoria da prática ela acontece entre essas pessoas ativistas, sabe? As trans, as não-trans, não-binárias, tudo mais... é muito maravilhoso. Como que cada uma meio que bebe na fonte da outra. Pela internet e ao vivo também, mas principalmente pela internet porque tem umas meninas também do Brasil todo, e isso é excelente!*

Pesquisadora: Durante o período que estive na faculdade, teve contato com o feminismo acadêmico?

Priya: *Não... na (universidade de graduação) não, muito pouco. Eu participei de um grupo de fanzine, da época da faculdade, foi meu primeiro contato de realizar um fanzine e coisa e tal... mas não era meu o fanzine. Mas eu não falava sobre isso não... é... na (nome da universidade) não. Porque na (nome da universidade) também eu não fiz humanas, eu acho, como eu fiz comunicação social, a galera era um pouco menos... engajado. Mas agora que eu faço história... sim.*

3.4.6.3 Nyah

Nyah: *É, na escola, é... acho que uma coisa importante na minha escola assim, não sei, quando eu era pequeno, né, quando jogava vídeo game e tal eu sempre gostava, né, eu tinha sempre uma admiração pelas personagens femininas, sabe? (Risos). Eu gostava de ver mulher batendo em homem, sabe? (Risos) Video game, sabe? Então, uma admiração pelas Panteras, pela Mulher Gato... né, por essas mulheres que, sabe, que exala uma força, assim, não sei, eu gostava assim. E eu sempre tive mais amiga mulher também. Eu sempre tive mais amiga mulher porque os meninos me enchiam um pouco o saco assim. Eu tinha amigos meninos, mas eu tinha pavor, eu sempre tive, daqueles valentões, né. Daqueles caras que gostam de bater nos outros, de bater no futebol, então eu acho que isso é uma coisa importante para o que eu sou hoje assim. Na discussão que eu faço hoje no meu mestrado que é sobre masculinidades, inclusive. Né, então, é... era uma referencia de um masculino que me desagradava.*

O feminismo de Nyah aponta-se, primeiramente, pela objeção a um padrão heteronormativo de masculinidade. Seu questionamento parte de experiências infanto-juvenis desagradáveis com crianças do mesmo sexo e, simultaneamente, de uma identificação com um signo oprimido que se percebe potencializado, como ocorreu com as heroínas dos desenhos e as amigas de escola que se tornaram confidentes.

Nyah: *E quando eu comecei a ler Sartre, os livros que tinham lá em casa dele e tal... é... eu comecei a... pelo Sartre, acabei chegando na Simone de Beauvoir. Que era parceira de vida dele, né. E aí como meu pai mencionou, né, que a primeira esposa dele lia muito Simone de Beauvoir, o feminismo e tal, eu fiquei muito curioso, assim, deixa ler o que ela fala sobre a mulher e tal, daí em comprei, isso em 2009, o livro “O segundo sexo” dela né, um calhamaço de livro, 1500 páginas né. Comprei o livro, fui roubado! Me roubaram o livro no dia que eu estava voltando pra casa, comprei de novo! Tentaram me fazer não ser feminista, mas eu consegui o livro. (Risos)*

Preservando-se de meios de sociabilidade opressores, Nyah busca uma democrática condição de experiência que a leitura feminista lhe oferece – como às tantas autoras que subverteram o predomínio da escrita masculina no mundo editorial – inclusive, proporcionando meios de compreensão e enfrentamento de padrões de subordinação.

Nyah: *E comecei a ler a Simone de Beauvoir e gostei assim, muito, muito, muito, sabe? É claro que ela falava muita coisa assim, é um livro voltado para a mulher, né? Mas toda essa questão da construção social da mulher... a ideia de que... o que é uma mulher, né?*

A mulher é... ela é simplesmente um útero ou ela tem essa coisa mística da feminilidade? Como a Simone de Beauvoir fala, eu achei o livro sensacional, sabe, essa coisa de... problematizar o machismo, ainda que ela não usasse essas palavras, né, nem machismo, nem gênero, né, gênero nem existia direito nessa época, as feministas francesas, de modo geral, não simpatizam muito com o conceito de gênero. Mas, enfim, essa coisa da discussão da mulher, do feminismo me interessou muito.

O feminismo renova-se na vida de Nyah ao passo em que suas leituras o fazem se reinterpretar. A partir do feminismo acadêmico, Nyah tece encadeamentos de sentido, tanto para viver com autonomia a busca de seu prazer quando para posicionar-se politicamente num mundo em que ser gay é uma diferença pela qual se institui seu grau de vulnerabilidade social. Este caminho é, então, trilhado pelas redes virtuais e seu ativismo intermedia os espaços acadêmicos das teorias de gênero com o universo de internautas que se interessar.

Outra trilha de sua inserção no feminismo se deu no período de faculdade, cuja afinidade eletiva com a disciplina e com a professora geriram a possibilidade de incrementar seu interesse e compreensão política do mundo em que destinava profissionalizar-se. Refere-se a este encontro – e às metamorfoses proporcionadas – como um “segundo máximo na sua vida” sendo do primeiro, a morte de sua mãe.

Nyah: Então a N. foi uma pessoa que me influenciou muito. E uma das aulas era sobre gênero, gênero e raça na educação. E ela foi e discutiu e eu fui pra essa matéria sem saber o que era gênero, né, eu sabia assim... tinha alguma coisa a ver com sexo, gênero masculino e feminino mas eu não sabia nada disso. E a N. deu essa aula e ela e discutiu a questão do que a gente espera do comportamento masculino e feminino na escola, quais são as expectativas sobre as masculinidades e feminilidades, como os adultos constroem essas barreiras de gênero entre as crianças. Então... eu saí dessa aula e lembro muito bem que eu falei pros outros colegas que estavam fazendo a matéria: “essa foi a melhor aula da disciplina”.

Nyah: Então começou a rolar uma convergência de interesses, né, entre aquele terreno que eu comecei a preparar lendo Simone de Beauvoir e essa discussão de gênero com a N. e de política da educação, de modo geral. Então eu comecei a cogitar de fazer mestrado em educação, que era uma coisa muito nova pra mim. Em outra faculdade, não mais no instituto de biociências e, sim, na faculdade de educação, que é outro universo, né, lá na (universidade estadual) mesmo mas...

Nyah: E aí, em 2010, eu começo... eu estava muito em dúvida com relação ao meu futuro como profissional, nessa época, por causa dessas influências e... e resolvi conversar com algumas professoras que eu gostava bastante. Uma delas, a N. Então eu sentei com a N.

um dia, isso foi em setembro de 2010 e falei, conversei com ela: “Ah, N. lembra de mim? Eu fui aluno seu”. “Ah, tudo bem? lembro” e tal. E aí... a gente não tinha intimidade nenhuma, naquela época e a gente começou a conversar. E eu falei: “olha, eu estou na dúvida, quero... estou pensando em seguir carreira na educação mas, principalmente, nessa questão mais política educacional... queria entrar em contato um pouco de como era trabalhar com isso, quais eram as perspectivas profissionais... E ela me falou: “olha, se você quiser, eu vou começar uma pesquisa ano que vem. Se você quiser me passa seu email eu posso te integrar ao nosso grupo e você participa dessa experiência comigo e de repente, se você decidir ficar com a gente...” e tal.

Nyah dá indícios de que sua escolha profissional também foi refletida a partir de uma perspectiva feminista, uma vez que procura mulheres em quem deposita autoridade pelo desempenho de seus papéis como educadoras. Suas escolhas parecem, deste modo, baseadas num posicionamento político e numa propensão nômade para criar novas alternativas diante de restritas opções disponíveis na normatividade. Uma decisão e seu universo se abriu novamente, agora, para outras formas de ver e viver o mundo científico.

Nyah: Eu passei o email pra ela, mas não esperei nem um mês, voltei pra ela e disse: “não, eu quero ficar com você mesmo”, né. Daí eu entrei no grupo dela. Mas eu nem tinha cogitado estudar gênero, sabe. Foi uma coisa meio na porrada. “Ah, sei lá, a N.... eu gosto, a aula dela é muito boa, ela é uma excelente professora, li textos dela, gostei, quero trabalhar com educação, vão bora! Vamos tentar!” E entrei, no grupo dela. Assim, era outro universo, né, era sociologia da educação, nossa... eu não entendia nada! (risos) Era pesquisa qualitativa, né. Eu estava acostumado com pesquisa quantitativa, método hipotético-dedutivo. O jeito de fazer ciência era completamente diferente, completamente.

O segundo blog mantido por Nyah até os dias atuais é dirigido para feminismos acadêmicos e também conta com autores(as) convidados(as). Desta maneira, a diversidade de posicionamentos é preservada e pode ser concebida como uma pluralidade constitutiva de discussões e consensos promissores de sororidade e emancipação.

Nyah: Então eu criei e convidei um colega, um amigo virtual que eu tinha... nem tenho contato mais, que é o H., que é um dos co-autores do blog. E o H. escrevia muito a partir dessa perspectiva queer, pós-estruturalista, falava muito sobre a Beatriz Preciado, Judith Butler... e essa pegada que não era muito as minhas referências, né. E eu falava mais dessa perspectiva das masculinidades e de... gênero mais como uma... eu gostava mais de discutir aspectos estruturais do que questões discursivas ou de construção dos corpos. Eu sempre quis falar muito mais sobre gênero a partir de uma perspectiva que foge da identidade de

gênero, né. Nunca trabalhei com o conceito de identidade de gênero. Não sei se é um conceito... não me parece um conceito tão interessante. Eu não sou muito... eu não sou muito próximo do conceito de identidade de modo geral, na verdade, sabe? Eu acho que ele tem assim, a importância... tem um debate interessante, sobretudo, da psicologia, né... mas, pelo menos no campo da sociologia, a ideia de identidade é uma ideia muito complicada... até por conta da fluidez da identidade, das múltiplas identidades...

Nyah reconhece os significados dos espaços que transita e respeita as diferenças de posicionamento que tanto dão sentido a tantas frentes de ativismo quanto alimentam utopias e programas de humanização direcionados para a equidade humana, compartilhando interesses de emancipação feminista.

Nyah: Então, se me disser que homem não pode falar sobre feminismo, eu não vou nem falar, eu vou ficar quieto. Mas eu não quero ficar quieto, eu quero participar da disputa, eu quero participar da política de gênero e da diversidade sexual. Então eu tenho que entrar nesse campo de alguma forma. É assim que eu objetivo. Meu blog nunca foi mal recebido. Nem por feministas. Uma ou outra... né, mas mais aquelas feministas radicais, né, as chamadas RADIFEM, que assim, que são mais separatistas mesmo. Mas eu nunca precisei muito rebater esses argumentos separatistas porque as próprias feministas com quem eu dialogo já rebatem, entendeu. Elas já são contra essa perspectiva do feminismo separacionista, do feminismo radical. Que é dito radical mas eu acho muito conservador, inclusive. Eu gosto mais de uma perspectiva mais inclusiva, que vai considerar questões de raça, de classe, né. Não dá pra separar gênero... a mulher, a mulher negra ela é mulher e é negra ao mesmo tempo. Então a teoria tem que dar conta de entender a diferença dela no seu conjunto, né. Enfim, e isso se aplica aos homens também.

Ao expor ideias teóricas e políticas, Nyah demarca a autonomia de seu pensamento:

Nyah: Acho que a gente está... faz parte de um... por isso que eu não gosto muito dessas expressões assim... pós-não sei o que lá, pós-estruturalismo... É uma continuidade, né... é muito de querer botar quebra, sabe? “Ah, agora não é mais feminismo. Agora é pós-feminismo”. Acho um absurdo, pós-feminista... “ah, porque o feminismo não dá conta”. Não! O feminismo dá conta sim! A gente só está dizendo isso porque o feminismo nos levou a esse pensamento hoje. Então esse pós-feminismo, pós-marxismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo, eu acho uma... é uma quebra muito forçada, acho que tem uma história que conduz a um... assim...

Pesquisadora: É um jeito de contar uma História masculina, com seus marcos conquistadores?

Nyah: *Sempre com líderes, né? Tem até uma... eu não sei quem foi que disse isso... mas perguntaram uma vez pra uma... pra uma feminista importante, eu não sei quem foi. Eu ouvi o Laerte falando isso. Daí... perguntaram pra ela assim: “Quais são as principais lideranças feministas hoje?” Daí ela respondeu assim: “Essa coisa de liderança é coisa de homem. A gente não trabalha com a ideia de liderança.” E eu acho que é um pouco disso, né? Essa maneira meio forçosa de ler a História.*

A descentralização de lideranças parece ser uma característica que afina interesses e práticas baseados em discursos feministas com propostas ciberativistas.

Pesquisadora: Não tem resposta ou a pergunta é que está equivocada?

Nyah: *É, mas eu acho que, você falou da posição da esquerda e da direita, a gente costuma assumir muito que a... que as diferenças entre esquerda e direita estão no campo das respostas que elas dão às perguntas. Então, o que é que você pensa sobre o aborto. Ah, uma é a favor, a outra é contra. Mas eu acho que não... além das respostas, elas diferem muito nas perguntas que elas formulam. Né, uma coisa é perguntar: “você prefere diminuir o imposto ou aumentar a distribuição de renda?”. Eu acho essa uma pergunta idiota, sabe? “Você prefere uma educação pública ruim ou uma educação privada de qualidade?” Isso é uma pergunta que tem que quebrar essa pergunta. Porque ela te leva, ela já te conduz a uma resposta. Uma resposta que cabe muito bem com certo interesse.*

Nyah: *Então a gente tem que brigar por termos certos para o que a gente pensa. Eles falam em flexibilização do trabalho, a gente fala em precarização. Falam em terceirização, a gente fala em privatização. Então, é usar termos que conduzem nosso raciocínio e formular perguntas que evidenciem a visão de mundo que a gente defende. Por isso que o campo não se faz... a disputa política não se faz só nas respostas, mas nas perguntas que estão colocadas. O que está sendo considerado nessas perguntas.*

A contextura potencialmente emancipatória entre suas insatisfações e medos, seu projeto identitário, a perspectiva feminista e o pensamento científico são explícitas neste parágrafo:

Nyah: *Então, e quando eu comecei a ler a Connell, a Connell é uma pessoa que discute muito masculinidades. Então eu comecei a ler as masculinidades e comecei a pensar o que eu era como homem! Porque eu falei: “nossa! eu sempre tive pavor dessa masculinidade hegemônica, né, dos homens que gostam de dominar”. Eu tenho muita aproximação com feminismo, com mulheres. Toda essa questão da sexualidade, essa coisa de pluralidade de masculinidades e as hierarquias que existem entre elas, eu me identifiquei imediatamente com isso, sabe? E eu demonstrei meu interesse para N. e falei: “eu quero*

fazer meu mestrado orientado pra discutir masculinidades na educação. Mas quero discutir masculinidades”. Aí ela foi e me passou duas pastas deste tamanho (faz sinal com as mãos representando um volume grande) cheias de textos da Connell que ela tinha pegado com uma aluna de pós-doc que veio para o Brasil e ela me deu, porque ela detesta papel, a N., ela gosta de tudo no computador.

Além de um sentido para a metamorfose, a interconexão destes eixos de conhecimento e poder impulsionam certas afinidades elegidas por Nyah a uma identidade autônoma e prospectivamente política. E, diante das complexas particularidades do campo feminista, Nyah escolhe uma alternativa criativa e estratégica de participação ativa que, numa instancia subjetiva, também o preenchem de sentidos de autonomia:

Nyah: Por que, assim, eu estou adotando a perspectiva de gênero como uma categoria relacional que envolve, necessariamente, homens e mulheres e outros, né, outros gêneros. Então gênero diz respeito a mim sim, a produção de uma mulher vítima de uma opressão de gênero implica a produção de um homem opressor, então tem uma faceta da dominação, do privilégio... da construção do privilégio.

3.4.7 Ativismos

(...) apesar de todas as dificuldades, de ter uma boa parte de seguidores, de pessoal que se aproxima da gente pra falar que, “nossa! aquele texto realmente me fez pensar sobre isso”, eu acho bem compensador, assim, apesar do desânimo, a gente é bem desanimado assim, porque realmente parece que a gente está secando gelo. Tanto que... tanto que é complicado isso, a tarefa de fazer ativismo e conscientizar.

Maya

3.4.7.1 Maya

Maya: Bom... eu sempre gostei de ler, eu sempre gostei de ler a respeito né, e de... me informar sobre questões sociais, essas coisas, mas eu sempre achava... é, antes de eu me assumir feminista, foi antes dos meus 28. Eu, é... eu achava que era uma coisa só de gente muito estudada, muito intelectual, né... gente que não era igual a mim, que faria, né.

Pesquisadora: Você conta que sua tomada de consciência para o ativismo veio de leitura... e a sua prática? Como foi sua inserção?

Maya: *Foi, eu acho que ela se deu mais on-line, porque... a partir do momento que eu estava na (país asiático), justamente, meu canal de comunicação com as minhas amigas brasileiras seria só on-line, né, e tudo começou realmente num círculo de amigas que eu fiz on-line. Não sei se você já ouviu, das mulheres que sabem provocar... Mulheres que não sabem provocar. Esse grupo começou no Orkut. E era um grupo assim, com quatro mil pessoas, era muito...*

Pesquisadora: E qual a ideia de não saber provocar? Qual foi a provocação que levou vocês a criarem uma comunidade?

Maya: *(Risos). Então, é... tinha uma comunidade, na época, no Orkut que chamava Mulheres que sabem provocar. Então era uma foto com uma mulher com a calcinha no pé e um monte de coisa. (risos). E aí, a hora que eu vi alguém, alguém da minha lista de amigos que estava na comunidade, na hora eu pensei, gente!... eu nunca vou poder entrar nessa comunidade! E eu digitei: mulheres que não sabem provocar! (Risos) E apareceu essa outra comunidade, então assim, uma mulher com uma calçola no pé... e mostra... maior curtição. E eu justamente entrei nessa comunidade pra fazer curtição da outra comunidade! (Risos)*

Pesquisadora: O que mais compartilhavam? Dificuldades, dúvidas...

Maya: *Sim, a gente praticava terapia de grupo juntas, né. (Risos) Tipo, falava dos problemas, falava assim, sabe.*

Pesquisadora: E as conheceu pessoalmente?

Maya: *Não, não... não... muitas delas eu ainda não tive a oportunidade de conhecer, tipo a D., que é parceira no meu blog. A partir da comunidade do Orkut a gente foi... pro Facebook. Lá no Facebook, realmente, só ficou mesmo a panelinha. Porque, a comunidade era mais abertona, mas daqui a pouco formou uma panelinha e a gente... que a gente sempre conversava e tal. E aí, dessa panelinha, o pessoal também está no Whatsapp e... né, e a gente conversa muito e tal, pelo celular e... e aí, dentro desse grupo já reduzido é, algumas meninas resolveram criar o (nome do blog que administra atualmente). Inclusive, assim, a ideia principal foi da D. E... e aí elas me chamaram, porque eu já era mais assim... atizada com o ativismo e tal, de querer colocar post, de falar sobre o feminismo, sobre direitos das mulheres, essas coisas. E elas me chamaram e aí a gente começou e realmente é... foi surpreendente, porque, apesar de todas as dificuldades, de ter uma boa parte de seguidores, de pessoal que se aproxima da gente pra falar que, “nossa! aquele texto realmente me fez pensar sobre isso”, eu acho bem compensador, assim, apesar do desânimo, a gente é bem*

desanimado assim, porque realmente parece que a gente está secando gelo. Tanto que... tanto que é complicado isso, a tarefa de fazer ativismo e conscientizar.

Entrevistadora: Você também é moderadora do blog?

Maya: *Sim, sim. Então eu tenho, eu participo do (blog 1) e tenho o (blog 2) que é o blog que eu escrevo em inglês. E... estou só nesses dois e eu tenho tentado escrever é... nas minhas horas vagas porque eu acho que a escrita diminui a minha depressão, pelo fato de eu não estar trabalhando, né. Então, assim, por exemplo, eu ajudei a organizar uma vigília pela Savita. Não sei se você ouviu falar do caso da Savita?*

Maya: *Então, a Savita é uma indiana que migrou pra Irlanda e ela engravidou e... começou a perder o bebê naturalmente né. Foi aí é... ela era dentista, então ela sabia mais ou menos o que estava acontecendo. Ela estava tendo uma... uma infecção generalizada. E eles não aceitaram fazer a curetagem nela. Eles se recusaram fazer a curetagem nela. Mesmo ela correndo risco de vida, né. Ela já estava... pra morrer. E pedindo pra eles efetuarem o aborto e eles não fizeram. E aí ela morreu. E isso gerou uma onda de protestos muito grande. Porque a Irlanda, ela é assim, depois de Malta, ela é o país europeu que tem as piores leis.*

Maya: *Você vê, o direito reprodutivo das mulheres são assim. Consegue ser pior ainda que qualquer país da América Latina, eu acho. E aí o que acontece é que a gente está lutando, né. Então assim, a grande luta na Irlanda é pelos direitos reprodutivos. Com as manifestações, teve uma mudança na lei, mas a mudança foi tão pequena que realmente ela não tem efetividade nenhuma. Né, simplesmente se negam a aceitar que as mulheres façam aborto. Então, é uma coisa complicada.*

O recorte que Maya nos apresenta do contexto de ativismo contemporâneo indica um envolvimento eletivo em torno de problemas conjunturais, que implica uma diversidade de motivações que se interconectam em uma luta global contra desigualdades de caráter social estruturantes. São estes movimentos de deslocamento ativista que parecem manter vivos os sentidos de sua batalha pessoal por emancipação dos impedimentos que tardam sua autonomização.

Pesquisadora: Fale mais sobre sua participação no ato do caso Savita e como você está localizada dentro do grupo ativista.

Maya: *A gente conheceu... é um... é um grupo de... de ativismo de base. Então a gente se encontra uma vez por mês... a gente se encontra... geralmente pra tomar chá e... é... decide o que que a gente vai fazer, então assim, cada uma anota uma ideia e, essa ideia de fazer essa vigília já desde um ano né, então esse deste ano já estava na agenda. Eu fui e ajudei. Mas, por exemplo, teve a vigília para o bebê de (cidade européia) que eles descobriram que tinha*

uma... é, uma vala comum cheia de ossada de bebês, eu fui uma das que propôs o ato, né. E eu organizei, a maior parte da organização ficou mesmo nas minhas mãos. E na época também e tal, e o pessoal gostou e tal... e desde então eu estou trabalhando com eles e tem dado certo.

Pesquisadora: Como moderadora do blog, você tem um termômetro do público?

Maya: Ai, eu acho que vem mais, eu acho que mais elogios. Mas... se for qualquer texto com relação ao aborto aí a gente recebe muita ofensa, muita ameaça, muito... aí é muito difícil, é muito... complicado falar desse ponto no blog. E... eu acho que aqui nesse meu blog que eu estou tentando fazer em inglês, se eu falar alguma coisa eu acho que vai ser, vai encontrar reação né, o pessoal é bem reacionário nesse aspecto. Eu perdi, eu perdi algumas amizades, não vou negar.

Pesquisadora: Em função do seu ativismo? Declaradamente?

Maya: Isso, isso. Declaradamente. A última vez que alguém me bloqueou, foi assim, uma amiga minha. Ela era muito amiga minha no Brasil e tal, mas extremamente racista. Então assim, é... a gente soube que ela era racista mas... fica aquela coisa né... você releva, vai relevando, vai relevando. E aí é... eu lembro que na época teve aquela controvérsia porque a Fifa não quis contratar um casal de negros, né, no caso era Camila Pitanga e o Lazaro Ramos, então eu posteí várias... várias reportagens, vários textos de outros ativistas, nem eram textos próprios meus, de outros autores que eu achei legal. E aí essa menina... simplesmente postou um texto, não sei se foi do Lobão, uma coisa muito assim... tensa... uma coisa muito assim, terrivelmente reacionária e racista. E aí eu peguei, eu apenas falei uma frase.

Pesquisadora: Ela publicou como comentário do seu post?

Nyah: Não, ela postou no Facebook dela. E eu posteí assim, “triste que ele não entende de racismo estrutural”. Aí ela, e assim, não era a primeira vez, porque assim, uma vez eu posteí um negócio e ela foi lá e reclamou no meu facebook. E ela falou assim... foi super, super reacionária, assim, com um discurso inflamadíssimo. E eu pensei, bom, se ela se sente no direito de vir falar comigo no meu facebook, eu vou falar uma praga pra ela né. Peguei e escrevi “triste que ele não entenda de racismo estrutural”. E aí ela me bloqueou... e aí ela me bloqueou. E nisso que ela me bloqueou eu peguei e escrevi um texto imenso... e... falando sobre racismo estrutural, falando sobre o que aconteceu, porque que eu fui bloqueada, inclusive, que ela, é... quando eu estava em (cidade brasileira) ela gostava sempre de falar que ela tinha o cabelo bom e eu tinha o cabelo ruim... esse tipo de coisa e eu relevava. Mas que agora é... como eu sou ativista agora eu percebo que realmente eu estava

sendo humilhada e tal e tal e tal e... esse texto meu foi parar até naquele portal Geledés. E... foi muito interessante, porque de uma forma tão assim visceral eu escrevi uma coisa e acabou dando certo. É... a gente nunca sabe.

Pesquisadora: Você teve resposta dela?

Maya: *Eu nunca mais ouvi falar! Eu tenho certeza, porque ela era da universidade, eu tenho certeza que os professores repassaram o texto pra ela. O texto foi repassado. (Risos).*

Pesquisadora: Das respostas e contatos a partir dos blogs, algo mais significativo pra você?

Maya: *Teve... teve uma menina que... pediu ajuda pra gente pra... pra conseguir fazer um aborto. Assim... porque a gente não consegue ajudar né. Então, assim, é... na verdade a gente meio que fica entre oferecer esses direitos e tal e tal mas a gente não tem esse contato, né... Então, é... eu acabei dando o contato pra ela da... daquela Women on Waves e... eu não sei assim, a partir daí, o que ela fez, o que ela deixou de fazer a gente não... não ficou sabendo. Mas foi uma coisa que me marcou muito porque, ela realmente pareceu muito desesperada, muito... muito confusa e muito assim, solitária, foi muito, foi um movimento muito marcante eu acho.*

Pesquisadora: Como ativista, tem a sensação de que o que pode fazer é pouco?

Maya: *Exatamente, assim. Mesmo porque eu não estou lá, não estou no Brasil e ela me procurou de repente né e assim, e as outras meninas também disseram que não quiseram se intrometer porque, realmente, como elas moram no Brasil, sabe? Porque é uma coisa que você pode ser pega né, então... é muito delicado.*

Pesquisadora: A internet também tem rastros...

Maya: *Exatamente... então assim, por eu estar fora do Brasil eu meio que não tive medo de falar: “olha, tem esse site, eu não sei se é esse site vai te ajudar”. Mas, eu não sei se as meninas conseguiriam fazer isso, porque elas estão no Brasil, né... e tem toda uma maneira e tal então assim é muito difícil. E elas assim, segundo ela estava com... acho que oito semanas. É complicado é... Isso me fez pensar bastante.*

3.4.7.2 Priya

Priya: *E o ativismo ele veio... ele veio porque nessa feira eu conheci outras meninas, quer dizer... a feira (feira de artistas independentes) pode me colocar em contato com outras mulheres que eram feministas e ativistas e aí me chamaram para um coletivo... o coletivo que eu faço parte até hoje, chama (nome do coletivo), e aí eu comecei assim... mais contato com o ativismo mesmo, reunir, ir pra rua, falar sobre isso, discutir o assunto, discutir o assunto, (risos), discutir o assunto... (risos) muitas vezes! E, é isso.*

O ativismo de Priya a ideia e o conceito de sororidade. Essa prática aparece em sua vida em situações como estas:

E é muito legal você chegar pra uma mulher que... sabe, sei lá, a (nome de blogueira), por exemplo... eu chego pra ela e falo pra ela: “pô, sou da página (nome do blog da narradora) e tal”, ela me adicionou... e a gente é super amiga! Sabe? A gente se encontrou algumas vezes e ela vai vir pra (capital brasileira) e ficar aqui na minha casa no final do mês. É um negócio que... só a sororidade proteria, entendeu? É um lance lindo! É isso... mais a gentileza né e o coletivo (nome) tem uma bibliografia grande, a gente tem on line no google drive, entendeu... pra quem quiser ler. Então a gente também... é... traz a parte acadêmica pro mundo virtual.

Pesquisadora: O que significa a internet em seu ativismo?

Priya: *Pra mim é... bem importante, assim, foi um presente. Primeiro porque eu tenho síndrome do pânico. Então, é... coisas que me deixam muito nervosas assim, é... o meu corpo fica muito vulnerável... E eu, meio que eu fico em casa mesmo! Eu me bloqueio pra não ter que sentir meu corpo vulnerável. Porque eu já não tenho crise há um tempão, tive duas crises só, mas... é, a síndrome é muito maior do que só ter a crise né. Começou... faz um ano e meio. Tive crises, mas eu... eu nem tomei remédio, meu pai também tem e ele me ensinou a fazer relaxamento, a respiração e eu já interrompo o ciclo da crise. Só que o medo de ter a crise é que na verdade é a síndrome né. Daí, as vezes quando eu durmo pouco, como errado e aí o corpo fica vulnerável pela situação que tem uma crise de ansiedade e, bom, fica bem ruim.*

Priya: *Então a internet pra mim, é um lugar onde eu me sinto mais em casa pra fazer isso, entendeu. As vezes, vai ter um evento e... as vezes aviso a galera que eu não vou... eu fico me sentindo um pouco mal mas é... na internet... mas realmente é onde as coisas acontecem hoje em dia. Elas tem... não tem o que dizer! Quem vai ser ativista, vai ser ativista na internet. Quem vai receber crítica, vai receber crítica também pela internet. Que ninguém vai... porque em nenhum ato mesmo, mesmo quando você vai em um ato presencialmente,*

como você é a maioria na rua ninguém vai chegar e vai te criticar. Então é na internet onde você vai receber a maior parte das críticas e é onde você vai angariar mais... mais pessoas, onde você vai conseguir... porque tem um pouco de publicidade nisso também! Quando você faz a arte, a arte ela é um tipo de publicidade também! A auto-publicidade, a publicidade da sua ideologia... são... acho que a internet hoje é uma grande... janela pra isso.

Este é um exemplo que justifica esta pesquisa não elencar a conexão entre internet, ativismo e feminismo, da mesma maneira como nos insere num campo ciberfeminista sem poder defini-lo conceitualmente. O que Maya esboça é uma imagem do ciborgue de Haraway (HARAWAY, 2009), indicando extensões tecno-humanas que designam, atualmente, metamorfoses à metamorfose humana. Isto significa um deslocamento do olhar que aguarda ser desenvolvido no capítulo final da tese.

Pesquisadora: Essa é sua principal fonte e via de distribuição de informação, a internet?

Priya: *É, sem dúvida é.*

Pesquisadora: Os contatos e respostas que recebe, o reconhecimento, te moderam, te modelam, te incentivam... como são significados por você?

Priya: *Eu acho é... eu acho muito legal o reconhecimento. Eu gosto muito, principalmente, é... quando o reconhecimento vem de pessoas que se sentiram ajudadas pela página, sabe, isso me faz muito feliz. Infelizmente, eu... sem dúvida alguma posso dizer que o que... são poucas críticas que eu recebo assim, de... hoje em dia, de homens que vem à página pra falar besteira, e tudo mais... é bem pouco, mas ainda é o que mais me pega, mais do que os elogios.*

Esta é uma passagem que corrobora a importância do reconhecimento intersubjetivo na auto-realização da pessoa humana, de noção hegeliana, investida de um interesse político pelo compartilhamento de posts às experiências de vida.

Pesquisadora: Falávamos sobre sua participação na internet, das respostas que tem recebido e... complementando a pergunta, se isso tem te feito produzir diferente, se tem gerado mais vontade de se envolver ou te deixado mais tensa e controladora da sua própria produção.

Priya: *No começo isso me incentivou muito, muito! E... por mais que eu tenha produzido pouco, porque... é... pouco em arte, porque... como eu faço tudo sozinha, então a página eu não alimento... eu tenho que ficar respondendo coisas e tudo mais... bem, isso tomou meu tempo integralmente. No começo eu estava muito empolgada e estava fazendo várias postagens por dia... fazia bastante coisa, tinha até que tipo, vender a parada e, sabe...*

fazer um desenho aqui, desenho ali, fazer encontro com amigas e tudo mais... no começo me incentivou muito. Depois, eu fui perdendo o tesão, um pouco do tesão, porque... porque quando você passa um tempo dentro do sistema você vê que é muito difícil mudar ele, sabe. Por mais que... você tenha toda boa vontade do mundo, as melhores das intenções. E... eu, claro! Eu sou super é... positiva, otimista sempre. E vai ser a passos pequenos que vai acontecer. Eu realmente espero, eu realmente acho que vai acontecer sim, a passos pequenos.

Priya: Mas, é... ultimamente eu tenho me sentido um pouco... desmotivada. Mas, eu acho que talvez seja tão... uma fase mesmo. Eu quero... vai ter Black Friday brasileira né? (risos) Eu acho que eu vou fazer tudo... bem baratinho agora pra vender tudo o que eu tenho, pra ver se isso me incentiva a criar um novo do zero. Porque daí, depois que você cria esse material, só vai pra gráfica pra imprimir mais, você vai lá e busca e vende. Então meio que você entra numa rotina de... disso e é ruim. Enfim, é... é isso!

Movimentos de mesmidade parecem ser motivadores para Priya. Os desafios proporcionados à “pequenos passos” podem ativar sua capacidade criativa. Move-se pela rede virtual cautelosa com sua zona de proteção, sem maior exposição às intempéries psicossociais que lhe incitam crises de ansiedade severa.

M: Essas discussões que você participa são proporcionadas em fóruns?

3.4.7.3 Nyah

Nyah: Daí entrei na (universidade estadual) e tal. E aí, naquela época eu queria ser geneticista. Ainda não era, eu era uma pessoa assim, até interessada um pouco em política, né... não muito. Naquela época eu gostava... eu lia Veja né. Olha lá! Estou falando! (Risos) Eu lia bastante Veja, naquela época, meu pai assinava Veja. Então minha formação política começou na Veja. Então eu tive que limpar essa formação durante os outros anos, né. Mas eu lia muita Veja, lia os livros do Arnaldo Jabor, gostava do Arnaldo Jabor, tinha... comprei cinco livros dele na época, tal, enfim. É... Eu espero que não esteja falando coisas que possam soar ofensivas, né... mas estou falando de mim! (Risos)

Nesta passagem, Nyah conta sua história já a partir de quem é hoje, com um viés crítico sobre a primeira perspectiva ideológica que adotou na sua trajetória de desenvolvimento de consciência política.

Nyah: Mas o blog foi muito importante pra mim (referindo-se ao primeiro blog que criou com uma amiga), como uma iniciativa de começar lidar com esse webativismo. Uma

primeira aproximação disso. Embora o blog não fosse... o blog tivesse uma plataforma política clara, não. E aí, esse blog, enfim, eu mantive de 2007 até... 2009, 2010. Acho que 2010 eu tinha parado, depois 2011 acho que eu deletei... enfim. Eu tenho todos os textos comigo, mas eu nem gosto de ler, sabe? É uma coisa que, pra mim, ficou no passado, assim. Não me identifico mais. Mas ele foi muito importante pra mim nesse momento.

Foi já no período final da faculdade que Nyah interessou-se pela vida política da instituição que frequentava. Sua participação, porém, foi tímida, como comenta:

Nyah: E aí, é assim, era basicamente isso, já estava no centro acadêmico da biologia né, estava tendo contato com o movimento estudantil. Teve uma greve em 2011 nas universidades públicas em que eu participei diretamente assim, das assembleias, do centro acadêmico. Enfim, estive muito envolvido, como eu gostava de trabalhar com produção de texto, eu acabei virando editor do jornal acadêmico, então, todo mês a gente lançava edição, tinha debate político, tinha quebra pau, tinha briga, então, eu estava envolvido nisso tudo, politicamente falando e daí que vem minha formação política e eu fui esquerdizando, né, esquerdizando cada vez mais. E ainda tinha o contato da N., que me formava politicamente.

Neste momento da narrativa, Nyah conclui como buscou, com autonomia, formar-se politicamente, elegendo os discursos ideológicos que comporiam seu projeto de identidade política.

Nyah: Então eu já estava lendo muita coisa de esquerda assim, muitos textos críticos... lendo muito sobre feminismo e gênero, trabalhando nessa questão do centro acadêmico, então, todo debate de precarização do ensino público, de privatização, de militarização... . Então, era a gestão nessa época, a coisa estava pegando fogo, estava apartado... teve conflito com a polícia e o centro acadêmico é compelido assim a se posicionar, né. Então estava... um momento muito agitado naquela época, né. Enfim, o movimento estudantil ele sempre é agitado, nunca gera muito resultado, né, mas está sempre fazendo reboição, né.

Pesquisadora: Você se considera um ativista?

Nyah: Ahh... eu não me considero nem ativista, nem militante... Eu não sei muito bem o que a palavra ativista significa assim. Acho que a ideia da militância remete muito a uma ideia de uma coletividade né. A imagem de um movimento, de um... partido, de um sindicato, um... movimento social. Alguma coisa que tem um coletivo e que você milita naquele movimento.

Pesquisadora: Você já se vinculou a algum coletivo?

Nyah: *Não... eu não posso nem considerar que eu fui ligado ao movimento estudantil, por exemplo. Eu me sentia... sabe, fazendo o meu trabalho no centro acadêmico mas sem estar propriamente dialogando com o movimento estudantil, apesar de estar participando da greve e tal... nunca fui protagonista nessas ações. Com o movimento social eu até... até tenho, tinha interesse, mas aí... a questão é que não é um... não basta, não abre um menu assim e escolhe: “que movimento você quer?”, “eu quero esse”. É uma questão de envolvimento pessoal, pessoas que você conhece que te levam aquilo... eu nunca tive contatos que me levaram pro mundo em questão. Eu até gostaria de participar, eu gosto muito da campanha nacional pelo direito à educação, que é uma articulação de movimentos. Mas eles, fazem o trabalho deles lá e... eu conheço gente de lá mas, agora, trabalhando (instituto público ligado ao Ministério da Educação) eu não sei se convém muito participar de um movimento, porque... tem um certo conflito de interesses aí também, então... acabei não... gostaria de ter me envolvido mais, mas não tive a chance, ainda não surgiu um contexto pra isso.*

No trecho acima, são delineados os limites de contato e ação política e as condições de aproximação e escolha por coletivos que perpassam os sentidos de vinculação ativista para Nyah.

Pesquisadora: E quanto ao movimento LGBT?

Nyah: *Eu não participei de nenhum coletivo, nada. Eu era... eu cheguei a gravar uns vídeos... eu cheguei a coletar assinaturas, uma vez ou outra... Eu participei muito pouco. Eu acompanhava o debate... ia em uma ou outra mesa redonda. Conheço algumas pessoas que militam lá... lá, né? Parece que é um outro lugar, né?... (risos) Mas eu... eu acho que o meu blog, ele tem um papel... ele puxa pras questões LGBT também. É um blog que faz um tipo de ativismo também né. Apesar de...*

Pesquisadora: Qual sua opinião sobre o movimento LGBT?

Nyah: *Do que eu conheço, que eu acompanho mais ou menos o debate, da parte mais acadêmica dele me incomoda um pouco essa ênfase muito forte na teoria queer, que eu não sou muito empático com essa teoria. E acho que o movimento em si, ele parte muito pra um essencialismo que me incomoda também. Essa... essa coisa de ficar pipocando identidade o tempo todo assim. Então, a pessoa... tem o poliamor, aí tem o poliamor que é o tipo de poliamor que anota no caderno... o outro é relacionamento fluido, o outro é o... como se fossem umas caixinhas! Então a gente está brotando caixinhas em todo canto assim... Eu prefiro enfatizar a questão do... do direito à liberdade sexual, geral, assim. Essa coisa de ficar criando identidadezinha... “ah, você é uma lésbica, demi-sexual, não-binária, poliamorosa...”*

Eu não consigo me enquadrar em nada disso. Não, até porque nem na categoria gay eu me sinto confortável com essa categoria também. Eu acho que a categoria... gay pra mim é uma entidade política, principalmente. Você reivindica na medida em que aquilo te permite acesso a um certo tipo de reivindicação de um direito que lhe é negado. Mas eu não... não incorporo como uma identidade pessoal minha... “ah, eu sou...”. Eu não me identifico com nada dessa cultura. Não escuto Lady Gaga, (risos), não sou de frequentar balada gay... eu me considero na medida em que politicamente é... me parece interessante. É uma identidade meramente política pra mim.

Pesquisadora: É um lugar para lutar?

Nyah: Eu acho que a gente tem que... a gente lança mão dessas identidades pra poder tencionar um certo campo de normalidade que está colocado. Mas, no limite, o que a gente quer é liberdade, né, é o direito, não é... não é guetos, né. Eu quero que... que ser gay não seja uma coisa tão relevante mais na sociedade. Que você não precise mais ficar reivindicando isso pra poder ter acesso a algum tipo de direito, né. Mas enquanto essa situação não acontece, a gente tem que tencionar isso de alguma forma. Daí talvez valha a pena você enfatizar o que é o cis e pra mostrar que o cis não é o trans, enfim. Existe o trans, mas tem o cis também, que é a pessoa que está dentro lá... da coerência do sexo-gênero. Então... ah, eu vejo por aí.

Agora o movimento LGBT, tem uma discussão que eu acho interessante a respeito dessa coisa da opção sexual. Que é um termo muito negado hoje em dia. “Ah, não é opção, porque você não escolhe...” Então, eu acho um absurdo quando as próprias pessoas né, gays vem falar: “Ah, não é uma opção, porque se eu pudesse escolher eu não escolheria ser o que eu sou porque eu não escolheria sofrer”. Eu acho um absurdo esse argumento! Porque escolheria sim! Iria brigar sim! Não é questão de... essa coisa de querer “vamos por na natureza que na natureza a coisa está segura”; “é natural, você nasce assim”... essa é uma grande bobagem! Eu não gosto... eu defendo a ideia de escolha, de opção sexual, porque por mais que o desejo ele seja algo muito mais complexo do que uma escolha, né, não se escolhe sentir atração por tal pessoa, você sente, é uma coisa mais complexa e ninguém sabe explicar, né, se tem influência genética...

Então o desejo não me interessa. O que interessa a mim é a prática sexual. E a prática ela é uma escolha. Você escolhe ter uma vida homossexual. Você escolhe ter um parceiro do mesmo sexo. Você escolhe andar de mãos dadas na rua. Isso é uma escolha sim e é uma escolha que envolve um campo político. Então eu defendo a ideia de opção sexual porque você está optando por uma vida sexual desta forma. E isso é... é aqui que está a

disputa política, não é no campo do desejo. A pessoa até fala: “ah, mas você pode ser gay, desde que você não... não expresse”. Mas o expressar é o que está em jogo! Não é o “ser gay” lá no... o essencialismo. Tem umas certas tendências do movimento que fica nesse essencialismo, nesse naturalismo que eu não gosto muito. Mas também não... mas também eu estou falando isso porque eu conheço muito militante que não pensa assim, né. E aí acabo dialogando mais com essas pessoas.

Pesquisadora: Já sabemos porque você não é militante. E ativista, será?

Nyah: Então, eu não sei... essa palavra ela me dá uma ideia um pouco ingênua do... sabe, essa coisa do Green Peace, assim, “sou ativista!!”, (risos), “estou fazendo a minha parte”, sabe? Eu acho que ser ativista... ela é uma ideia, se eu não me engano, um termo meio recente, até, na história... Não é uma coisa muito... quem está fazendo ativismo, né? Você, sei lá, colher assinatura? Porque eu acho que um professor que faz um trabalho muito bom, ele está sendo uma espécie de... ele está sendo ativo né, politicamente, assim. Ele está fazendo diferença na prática ali. Eu acho que... ele pode não se chamar ativista, mas... ele está fazendo alguma coisa política, então...

A noção de ativismo trazida por Nyah ajuda-nos a compreender como são sutis e voláteis as características da ação voltada para as metamorfoses “da metamorfose humana” na contemporaneidade. Em outras palavras, Nyah discrimina o termo ativista pelo seu viés humanizatório, estendendo seu significado para as ações cotidianas cujo interesse seja promover fragmentos emancipatórios.

Pesquisadora: E isso se estende também para o universo da internet? Porque já é possível observar preconceito dirigido ao “ativismo de sofá”...

Nyah: Então, tem isso também. Eu poderia ser facilmente classificado como ativista de sofá. Se alguém quisesse bater nesta tecla. Né, porque... eu participo muito pouco do movimento de rua, né. E escrevo mais do que vou pra rua protestar. Mas, enfim. Eu acho que a escrita, ela tem uma relevância hoje. A gente está numa sociedade de informação, né? A informação é muito importante, o texto faz diferença. As redes sociais tem feito diferença, então... As redes sociais, elas são importantes para formação de opinião hoje. Eu gosto do blog, porque o blog é uma forma alternativa de comunicação. Que independe de... das grandes mídias. Então ele... hoje em dia, com facebook, com twitter, com blog, circula informação que... jamais circularia há vinte anos tão facilmente como hoje! É uma afronta mesmo a... esse império da comunicação.

Pesquisadora: A identidade de grupo, uma identidade partidária, por exemplo, lhe parece formalista?

Nyah: Ah, eu acho que é porque eu não... não conheci as pessoas que me conduziram a isso né, então a aproximação entre eu e um partido ou um movimento nunca aconteceu, né. Então eu fazia minhas coisas assim, né, no centro acadêmico, mas não era nada de grande influência, era mais uma coisa interna da faculdade. Mas era legal, de certa forma. A mim, me satisfazia em muitas coisas. Então, eu era representante discente também, na graduação. Fiquei bastante envolvido nos debates do currículo e tal, e vira e mexe publicava textos no jornal do centro acadêmico, que eu mesmo editava e sempre faltava... faltava texto que ninguém mandava e daí eu acabava, como gestão ou como A. mesmo, publicando alguma coisa. E aí... então foi isso, isso foi uma coisa bastante importante assim pra mim: o centro acadêmico, né, e essa questão de envolvimento com gênero, com a N., e tal.

A prática ativista se efetiva, desta maneira, na vida de Nyah.

Nyah: Mas era muito gostoso participar dessas coisas, e em 2011 também, era o primeiro mandato do governo Dilma, então, estava tendo todo o debate sobre o programa “Brasil sem homofobia”, aquele tal de kit gay, como foi chamado e, a criminalização da homofobia via PLC 122, aquela lei. Então estava muito vivo esse debate naquela época, né, foi quando começou toda aquela campanha pra derrubar essas leis, que foram derrubadas, né, os dois projetos.

Nyah: Então eu fui na parada gay daquele ano, recolhi assinatura... eu estava muito envolvido na questão LGBT, fiz, comecei a fazer vídeos que eu postava no youtube criticando, desconstruindo argumentos homofóbicos, né, então eu pegava argumentos de que a família heterossexual é o modelo de família, eu pegava e criticava isso. Nessa época o blog já tinha ido pro saco já, o meu blog (nome do primeiro blog de Nyah sobre literatura) e eu não tinha criado o novo ainda. Eu criava o vídeo num canal do youtube que eu fiz, chamado (nome), mas não existe mais também.

Seu posicionamento crítico parece propendê-lo ao nomadismo e permite que se localize as margens de identidades coletivas ao desenvolver uma identidade política do Eu alicerçada numa ética libertária e uma moral igualitária (HABERMAS, 2003).

Nyah: Mas era isso, assim, eu nunca fui envolvido num partido, diretamente. É... flerto com o PSOL, mas nunca fui militarizado... militarizado não... militarizado de militar... (Risos) Nunca fui partidarizado, né. No centro acadêmico o PSOL era oposição pra mim, porque eles eram muito aparelhistas né, era uma tendência do PSOL que era muito assim... de querer tomar o centro acadêmico como aparelho do partido. Eu brigava muito por isso, não gostava dessa perspectiva. Então eu nunca estive envolvido com partido político e nem com o movimento social diretamente. Era uma militância mais autônoma. Eu acho muito

efetiva, mas eu não tinha... sei lá é... a política é muito passional, né... não é uma coisa assim que você... “ah, eu vou me envolver no partido, no movimento tal”, aí você vai e se filia. Tem uma coisa dessa... de você ir se aproximando, ir construindo relações...

É contundente, na história de vida de Nyah, como o desenvolvimento de uma identidade política pode lhe oferecer caminhos e sentidos emancipatórios diante de uma linha de batalha historicamente construída e justificável com relação aos interesses de protagonismo feminino. Nyah encontra um modo autêntico e autônomo de participação num coletivo amparado em procedimentos pós-convencionais de consenso comunicativo.

Nyah: *Eu queria escrever sobre teoria de gênero, né, era esse... por isso que o nome do blog é um pouco pomposo. Porque tem a ideia, porque eu quis usar a palavra gênero porque eu não queria reivindicar o termo feminista sabendo das implicações que isso teria sendo um homem. Então eu não queria ter, assim... sabe, disputar um feminismo, nunca quis isso. Eu quis usar gênero porque gênero é um conceito mais acadêmico e o que eu queria era fazer uma discussão mais acadêmica sobre gênero. (...) Então, é mais ou menos essa a ideia do blog.*

A repercussão de seu ativismo feminista pode ser observada pela nota de Nyah a respeito de suas publicações:

Um outro que eu publiquei também, chamado Mulheres e... como é?... (título), uma coisa assim. É um texto assim... nem lembro o nome do texto, mas é um texto que eu falei, que eu conto um pouco da... é bem sucinto, tem duas páginas, e é assim: um pouco da história do feminismo no Brasil, desde a consolidação dele como movimento até os desafios do Governo Dilma. Muito curto, bem panorâmico! Mas é uma leitura que não tem por aí, percebe? Quer dizer, o que o blog chamou atenção, talvez, é que ele entrou numa lacuna da discussão feminista na internet que é discutir teoria feminista. Que, pelo menos, quando eu criei... hoje já está um pouco mais popular, mas quando eu criei não tinha, eu não conhecia nenhum blog que discutisse teoria feminista. Então quando você pega uma autora... “olha gente, a Gayle Rubin, ela fala do sistema sexo-gênero... esse conceito é assim, assim e assado...”

Pesquisadora: Para um público intermediário, entre a academia e a militância?

Nyah: *É..., é então. E eu acabei ficando... é uma coisa que me satisfaz, né, porque as pessoas vem falar comigo, pelo blog e, com muito carinho, sabe? “ah, eu gosto muito dos seus textos” e tal. A Lola Aronovich, do Escreva Lola Escreva, se referia ao nosso blog uma vez como o melhor blog de feminismo acadêmico na internet. Eu fiquei super feliz! Falei, “nossa! que bacana!” Eu nem acho que mereço tudo isso, né! Porque tem blogs feministas muito, muito bons por aí, muito importantes, né... O blogueiras feministas é importante, o*

Biscate Social Club, o da Lola é um blog muito lido também. É mais eu sou um péssimo blogueiro assim... eu escrevo, mas eu não leio blogs. (Risos). Eu... eu não tenho muita paciência pra ficar lendo blog o tempo todo, sabe? Só quando circula um texto no facebook que eu acho que vou ler, daí eu leio.

Mais um episódio, dentre as histórias narradas, que denotam o espírito de sororidade e remetem, como apontam as ciberfeministas (PLANT, 2000), para formas periféricas de conexão, entre urdiduras e tramas humanas. Seu potencial emancipatório se verifica na condição humanizatória que exerce: Nyah se vê prestigiado pelo reconhecimento que recebe de seu público.

Pesquisadora: Você usa o recurso do *Facebook* também?

A: Uso! Ah, então, eu fui idiota porque eu demorei muito para criar esse recurso. Eu tinha que ter criado logo que eu fiz o blog. Eu só fui criar no... segundo ano de blog. Nossa, ajudou muito! O blog ficou muito mais lido depois que eu criei a página no Facebook. Está lá, (título do blog), você curte a página, daí quando eu publico um texto... e aí, lá sim eu republico um texto, entendeu? Eu li um texto bom, eu republico só pra repassar na página. Compartilho, na verdade, não é uma publicação.

Mas aí, geralmente, os contatos são bacanas... as pessoas entram em contato pedindo dúvidas, pedindo... o que eu recebo de email de gente de TCC! Pedindo referencia bibliográfica, sabe? “Ah, estou fazendo projeto sobre isso, me ajuda?” e tal. E o blog, o (título do blog), se você abrir, você vai ver que tem uma página que tem uma bibliografia, que tem uma lista de referências bibliográficas. Tudo que é mencionado nos posts, está na bibliografia. A ideia dele ser mais acadêmico, né? Então acho que essa é uma distinção, né, uma coisa interessante que o blog trouxe, assim. E também é super prazeroso escrever.

Pesquisadora: Menos leigos?

Nyah: Menos leigos e menos ativistas também, vamos dizer assim. Acho que é mais gente que está fazendo algum tipo de pesquisa, algum tipo de estudo, tem interesse no debate acadêmico sobre isso e, é claro que é um debate acadêmico e político ao mesmo tempo, mas é mais do que tudo, da academia. Pessoas militantes, movimento de rua... eles estão um pouco alheios a essa questão teórica, muitos deles não se interessam muito... eles querem saber mais de uma prática política mesmo. Então acho que era o público que a gente estava esperando, que a gente não queria ficar disputando a militância feminista. A gente queria pegar um campo mais... uma lacuna que era o debate mais teórico de gênero e que interessa mais é pra quem está na academia. Então, é esse público que me contata mais.

3.4.8 Devir

Eu não sei exatamente responder se, eu acho que eu... a minha arte me representa ou se eu... ou se eu busco uma coisa que é além de mim, sabe. Sempre tentando buscar... algo maior e tal. Então eu acho que não, que não me represente não.

Priya

3.4.8.1 Maya

Pesquisadora: O que pretende pra sua vida, considerando suas possibilidades e seus sonhos?

Maya: *Ah, então. É... assim, se for falar de sonhos, eu queria ficar aqui, eu queria é... arrumar um emprego aqui... continuar aqui com meu marido, que meu marido continuasse com o emprego dele. E continuar com o ativismo, assim, fazer... mais e mais coisas pelo ativismo aqui na (país europeu) de forma a ter mais ou menos um nome, aqui, fazer o meu nome aqui, como ativista. É... acho que seria... essa seria a minha ideia principal.*

Os dilemas que Maya enfrenta provêm, principalmente, de uma ordem social e financeira e, fundamentalmente, são condições estruturantes para suas metamorfoses:

Maya: *Mas aqui (país europeu) é praticamente impossível de arrumar emprego. Então, eu penso... que eu faço assim, eu ainda não sei, as vezes eu penso que... eu vou acabar voltando mesmo pro Brasil porque é muito difícil de arrumar emprego aqui, tá muito... a crise está bem feia. E assim, eu não sei, porque ao mesmo tempo que eu vivo aquele conflito interno de estar sendo sustentada pelo marido, que não é nada daquilo que eu sempre quis pra mim, é... eu acho muito difícil, simplesmente, largar o marido e ir embora.*

Pesquisadora: Que enfrentamentos você considera encontrar no Brasil?

Maya: *Olha, eu acho que o mais difícil é porque, assim, acho que está com sete anos que eu estou fora né. Então, voltar... o movimento de volta, seria uma outra... imigração. Assim, realmente, ter que me adaptar de novo à realidade brasileira. Mesmo sendo a realidade que eu conheço, mais de perto, né, eu acho que seria muito complicado. E... aí, eu penso que pra eu voltar teria que ser... pra estudar pra concurso. Não teria outra coisa pra eu fazer no momento. Não sei se eu conseguiria fazer alguma outra coisa.*

Apesar dos impasses, há compassos ativistas que parecem encorajar o seu devir:

Então assim, eu ajudei a fazer um... eu ajudei a organizar a vigília e... eu escrevi um poema, e eu li o poema lá e aí no final, tinha um jornal, um jornal de (capital de país

européu) gostou do poema e a gente publicou. Então, é... então é isso, assim, as vezes eu consigo escrever alguma coisa que eu acho que dá pra... pra apresentar, eu apresento... e é assim!

Pesquisadora: O que significa “fazer o nome” no ativismo?

Maya: É, eu acho que seria mais assim, no caso, é... eu acho que, eu não sei se seria possível ganhar dinheiro com ativismo, se seria possível falar em mercado... em ativismo, pelo menos aqui no contexto da (país europeu). Mas, eu penso que seria possível fazer é... ciclos né, de palestras, esse tipo de coisa e participar mais desse tipo de evento né, então assim. Acho que, toda vez que a gente tem alguma reunião, sempre pensam em alguns nomes e eu penso que um dia eu queria ser um daqueles nomes que eles pensam, tipo... “nossa! Fulano podia vir falar pra gente!” Então, assim... eu penso que um dia eu gostaria de ser a fulana que vai falar pra eles.

Uma utopia emancipatória se configura para Maya no reconhecimento de suas competências em discursar e escrever sobre as práticas políticas feministas dentre as quais tem somado experiência de ativismo social. Sua emergência pode relacionar-se com evento recente de frustração em sua trajetória acadêmica decorrente de ações discriminatórias já relatadas.

3.4.8.2 Priya

Priya: Só que eu... eu também tenho... a auto estima muito baixa então, a minha produção ela está sempre sendo contestada por mim mesma. E não é um lance de ser perfeccionista não, sabe? É um lance, tipo... eu recebo muita crítica porque, é... minha arte está muito explanada agora então o negócio é que eu sempre estou olhando pra dentro pra rever e... eu estou numa parada gigante agora, eu fiz (nome do fanzine) em março, eu não fiz outro fanzine. Fiz alguns outros desenhos e adesivos pra vender. Mas eu parei, assim, entendeu? Eu estou num período de entressafra aí que eu estou repensando tudo, estou repensando tudo e, agora mesmo estou no meio de uma crise. Mas... eu sempre vejo essas crises como coisas construtivas, sabe, porque, é... todas as crises que eu tive durante a vida elas me fizeram melhor. Eu pude, né, conversar comigo mesma e me levar, né, é... no que fosse a crise ou não. Isso tem em todas as partes da vida, não só de produção.

Como para Nyah, os processos de crise aparecem como fases construtivas para a produção criativa e as metamorfoses de mesmidade no relato de Priya.

Pesquisadora: Porque escolheu fazer História agora?

Priya: *Olha, eu sou apaixonada por História. Eu sempre quis ter um currículo de humanas. Sempre quis ter. É... apesar de gostar muito de ter feito comunicação. É... sempre fui muito engajada politicamente, sempre quis participar de assembleia, fazer tudo isso assim. Dentro de comunicação eu não tive esse canal, sabe, na faculdade... e agora estou tendo. Está ótimo! E eu amo muito fazer... eu não sei o que eu vou fazer com isso mas eu estou amando fazer história.*

Na verdade, claro, o que eu gostaria de fazer é levar o curso pra estudar a história da mulher, porque... a gente muito apaga da história da humanidade é sempre o homem e tal, são poucas mulheres se sobressaindo. E aí eu queria fazer esse link. Esse resgate da mulher na arte e na história. E o material da (universidade estadual) é excelente, é super feminista. Fiquei super... é... super surpresa. Porque quem faz o curso recebe um material didático, como aquele que a gente recebe na faculdade, eles já mandam muita coisa pra gente. E o material é super feminista. Fiquei bem surpresa! Bem feliz.

Pesquisadora: Você se sente na sua arte? Se vê nela?

Priya: *Olha... eu acho difícil essa pergunta! Eu não sei, eu... eu gosto muito do que eu faço. Eu vejo meu portfólio hoje... quando eu olho o meu portfólio eu penso, “cara! Eu já me fodi muito pra chegar aqui, sabe?”. Muita coisa que eu fiz... da época... já fui design ruim, já fui demitida, sabe, já melhorei, já trabalhei muito... e aí eu fico pensando, cara, legal onde cheguei aqui. Eu não sei exatamente responder se, eu acho que eu... a minha arte me representa ou se eu... ou se eu busco uma coisa que é além de mim, sabe. Sempre tentando buscar... algo maior e tal. Então eu acho que não, que não me represente não.*

A reflexão sobre quem se tornou acontece, para Priya, por intermédio de uma revisão de sua própria produção criativa, por onde também se expressam suas metamorfoses.

Pesquisadora: O que querem as jovens feministas? Pra onde estamos caminhando?

Priya: *Acho que o final que você disse é muito importante, né, “pra onde a gente quer ir?” Eu acho que... é tão norteador ter essa questão na cabeça, porque... eu acho que muitas não tem mesmo... muitas não tem. Como o feminismo ele é um sistema aberto de discussão, não é um sistema fechado, ele está sempre em discussão, seria legal sempre ter essa pergunta norteadora pra que a gente pudesse... subir degraus, ao invés de ficar patinando no mesmo andar, né. E eu acho que sim... é, eu espero que caminhemos para uma equidade social, equidade de gênero e... é o que eu tento fazer com... na verdade, o que eu tento fazer com a minha arte é só empoderar mulheres. Então, eu não crio embate masculino porque... por exemplo, o discurso da Emma Watson lá na ONU foi muito criticado por muitas feministas,*

por ela ser branca, não envolver o feminismo negro que é... difícil e tem que caminhar na frente do branco. É... por ela chamar o homem pro feminismo, ao invés de empoderar mulher. O que eu não acho errado... eu não acho errado, claro que eu acho que o empoderamento feminino tem que vir antes, mas eu acho que dá pra, paralelamente, você atrelar, sabe, a... chamar homem, pra quem estiver disposto, óbvio, querer entender e querer, sinceramente, desconstruir privilégio masculino na sociedade, eu acho que vale. Mas é... eu acho importante ter essa pergunta norteadora sim.

3.4.8.3 Nyah

Nyah: E sempre teve uma coisa, assim, meio política em casa, né. Porque meu pai, ele é um cara que, na época da ditadura, né, foi um dos militantes que teve que fugir de casa, né. O meu avô era um cara, era um homem muito conservador né, que delatou meu pai pro DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), na época, né, delatou o próprio filho, né, pro DOPS. Meu pai teve que fugir de casa, passou um ano e meio desaparecido e tal.

O itinerário retratado por Nyah neste trecho nos oferece um panorama de três gerações de homens que pronunciavam metamorfoses perante as condições psicossociais de construção de projetos identitários e, em outras palavras, se tornam emblemáticos à noção de metamorfoses da metamorfose humana. Cada proposta de exercício de masculinidade ganha, na evolução de suas histórias vividas, incrementos de emancipação conectados aos seus propósitos de ativismo.

Nyah: Então, teve essa questão política forte, mas não propriamente organizada num movimento. Meu pai nunca foi organizado em partido, movimento nenhum. Era mais... uma militância, mais assim... independente, sabe? Sou crítico com relação a isso, e tenho amigos que também são. É... ele tem uma carta, inclusive, belíssima, que eu preciso resgatar, né, de um amigo dele renunciado à luta da esquerda com medo de ser preso, sabe, é uma carta... eu acho histórico esse documento! Eu preciso resgatar... está perdido na minha casa lá em (cidade natal). Hoje eu moro aqui em (capital brasileira de outro estado), aqui é uma kitnet, né.

Nyah: Então eu estava, e assim, nessa pegada existencialista né, estendia um pouco a teoria do Sartre pra discutir a mulher. Então eu gostei muito de ler Sartre, ler Simone de Beauvoir e comecei a ler até um pouco da biografia dele, das relações deles com Albert

Camus, que se tornou depois um dos meus autores favoritos também, eu li “O estrangeiro”, “A peste”, eu gostei muito, muito dos livros dele. Mas eu comecei a me aventurar um pouco pelo existencialismo que foi algo que me deu uma força, sabe, pra encarar a vida naquele momento que eu estava vivendo? Que me ensinou, assim, né, que quando a gente começa a se questionar né, qual o sentido da vida e essa preocupação que muita gente tem de responder isso né? E a religião acaba sendo uma resposta pra muitas pessoas, eu lia esses livros pra parar de fazer essa pergunta a mim mesmo, sabe. Talvez não seja essa a pergunta que eu tenha que fazer: qual o sentido da vida. A resposta sou eu que vou dar, então não interessa. E, enfim, talvez eu seja influenciado por isso e é uma fuga que eu tinha, nessa época.

O atual blog de Nyah culmina, do ponto de vista da linha interpretativa que se seguiu até agora, como um emblema de ação ativista que se constitui, paralelamente, a uma identidade política, como acompanhamos por uma de suas reflexões críticas de empenho, explicitamente, pós-convencional:

Nyah: E aí eu fui tocando o meu blog, e ele começou a ter alguma circulação no meio... porque a ideia do blog, né, era uma ideia assim: tornar mais acessíveis debates que são mais acadêmicos sobre gênero. Não é um blog, embora ele seja muito político, ele não é um blog com uma função de militância. Não que eu esteja desprezando a militância, né, mas eu acho que já tem uma quantidade muito grande de blogs, feministas, né. E isso é muito bom! Né? Que discutem o feminismo por uma perspectiva bem política mesmo, de empoderamento da mulher e tal. E eu não queria entrar nesse campo porque eu acho que as feministas vão fazer isso melhor do que eu, sabe? Não sou eu que vou querer construir que uma mulher... como que ela vai entender a sexualidade dela ou revidar um homem que dá uma cantada na rua, sabe? Eu acho que essa é uma questão que as mulheres podem dizer melhor do que eu, pra experiência que ela tem que eu não tenho. Mas a discussão de gênero e dos feminismos, a parte mais teórica, acadêmica, eu me dou o direito de discutir e se vier falar pra mim que eu não posso, eu vou brigar, entendeu? (Risos).

Nyah: Tem as hierarquias entre homens, que é necessário que se pense sim, eu acho que os feminismos tem que trazer os homens para o debate. Não estou dizendo que tem que... que o homem vai protagonizar, isso é a primeira coisa que se fala: “não, mas o homem não pode protagonizar”. Eu concordo, nem acho que vá! Nem acho que tenha esse interesse, eu acho que tem que se discutir com os homens que não vai se fazer revolução com apenas metade da humanidade, né.

Pesquisadora: Quais foram seus deslocamentos?

Nyah: *Eu acho... que quando eu vim pra (capital de atual residência) eu me desloquei pouco, se for comparar. Só mudei agora, assim. De verdade, este ano, mas vivi a vida inteira na mesma casa. Mas, morei aquele tempo em (país da Oceania), e aquele tempo foi muito importante pra mim. Primeiro, porque foi a primeira vez que eu morei fora, que eu morei sozinho, numa república, mas tinha que me virar sozinho. Então isso foi um aprendizado pessoal interessante. Mas a maneira que você começa a ver o mundo muda muito em outro país. A sua relação com o espaço, sobretudo num país de língua estrangeira e você passa a enxergar a America Latina, o Brasil, por fora. Você consegue entender melhor quem você é, sabe? Então foi muito interessante, nesse sentido.*

Nyah: *Eu gosto de me deslocar, eu sou uma pessoa, eu gosto de mudança, sabe? Eu gosto de mudar de lugar, mudar de sala, mudar de convívio, mudar de amigos, sabe. Eu gosto de mudanças. Eu acho que ela dá vida à vida. (risos). Neste sentido. E o deslocamento, eu acho interessante. Eu não teria problema nenhum em mudar de novo, e mudar mais vezes. Eu acho que dá um movimento para a vida, sabe? Aquela ideia de você ficar muito presa, numa rotina, numa vida... em certas convenções, me incomoda muito. Então eu acho que o deslocamento ele quebra, ele pode, forçosamente, quebrar alguns laços. Então você deixa coisas pra trás, e você não pega mais, né. Então eu acho que o deslocamento... eu acho que ela alimenta assim, então, eu gosto dessa ideia...*

Pesquisadora: *Você tem uma utopia?*

Nyah: *(Risos) Pergunta complexa!*

Pesquisadora: *A gente falou de quem você é, do ponto de vista de quem você foi e de quem se tornou. Agora gostaria de saber quem você quer ser.*

Nyah: *Utopia... você diz como projeto pessoal ou uma utopia pro mundo?*

Pesquisadora: *Como quiser.*

Nyah: *Utopia... acho que qualquer pessoa de esquerda tem utopias, né? A utopia pra mim é... eita pergunta difícil! Ah, eu não sei se você... já chegou a ver aquele vídeo do Eduardo Galeano⁸⁴ que ele fala sobre a utopia, aquilo é muito bonito, né? Aquela foi a melhor definição que eu já vi de utopia. Então acho que a utopia a gente tem... em muitos e muitos campos, algo que nos faz caminhar. Então uma utopia de ver uma cidade menos*

⁸⁴ Referindo-se à citação poética de Eduardo Galeano em vídeo disponível no canal de internet youtube. “(...) A utopia está lá no horizonte. E eu sei muito bem que nunca a alcançarei. Se eu caminho dez passos, ela se afasta dez passos. Quanto mais eu busca-la, menos eu a encontrarei, porque ela vai se afastando a medida que eu me aproximo. Para que serve a utopia? Pois a utopia serve para isso, para caminhar.” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iqi1oaKvzs> (último acesso: 26/12/2014)

machista... uma utopia de reduzir a desigualdade social, essas coisas sim... agora.... Ah, as minhas utopias são todas meio óbvias, sabe? (risos).

Pesquisadora: Como elas se encarnam?

Nyah: Ah, eu procuro... eu me considero uma pessoa... muito informação ainda. Então eu me considero... eu estou sempre tentando aprender, e ler, e tentar encontrar um lugar onde eu possa atuar, né, de uma maneira que me satisfaça pessoalmente, profissionalmente e politicamente, vamos dizer assim. Então eu tenho tentado entender melhor a... tentar aprender a enxergar melhor os problemas, certos problemas sociais brasileiros, sobretudo, da desigualdade no campo da educação, que é onde eu estou. E minha utopia seria a superação de isso tudo, mas é uma coisa muito... um discurso muito de miss universo também, falar isso desse jeito, “ah, eu quero que não exista mais pobre no mundo!”

Então eu tenho assim uma... uma visão política que eu tento colocar nas minhas práticas pessoais, nas minhas práticas como profissional e que espero que sejam... que me guiem na minha carreira e que me façam poder, sei lá, escrever, é... articular com movimentos, no futuro, eu consiga ter um papel minimamente relevante pra algumas coisas, assim, sabe?

Pesquisadora: Você gosta da prática de militância, de ação social mais direta?

Nyah: Eu gosto, eu gosto, mas eu não me vejo com um... um militante, no sentido de que eu não me vejo profissionalmente atuando numa ONG ou num movimento. Eu me vejo atuando num lugar, num campo, dentro do lugar da pesquisa, da universidade ou do (nome do instituto que trabalha), ou algum outro órgão, né, mas numa pesquisa sempre articulando, especialmente, com o movimento. Então, atuando nas duas frentes, mas assentado no campo da pesquisa e não no campo da militância. Acho que eu vejo mais...

Eu vejo que tem muitas pessoas no Brasil que fazem isso. Muitos... conhecidos meus mesmo, assim, professores que deram aula pra mim, que estão na academia fazendo pesquisa, orientando gente, mas estão sempre sendo chamados pra fazer uma fala publica... Então contribui sempre com o campo político, mas não é o protagonista, a pessoa que vai puxar a coisa, mas está sempre lá assediando e ajudando. Eu me vejo assim, pessoalmente, no futuro.

A prospecção da identidade política acompanha e orienta a projeção identitária e o itinerário de vida que Nyah busca alcançar:

Nyah: Eu gostaria de trabalhar numa... eu gostaria de trabalhar internacionalmente, assim, trabalhar fora do Brasil, tenho essa vontade. Trabalhar... por exemplo, na área de educação eu penso muito na Unesco, por exemplo, assim, acho que me interessa. Está sempre

ligada ali com a mainstream, que a ONU ela é chave para manutenção de uma ordem... mundial, né. Mas eu penso muito porque... eu sou uma pessoa bastante desapegada, sabe, assim... estou num momento da minha vida que estou muito desapegado assim.

Então... eu não penso em constituir família assim, filhos assim, não é um projeto que eu tenha. Casar com alguém... na igreja de jeito nenhum... no papel talvez. Morar junto... é possível, mas eu não tenho pensado nisso agora. Então eu poderia facilmente morar em uma outra cidade, ou em um outro país, eu não tenho grandes vínculos, sabe, me prendendo aqui, a certa vida.

E eu penso muito que existem espaços internacionais ou supranacionais, como a ONU ou a Unesco, né, que estão muito tomadas por determinadas referências de certos países. E eu acho, é necessário que tenha mais gente do sul global, sabe, da África, da América do Sul, disputando esses espaços também. Indo lá e levando outras visões de mundo. E as vezes eu penso em ir pra fora com essa perspectiva, sabe, de tentar... puxar um pouco pro sul, sabe, alguma coisa assim.

Outro aspecto que marca a narrativa de Nyah é a aproximação com um interesse pós-colonialista de re-localizar os saberes subordinados e as objetividades não questionadas e, assim, fazer valer a diferença encarnada nas discussões de âmbito global.

CONSIDERAÇÕES

A abordagem da metamorfose humana requer, devido o caráter também metamórfico de seu objeto, a renovação de conceitos de enquadre teórico do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, que ocorre em reciprocidade às pesquisas realizadas por meio desta perspectiva. Novos nexos conceituais são arrolados quando se observa, para além do conteúdo de pesquisa, os encadeamentos procedimentais das identidades presentes na narrativa dos sujeitos de pesquisa. As escolhas em torno dos itinerários de vida parecem nascer de reflexões ético-políticas pautadas em afinidades eletivas e, deste modo, constituem o que entendemos como conhecimentos situados.

A extensão geopolítica da pesquisa também é circunscrita a pessoas e escrituras digitais que expressam afinidades com um espectro conceitual pós-colonialista e de tendência crítico-emancipatória. De modo que foi eleito um trecho da entrevista de Nyah que permite-nos explanar a localização ideológica do pensamento que permeiam as orientações epistemológicas a e as vozes aqui reportadas:

Nyah: *Ser de esquerda é uma... é uma conceituação muito mais subjetiva do que qualquer outra coisa, né? Não é, não dá, não tem uma cartilha né, do que é ser de esquerda. Tanto que tem muita gente que... que se diz de esquerda e jamais vive como uma pessoa de esquerda, alguns petistas por exemplo. (risos) Mas, enfim. É... eu acho que ser de esquerda é uma... olha, eu tenho, eu preciso resgatar até um livro que eu gosto muito, esse livro me influenciou bastante nessa questão de pensamento da esquerda, que é um livro do sociólogo chamado Antonio Flávio Pierucci, que se chama... “Ciladas da Diferença”⁸⁵. É um livro ótimo! É maravilhoso! Ele morreu faz pouco tempo, inclusive. E aí é... ele resgata um pouco da ideia de como que a esquerda e a direita trabalha a ideia da diferença, da diversidade e tal.*

Os posicionamentos nômades que vimos buscando para esclarecer identidades políticas na contemporaneidade coaduna uma noção feminista de igualdade que se articula às diferenças humanas, como é de costume trabalhar nos estudos do sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Acompanhemos seu raciocínio:

⁸⁵ PIERUCCI, Antonio Flávio Oliveira. *Ciladas da diferença*. USP – Curso de Pós-graduação em Sociologia. São Paulo: Editora 34, 1999

Nyah: *E ao passo que a direita é aquela que leva a ideia da diferença social, individual aos limites, quer dizer, é porque homens e mulheres são diferentes, eles vão ocupar lugares diferentes sociais; brancos e negros são diferentes, eles vão ocupar lugares sociais diferentes. Então, a direita ela compra a ideia da diferença e leva ela pra um extremo que é a diferença elevando a segregação, a desigualdade, a separação. E a esquerda vai ser aquela que provavelmente vai enfatizar a igualdade, né. Então aquilo que... dentro de todas as diferenças que se tem, o que nos une, o que nos torna iguais, isso é que vai ser enfatizado, a despeito de qualquer tipo de diferença.*

Nyah: *Muito embora, hoje, pra poder afirmar a igualdade, a própria esquerda tem tomado a ideia da diferença, mas não a diferença que exclui, mas a diferença como o direito à diferença. Então... pra tentar superar o apagamento dessas diferenças. Que é a questão da sexualidade, que está aí... então, a pessoa é gay, ela tem que ser respeitada porque é gay, então ele é diferente mas ele tem o direito de ser diferente. Então essa retomada da defesa da diferença pela esquerda, ela é um... ela mostra um avanço do debate, que isso vai saindo, não é?, de uma posição de esquerda um pouco abstrata e caindo um pouco na... na multiplicidade de experiências dessas pessoas no mundo.*

Nyah: *Agora o grande risco é quando você toma a diferença recusando a ideia da igualdade, porque se você recusa a igualdade, está fazendo o jogo da direita, entendeu? Então, eu acho que ser da esquerda é aquela pessoa que defende a igualdade acima de tudo, mesmo quando nasce de uma diferença, tem que fazer da diferença virar uma igualdade.*

Na prática, a noção articulada de diferença e igualdade enfrenta, ainda, a falta de reconhecimento de sua dialogicidade, o que aparece como referencia para as localizações ideológicas dos discursos e narrativas interpretados nesta pesquisa. O espaço de interpretação da pesquisa acadêmica tende a se beneficiar dos sentidos de emancipação manifestos por Nyah, Priya e Maya, enquanto puderam apurar suas possibilidades de escolha sobre opções políticas dicotômicas. Assumir o ciberativismo feminista é encarnar um modo de ser “esquerda” dentro de uma concepção ampliada à luta por ideias ou utopias de emancipação. E, pelas interpretações sugeridas, sítio rizomático de sujeitos nômades.

Preferir ser uma – e não outra metamorfose – como se observam nos momentos de reformulação, construção e projeção de identidades políticas é condição prototípica para o devir da pessoa humana em processo de humanização. As escolhas baseadas em elementos pós-convencionais à heteronormatividade, além de promover autonomia, servem de alimento à consciência política e à uma prática autêntica.

Nyah: *A melhor saída que eu vejo a Joan Scott que deu, assim. Conhece aquele texto, “Igualdade versus diferença”⁸⁶? É um texto em que ela diz... ela coloca muito claramente no texto que a igualdade e a diferença, elas não são antagônicas. Elas são complementares. Só existe igualdade porque nós somos diferentes, só existe diferença diante da ideia de igualdade. Agora a igualdade ela é antagônica à ideia de desigualdade, né. Ao passo de que a diferença ela é antagônica à ideia de identidade, ou de... singularidade, que eu acho que é melhor do que identidade.*

Então, quer dizer, a igualdade ela convive bem com a diferença. Inclusive porque a gente tem uma diversidade, uma diferença social, mas a gente defende uma igualdade no campo econômico, no campo político, no campo de atuações culturais. Então, eu vejo que o caminho é esse, talvez seja uma resposta um pouco clichê, né. Mas o desafio da igualdade e da diferença é um desafio complexo e eu acho que é um... é não binário e levar esse, esse desafio ao seu início, a gente teria respostas para uma série de problemas sociais que a gente tem hoje. É a compreensão da igualdade e da diferença.

A tensão nos embates feministas sobre isso, eles marcam esses momentos dentro desse raciocínio. Pra gente chegar a hoje, né, teve que passar por um pensamento, entendeu? A defesa de uma igualdade formal, que não questionava a opressão machista, mas, simplesmente, queria incluir as mulheres no jogo, que era um jogo machista, mas, influi pelo menos pra ter poder né, que é a primeira onda do feminismo. Então ele vai questionando as opressões... questionando a naturalização da opressão feminina, principalmente com Simone de Beauvoir, segunda onda do feminismo e vai desenvolvendo hoje esta quebra de fronteiras e a defesa das diferenças dentro de um espectro de desigualdade social e política.

A qualidade nômade das decisões autônomas propositadas neste contexto é o que torna os(as) narradores(as) das histórias de vida registradas nesta pesquisa guias experientes na problemática a ser descompactada: como o ciberativismo feminista poderia inaugurar projetos de identidade política na contemporaneidade. Em suma, é por força das afinidades políticas que ciberativistas produzem conhecimentos situados, movidos pela responsabilidade de estar “suficientemente ancorados(as) em uma posição histórica” (BRAIDOTTI, 2002) que os feminismos os qualificam. Então, o ciberativismo potencializa tanto a qualidade nômade e autônoma das subjetividades em trânsito quanto à extensão das condições de metamorfose que potencializam as formas de ativismo na sociedade contemporânea.

⁸⁶ Referindo-se ao texto da autora publicado na revista *Feminist Studies*, em 1988.

Algumas transformações no ativismo contemporâneo são expostos por Nyah neste trecho:

Nyah: apesar de estar participando da greve e tal... nunca fui protagonista nessas ações. Com o movimento social eu até... até tenho, tinha interesse, mas aí... a questão é que não é um... não basta, não abre um menu assim e escolhe: “que movimento você quer?”, “eu quero esse”. É uma questão de envolvimento pessoal, pessoas que você conhece que te levam aquilo...

A descentralização de um protagonismo heroico para uma atividade de sororidade e uma complexa rede psicossocial de envolvimento com a causa fazem da militância partidária, da companhia de um *outro significativo* ou de um afeto direto pela causa elementos constituintes – mas não estanques – das utopias que os movem para a emancipação. Caso contrário, o que veríamos é a extensão do fetiche sobre a mercadoria e da mercantilização da prática ativista.

Nyah: Acho que tem esse diálogo, né, essa dialética entre o que você faz na sua vida pessoal estar refletindo no campo político e vice-versa. O campo político também vai alterando quem você é né.

Relatos de deslocamentos são presentes na narrativa dos(as) entrevistados(as), confirmando um nomadismo que ganham sentidos diversos a partir das escolhas políticas de itinerários de vida.

Maya: Eu acho que é um pouco mais fácil, assim, pelo fato de eu não ser (designação de origem em país europeu), eu não tenho família aqui. Né, então assim, me colocar na frente é um pouco mais... alivia um pouco, porque... eu penso que eu não estaria fazendo isso se eu estivesse em (cidade brasileira de origem), porque eu penso que eu, né? Tem uma mãe, tem pai, tem essas coisas pra você dar satisfação então, acho que é... é uma vantagem, pra mim né.

Atualmente, Maya se vê sujeita a dependência financeira por enfrentar o desemprego. As condições econômicas e de empregabilidade no país que reside são desfavoráveis, inclusive, para pátrios. Sua condição de concorrência no mercado de trabalho é retardada pela negação de sua especialização em universidade pública brasileira, considerada insuficiente perante o currículo de uma universidade europeia. Já sua tentativa de adequar sua formação a tais exigências é alvo de boicote. E mais entraves de discriminação social são dispostos em

seu itinerário diariamente, fazendo com que suas insatisfações e sentimentos de inadequação aumentem.

Suas confidenciais afinidades com o feminismo e declarada admiração por ações ativistas floresceram em ambiente familiar heteronormativo. Se seus enfrentamentos pessoais estão truncados nas condições estruturantes da sociedade capitalista, seu nomadismo ganha sentido quando percebemos que suas metamorfoses podem ser incitadas por demanda de um ativismo de caráter coletivista, como foi seu caso de sensibilização para com as mulheres de uma região do continente asiático e as demais causas que cita envolver-se.

Causas ou utopias de emancipação que perpassam, mas não são originárias, por excelência, de seu itinerário pessoal. O que significa que seu ativismo também é migrante e contém estratégias de insurgência para enfrentamentos de um cotidiano androcêntrico e patriarcal ao experimentar-se em devir ativista. Fora de um contexto de humanização tradicional como é a família, fortalece-se feminista e, ao seu modo cibernético, responde por quem quer ser aos seus, como ocorreu com a amiga que a excluiu das redes sociais e com o embate de postagens políticas trocadas com o pai.

Priya: *Eu faço parte... eu sou consciente de que eu faço parte de uma parcela da população que é muito privilegiada e eu tento né... desconstruir os privilégios todos os dias... dentro dessa bolha de consciência, porque... eu também sou “só mulher”* (faz gesto de aspas com as mãos).

Os deslocamentos que também encontramos na narrativa de história de vida de Priya indicam recuos estratégicos de reorganização interna, seja para proteger-se das violências que a desigualdade proporciona às mulheres na sociedade, seja para precipitar criatividade para sua arte. Apesar de retraimentos de ordem ansiogênica, tem demonstrado autonomia para defender sua filosofia de vida e lidar com experiências encarnadas de violência que ora são resignificadas na possibilidade de uma subjetividade nômade. Ou seja, sua agenda de militância não se restringe às intempéries de sua história particular, tomando de assalto seus privilégios de classe e raça/etnia, a fim de desconstruí-los por meio de um projeto político de identidade e sociabilidade.

O sentido que atribui às redes sociais digitais é transformador tanto do ponto de vista de suas práticas cotidianas quanto das conjecturas de isolamento e inércia sociais atribuídas à ferramenta. Seu uso estratégico para fins de ativismo feminista não deixa de ser submetido à crítica:

Priya: *Então é na internet onde você vai receber a maior parte das críticas e é onde você vai angariar mais... mais pessoas, onde você vai conseguir... porque tem um pouco de publicidade nisso também! Quando você faz a arte, a arte ela é um tipo de publicidade também! A auto-publicidade, a publicidade da sua ideologia... são... acho que a internet hoje é uma grande... janela pra isso.*

Ainda que pertençam a estratos sociais e vivências étnico-raciais distintos, Maya e Priya assemelham-se na crítica aos valores das tradições as quais pertencem por vínculo familiar, tencionando políticas identitárias e itinerários que implicam a sujeição à heteronormatividade.

Os passos de autonomização profissional que observamos no itinerário de Priya em escolher os trabalhos que deseja fazer e tencionar uma filosofia de vida à margem da ordem de mercado capitalista permite-nos interpretar que esta é uma face do seu desenvolvendo em função de uma identidade política. Ressalta a possibilidade de que possa exercer, desta maneira, controle sobre a autenticidade de sua arte e uma independência política de interesses financiadores. Uma ação expressiva de enfrentamento de uma forma de colonização do mundo da vida (HABERMAS, 2003) que condiciona interesses instrumentais tanto à possibilidade de produção artística quanto ativista por uma ordem sistêmica, como o impedimento jurídico, as ameaças virtuais ou o boicote ao investimento da execução de um projeto que configura-se como investimentos culturais, mas comprimem os interesses emancipatórios da tradição e da arte.

Priya, Maya⁸⁷ e também Nyah relatam que seus itinerários de ação ativista na internet estão circunscritos por repercussões, excepcionalmente, violentas. Se tratarmos apenas das interações que vivenciaram de cunho aversivo, podemos pensar que a atividade ciberativista por uma causa feminista oferece iminentes condições de vulnerabilidade pressupostas já no desnivelamento estrutural das relações objetivas de poder entre homens e mulheres. Parte das respostas aversivas são intimidações que objetivam ultrajar publicamente o apoio a conteúdos mais polêmicos, como o aborto. Além de ofensas pessoais dirigidas às suas diferenças constituintes de identidade, como o fato de ser gay, outra parte, são as manipulações não-autorizadas de dados e informações de direito individual, como a prática de se infiltrar ou *hakear* blogs feministas.

⁸⁷ Somam-se às feministas que foram citadas por intermédio de seus ativismos em blogs no sub-capítulo 3.2 desta tese.

As ofensivas contra discursos ativistas e feministas e suas expressões multimídia nas redes sociais virtuais direcionam, deste modo, a uma sutil restrição para as mulheres e podem se estender a outras minorias políticas, principalmente, de opções de acesso às ferramentas de tecnologia de comunicação, como imagens, vídeos e salas de discussão em tempo real, e de informação. O que acaba por delimitar o quê e até onde devem se expor – de modo a garantir certa proteção contra a inviolabilidade e a dignidade da pessoa humana, que prevalece sobre seu direito de expressão. Exemplos como estes recordam-nos das descritas investidas de controle sobre o trânsito e a reserva de lugares para as mulheres em espaços públicos, como exposto na obra de Michele Perrot (1998).

Como indica Priya, ser “só mulher” já a submete a uma gama de opressões e violências diárias as quais seu organismo tem respondido com repúdio. Contudo, tem buscado formas criativas de transpor suas aflições, e as novas tecnologias de comunicação e informação tem demonstrado uma função especial para soluções de caráter emancipatório.

Priya: *Sim, tem muito... muito grupo no facebook que você vê esse tipo de discussão, muito, muito. Eu até saí de muitos deles porque tem uma grande diferença de feminismos: as mais novas e as mais velhas. (Risos). Tem as bem mais velhas, bem mais velhas não, quarenta pra cima. As de... sei lá, vinte e cinco aos trinta e cinco anos e as mais novas. As mais novas, elas são assim, super radicais! Porque elas entram no movimento, o negócio acabou de... mind boom, na cabeças delas, entendeu? E ela está super agressiva, ela quer ser misândrica, ela quer falar mal de homem, ela quer tratar homem mal... Ela não está errada. Muitas chegam no feminismo porque são abusadas sexualmente, são estupradas, então, você tem toda a agressividade dentro dela e ela trabalha isso de alguma forma. Como nós não somos psicólogas, muitas não conseguem receber essa agressividade. Então, elas... expõem essa agressividade dessa forma, querendo ser misândrica e tudo mais. Então ela não está errada, é uma forma que ela está colocando. Na minha cabeça eu já acho outra coisa.*

Priya: *E aí tem as bem mais velhas que também estão ultra agressivas já, como a J. (nome de ativista) Ela é uma diva, assim, ela é... eu amo ela, eu acho ela foda pra cacete, a história da vida dela é uma coisa impressionante, não sei se você conhece. É, a história da vida da J. é super pesada e muito importante para o movimento. Mas ela é uma pessoa muito agressiva, também. O tempo todo ela é agressiva, entendeu, mas é porque ela já viveu tanta coisa, cara! Tanta coisa pesada que eu acho que ela... eu acho tem trauma mesmo... de desconfiar, sabe? E que tudo isso é importante, só que é muito difícil você ter pessoas com discernimento dentro do movimento, pra entender, e filtrar isso tudo e entender. Quer dizer,*

eu acho que, no geral, o pessoal fica tremendo... são difíceis mesmo. Por isso tem muitos embates, muita... pouca paciência uma com a outra, mas enfim.

Priya nos oferece um panorama dos feminismos contemporâneos na rede, indicando entraves geracionais e ideológicos. Nos indicadores sociais analisados em cadernos de temática especial como o *Dossiê Mulheres Negras*⁸⁸ e *Retrato das desigualdades de Gênero e Raça*⁸⁹, a desigualdade tem cor, tem gênero e circunferência econômica. Estes dados corroboram as narrativas de história de vida colhidas e significa que a desigualdade é hierarquizada por meio de estereótipos identitários, dentro de uma lógica sistêmica e por conveniência instrumental. Como observamos na pesquisa, os tipos de violência aos quais Maya foi subordinada multiplicam-se às suas personagens que carregam estigmas identitários. Ser negra, ser mulher e ser imigrante latina condensa preconceitos e padrões de tratamento opressor que, na medida em que aumentam a frequência e alternam a ordem da violência, naturalizam-se como objetividade dentro de um programa cultural de humanização discriminatória.

Os sentidos que se buscou interpretar dentro das narrativas de história de vida de ciberativistas feministas indicam movimentos de metamorfose humana cujas utopias emancipatórias ilustram algumas de suas próprias metamorfoses na contemporaneidade. O século XXI está marcado pelo questionamento sobre aspectos universalizáveis dos padrões de humanização iluminista e patriarcal; pelos deslocamentos da interação humana provocados pela tecnologia de comunicação, por outros sistemas de espaço-tempo e novas formas de inserção das minorias políticas nos contextos públicos. Injúrias e outras formas de violência ganham visibilidade nas redes sociais, provocam sororidade, geram registros e sanções coletivas. Uma pressão sobre a estrutura heteronormativa das políticas identitárias coletivas também é suscitada devido à fluência dos avatares identitários de viés ativista. Além disso, a virulização das ações de protesto em ambiente virtual apresenta ressonâncias nas já conhecidas formas de defesa de interesses sociais.

Contradições e extensões em torno da universalização de princípios éticos e mediações morais atentam críticas aos dispositivos axiológicos de dominação nos próprios eventos de

⁸⁸ MARCONDES, Mariana M.; PINHEIRO, Luana [et al.] (orgs.) Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília/DF: Ipea, 2013 Disponível em http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/repositorio/39/livro_dossie_mulheres_negras.pdf (último acesso: 17/01/2015)

⁸⁹ BRASIL, SEPPPIR/SPM. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/ Secretaria de Políticas para as Mulheres. Retrato das desigualdades de gênero e raça. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [et al.]. - 4ª ed. - Brasília/DF: Ipea, 2011 Disponível em <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf> (último acesso: 17/01/2015)

ativismo social. A sensação de continuidade que advém da legitimidade subjetiva e intersubjetiva e de estabilidade temporal assegurada pelas expectativas de comportamento das identidades de papel convencionadas em identidades coletivas podem ser fatores de inibição para acordos pós-convencionais em torno de outros eixos de vinculação ativista. O que indica que as metamorfoses identitárias que abalam/reconfiguram as condições de metamorfose humana são instigadas por uma civilidade nômade e poliglota (BRAIDOTTI, 2002).

Pautas éticas conjunturais e nomadismos políticos parece provocarem a suspensão de um *script* identitário para, enfim, efetivarem-se em meio a ações de princípio ativista. É confiado, desta maneira, aos ativismos movidos por afinidades eletivas a possibilidade de efetividade de políticas identitárias na contemporaneidade. Como são os casos abordados neste estudo, com relevância à peculiar autenticidade com que todos(as) e cada narrador(a) explicita(m) os sentidos de seus posicionamentos de ativismo e transbordam barreiras antitéticas como político-privado, pessoal-coletivo, sexual-social na efetivação de seus itinerários de vida.

Nos itinerários de vida que pudemos acompanhar, é o trânsito paradoxal entre ideologias políticas, nuances não convencionais de propostas de conjugalidade e de profissionalização, as inconformidades com o sistema socioeconômico vigente e com relação às heteronomias de políticas identitárias coletivas que localizam politicamente os(as) autores(as) numa luta incessante e nômade pela emancipação. O que vimos nos referindo como subjetividade nômade aparece, deste modo, como a possibilidade encarnada da metamorfose humana produzir metamorfoses no tear de sentidos pessoais e coletivos que elevam a condição ético-política dos processos humanizatórios e a condição de autonomia dos sujeitos sobre seus projetos de vida.

Estes são, apenas, três bons exemplos de história de vida para justificar uma aposta: o ciberativismo feminista tem se potencializado como uma ação que motiva metamorfoses da “metamorfose humana”. A concepção que rege a afirmativa entende o ciberativismo feminista como uma atividade e, simultaneamente, uma atitude humana, de caráter psicossociais e que estimulam incrementos de conscientização política e autonomia dentro do processo de desenvolvimento do Eu. Enquanto os sujeitos de pesquisa buscam exercitar ações de interesse racional comunicativo em seus *blogs* e comunidades virtuais, permitem-se uma abertura ética para a negociação pós-convencional dos conflitos de caráter moral.

Bibliografia⁹⁰

- ALMEIDA, Juracy A. M. *Sobre a Anamorfose: identidade e emancipação na velhice*. Tese de doutorado em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 2005
- ALVES, Cecília Pescatore. *Eu nunca vou parar de buscar nada: emancipação frente a colonização e as políticas de identidade na adolescência*. Tese de Doutorado em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 1997
- AMORÓS, Célia. *Hacia una crítica de la razón patriarcal*. Vol. 15. Espanha/ESP: Anthropos Editorial, 1991.
- ANZALDUÁ, Glória. Como domar uma língua selvagem. Trad. Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos e Viviane Veras. Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Difusão da língua portuguesa, nº 39, p. 297-309, 2009
- ARDANS-BONIFACINO, Hector Omar. *Apontamentos sobre a metamorfose humana: um ensaio de psicologia social*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo/SP: PUC-SP, 2001
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 [1958]
- ASSANGE, Julian. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da Internet*. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo/SP: Boitempo Editorial, 2013
- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas/SP: Papirus, 1994
- _____. *Interrogando a identidade*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves In: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2º ed. Belo Horizonte/MG: Editora da UFMG, 2013
- BARREIROS, Bruna Provazi. A revolução (ainda) não será virtualizada: os fanzines feministas na Era da Comunicação Digital. Comunicação oral no XII Colóquio Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação UESP, São Bernardo do Campo/SP, maio de 2008. Disponível em <http://www.petfacom.ufjf.br/wordpress/arquivos/artigos/revolucaonaovirtualizada.pdf> (último acesso: 07/01/2015)
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa/POR: Relógio D'Água: 1991.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2005
- _____. *Amor líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2001
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004
- _____. *Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 5 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983 (1973)

⁹⁰ Organizada segundo as normas da ABNT

- BESERRA, Rael Bispo. Comunidades de relacionamento virtual como agente potencializador de emancipação. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 2012
- BESSIS, Sophie. *Occidente y los otros: historia de una supremacia*. Espanha: Alianza Editorial, 2002
- BIRULÈS, Fina; GATELL, Rosa Rius. *Pensadoras del Siglo XX: aportaciones al pensamiento filosófico femenino*. Madrid, ESP: Instituto de la Mujer, 2011
- BOLSONI, Evandro Paulo. Sociabilidade em Redes Digitais Sociais Segmentadas: A reconstrução da identidade virtual digital. Dissertação de mestrado em Cognição e Linguagem. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes, RJ: UENF/RJ, 2010
- BRAIDOTTI, Rosi. *Metamorfosis: hacia una teoria materialista del devenir*. Trad. Ana Varela Mateos. España: Ediciones Akal S.A., 2005a
- _____. *A critical cartography of feminist post-postmodernism*. Australian Feminist Studies, V. 20, nº 47, 2005b. Disponível em: <http://wiki.medialab-prado.es/images/9/9c/Cartography.pdf> (Último acesso: 18/06/2014)
- _____. *Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade*. Trad. Roberta Barbosa. Labrys: estudos feministas. Nº1-2, jul/dez 2002. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem> (Último acesso: 17/06/2014)
- BURRELL, Gibson & MORGAN, Gareth. *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*. London: Heinemann, 1979
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003
- CAMPOS, Alessandro O. *Sobre a tradição e a apropriação crítica: metamorfoses de uma afroamericalatinidade em luta*. Tese de doutorado em Psicologia Social na Pontifícia Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 2013
- _____. *Identidade ativista e autonomia: o Movimento de Resistência Global e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 2007
- CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 3º ed. Rio de Janeiro/RJ: Editora UFRJ, 2009
- _____. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. Ana Goldberger. São Paulo/SP: Iluminaturas, 2008
- CANETTI, Elias. O ofício do poeta. In: *A consciência das palavras: ensaios*. Trad. Márcio Suzuki e Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Trad. Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6ªed. rev. Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária, 2009 [1966].
- CARONE, Iray. Teoria crítica e pesquisa empírica na psicologia. In: *Psicologia e sociedade*; 13 (2): p. 9-17; jul./dez., 2001. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/download/5207/4377 (último acesso: 05/01/2015)

- _____. *Análise epistemológica da Tese de doutoramento de Antonio da Costa Ciampa: A estória do Severino e a história da Severina*. s/d (Mimeo).
- _____. De Frankfurt à Budapest: os paradoxos de uma psicologia de base marxista. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 2, n. 1-2, 1991. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771991000100010&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 26/12/2013 (último acesso: 05/01/2015)
- CARVALHO, João E. C. *Os grupos-nome: efeitos da substituição do imaginário pelo virtual na constituição dos grupos sociais*. *Psicologia & Sociedade*; 14 (1): 28-43; jan./jun. 2002
- _____. *Grupos-nome e identidades adolescentes: uma proposta de entendimento para a virtualização do cotidiano*. Tese de Doutorado na Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1999
- CARVALHO, Bruno P.; SOUZA, Terezinha M. S. A “Escola de São Paulo” de psicologia social: apontamentos históricos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 4, out./dez. 2010 p. 713-721 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722010000400007&script=sci_arttext (último acesso: 22/11/2014)
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Vol.1 Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2008 [1999]
- CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. *Signum: Estudos da Linguagem*. Nº 11/2 Londrina/PR: dez. 2008 p. 67-81 Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3042/2585> (último acesso: 12/11/2014)
- CIAMPA, Antonio da Costa. Autonomia e Heteronomia, Identidade Individual e Coletiva: A luta pelo reconhecimento e Individualismo Isolacionista. In: *Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO*. Maceió/AL: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009
- _____. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2008 [1987]
- _____. *Identidade social como metamorfose humana: anotações sobre “fundamentos filosóficos” da Linha de Pesquisa, para sistematizar a abordagem teórica adotada*. 02/03/2005 (Divulgação Interna)
- _____. Fundamentalismo: A Recusa do Fundamental. In: PINTO, E. A. & ALMEIDA, I. A. (orgs.) *Religiões – Tolerância e Igualdade no Espaço da Diversidade*. São Paulo/SP: Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, 2004
- _____. *A identidade social como metamorfose humana em busca de emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico*. Texto de conferência realizada no XXIX Congresso Interamericano de Psicologia. Lima – Peru, jul. 2003
- _____. *Políticas de identidade e identidades políticas*. I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão, 03/09/2002. Publicado como capítulo do livro de Dunker, C. I. L. & Passos, M. C., “Uma Psicologia que se Interroga – Ensaio” – São Paulo: Edicon, 2002. pg. 133-144.

- _____. *Identidade: um paradigma para a Psicologia Social?* Apresentação em Simpósio no 10º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, out, 1999. (divulgação interna)
- _____. *Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno.* *Interações*, São Paulo, III (6) pp. 97-101, jul./dez., 1998.
- _____. *As metamorfoses da ‘Metamorfose Humana’*: uma utopia emancipatória ainda é possível hoje? Texto apresentado no Simpósio Metamorfoses da Identidade no Mundo Contemporâneo. XXVI Congresso Interamericano da SIP. São Paulo: PUC-SP, 07/07/1997. (mimeo)
- _____. Identidade. In: *Psicologia Social: o homem em movimento*. LANE, Silvia M. T. et al. 1º ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *A Identidade social e suas relações com a ideologia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica. São Paulo/SP: PUC-SP, 1977.
- _____. *Pluralismo Moderno e Pensamento Pós-Metafísico na Discussão das Práticas Alternativas*. s/d. (mimeo)
- CIAMPA, Antonio C. ; MUNNÉ, F. ; ARDANS-BONIFACINO, Héctor Omar ; SILVEIRA, M. G. S. *Psicologia Social e Epistemologia: Questão complexa ou complicada?* *Psicologia e Sociedade*, São Paulo/SP, v. 9, n.1/2, 1997, p. 5-30
- CGI-BR, Comitê Gestor da Internet no Brasil. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil/ Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2014. [livro eletrônico] Disponível em http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf
- COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu* (19). Campinas/SP: Unicamp, 2002. p.59-90. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a04.pdf> (último acesso: 28/10/2014)
- COSTA, Jurandir Freire. Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, J. (org.). *Percursos na História da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora. 1988. p. 151-174
- _____. Sobre a Geração AI-5: Violência e Narcisismo. In: *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 117-189
- COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). *INTERthesis*, v.6, n.2. Florianópolis/SC: jul./dez. 2009, p. 01-29 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n2p1/11901> (último acesso: 07/11/2014)
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Trad. Liane Schneider. *Estudos feministas*, v. 1, p. 171-88, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf> (último acesso: 17/11/2014)
- CRUZ, Ruleandson do Carmo. *Preconceito social na Internet: a reprodução de preconceitos e desigualdades sociais a partir da análise de sites de redes sociais*. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.17, n.3, p.121-136, jul./set. 2012. Disponível em:

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/951/1056> (último acesso: 17/01/2013)

- DAL BELLO, Cíntia. *Cibercultura e subjetividade: uma investigação sobre a identidade em plataformas virtuais de hiperespetacularização do eu*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 2009
- DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. *Revista USP*, n. 86, São Paulo: USP, 2010. p. 28-39
- _____. Redes virais e espectro aberto: descentralização e desconcentração do poder comunicacional. In: *Comunicação digital e a construção dos commons: redes virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.
- DE LEÓN, Victoria Séndon. Que és el feminismo de la diferencia. *Mujeres en red on-line*. 2000. Disponível em: http://www.mujeresenred.net/victoria_sendon-feminismo_de_la_diferencia.html (último acesso: 17/12/2014)
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2009 [1995]
- DINIZ, Debora; VÉLEZ, Ana Cristina Gonzáles. *Bioética feminista: a emergência da diferença*. *Estudos Feministas*, v. 6, n. 2, 1998. p. 255-263
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. Trad. Plínio Dentzien. *Cadernos Pagu* (17/18) Campinas-SP: 2001. pp.9-79
- FERNANDES, Luis; GARCIA, Ana. *Desenvolvimento, desigualdade e acesso à tecnologia de comunicação e informação nos países BRICS*. Relatório do Núcleo de Sistemas de Inovação e Governança do Desenvolvimento. Rio de Janeiro/RJ: PUC/Rio e Centro de Estudos e Pesquisas – BRICS, abril de 2013. Disponível em: <http://bricspolicycenter.org/homolog/uploads/trabalhos/5991/doc/387987577.pdf> (último acesso: 17/09/2014)
- FERREIRA, Rodrigo Mendes. *Individuação e socialização em Jurgen Habermas*. São Paulo: Annablume, 2000
- FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. *Estudos subalternos: uma introdução*. *Raído*, v. 4, n. 7, Dourados/MS: jan. a jun. 2010. p. 83-92
- FONSECA, Eliane Accioly. Poética e autopoiese. In: *Corpo-de-sonho: arte e psicanálise*. São Paulo: Annablume, 1998. p. 17-39
- GALINDO, Martha Zapata; PETER, Sabina García; DE AVILA, Jennifer Chan. *La interseccionalidad em debate*. Atas do Congresso Internacional “Indicadores Interseccionales y Medidas de Inclusión Social en Instituciones de Educación Superior”. Berlín: Freire Universität Berlín, 2013. Disponível em <http://www.miseal.net/index.php/publicaciones/2-uncategorised/153-interseccionalidad-debate> (último acesso: 18/12/2014)
- GARCIA, Carla C. *Breve história do feminismo*. São Paulo/SP: Claridade, 2011

- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Marcia B. M. L. Nunes. 4º ed. Rio de Janeiro/RJ: LTC, 1988 [1963]
- GUARESCHI, Pedrinho A. Pressupostos metafísicos e epistemológicos na pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16(2), pp. 245-255
- GUEDES, Maria do Carmo. A viagem histórica pela America Latina. *Psicologia & Sociedade*; 19, Edição Especial 2: 39-45, 2007
- GUIMARÃES JR., Mário J. L. *De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line*. In: Horizontes antropológicos. Ano 10, n. 21. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 123-154
- _____. *Sociabilidade no ciberespaço: distinção entre plataformas e ambientes*. 51º Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). PUC/RS, jul. 1999. Disponível em: http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html (Último acesso: 19/08/2014)
- _____. *A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade*. II Reunión de Antropologia del Mercosur, Piriápolis, Uruguai, nov/1997. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html> (Último acesso: 19/08/2014)
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário IN: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179
- HABERMAS, Jurgên. *Ciência e técnica como "ideologia"*. Trad. Artur Morão. Lisboa/POR: Edições 70, 2006 [1968]
- _____. *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad. Guido A. de Almeida. 2ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro, 2003
- _____. Modernidade um projeto inacabado. In: ARANTES, O. B. F.; ARANTES, P. E. *Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas: Arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas*. São Paulo/SP: Brasiliense, 1992
- _____. *A nova intransparência: a crise do bem estar social e o esgotamento de energias utópicas*. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo/SP, nº 18, set. 1987
- _____. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo/SP: Brasiliense, 1983
- HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. TADEU, Tomaz (org. e trad.) 2º ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora, 2009
- _____. *O manifesto das espécies de companhia: cães, pessoas e a outridade significativa*. Trad. Sandra Michelli da Costa Gomes. Chicago/EUA: Prickly Paradigm Press, 2003. Disponível em: transecoqueer.wordpress.com/2013/05/17/o-manifesto-das-especies-de-companhia-caes-pessoas-e-a-outridade-significante/ (último acesso: 24/05/2014)
- _____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu* (5) Campinas/SP: Unicamp, 1995. pp. 07-41 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000100002 (último acesso: 21/09/2014)
- _____. *Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza*. Trad. Manuel Talens. València, ESP: Ed. Cátedra, 1991

- HARDING, Sandra. *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista*. Revista Estudos Feministas [online], v. 1, n. 1, p. 7-31, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984/14483> (último acesso: 01/01/2015)
- HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa 3.0. Edição eletrônica, 2009
- IANNI, Octávio. *A sociedade global*. 12º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Série Estudos e Pesquisas; informação demográfica e socioeconômica. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2012/SIS_2012.pdf (último acesso: 17/09/2014)
- KIYAN, Ana Maria Mezzarana. *A identidade do sacerdote católico: um estudo sobre o celibato e a política de identidade da Igreja Católica*. Tese de doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica. São Paulo/SP: PUC-SP, 2005
- KIM, Joon Ho. *Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 199-219, jan./jun. 2004
- KOMESU, Fabiana. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: *Hipertextos digitais: novas formas de construção do sentido*. MARCUSHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.) Rio de Janeiro/RJ: Lucerna, 2004. p. 110-119
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9º ed. São Paulo: Perspectiva, 2006
- LANE, Silvia T. M. *A Psicologia Social na América Latina: Por uma Ética do Conhecimento*. In: Campos, R. H. F., Guareschi, P. A. (orgs) *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana*. 2º ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002
- _____. *A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia*. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs) *O homem em movimento*. 13º ed. São Paulo/SP: Brasiliense, 2007 [1984]. p. 10-19
- _____. *Uma Psicologia Social baseada no materialismo histórico e dialético*. In: HUTZ, C. S. (Org.). *Anais do II Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP*. Rio de Janeiro/RJ: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1989, p.147-155
- LATOUR, Bruno. Quando os de dentro saem. In: *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo/SP: Ed. Unesp, 2000. p. 239-287
- LEMOES, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo/SP: Paulus, 2010
- LEMOES, Marina Gazire. *Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas*. Mestrado em Comunicação e Semiótica. São Paulo/SP: PUC-SP, 2009
- LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: *O desenvolvimento do psiquismo* – Lisboa, Horizonte Universitário, 1978. p.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo/SP: Editora 34, 2001

- _____. A Internet e a crise do sentido. *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre/RS: Artes e Ofícios, 2000, p. 21-25
- _____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999
- LIMA, Aluísio Ferreira de (org). *Psicologia Social Crítica: Paradoxes do Contemporâneo*. Porto Alegre/RS: Ed. Sulina, 2012a
- _____. *A identidade como “problema” de pesquisa*. ECOS Estudos Contemporâneos da Subjetividade. V.2, nº2, 2012b. Resumo disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/987>(último acesso: 15/06/2014)
- _____. *Acepções de identidade na obra de Jürgen Habermas: subsídios para uma psicologia social criticamente orientada*. *Psicologia & Sociedade*; 24 (2), 253-262, ago/2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-73722013000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt (último acesso: 16/07/2014)
- _____. *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da psicologia social crítica*. São Paulo: FAPESP/EDUC, 2010
- _____. *Da produção do não-existente ao reconhecimento perverso: uma discussão sobre a persistência da racionalidade instrumental (politicamente correta) e a utopia do reconhecimento pós-convencional*. In: Anais do XV congresso nacional ABRAPSO, Maceió, 2009 p. 30-10
- LIMA, Aluísio F.; CIAMPA, Antonio C.; ALMEIDA, Juracy A. M. *Psicologia Social como Psicologia Política? A Proposta de Psicologia Social Crítica de Sílvia Lane*. *Revista Psicologia Política* Vol. 9. Nº 18. Jul-Dez/2009. p. 223-236
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal – ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2007
- LOPES, Cláudia Mazur. *Identidades bulímica e anoréxica nas redes sociais*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 2014
- LOPES, José Rogério. *Os caminhos da identidade nas ciências sociais e as metamorfoses na Psicologia Social*. *Psicologia & Sociedade*; 14 (1): 7-27; jan./jun. São Paulo/SP: Abrapso, 2002
- LOPES, Ruth. *Velhos “indignos”*: investigação a respeito do projeto de vida de idosos que se mantêm socialmente ativos. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 1990
- LORDE, Audre. *La hermana, la extranjera*. Trad. Maria Vinós. 1984: *Sister Outsider: Essays and Speeches*. The Crossing Press (reissued 2007)
- LÖWY, Ilana. *Universalidade da ciência e conhecimentos “situados”*. Trad. José Valter Arcanjo da Ponte. *Cadernos Pagu* (15), 2000, p.15-38
- LÖWY, Michael. *Redenção e utopia, o judaísmo libertário na europa central: um estudo de afinidade eletiva*. Trad. Paulo Neves. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1989.
- MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo, Academia e interdisciplinaridade*. In: COSTA, Albertina O.; BRUSCHINI, Cristina. (orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo/SP: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 24-38.

- MAHEIRIE, Kátia; PRETTO, Zuleica. O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. *Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Fortaleza (UFF)*, v. 19 - n. 2, Jul./Dez. 2007. p. 455-462
- MAHEIRIE, Kátia. A singularidade do sujeito e o engajamento coletivo. In: ZUGUEIB NETO, Jamil. (org). *Identidades e crises sociais na modernidade*. Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2005. p. 233-243.
- _____. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Revista Interações*. Vol. VII n.13, jan-jun 2002. p. 31-44
- MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre/PA: Sulina, 2013. Disponível em: <http://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/612.pdf> (último acesso: 05/11/2014)
- MARTINS FILHO, Plínio. *Direitos autorais na Internet*. Ciência da Informação [online]. Vol. 27, nº 2, Brasília/DF, 1998. p. nd Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/martins.pdf> (último acesso: 28/12/2014)
- MASSIMI, Marina. Matrizes de pensamento em psicologia social na América Latina: história e perspectivas. In: CAMPOS, Regina Helena F.; GUARESCI, Pedrinho A. *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010. p. 32-57
- MATUCK, Artur; MEUCCI, Arthur. A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais. *Comunicação, Mídia e Consumo* [online]. Vol. 2 Nº. 4. São Paulo/SP: ESPM, jul. 2005, p. 157-182 Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/41> (último acesso: 05/01/2015)
- MEAD, G. H. *Espíritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social*. Trad. Florial Mazia. 3º ed. Buenos Aires/ARG: Paidós, 1972
- MOHANTY, Chandra T. Bajo los ojos de occidente: Academia Feminista y discurso colonial. In: NAVAZ, Liliana S.; HERNÁNDEZ, Aída (eds). *Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. Madrid/ESP: Ed. Cátedra, 2008
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8º ed. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand, 2005
- _____. *Problemas de uma epistemologia complexa*. In: O problema epistemológico da complexidade. 3º ed. Portugal: Publicações Europa-América, 2002. p.13-34
- MORROW, R. A. & TORRES, C. A. Os alicerces metateóricos. In: *Teoria Social e Educação: uma crítica das Teorias da Reprodução Social e Cultural*. Trad. Tiago Neves. Porto, PT: Edições Afrontamento, 1997. p.33-49
- MOUFFE, Chantal. *Por una política de la identidad nómada*. In: *Debate Feminista*. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1999. p. 226 a 278
- _____. *O regresso do político*. Trad. Ana Cecília Simões. Lisboa/PT: Gradiva, 1996
- MOUFFE, Chantal; MORENO, Hortensia. *Feminismo, ciudadanía y política democrática radical*. In: *Debate Feminista*, Vol. 7, mar. 1993, pp. 3-22

- MUNNÉ, Frederic. *El Retorno de la Complejidad y la Nueva Imagen del Ser Humano: Hacia una Psicología Compleja*. Revista Interamericana de Psicología. Vol. 38, nº 1. España: Universidad de Barcelona, 2004. p. 21-29
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*; 17 (2), mai/ago 2005, p.50-57
- _____. *Na malha da rede: Os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1998.
- NYE, Andrea. *Teoria Feminista e as filosofias do homem*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro/RJ: Record/Rosa dos Tempos, 1995
- ONU-BR, Organização das Nações Unidas no Brasil. *Evento em Nova York lança campanha global solidária de gênero da ONU Mulheres*. Coluna: Destaque. 22 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.onu.org.br/evento-em-nova-york-lanca-campanha-solidaria-global-de-genero-da-onu-mulheres/> (último acesso: 18/10/2014)
- _____. *Até final de 2014, 3 bilhões de pessoas serão usuárias da internet, afirma novo relatório da ONU*. Site oficial da ONU no Brasil. Coluna: Comunicação/Desenvolvimento. 05 de maio de 2014. Disponível em: <http://www.onu.org.br/ate-final-de-2014-3-bilhoes-de-pessoas-serao-usuarios-da-internet-afirma-novo-relatorio-da-onu/> (Último acesso: 03/08/2014)
- _____. *Relator da ONU pede que países redobrem esforços contra o racismo na Internet e mídias sociais*. Sítio eletrônico oficial da Organização das Nações Unidas no Brasil. Coluna Notícias. 30 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.onu.org.br/relator-da-onu-pede-que-paises-redobrem-esforcos-contr-o-racismo-na-internet-e-midias-sociais/> (último acesso: 17/09/2014)
- ORTIZ, Renato. *Globalização: notas sobre um debate*. Soc. estado, Brasília/DF, v. 24, n. 1, abr. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922009000100010&lng=en&nrm=iso (Último acesso: 23/09/2014)
- PEREIRA, Rogério Santos Pereira. *Avatares no Second Life: corpo e movimento na constituição da noção de pessoa on-line*. Dissertação de Mestrado em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina/SC: UFSC, 2009
- PERROT, Michele. *Mulheres públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo/SP: Fundação Editora da UNESP, 1998
- PLANT, Sadie. *The most radical gesture: the Situationist International a postmodern age*. Taylor & Francis e-Library, 2002. Disponível em: http://monoskop.org/images/2/24/Plant_Sadie_The_Most_Radical_Gesture_The_Situationist_International_in_a_Postmodern_Age.pdf (último acesso: 17/07/2014)
- _____. *Zeros e uns: as mulheres e as novas tecnologias*. Trad. Ida Boavida. Lisboa/Portugal: Editorial Bizâncio, 2000
- PRADO, Marco Aurélio. *Psicologia Política e Ação Coletiva: notas e reflexões acerca da compreensão do processo de formação identitária do “nós”*. Revista Psicologia Política, São Paulo/SP, v. 01, n.01, p. 149-172, 2001
- PRECIADO, Beatriz. *Desprivatizar el nombre propio, deshacer la ficción individualista*. TÉLAM: Agencia Nacional de Noticias. Buenos Aires/AG, 16/06/2014 Disponível em:

<http://www.telam.com.ar/notas/201406/67502-desprivatizar-el-nombre-propio-deshacer-la-ficcion-individualista.html> (último acesso: 17/09/2014)

_____. *Multidões queer*: notas para uma política dos "anormais". *Estudos Feministas* [online]. 2011, vol.19, n.1, pp. 11-20. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000100002&script=sci_arttext (último acesso: 17/09/2014)

PRIGOGINE, Ilya. O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1996

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. A Nova Aliança: a metamorfose da Ciência. Brasília: Ed. UNB, 1984

ROCHA, Cristina Tavares da Costa. Expressões do ciberfeminismo na contemporaneidade. *Revista Tecnologia e Sociedade*, n. 3. Curitiba/PR: 2006. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/ct/tecnologiasociedade/index.php/000/article/view/42/42> (último acesso: 17/11/2014)

ROSEMBERG, Fúlvia. Teorias de gênero e subordinação de idade: um ensaio. *Pro-Posições*, v. 7, n. 3. Campinas/SP, 1997. p. 17-23

SABBATINI, Marcelo. “*Gente diferenciada*” e a favelização digital: olhar folkcomunicação sobre conflitos interculturais no terreno da convergência digital. Trabalho apresentado em XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife/PE: set. 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1045-1.pdf> (último acesso: 17/09/2014)

SANDOVAL, Chela. Nuevas ciencias: Feminismo cyborg y metodología de los oprimidos. In: HOOKS, Bell at all. *Otras inapropiables*: Feminismos desde las fronteras. Madri/ESP: Traficantes de Sueños, 2004. p. 81-106

SANTAELLA, Lucia. *Da cultura das mídias à cibercultura*: o advento do pós-humano. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre/RS, nº 22, dez. 2003

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Los nuevos movimientos sociales*, *Revista del Observatorio Social de América Latina/OSAL*, 5, 177-188, set. 2001. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Los_nuevos_movimientos_sociales_OSAL2001.PDF (último acesso: 17/09/2014)

_____. *Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira*. *Tempo Social*, 5, 1-2, p. 31-52. São Paulo/SP: 1994. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf (último acesso: 17/09/2014)

SANTOS, Marcelo Alves. *Prometo-te ser fiel no casamento e no swing*. Dissertação de Mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 2010.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. *Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista*. *Revista Labrys Estudos Feministas*. Jan-jun 2007

SCHIEBINGER, Londa. O Feminismo mudou a Ciência? Trad. Raul Fiker. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

- SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. Trad. Lúcia Haddad. Proj. História, São Paulo, (16), fev. 1998
- _____. Igualdad versus diferencia: los usos de la teoria postestructuralista. Revista Estudos Feministas, vol. 14, 1988. Disponível em PDF: http://www.debatefeminista.com/descargas.php?archivo=iguald1012.pdf&id_articulo=101 (último acesso: 26/12/2014)
- SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. São Paulo/SP: Zahar, 2006.
- SOUTO, Ana Cristina C. F. *Políticas públicas saudáveis na mídia social: em tempos de promoção de saúde quem se arrisca ser "sedentário assumido"?* Dissertação de mestrado em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP: PUC-SP, 2010
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *¿Puede hablar el subalterno?* Revista Colombiana de Antropología, v. 39, jan./dez. 2003
- STRATHERN, Marilyn. *No limite de uma certa linguagem*. Mana [online], v. 5, n. 2, p. 157-175, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131999000200007&script=sci_arttext (Último acesso: 17/06/2014)
- SZWAKO, José. *Identidades liquidadas*. Revista de Sociologia e Política [on-line] 2006, n.27, pp. 215-218. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n27/17.pdf>> (Último acesso: 13/01/2014)
- TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo e a dissolução do humano. In: Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Org. e trad. Tomaz Tadeu. 2º ed. Belo Horizonte/BH: Autêntica Editora, 2009 p. 07-16
- TELLES, Norma. *Inscrições*. São Paulo/SP: Nat Editorial, 2004
- TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã: a identidade na era da Internet*. Lisboa/POR: Ed. Relógio D'Água, 1997.
- VERDÚ, Remedios Martínez. La brecha digital y el ciberfeminismo en la sociedad de la información. In: *Comunicación y Xénero: actas do Foro Internacional celebrado en Liña e en Pontevedra entre o 9 de outubro eo 25 de novembro de 2006*. Espanha: Colexio Profesional de Xornalistas de Galicia, 2007. p. 157-168.
- WEIL, Simone. Experiência da vida de fábrica. In: BOSI, Ecléa. (org) *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. São Paulo: Paz e Terra, 1979
- WILSHIRE, Donna. Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento In: *Gênero, corpo, conhecimento*. JAGGAR, Alison M., BORDO, Susan R. Bordo [editoras]; tradução de Brítta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro/RJ: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p.101-125

ANEXOS

Anexo 1

Representação gráfica que é símbolo do grupo australiano ciberfeminista VNS Matrix, na versão original, em inglês.



Anexo 2

UMA CARTA ABERTA AO FACEBOOK

Por Soraya Chemaly, Jaclyn Friedman e Laura Bates, publicado originalmente no *Huffington Post*, em 21 de maio de 2013

Nós, abaixo assinadas, estamos escrevendo para solicitar ação rápida, abrangente e efetiva a respeito das representações de estupro e violência doméstica no Facebook. Especificamente, queremos que você, Facebook, tome três ações:

1. Reconheça o discurso que trivializa ou glorifica violência contra meninas e mulheres como discurso de ódio, se comprometendo a não mais tolerar este tipo de conteúdo.
2. Treine moderadores de maneira eficaz, para que reconheçam e removam discurso de ódio baseado em gênero.
3. Treine moderadores de maneira eficaz, para que entendam como o assédio online afeta homens e mulheres de modo diferente, em parte devido à pandemia de violência contra as mulheres no mundo real.

Para isso, estamos encorajando usuários do Facebook para que entrem em contato com anunciantes cuja publicidade no Facebook apareça próxima a conteúdos que colocam mulheres como alvo de violência; para solicitar a essas empresas que retirem seus anúncios do Facebook até que as ações solicitadas acima para banir discurso de ódio baseado em gênero sejam tomadas.

Estamos nos referindo especificamente a grupos, páginas e imagens que explicitamente compactuam ou encorajam estupro ou violência doméstica ou que sugerem que sejam algo a se rir ou se gabar de. Páginas ativas no momento no Facebook incluem Fly Kicking Sluts in the Uterus (“Dando voadoras no útero de vagabundas”), Kicking your Girlfriend in the Fanny because she won’t make you a Sandwich (“Chutando sua namorada na buceta porque ela não quer fazer um sanduíche para você”), Violently Raping Your Friend Just for Laughs (“Estuprando violentamente sua namorada só de zoeira”), Raping your Girlfriend (“Estuprando sua namorada”) e muitas, muitas outras. Imagens postadas no Facebook incluem fotos de mulheres espancadas, feridas, amarradas, drogadas e sangrando,

com legendas do tipo “Essa vagabunda não sabia quando calar a boca” e “na próxima vez não engravide”.

Essas páginas e imagens são aprovadas pelos seus moderadores, enquanto vocês frequentemente removem conteúdos como fotos de mulheres amamentando, de mulheres pós-mastectomia e de representações artísticas do corpo feminino. Além disso, imagens de mulheres em discurso político envolvendo o uso de seus corpos em protestos e de maneira não-sexualizada são regularmente banidas como pornografia, enquanto conteúdo pornográfico – proibido pelas suas próprias regras de uso – é mantido. Parece que o Facebook considera a violência contra a mulher menos ofensiva do que imagens não violentas de corpos femininos, e que a única representação aceitável da nudez feminina é aquela em que mulheres aparecem como objetos sexuais ou vítimas de abuso. A sua prática comum de permitir esse tipo de conteúdo anexando a ele uma isenção como [humor] literalmente trata a violência contra a mulher como uma piada.

A última estimativa da campanha das Nações Unidas Say No UNITE é de que a porcentagem de mulheres e meninas que foram vítimas de violência durante suas vidas é de intoleráveis 70%. Em um mundo em que tantas meninas e mulheres serão estupradas ou agredidas no decorrer de suas vidas, permitir que conteúdos sobre estuprar e agredir mulheres sejam compartilhados, incentivados e tratados como piada contribui para a normalização da violência doméstica e sexual, cria uma atmosfera em que agressores estão mais propensos a acreditar que não serão punidos e comunica às vítimas que elas não serão levadas a sério caso denunciem.

De acordo com uma pesquisa feita pelo Departamento de Governo britânico, uma em cada cinco pessoas acha que é aceitável que um homem bata ou esbofeteie sua mulher ou namorada em reação a ela estar vestida com roupas sexy ou reveladoras em público. E 36% acreditam que uma mulher deve ser totalmente ou parcialmente responsabilizada se ela for agredida sexualmente ou estuprada quando bêbada. Esse tipo de atitude é moldada, em parte, pela influência enorme de plataformas sociais como o Facebook e contribui para a culpabilização da vítima e a normalização da violência contra a mulher.

Apesar das alegações do Facebook de não se envolver em desafiar normas ou censurar discursos, vocês mantêm procedimentos, termos e orientações para a comunidade que são interpretados e impostos. O Facebook proíbe discurso de ódio e seus moderadores lidam diariamente com conteúdos violentos, racistas, homofóbicos, islamofóbicos e antissemitas. A sua recusa em aplicar as mesmas regras para discursos de ódio baseado em gênero

marginaliza meninas e mulheres, menospreza nossas experiências e preocupações e contribui para a violência contra nós. Facebook é uma rede social gigantesca com mais de um bilhão de usuários pelo mundo, o que torna o seu site extremamente influente em moldar normas e comportamentos sociais e culturais.

A resposta do Facebook às milhares de reclamações e solicitações para lidar com estas questões foi inadequada. Vocês falharam em fazer uma declaração pública a respeito do problema, em responder a usuários preocupados ou em implementar políticas que melhorariam a situação. Vocês também têm agido sem consistência em relação à própria política de remoção de imagens, em muitos casos se recusando a remover fotos ofensivas de estupro e violência doméstica, quando a remoção é solicitada por membros do público, mas as removendo assim que jornalistas as mencionam em artigos, o que nos envia a forte mensagem de que vocês estão mais preocupados em agir caso a caso para proteger a sua reputação do que em efetuar mudanças sistêmicas e assumir uma posição pública clara contra a perigosa tolerância ao estupro e violência doméstica.

Num mundo em que centenas de milhares de mulheres são agredidas diariamente e onde violência perpetrada pelo parceiro continua sendo uma das principais causas de morte de mulheres no mundo, não é possível ficar em cima do muro. Nós apelamos ao Facebook para que tome a única decisão responsável e que aja de maneira rápida e clara sobre a questão, alinhando políticas sobre estupro e violência doméstica com seus objetivos de moderação e regulamentos.

Sinceramente,

Laura Bates, The Everyday Sexism Project

Soraya Chemaly, Writer and Activist

Jaclyn Friedman, Women, Action & the Media (WAM!)

Angel Band Project

Anne Munch Consulting, Inc.

Association for Progressive Communications Women's Rights Programme

Black Feminists

The Body is Not An Apology

Breakthrough

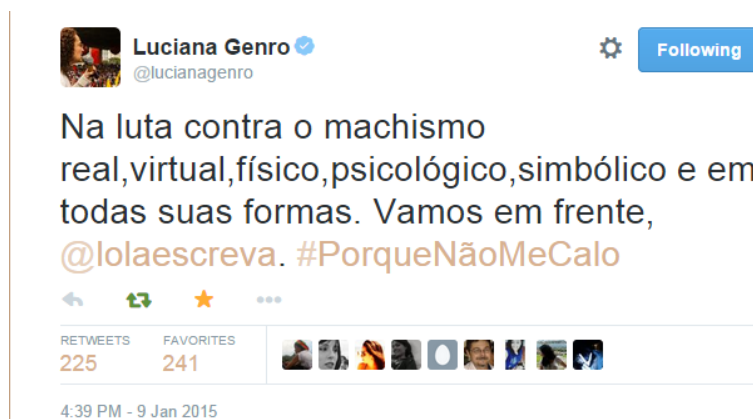
Catharsis Productions
 Chicago Alliance Against Sexual Exploitation
 Collective Action for Safe Spaces
 Collective Administrators of Rapebook
 CounterQuo
 End Violence Against Women Coalition
 The EQUALS Coalition
 Fem 2.0
 Feminist Peace Network
 The Feminist Wire
 FORCE: Upsetting Rape Culture
 A Girl's Guide to Taking Over the World
 Hollaback!
 Illinois Coalition Against Sexual Assault
 Jackson Katz, PhD., Co-Founder and Director, Mentors in Violence Prevention
 Lauren Wolfe, Director of WMC's Women Under Siege
 Media Equity Collaborative
 MissRepresentation.org
 No More Page 3
 Object
 The Pixel Project
 Rape Victim Advocates
 Social Media Week
 SPARK Movement
 Stop Street Harassment
 Take Back the Tech!
 Tech LadyMafia
 Time To Tell
 The Uprising of Women in the Arab World
 V-Day
 The Voices and Faces Project
 The Women's Media Center
 Women's Networking Hub
 The Women's Room

Anexo 3

O DIA EM QUE RECEBI MAIS APOIO NA VIDA

Por: Lola Aronovich

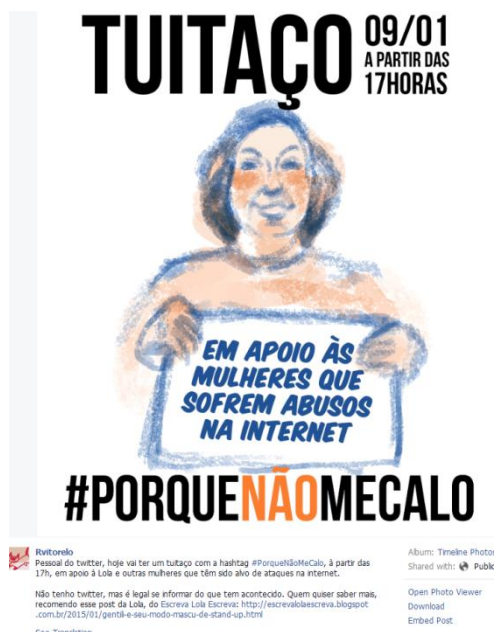
Sábado, 10 de janeiro de 2015



Pessoas queridas, como muitas de vocês não têm twitter, gostaria de contar algo que aconteceu lá ontem, até pra eu não esquecer jamais.



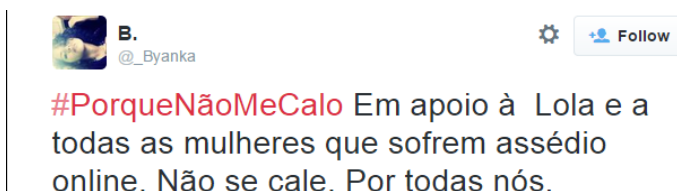
Por conta da intensificação das ameaças dos mascus sanctos e dos ataques de Danilo Gentili, Roger e seus milhões de seguidores, tudo num espaço de dez dias, muita gente me enviou mensagens no Twitter, por email e nos comentários aqui no blog. Agradeço imensamente toda essa solidariedade e sororidade.

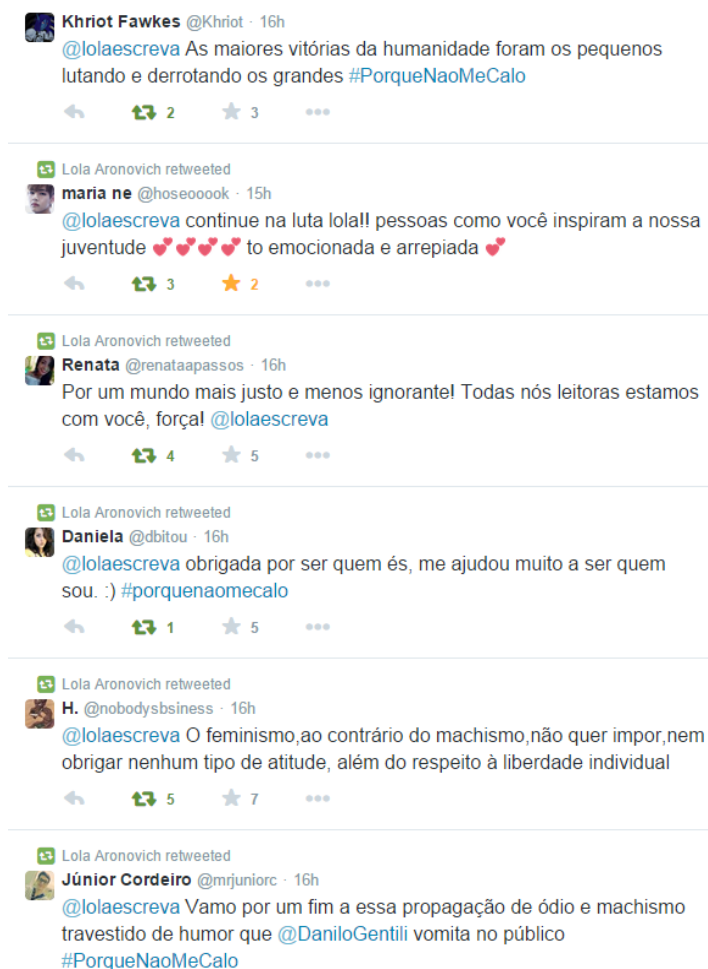


Uma dessas lindas foi a Juliana Lobo, uma moça com então 250 seguidores no Twitter, que sugeriu realizar um tuitaço em apoio a mim e a todas as outras mulheres que são alvejadas na internet.

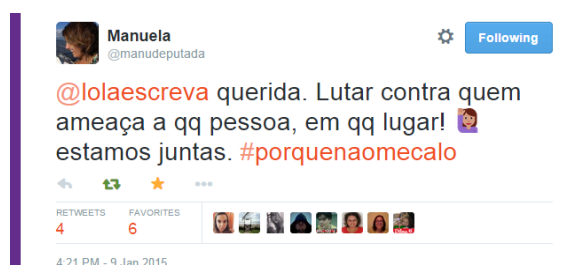
A desenhista Raquel Vitorelo, que não está no Twitter, colaborou com uma ilustração de última hora pra ajudar na divulgação.

Eu não esperava grande coisa: imagina só, sexta à tarde, todo mundo falando do Charlie Hebdo, sem nenhum coletivo organizando...





Pensava que seria uma manifestação virtual de poucas feministas. Que nada. O tuitaço com a tag #PorqueNaoMeCalo durou pelo menos quatro horas (até agora tem gente participando) e teve tanta adesão que chegou a entrar nos Trending Topics do Twitter, e lá permaneceu por no mínimo uma hora. Recebi centenas de tuítes de apoio. Zero tuítes de agressão.



Depois eu fui ver que os misóginos ficaram quietos, pianinho, como se o tuitaço não tivesse a ver com eles. Só depois da meia noite, no melhor estilo abóbora, os mascus sanctos acharam que uma menção ao tuitaço deveria ser tópico do chan:



☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:17:44 No.207626
Dolores está cada mês mais fraca, ninguém mais a está levando a sério. Ela promove um twitaço contra o Gentili e não deu nem 10 cabeças pingadas. Dolores já passou do ridículo.

☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:21:32 No.207639
Terei que mudar a estratégia.

☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:22:04 No.207642
Hoje é sexta. Feministas estão atrás de sexo.

☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:23:38 No.207646
e você fica forçando ela aqui. deixe morrer, caralho.

☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:26:05 No.207652
Quería que fosse verdade, anão.
O retardo está se multiplicando.

☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:27:06 No.207656 >>207657
quem é dolores?

☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:27:42 No.207657 >>207680
>>207656
sua mae

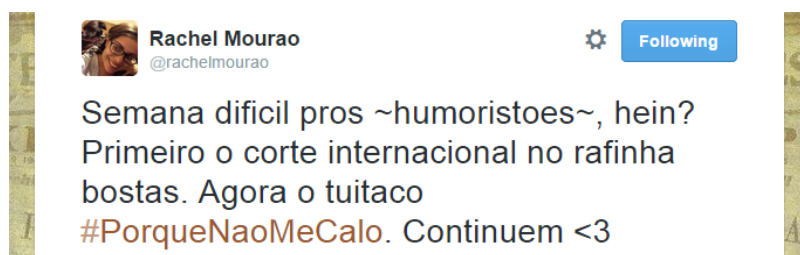
☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:28:17 No.207660
>>207657
kkk

☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:28:54 No.207664
2015 e ainda fazem twitaço?

☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 22:29:53 No.207667
>>207626 (OP)
tá a cara do pinguim do batman nessa foto

☐ Anonymous 09/01/1997 (Sex) 23:44:03 No.207871 >>207603
Qual a probabilidade dessa gorda puta de atenção fingir um tipo de atentado para culpar alguém? Desesperada do jeito que está, é capaz de arrancar uma parte do corpo, como um certo ex metalúrgico.

Como é que o pessoal dos chans diz? *Hue*. Dez gatas pingadas!



 **Rachel Mourao**
@rachelmourao

Semana difícil pros ~humoristoes~, hein?
Primeiro o corte internacional no refinha bostas. Agora o tuitaco
#PorqueNaoMeCalo. Continuem <3

Hoje saiu uma matéria da Agência Brasil, baseada uma entrevista que dei na quinta, antes do tuitaço. A matéria está sendo reproduzida por vários portais, como a EBC, InfoAbril, RBA, Correio da Bahia etc. Bacana que isso esteja tendo divulgação.



TUITAÇÃO 09/01
A PARTIR DAS 17 HORAS



*"se dar valor"
é deixar de ser
machista*

MACHISMO DE CADA DIA

*"o feminismo é odiado
porque as mulheres são odiadas...
o antifeminismo é uma expressão direta da misoginia...
é a defesa política do ódio às mulheres"*

- ANDREA DWORKIN



Rede Brasil Atual @redebrazilatual · 2h

Ações na internet denunciam ameaças machistas contra blogueira Lola Aronovich @lolaescreva
redebrazilatual.com.br/cidadania/2015... pic.twitter.com/zPxYorKN6a

40 19

Ontem à noite, já exausta, respondi a muitas excelentes perguntas da Jarid Arraes, colunista da *Fórum*.

Correio*
11-05 • 10 DE JANEIRO DE 2015

Buscar no Correio

NOTÍCIAS • SALVADOR • ESPORTES • ECONOMIA • ESPECIAIS • CONCURSOS • ENTRETENIMENTO • CLUBES • AQUEÇA

MAIS LIDAS

- FAMOSOS**
São revela suposta foto de Justin Bieber de cuca sem Photoshop: compare
- TRANSPITO**
Obras do BRT começam no segundo semestre em Salvador
- SAÚDE**
Menino de 7 anos que estava desaparecido é achado morto em

Ação na Internet denuncia ameaças contra blogueira feminista

Nesta sexta-feira (5), internautas usaram a rede social para manifestar apoio à Lola e às mulheres vítimas de opressão também no ambiente virtual

Agência Brasil
10/01/2015 02:36:00

Mulher, professora, feminista. Há sete anos, Lola Aronovich começou a escrever em um blog opiniões sobre arte, política e, sobretudo, feminismo. Os textos ganharam repercussão por meio do Twitter, mas não geraram apenas debates.

Desde 2011, a blogueira tem sido vítima de seguidas ameaças de estupro, tortura e até mesmo morte. As tentativas de intimidação se intensificaram nos últimos meses, levando-a a procurar a polícia pela segunda vez para registrar um boletim de ocorrência.

Nesta sexta-feira (5), internautas usaram a rede social para manifestar apoio à Lola e às mulheres vítimas de opressão também no ambiente virtual. Utilizando a frase "Porque não me calo", elas promoveram um tuitaço para repudiar as ações dos que Lola aponta serem masculinistas – que defendem os direitos dos homens, muitas vezes contra as mulheres – e afirmar que não aceitaram ser coagidas.

ÚLTIMAS

- Nova edi começa volta às
- Com a morte dos ti a França volta ao n
- França e terrorist: membro

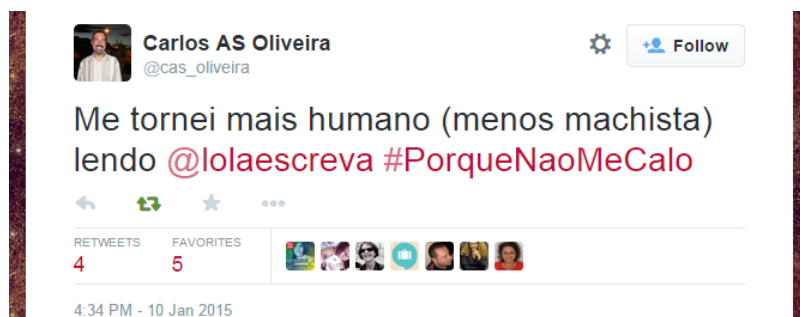
PACOTE PARA MACEIO
a partir de R\$ 14

Escreva Lola Escreva

Correio
402.779 pessoas online

Acho que ficou uma ótima e looonga entrevista (quando as perguntas são boas, as respostas têm grande chance de serem boas também).

Bom, este post é só pra agradecer mesmo. Foi realmente excepcional. O tuitaço de ontem mostrou a nossa força, de todxs nós que teimamos em mudar o mundo. Obrigada!

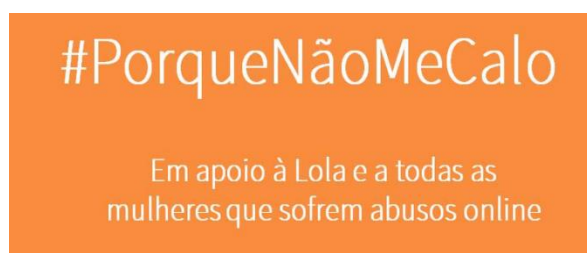


Anexo 3

POR QUE NÃO PODEMOS NOS CALAR

Por: Lola Aronovich

Domingo, 11 de janeiro de 2015



Para este domingo à tarde, reproduzo o texto que acabei de receber do Dawton Valentim, estudante de Letras pela UECE:



#PorqueNaoMeCalo Depois de me solidarizar com a@lolaescreva, achei minha própria interpretação para o título de seu blog: Escreva Lola Escreva. Por muito tempo, internalizei minhas discussões acerca das influências do machismo na sociedade. Com timidez, quando via alguém mais militante na causa, me aquietava perto e torcia para

conseguir extrair daquele discurso algo que me desse mais material para continuar problematizando uma questão que, infelizmente, enraizou-se à banalidade.



Material para continuar questionando se minhas atitudes, por mais inconscientes que parecessem ser, não eram resultado de um machismo depositado, uma espécie de "contaminação social".



Lola Aronovich
@lolaescreva

Nossa! E escreveram coisas HORRÍVEIS no cartaz dessa menina! É pra mãe perder a guarda da criança, onde já se viu?



Juliano Capreti @jcapreti · 56s
@gatailluminati pfv veja! Ela não tem idéia d q esta escrito Absurdo. So uma criança e estao politizando.
pic.twitter.com/exP4RStwd

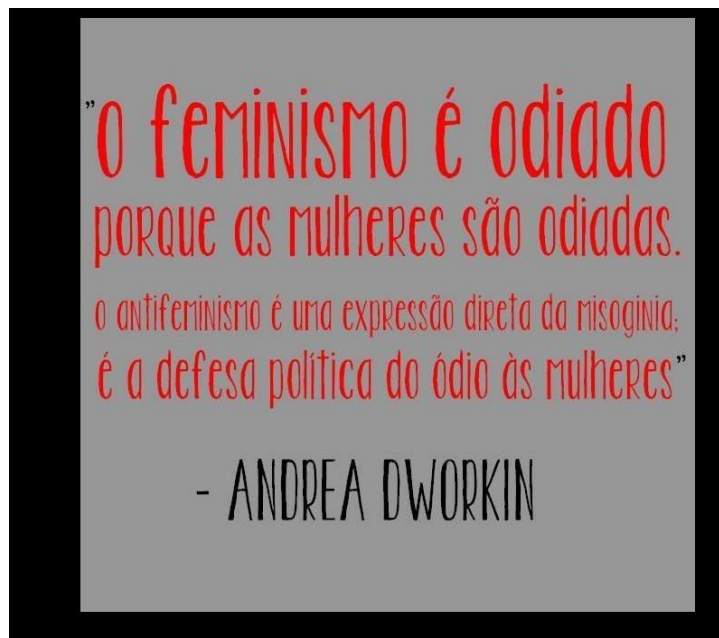
RETWEETS
13

FAVORITES
26



No episódio que desencadeou a campanha #PorqueNãoMeCalo, tive acesso a discursos de todo tipo. Dos mais absurdos aos mais esclarecedores. Li. Li mais. Pesquisei. Opinei. Mudei de ideia. Esclareci dúvidas. Problematizei. Acho que é isso que anda faltando pra muita gente. Problematicar virou "mimimi". Problematicar virou "se importar com

apenas uma piada". Problematizar virou ameaça a um sistema cultural predominante que (não consigo conceber) só parece ser visto por uma parte de uma parte de uma parte da população geral.



 Daniela Bado @DaniBado · Jan 9
#PorqueNãoMeCato Ser mulher é 1 ato político é o feminismo é o nosso empoderamento
pic.twitter.com/xpDvPvOHLL mexeu c/ @lolaescreva mexeu comigo

Lola diz que "o inimigo não é o homem, mas o machismo", e como não concordar com isso? O machismo bate na mulher, nos filhos da mulher, no gay, em estudante de humanas, em homens que gostam de cozinhar, em mulheres que usam roupa curta, em adolescentes que gesticulam muito, em mulheres divorciadas, em mães solteiras, em filhos de mães solteiras...

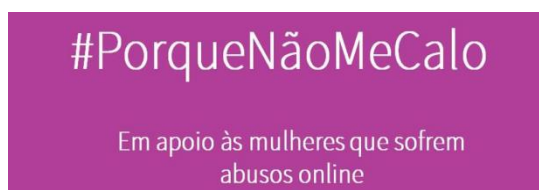


O machismo faz muita gente pensar que monogamia é a única forma válida de amor, que família só é família quando reproduz, que mulher não pode pagar a conta, que só homem pode transar adoidado, que homem não pode chamar outro homem de machista. O machismo

tem um quê (triste!) de "doutrinário". Parafraseando, com tristeza, Beauvoir: ninguém nasce machista, torna-se machista.



Não me calo porque o machismo não só estupra, não só humilha, não só motiva ódio, dominação não consensual, não só mutila, mas porque (e não somente) ele marca, se deposita em nós e se banaliza. Não me calo porque uma piada nem sempre é apenas uma piada, porque problematizar é preciso, porque não deve ser assim só porque sempre foi assim. Quando leio "Escreva Lola Escreva", penso na importância da liberdade de expressão, também, para os que problematizam, porque os do lado de lá dizem que "não aceitamos opiniões contrárias às nossas" à medida que eles são os que mais se parecem com os que não aceitam vozes diferentes das deles. Por isso, Escreva Lola, Escreva!



P.S.: A Daniele disse: "Proponho que não deixemos a tag **#PorqueNãoMeCalo** morrer no Twitter e nem no Facebook onde também tenho usado.



Quem não usou, pode começar a usar agora. Que ela seja habitual. Vamos fazer do Twitaço apenas o nascimento da TAG que vai representar a nossa luta. Ela pode ser usada toda vez que testemunharmos violência contra as mulheres.



A tag pode ser usada sempre, inclusive quando formos twittar notícias, como o caso do linchamento da dona de casa no Guarujá que ainda está longe da punição, usar a tag junto dos links das notícias relacionadas à impunidade, injustiça e omissão contra as mulheres e manter a tag ativa o ANO INTEIRO! Façamos dela a nossa voz, a nossa revolta, a nossa indignação, a nossa luta. #PorqueNãoMeCalo #JUSTICA para Fabiane Maria de Jesus!

Anexo 5

CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara Senhor(a),

Eu, Mariana Serafim Xavier Antunes, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, portadora do CRP/SP 72887-06, CPF 282.417.868-08 e RG 26.447.830-7, estabelecida profissionalmente na Rua Ministro de Godói, 696 Bloco A sala 4E-10, CEP 05015-901, na cidade de São Paulo, cujo telefone de contato é (11) 3670-8520 (institucional) e (11) 99323-1816 (pessoal), desenvolvo uma pesquisa cujo título é “Ciberativismo, nomadismo identitário e metamorfose humana”.

Dentro da Psicologia Social, o estudo destina-se a compreender os aspectos emancipatórios da proposta de ativismo cibernético feminista com relação ao desenvolvimento de identidades políticas. O método adotado prevê análise de sítio eletrônico público e narrativa de história de vida à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

Necessito de sua permissão para a realização de uma ou mais entrevistas que terá(terão) como eixo quem você é e quem quer ser, na medida em que sua narrativa sobre si mesmo configure-se como uma experiência significativa para conhece-lo(a), sua história e projeto de vida. A opção pelo procedimento em questão está ajustada ao objetivo de aproximarmos dos sentidos que atribui à sua própria história e entorno existencial. Consideramos, com isso, que sua participação venha a somar no esclarecimento sobre as mudanças do ativismo no mundo contemporâneo, oferecendo fragmentos de compreensão de caráter emancipatório às políticas identitárias subsidiárias.

Garanto que as informações obtidas serão analisadas na dissertação de tese em conjunto com a história de vida de outras pessoas, não sendo divulgadas informações de identificação para além do conteúdo já publicado em redes sociais. Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a sua identificação. Tem o direito de ser mantido(a) atualizado(a) sobre informações e resultados da pesquisa e, caso solicite, serão providenciadas e encaminhadas.

A sua participação é voluntária e a pesquisa não determina qualquer risco. A escolha do local da entrevista ficará a seu critério e, com a sua autorização, será gravada em aparelho digital para posterior transcrição literal e análise do conteúdo. Informo que terá a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, a qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas ou reposicionamentos quanto a sua participação. Também lhe é garantida a liberdade da retirada de consentimento, podendo deixar de participar do estudo a qualquer momento.

Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre o caráter ético desta pesquisa, por favor, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, situado no Campus Monte Alegre, andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, sala 63-C, Rua Ministro Godói, nº 969, Perdizes – SP, CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br.

Não haverá despesas ou compensações pessoais para o(a) participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Abaixo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado dúvida.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito do estudo que tem por título “Ciberativismo, nomadismo identitário e metamorfose humana”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas ou compensações financeiras e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____
Assinatura da informante

Nome:
Endereço:
RG.
Fone: ()

_____ Data ____/____/____
Assinatura da pesquisadora

Anexo 6



Este gráfico aponta o número de acessos, visualizações e comentários nos posts do blog de Nyah, nos períodos semestrais de novembro de 2012 a dezembro de 2014.

Anexo 7

Meses e Anos													
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Total
2011										716	1.299	1.185	3.200
2012	1.596	3.740	4.408	5.750	9.799	10.718	7.709	10.130	11.030	15.858	16.881	9.827	107.446
2013	11.097	8.417	15.477	14.344	14.088	14.876	13.698	14.914	49.772	29.704	34.392	17.490	238.269
2014	15.138	19.935	24.894	23.845	28.438	23.523	21.130	23.471	26.279	29.414	38.222	14.179	288.468

Média por Dia													
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Com tudo
2011										31	43	38	38
2012	51	129	142	192	316	357	249	327	368	512	563	317	294
2013	358	301	499	478	454	496	442	481	1.659	958	1.146	564	653
2014	488	712	803	795	917	784	682	757	876	949	1.274	734	817

Esta tabela discrimina o número de acessos mensais e a média de acessos por dia ao blog de Nyah, desde sua concepção em outubro de 2011 até o último mês de 2014.